

IGREJA DO SENHOR

Como identificar uma igreja bíblica e fugir dos enganos religiosos

Pr. Henrique Lino

Introdução

Vivemos dias difíceis. Dias em que muitos falam de Deus, muitos usam o nome de Jesus, muitos abrem templos, muitos levantam placas, muitos se apresentam como pastores, profetas, apóstolos, mestres e líderes espirituais. Mas a pergunta que precisa ser feita com seriedade é: tudo isso está realmente de acordo com a Palavra de Deus?

Não basta alguém dizer que é igreja. Não basta haver música, púlpito, Bíblia aberta, microfone, multidão, emoção, lágrimas, gritos, campanhas, profecias e promessas. A verdadeira igreja do Senhor não é identificada pelo tamanho do templo, pelo número de pessoas, pela fama do pregador, pelo poder de arrecadação, pela quantidade de eventos ou pela aparência de espiritualidade. A igreja do Senhor é identificada pela obediência à Palavra de Cristo.

O grande problema do nosso tempo é que muitos se acostumaram com a religião, mas se afastaram do Evangelho. Aprenderam costumes denominacionais, mas não aprenderam a viver a Bíblia. Foram ensinados a frequentar cultos, participar de campanhas, entregar valores, repetir frases, seguir líderes, defender placas, mas não foram ensinados a examinar as Escrituras e a obedecer ao Senhor Jesus.

E isso é extremamente perigoso.

O próprio Senhor Jesus nos advertiu que nem todos os que usam o Seu nome pertencem verdadeiramente a Ele. Não é porque alguém fala “Senhor, Senhor” que está aprovado diante de Deus. Não é porque alguém profetiza, expulsa demônios ou realiza sinais que está vivendo em obediência.

“Nem todo o que me diz: ‘Senhor, Senhor!’ entrará no Reino dos céus, mas somente o que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.” — Mateus 7:21

Essa palavra precisa estremecer o nosso coração. Jesus não disse que entrará no Reino aquele que apenas fala bonito, canta bonito, prega bonito ou se emociona no culto. Ele disse que entrará aquele que faz a vontade do Pai. Portanto, o centro da vida cristã não é a aparência religiosa, mas a obediência.

Por isso, este livro não foi escrito para agradar homens, defender denominações, proteger tradições ou preservar costumes religiosos. Este livro foi escrito para confrontar práticas, doutrinas, comportamentos e ensinamentos que se espalharam no meio chamado evangélico, mas que precisam ser examinados à luz da Palavra de Deus.

Aqui trataremos de assuntos que muitos evitam. Pastorado feminino, falar em línguas, jejum, oração no monte, campanhas, ofertas, dízimos, sacrifícios, prosperidade, sonhos, visões, profecias, manifestações espirituais, usos e costumes, liderança, templo, comércio religioso e tantas outras práticas que, muitas vezes, foram aceitas pelo povo sem exame bíblico.

O objetivo não é atacar pessoas. O objetivo é defender a verdade. Não estamos tratando de opinião pessoal, gosto particular ou preferência religiosa. Estamos tratando da Palavra de Deus. E quando a Palavra fala, o homem deve se calar, se humilhar e obedecer.

O apóstolo Paulo deixou uma orientação clara a Timóteo:

“Prega a Palavra, insiste a tempo e fora de tempo, aconselha, repreende e encoraja com toda paciência e sã doutrina.” — 2 Timóteo 4:2

Observe que Paulo não mandou pregar sonhos, emoções, tradições, revelações particulares ou estratégias humanas. Ele disse: prega a Palavra. A igreja que abandona a Palavra pode até continuar cheia de pessoas, mas espiritualmente está em ruína. Pode ter movimento, mas não tem vida. Pode ter barulho, mas não tem verdade. Pode ter aparência de piedade, mas nega o poder transformador do Evangelho.

Também está escrito:

“Toda a Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, repreender, corrigir e instruir em justiça.” — 2 Timóteo 3:16

A Escritura não serve apenas para consolar. Ela também repreende. Ela corrige. Ela coloca no lugar aquilo que o homem tirou do lugar. Ela derruba enganos, confronta pecados, expõe mentiras e conduz o verdadeiro discípulo ao caminho estreito.

Infelizmente, muitos hoje querem apenas uma palavra que agrade, que prometa vitória, que massageie o ego, que confirme seus desejos, que alivie sua consciência sem exigir arrependimento. Mas o Evangelho de Cristo nunca foi uma mensagem para alimentar a carne. O Evangelho chama o homem ao arrependimento, à renúncia, à santidade, à obediência e à verdade.

Jesus não chamou pessoas para uma religião confortável. Ele chamou discípulos para segui-Lo.

“Então Jesus declarou aos seus discípulos: Se alguém deseja seguir-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e venha após mim.” — Mateus 16:24

Negar a si mesmo é abandonar a própria vontade quando ela se opõe à vontade de Deus. Tomar a cruz é aceitar o caminho da obediência, mesmo quando ele confronta sentimentos, tradições, amizades, interesses e conveniências. Seguir Jesus é andar como Ele manda, e não como nós achamos melhor.

Por isso, ao longo desta obra, o leitor será constantemente chamado a fazer uma pergunta simples e necessária: isso é bíblico?

Não importa se “todo mundo faz”. Não importa se “sempre foi assim”. Não importa se “funciona”. Não importa se “a igreja cresce”. Não importa se “o povo gosta”. A pergunta correta é: está escrito? Está de acordo com o ensino de Cristo e dos apóstolos? Produz santidade? Leva à obediência? Exalta a Deus ou alimenta o homem?

O povo de Deus precisa voltar às Escrituras. Precisa parar de ser levado por qualquer vento de doutrina, por qualquer pregador eloquente, por qualquer movimento emocional, por qualquer promessa de prosperidade, por qualquer manifestação sem discernimento. O cristão verdadeiro não vive de aparência; vive de fé, verdade e obediência.

Paulo advertiu:

“Porque virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; ao contrário, sentindo coceira nos ouvidos, reunirão mestres para si mesmos, segundo os seus próprios desejos.” — 2 Timóteo 4:3

Esse tempo chegou. Muitos não suportam mais a sã doutrina. Querem mensagens leves, cultos emocionantes, promessas rápidas, bênçãos materiais, líderes que confirmem seus pecados e ambientes que não exijam mudança de vida. Mas a igreja do Senhor não pode se moldar ao desejo do povo. A igreja do Senhor deve se submeter à vontade de Deus.

Este livro, portanto, é um chamado ao despertar. Um chamado para que cada pessoa examine onde está congregando, o que está ouvindo, quem está seguindo, quais práticas está aceitando e se tudo isso está realmente de acordo com a Bíblia.

Não leia estas páginas apenas para concordar ou discordar. Leia com a Bíblia aberta. Leia com oração. Leia pedindo ao Senhor discernimento, temor e humildade. Não se prenda a placas, nomes, títulos, histórias ou sentimentos. Prenda-se a Cristo. Prenda-se à Palavra. Prenda-se à verdade.

Porque no fim, não seremos julgados pela denominação que frequentamos, pelo pastor que seguimos, pelo ministério que defendemos ou pelas campanhas das quais participamos. Seremos julgados diante de Deus.

“Portanto, cada um de nós prestará contas de si mesmo a Deus.” — Romanos 14:12

Essa verdade deve nos fazer tremer. Cada um prestará contas. O pastor prestará contas. O líder prestará contas. O membro prestará contas. O pregador prestará contas. O que ensinou errado prestará contas. O que ouviu o erro e permaneceu nele também prestará contas.

Por isso, não brinque com a Palavra de Deus. Não trate o Evangelho como costume religioso. Não aceite qualquer ensino sem examinar. Não siga multidões sem discernimento. Não confunda movimento com presença de Deus. Não confunda emoção com Espírito Santo. Não confunda tradição com verdade.

A igreja do Senhor é santa. A Palavra do Senhor é santa. O caminho do Senhor é estreito. E quem deseja andar com Cristo precisa se submeter ao que Ele ensinou.

Que este livro sirva como instrumento de alerta, ensino, correção e despertar. Que cada capítulo leve o leitor a abandonar enganos, rejeitar práticas antibíblicas e voltar ao Evangelho puro, simples e verdadeiro.

Porque, no final, o que importa não é parecer igreja.

O que importa é ser igreja do Senhor.

Leia, examine, ore e pratique a Bíblia.

Sumário

Introdução	2
Capítulo 1 – Pastorado feminino	13
1. As qualificações para o pastorado	13
2. A instrução de Paulo a Tito	14
3. A ordem de silêncio e submissão na assembleia	15
4. A confusão entre dons, serviço e ofício.....	15
5. A responsabilidade de quem permanece onde há pastorado feminino	16
6. O papel precioso da mulher na igreja	16
7. Conclusão pastoral.....	17
Capítulo 2 – Falar em línguas.....	18
1. O que aconteceu, de fato, em Atos 2	18
2. Modismo pentecostal não é referência bíblica	19
3. O ensino de Paulo em 1 Coríntios 14	19
4. Dom de línguas x batismo no Espírito Santo	20
5. Equilíbrio: orar em línguas, mas com entendimento do lugar.....	21
6. Falsificações e exageros	21
7. Resumo pastoral: onde colocar o falar em línguas	22
Capítulo 3 – Jejum.....	23
1. O ensino direto de Jesus sobre o jejum	23
2. O que é jejum bíblico — e o que não é	23
3. Jejum não é moeda de troca.....	24
4. O jejum que Deus rejeita	25
5. Jejum, batalha espiritual e autoridade	26
6. O famoso “jejum de Daniel”	26
7. Jejum: algo pessoal, íntimo, dirigido por Deus	27
8. Conclusão pastoral.....	27
Capítulo 4 – Orar no monte	29
1. O “brilho no mato” e a necessidade de usar a razão.....	29
2. O que Jesus mandou quanto ao lugar da oração.....	29
3. Eu posso orar em qualquer lugar	30
4. Riscos e hipocrisias em torno do monte	30
5. “Nem neste monte, nem em Jerusalém”	31

6. “Eu gosto do monte” não é critério bíblico	31
7. O que Deus mandou, afinal, sobre oração?	32
Capítulo 5 – Oração: como fazer.....	33
1. O que é oração de verdade.....	33
2. O ensino de Jesus sobre a oração	33
3. Campanhas, repetições e ritual vazio	34
4. Ansiedade, insistência e a vontade de Deus	35
5. Pedir em nome de Jesus.....	36
6. O resumo de uma oração bíblica	36
Capítulo 6 – Dinheiro não traz prosperidade.....	37
1. O engano do “evangelho da riqueza”	37
2. Servindo a Deus ou ao dinheiro?.....	38
3. Não andar ansiosos com o amanhã.....	38
4. O jovem rico e o custo de seguir a Cristo.....	39
5. Piedade não é fonte de lucro.....	40
6. O suficiente é bênção.....	41
7. Contentamento e libertação do amor ao dinheiro	43
Capítulo 7 – Sonhos e visão	45
1. Sonho não é visão	45
2. A maioria dos sonhos não é revelação	45
3. O que é visão de fato	46
4. O perigo de usar sonhos e visões para manipular.....	47
5. Prova final: a Palavra de Deus.....	47
Capítulo 8 – Ofertas.....	49
1. As primeiras ofertas dadas a Jesus	49
2. Como decidir o quanto ofertar.....	49
3. A oferta e a vida em ordem	50
4. Oferta não é sacrifício financeiro de barganha.....	50
5. Quando a “oferta” vira desculpa religiosa.....	50
6. Sacrifícios e ofertas à luz do Novo Testamento	51
7. A oferta da viúva e o show no gasofilácio	51
8. Como praticar a oferta bíblica hoje	52
Capítulo 9 – Dízimos.....	53

1. Dízimo antes da lei: Abraão e Melquisedeque	53
2. O que é, na prática, o dízimo	53
3. Dízimo na lei e a acusação de roubo em Malaquias	54
4. Jesus confirma o dízimo, mas corrige o coração	55
5. O que entra no dízimo e como praticar	55
6. Dízimo, fé e responsabilidade	55
7. Resumo pastoral sobre dízimos	56
Capítulo 10 – Sacrifícios	57
1. Amar a Deus é mais que sacrifícios	57
2. Deus rejeitou sacrifícios vazios em Israel	57
3. O único sacrifício que Deus aceita	58
4. “Misericórdia quero, e não sacrifício”	58
5. Sacrifícios modernos: jejum, monte, horários e dinheiro	59
6. Fuja do evangelho de sacrifícios	59
Capítulo 11 – Santidade.....	61
1. Santidade e separação do pecado dentro da igreja	61
2. O problema da tolerância ao erro por conveniência	62
3. Afastar-se do irmão que anda desordenadamente	62
4. Santidade custa relacionamentos, cargos e conforto	63
5. Santidade como caminho, não evento	63
Santidade (Parte 2)	63
1. A carta de Jesus à igreja em Pérgamo	64
2. Heresias e mercadores da fé: alerta de 2 Pedro 2	64
3. Falsos profetas e falso evangelho de sinais	65
4. Santidade e responsabilidade sobre onde congregar	66
5. Santidade até o fim	66
Capítulo 12 – Comércio no templo	68
1. Jesus chora sobre Jerusalém e limpa o templo	68
2. “Não façais da casa de meu Pai casa de comércio”	68
3. Formas modernas de comércio no templo.....	69
4. “Mas é para a obra de Deus”: uma justificativa falsa.....	69
5. Responsabilidade de quem participa	70
Capítulo 13 – Possessão demoníaca	71

1. O endemoninhado de Gadara: um caso clássico	71
2. Demônios e enfermidades	71
3. Quem pode expulsar demônios e em que condições	72
4. Sinais que podem indicar possessão ou forte opressão	73
5. A necessidade de discernimento e santidade.....	73
Capítulo 14 – Possessão demoníaca em crianças e animais.....	75
1. Demônios agindo em crianças.....	75
2. Relação com a vida dos pais e do ambiente	76
3. Demônios e animais	76
4. Como agir diante de sinais em crianças e animais	77
5. Entre o natural e o espiritual: equilíbrio e vigilância	77
Capítulo 15 – Manifestação demoníaca	79
1. Judas: o diabo “põe no coração”, não possui	79
2. Pedro: canal do Espírito num momento, boca de Satanás no outro	79
3. Tentação de Jesus: o diabo usa até versículo bíblico	80
4. Manifestação x possessão: como se expressam.....	80
5. Prevenção: como não ser instrumento do inimigo	81
Manifestação demoníaca (Parte 2)	81
1. Quando não é só psicológico: sinais fortes de ação maligna.....	81
2. Quando enfrentar demônios vira vergonha: os filhos de Ceva.....	82
3. A jovem com espírito de adivinhação: revelação que não vem de Deus	83
4. Quando ver demais e ouvir demais é sinal de problema	83
5. O que fazer quando há suspeita de possessão ou manifestação forte	84
Capítulo 16 – Comer carne de porco é pecado?	85
1. Tradição alimentar não é mandamento.....	85
2. A proibição na antiga aliança e o contexto do deserto	85
3. As restrições alimentares dadas a Israel	86
4. O que os apóstolos proibiram aos gentios	87
5. Comida sacrificada a ídolos, sangue e animal sufocado	87
6. A visão de Pedro e a purificação dos alimentos	88
Conclusão pastoral.....	90
Capítulo 17 – Campanhas.....	91
1. Campanhas e invenções religiosas	91

2. Jericó não autoriza campanhas modernas.....	91
3. Campanhas, horários místicos e vãs repetições.....	92
6. Voltar à Palavra, não aos amuletos.....	96
Conclusão pastoral.....	96
Capítulo 18 – Guardar o sábado	97
1. A dúvida sobre guardar o sábado	97
2. O sábado na antiga aliança	97
5. Na graça, todos os dias pertencem ao Senhor	97
3. Jesus e o sábado.....	98
4. O sábado foi feito por causa do homem	103
Conclusão pastoral.....	103
Capítulo 19 – A Lei e a Graça	104
1. A confusão entre Lei e Graça	104
2. A lei se cumpriu em Cristo.....	104
3. A lei mostrou o pecado, mas não salvou	104
4. O que permanece é o que Cristo ratificou	104
7. A lei como tutor que conduz a Cristo	115
Conclusão pastoral.....	115
Capítulo 20 – Idolatria.....	116
1. Idolatria não é só imagem.....	116
2. “Fugi da idolatria”	116
3. Comunhão com Cristo não se mistura com ídolos	116
6. Onde está o coração?	123
Conclusão pastoral.....	123
Capítulo 21 – Deserto	124
1. O uso religioso da palavra “deserto”	124
2. Nem todo sofrimento é deserto bíblico	124
3. João Batista: a voz que clama no deserto	124
6. Endireitar o caminho do Senhor	130
Conclusão pastoral.....	130
Capítulo 22 – Profecia	131
1. A corrida moderna atrás de profecias.....	131
2. Profecia falsa não é brincadeira.....	131

3. Temor ao falar em nome do Senhor	131
6. A Palavra acima de qualquer profeta.....	137
Conclusão pastoral.....	138
Capítulo 23 – Batalhas na mente	139
1. O que é batalha na mente.....	139
2. A sugestão do pecado começa no pensamento	139
3. Renovação da mente e culto racional	140
4. O coração aparece nas palavras e atitudes.....	142
6. Resistir ao diabo, firme na fé.....	146
7. A luta interior do homem que quer obedecer	147
8. A armadura de Deus contra a guerra espiritual	149
9. Cobiça, pecado e morte	152
10. Mente governada pela carne ou pelo Espírito	152
Conclusão pastoral.....	154
Capítulo 24 – Ceia do Senhor.....	155
1. Ceia não é ritual mágico	155
2. A instituição da Ceia pelo Senhor Jesus	155
3. Memória, comunhão e proclamação.....	157
4. Discernir o corpo e examinar-se.....	158
5. Quem deve participar e com que temor.....	159
6. A Ceia no primeiro dia da semana	160
Conclusão pastoral.....	160
Capítulo 25 – Cegueira espiritual	161
1. O que é cegueira espiritual	161
2. O homem natural não discerne as coisas do Espírito	161
3. Crer mais nos homens do que em Deus.....	161
4. Conhecimento da vontade de Deus	165
5. Ler a Palavra com submissão	165
6. Um cego não pode guiar outro cego	170
7. Saulo: da cegueira à visão espiritual	170
8. Cristo abre o entendimento para as Escrituras	173
Conclusão pastoral.....	175
Capítulo 26 – Batismo nas águas.....	176

2. Sepultamento do velho homem	181
3. Batismo é mandamento, não sugestão	182
4. João Batista, arrependimento e confissão	183
5. Morte e nova vida em Cristo	184
6. O eunuco: fé e batismo sem barreiras humanas	186
7. Crer e ser batizado	189
8. A ordem de fazer discípulos e batizar	189
9. Não adiar a obediência	192
10. Cornélio e os gentios batizados	193
Conclusão pastoral.....	195
Capítulo 27 – Batismo no Espírito Santo	196
1. Batismo no Espírito Santo não é rito humano	196
2. Falar em línguas não é sinal obrigatório.....	196
3. Pentecostes e o propósito das línguas.....	197
4. O que é ser cheio do Espírito.....	198
5. A promessa cumprida também entre os gentios	198
6. Discípulos em Éfeso e imposição de mãos.....	200
7. O fruto do Espírito como evidência de vida.....	200
8. Resumo pastoral sobre o batismo no Espírito Santo	201
Conclusão pastoral.....	201
Capítulo 28 – Cair no Espírito.....	202
1. O problema do chamado “cair no Espírito”	202
2. O espetáculo da queda e a exaltação de homens	202
5. Ausência de base para a prática moderna.....	202
3. Quem caiu diante de Jesus em João 18	202
4. Cair por terra não é sinal de bênção	203
6. Discernimento: fruto, santidade e Palavra.....	206
Conclusão pastoral.....	206
Capítulo 29 – Natal.....	207
1. O Natal entre comércio, fantasia e religiosidade.....	207
2. Papai Noel e a mentira ensinada às crianças	207
3. A data não é o centro; Cristo é	208
6. Um Natal em Cristo, não no sistema do mundo	212

Conclusão pastoral.....	212
-------------------------	-----

Capítulo 1 – Pastorado feminino

Não há como falar de igreja do Senhor sem começar falando de liderança. A forma como uma congregação trata o pastorado mostra, logo de início, se ela está sujeita à Palavra de Deus ou se já se rendeu à conveniência, à cultura e à pressão do tempo. Neste capítulo, o assunto é delicado, polêmico e, ao mesmo tempo, absolutamente bíblico: o chamado pastorado feminino.

Aqui não se trata de machismo nem de feminismo. Trata-se de Escritura. O ponto é simples: Deus já definiu, pela Sua Palavra, quem pode e quem não pode ocupar o ofício pastoral diante da igreja. Qualquer tentativa de adaptar isso por gosto pessoal, por estratégia de crescimento ou por sentimento, é desobediência. Vamos olhar, então, o que a Bíblia diz, para depois confrontar o que vemos hoje.

1. As qualificações para o pastorado

O primeiro texto que precisamos considerar é 1 Timóteo 3. Paulo escreve a um jovem pastor, Timóteo, justamente para orientá-lo sobre como levantar obreiros para a obra do Senhor. Não é um conselho opcional; é padrão estabelecido para todas as igrejas do Senhor.

“Fiel é a palavra: se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja. É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não violento, porém cordato, inimigo de contendas, não avaro; e que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito (pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?).”

1 Timóteo 3:1-5

Repare nos detalhes. O texto não está falando de um “cargo” humano, mas de uma função espiritual: bispo, presbítero ou pastor — três termos para a mesma realidade: o supervisor de uma congregação. Paulo não se limita a dizer que é uma boa obra. Ele entra na lista de exigências.

No centro dessa lista aparece uma expressão que muitos querem ignorar: “marido de uma só mulher”. Não está escrito “esposa de um só marido”. Nem “pessoa de um só cônjuge”. O Espírito Santo foi específico: marido de uma só mulher.

Isso já derruba duas distorções comuns:

primeiro, a ideia de pastores em segundo, terceiro casamento, divorciados e recasados, à frente de rebanhos;

segundo a ideia de mulher exercendo a função de pastora sobre a congregação mista.

O texto define que esse bispo/pastor tem que ser homem (“marido”) e fiel a uma só esposa. Ele pode ser solteiro, casado uma única vez ou viúvo. Nada além disso.

Quando olhamos ao redor, porém, o que vemos? Uma multidão de líderes que se intitulam pastores, mas estão em segundo casamento, terceiro casamento, casados com divorciadas, vivendo situações contrárias ao que a Palavra estabelece. Vemos pastores com filhos rebeldes, vivendo no mundo, dando mau testemunho, e ainda assim no púlpito, como se nada estivesse errado.

Paulo insiste que o pastor deve governar bem a sua própria casa. Se não consegue governar a própria família, como vai cuidar da igreja de Deus? O problema é que hoje se tem muita “habilidade de palco”, muito carisma, muita técnica de comunicação, mas pouco caráter, pouco domínio próprio, pouca vida no altar diante de Deus.

A Palavra, contudo, não mudou. Deus continua exigindo que o pastor seja irrepreensível, equilibrado, não amante do dinheiro, capaz de ensinar, hospitaleiro, respeitado. O pastorado não é profissão de mercado; é vocação com requisitos definidos pelo Senhor.

2. A instrução de Paulo a Tito

Paulo repete o mesmo padrão na carta a Tito. Aqui ele explica que deixou Tito em Creta com uma missão muito clara: colocar em ordem o que faltava e constituir presbíteros de acordo com as orientações apostólicas.

“Por esta causa, te deixei em Creta, para que pusesses em ordem as coisas restantes e, em cada cidade, constituíesses presbíteros, conforme te prescrevi: alguém que seja irrepreensível, marido de uma só mulher, que tenha filhos crentes que não são acusados de dissolução, nem são insubordinados. Porque é indispensável que o bispo seja irrepreensível, como despenseiro de Deus; não arrogante, nem irascível, nem dado ao vinho, nem violento, nem cobiçoso de torpe ganância; antes, hospitaleiro, amigo do bem, sóbrio, justo, piedoso, que tenha domínio de si, apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem.”

Tito 1:5-9

De novo, a mesma expressão: “marido de uma só mulher”. Não “esposa de um só marido”. Não há, em nenhuma parte do Novo Testamento, o equivalente “presbítera”, “bispa” ou “pastora” no sentido de ofício sobre a congregação mista.

Isso não significa desprezo pela mulher. Significa apenas que Deus estabeleceu funções distintas. A mulher, biblicamente, pode e deve exercer ministérios importantíssimos: ensinando outras mulheres, servindo, evangelizando, profetizando, exercendo missões, auxiliando na obra de forma intensa. Mas a função de pastorear a igreja (homens e mulheres juntos), dirigir culto público misto, exercer autoridade doutrinária sobre os homens, a Escritura reserva ao homem que cumpre essas qualificações.

Perceba também a seriedade do restante da lista: ele deve ser alguém não dominado por ganância, não arrogante, não briguento, não dado ao vinho. Quantos que hoje se chamam “pastores” se encaixam justamente no oposto: amantes de dinheiro, violentos, autoritários, sem domínio próprio, sem apego real à Palavra.

Paulo ainda acrescenta um alerta:

“Porque há muitos insubordinados, faladores frívolos e enganadores, especialmente os da circuncisão; aos quais é preciso tapar a boca, porque andam pervertendo casas inteiras, ensinando o que não devem, por torpe ganância.”

Tito 1:10-11

A cena descrita aqui é muito parecida com o que vemos hoje: gente insubordinada, que não se curva à Palavra, que fala muito, promete muito, mas ensina o que não deve, por ganância. É nesse ambiente que surgem, também, facilmente, modelos de liderança que não têm base bíblica, como o pastorado feminino.

3. A ordem de silêncio e submissão na assembleia

O ponto mais incômodo para a mentalidade do século é o que Paulo escreve em 1 Coríntios 14. Ele fala sobre ordem no culto, dons, uso da palavra, profecia, línguas, e conclui estabelecendo diretrizes para o comportamento das mulheres na assembleia.

“Porque Deus não é Deus de confusão, e sim de paz. Como em todas as igrejas dos santos, conservem-se as mulheres caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas, como também a lei o determina. E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é vergonhoso para uma mulher falar na igreja.”

1 Coríntios 14:33-35

Esse texto é frequentemente relativizado, reinterpretado, esvaziado. Mas ele continua aí. Paulo não está dizendo que a mulher é inferior em valor diante de Deus. Em Cristo, homens e mulheres são co-herdeiros da graça. Ele está tratando de ordem funcional no culto público.

Note que ele diz: “Como em todas as igrejas dos santos”. Não é algo localizado, cultural de Corinto apenas. É norma que ele afirma valer para todas as igrejas. A mulher deve estar em atitude de submissão, não assumir a palavra de forma a liderar a assembleia mista.

Isso não impede a mulher de orar, de profetizar em contextos adequados. Em 1 Coríntios 11, ele menciona mulheres que oravam e profetizavam. Mas isso é bem diferente de ocupar o ofício de pastora, com autoridade regular de ensino sobre a congregação, especialmente sobre homens adultos, como se fosse equivalente a um presbítero ou bispo.

Quando hoje vemos denominadas “pastoras”, “bispas”, “apóstolas”, pregando todo culto, dirigindo homens, determinando doutrina em cultos mistos, precisamos ser honestos: isso não tem autorização bíblica. É frontalmente contrário à ordem estabelecida.

4. A confusão entre dons, serviço e ofício

Um argumento muito usado para defender o pastorado feminino é este: “Mas ela é uma bênção. Deus usa. Cura, profetiza, prega com poder. Como dizer que não é pastora?”.

A resposta é simples: ser usada por Deus em dons espirituais não transforma ninguém em pastor.

No Novo Testamento, vemos mulheres que ajudaram poderosamente na obra do Senhor. Maria, Marta, Priscila, Lídia e outras são exemplos de mulheres que acolhem, servem, evangelizam, discipulam. Vemos mulheres profetisas. Vemos diaconisas. Mas não vemos, em nenhum momento, uma única referência clara a uma mulher como “pastora” de uma congregação, no sentido de presidir o rebanho.

Os dons e a unção não atropelam a ordem que Deus estabeleceu. Uma mulher pode ser profundamente usada por Deus para pregar em evangelismo, para aconselhar, para discipular outras mulheres, para ensinar crianças, para profetizar, para exercer missões. Mas isso não muda o fato de que o ofício pastoral, como governo sobre a igreja, foi estabelecido com qualificações que ela não cumpre, por definição, quando o texto fala “marido de uma só mulher”.

A confusão nasce quando a igreja começa a usar critério humano: “dá resultado”, “atrai gente”, “é carismática”, “fala bem”, “tem experiência”. Então, altera-se o que Deus estabeleceu para “aproveitar o potencial” daquela pessoa. Só que, na prática, isso significa torcer a Escritura para caber no nosso projeto.

A pergunta correta não é: “Dá certo?”. A pergunta correta é: “Está de acordo com a Palavra?”.

5. A responsabilidade de quem permanece onde há pastorado feminino

Talvez alguém diga: “Mas na minha igreja a pastora é uma mulher muito usada, e a igreja ajuda muitas pessoas”. Outro diga: “Mas eu gosto muito dela, ela me ajudou em tal momento da vida”.

Não se discute a sinceridade de pessoas, nem o fato de que Deus, em Sua misericórdia, muitas vezes alcança vidas apesar de nossas distorções. A questão aqui é outra: se a estrutura de liderança de uma congregação está em desacordo com a Palavra, a igreja como um todo está fora da ordem de Deus.

Quando você permanece congregando num lugar onde a liderança é assumidamente contrária à ordem bíblica, você está, na prática, concordando com isso. E quem concorda com o erro, participa do erro.

Paulo alerta sobre isso quando fala de falsos obreiros. Ele não nos autoriza a fechar os olhos.

“Não vos prendais a um jugo desigual com os incrédulos; pois que sociedade tem a justiça com a injustiça? Ou que comunhão, a luz com as trevas?”

2 Coríntios 6:14

Se, além de pastorado feminino, naquele lugar há comércio no templo, campanhas antibíblicas, manipulação financeira, tolerância com pecado, você tem ainda mais motivo para entender que ali não é ambiente saudável para sua fé.

A fidelidade a Cristo, muitas vezes, exigirá que você saia de ambientes onde criou amizades, história, memórias. Não é fácil. Mas é melhor obedecer a Deus do que aos homens.

“Antes importa obedecer a Deus do que aos homens.”

Atos 5:29

6. O papel precioso da mulher na igreja

Defender que a mulher não deve exercer o ofício de pastora não é diminuir a importância dela no corpo de Cristo. Pelo contrário.

A Bíblia mostra mulheres que foram fundamentais no avanço do evangelho. Elas sustentaram o ministério de Jesus com seus bens, serviram, oraram, profetizaram, ensinaram outras mulheres, abriram suas casas para a igreja, viajaram em missão.

“Saudai Priscila e Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus... e a igreja que está na casa deles.”

Romanos 16:3,5

“Da mesma forma, as mulheres idosas sejam sérias em seu proceder... para que ensinem as jovens...”

Tito 2:3-4

A mulher piedosa, temente a Deus, que ama a Palavra, é coluna dentro da igreja, mesmo sem título pastoral. Quando ela se mantém na posição em que Deus a colocou, há graça, há proteção, há honra.

O problema não é a mulher servir; é lhe atribuir uma função que Deus não deu. Quando se força a barra para transformá-la em “pastora”, o que está em jogo não é a capacidade dela, mas a nossa submissão (ou não) à Palavra.

7. Conclusão pastoral

Ao terminar este capítulo, a pergunta que fica não é se esse ensino é “duro” ou “antigo”. A pergunta é: estamos dispostos a aceitar o que a Palavra diz, mesmo quando vai contra a cultura e contra nossos sentimentos?

Não existe mulher pastora como ofício bíblico sobre a congregação mista. Existe mulher profetisa, evangelista, missionária, discipuladora de mulheres, cooperadora valorosa, colunas silenciosas de oração, sustentando a obra com lágrimas e fé. Mas o título e o ofício de “pastora” sobre a igreja não têm respaldo nas Escrituras.

Se você ama a verdade, precisa olhar para onde congrega e para o tipo de liderança a que se submete. Se está em um lugar onde esse tema — e tantos outros — são tratados com base em conveniência, não em Bíblia, ore seriamente sobre o que Deus quer de você.

O Senhor não nos chamou para sermos apenas religiosos, nem para ficarmos presos a placas, amizades ou tradições. Ele nos chamou para sermos discípulos, obedientes à Sua voz.

E a Sua voz, para nós, hoje, continua sendo clara na Escritura.

Leia e pratique a Bíblia.

Capítulo 2 – Falar em línguas

Poucos temas geram tanta confusão no meio chamado evangélico quanto o falar em línguas. De um lado, há quem diga que, sem falar em línguas, a pessoa não tem o Espírito Santo. Do outro, há quem rejeite toda manifestação, como se o dom tivesse acabado. No meio de tudo isso, muita gente se perde, confundindo emoção com ação de Deus, barulho com espiritualidade, costume de igreja com ensino bíblico.

O propósito deste capítulo não é agradar nenhum extremo, mas colocar o assunto exatamente onde a Bíblia coloca. Falar em línguas existe, sim. É dom do Espírito, sim. Mas não é sinal de superioridade, não é prova obrigatória de batismo no Espírito Santo e, muito menos, licença para bagunça no culto. O mesmo Espírito que dá o dom é o Espírito que produz ordem, mansidão e domínio próprio.

1. O que aconteceu, de fato, em Atos 2

Quando se fala em línguas, o primeiro texto que muitos citam é Atos 2, o dia de Pentecostes. Só que, muitas vezes, citam sem ler, sem observar o que, de fato, o texto diz e qual era o propósito de Deus ali.

“Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem.”

Atos 2:1-4

Ali aconteceu algo único: um som como de vento forte, línguas como de fogo repartidas sobre cada um, e todos cheios do Espírito Santo. Era a inauguração do derramamento do Espírito sobre a igreja. Não antes, não depois, mas naquele dia específico. Não vemos, em nenhum outro lugar nas Escrituras, de novo, línguas de fogo visíveis descendo sobre a cabeça de ninguém.

Mas o ponto central aqui é: que línguas eram essas? Era um balbuciar de sílabas sem sentido? Era cada um falando a sua oração privada? O próprio texto explica:

“Ora, estavam habitando em Jerusalém judeus, homens piedosos, vindos de todas as nações debaixo do céu. Quando, pois, se fez ouvir aquela voz, afluiu a multidão que se possuiu de perplexidade, porquanto cada um os ouvia falar na sua própria língua. Estavam, pois, atônitos e se admiravam, dizendo: Vede! Não são, porventura, galileus todos esses que aí estão falando? E como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna? Somos partos, medos, elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas imediações de Cirene, e romanos que aqui residem, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes. Como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus?”

Atos 2:5-11

O texto é claríssimo: não eram línguas desconhecidas, eram idiomas humanos conhecidos, falados sobrenaturalmente por homens simples que não os haviam aprendido. Galileus (gente sem estudo de línguas), de repente, pregando as grandezas de Deus em idiomas de povos diversos.

Havia gente de toda parte: partos, medos, elamitas, gente da Mesopotâmia, da Judéia, da Ásia, do Egito, de Roma. E cada um ouvia a mensagem do evangelho na sua própria língua. Isso não era barulho sem sentido; era evangelização sobrenatural.

Aquele som como de vento serviu para atrair a multidão. As línguas serviram para que a mensagem alcançasse povos de vários países ao mesmo tempo. O objetivo não era fazer show dentro do cenáculo; era anunciar Cristo a todos, em sua própria língua.

Quando hoje alguém faz um culto inteiro de “balabala” que ninguém entende, dizendo que é “igual a Atos 2”, está ignorando que, em Atos, as pessoas entenderam perfeitamente o que era dito.

2. Modismo pentecostal não é referência bíblica

Com o tempo, criou-se um modismo em muitos ambientes pentecostais: “igreja de fogo” é sinônimo de gente pulando, rodando, gritando e falando “línguas” o culto todo. A pessoa entra e vê aquele ambiente todo emocional e pensa: “Aqui Deus está, porque aqui o negócio é forte”.

Só que precisamos perguntar: onde está o texto bíblico que autoriza esse tipo de prática contínua como regra? Não há.

O Espírito Santo não é espírito de confusão. Ele não derruba ordem, não atropela entendimento, não faz da assembleia um lugar onde ninguém sabe o que está acontecendo.

“Porque Deus não é Deus de confusão, e sim de paz.”

1 Coríntios 14:33

Quando a suposta “manifestação” do Espírito produz gritaria, descontrole, gente rolando no chão, dando murro em banco, e ninguém sendo edificado pela Palavra, isso não é mover de Deus; é carne, emoção ou, em alguns casos, até engano espiritual.

Ali em Atos 2, o Espírito capacitou para que o evangelho fosse proclamado com clareza, e não para que os discípulos ficassem rodando em círculo dizendo sons sem sentido para impressionar quem estivesse por perto.

3. O ensino de Paulo em 1 Coríntios 14

Se Atos 2 mostra o início extraordinário, 1 Coríntios 14 mostra o uso ordenado dos dons, incluindo o falar em línguas. Ali a igreja em Corinto já vivia confusão: muitos queriam se mostrar mais espirituais, falando em línguas sem critério, ao mesmo tempo, sem interpretação. Paulo precisa corrigir.

“Segui o amor e procurai, com zelo, os dons espirituais, mas principalmente que profetizeis. Pois quem fala em outra língua não fala aos homens, senão a Deus, visto que ninguém o entende, e em espírito fala mistérios. Mas o que profetiza fala aos homens, edificando, exortando e consolando. O que fala em outra língua a si mesmo se edifica, mas o que profetiza edifica a igreja.”

1 Coríntios 14:1-4

Paulo não está negando o dom. Ele reconhece que falar em outra língua edifica a si mesmo, mas lembra que, na igreja, o alvo é edificar o corpo. Palavra que ninguém entende não edifica ninguém.

Mais adiante, ele explica:

“Agora, irmãos, se eu for ter convosco falando em línguas, que vos aproveitarei, se não vos falar ou por meio de revelação, ou de ciência, ou de profecia, ou de doutrina?”

1 Coríntios 14:6

Se eu chegar em uma igreja falando só em línguas, sem que ninguém entenda, qual é o proveito? Nenhum. É como som de instrumento desafinado, que não comunica melodia.

“Se, portanto, toda a igreja se reunir no mesmo lugar, e todos falarem em outras línguas, e entrarem indoutos ou incrédulos, não dirão porventura que estais loucos?”

1 Coríntios 14:23

Olhe a sinceridade do apóstolo: se todo mundo falar em línguas ao mesmo tempo, quem entrar vai pensar que estão loucos. Quantos cultos hoje não passam exatamente essa impressão a quem chega de fora? Isso não é sinal de poder; é sinal de ausência de ordem.

Por isso Paulo coloca uma regra muito clara:

“Se alguém falar em outra língua, faça-se isso por dois, ou quando muito três, e isto sucessivamente, e haja intérprete. Mas, não havendo intérprete, fique calado na igreja, falando consigo mesmo e com Deus.”

1 Coríntios 14:27-28

Veja os princípios:

no máximo dois ou três, um de cada vez;

tem que haver intérprete;

se não houver intérprete, que fique calado na igreja.

Quantos seguem isso hoje?

O que vemos é muitas vezes o contrário: uma multidão falando ao mesmo tempo, ninguém interpretando, e ainda chamando isso de “mover”. Na linguagem de Paulo, isso é “falar ao vento”.

“Todavia, na igreja, prefiro falar cinco palavras com o meu entendimento, para instruir também os outros, a falar dez mil palavras em outra língua.”

1 Coríntios 14:19

Paulo, homem que falava em línguas mais do que todos ali, diz que na igreja prefere cinco palavras compreensíveis a dez mil incompreensíveis. Isso mostra o peso que ele dá ao entendimento, acima da aparência de espiritualidade.

4. Dom de línguas x batismo no Espírito Santo

Muitos pregadores hoje afirmam: “Prova de que você é batizado no Espírito Santo é falar em línguas. Se não fala em línguas, não tem o Espírito”.

Biblicamente, isso não se sustenta.

Em Atos, temos alguns episódios em que o batismo no Espírito vem acompanhado de falar em línguas (como em Atos 2 e Atos 10). Em outros momentos, vem acompanhado de profecia (Atos 19). Em outros, não se descreve manifestação visível, e sim ousadia, poder para testemunhar e fruto na vida dos discípulos.

O dom de línguas é um entre vários dons. Nem todos recebem o mesmo dom. Isso é o próprio apóstolo quem diz:

“Porventura, são todos apóstolos? São todos profetas? São todos mestres? Operam todos milagres? Têm todos dons de curar? Falam todos em outras línguas? Interpretam todos?”

1 Coríntios 12:29-30

A resposta evidente é “não”. Nem todos falam em línguas, nem todos interpretam. E isso não significa que não tenham o Espírito. Significa apenas que o Espírito distribui os dons como quer.

Reduzir o batismo no Espírito Santo a um único sinal é empobrecer a obra de Deus. O principal sinal da presença do Espírito não é o dom, mas o fruto.

“Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio.”

Gálatas 5:22-23

Há quem “fale em línguas” o culto todo, mas não tem domínio próprio, não tem mansidão, não tem fidelidade, vive em mentira, adultério, ausência completa de santidade. Que Espírito é esse que não transforma caráter?

De nada adianta alguém gritar em “línguas” se não vive o evangelho no dia a dia. Isso é religiosidade vazia.

5. Equilíbrio: orar em línguas, mas com entendimento do lugar

Paulo não proíbe orar em línguas. Ele mesmo afirma:

“Dou graças a Deus, porque falo em outras línguas mais do que vós todos.”

1 Coríntios 14:18

Ele reconhece que, ao orar em língua, o espírito ora, mesmo quando a mente não entende plenamente:

“Porque, se eu orar em outra língua, o meu espírito ora de fato, mas a minha mente fica infrutífera. Que farei, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com a mente; cantarei com o espírito, mas também cantarei com a mente.”

1 Coríntios 14:14-15

Então, há lugar para a oração em línguas, sim — sobretudo no secreto, no particular, no momento de intimidade com Deus. Ali, a edificação é pessoal, o coração se derrama diante do Senhor, e não há confusão pública.

O problema não é a pessoa orar em línguas. O problema é transformar isso em palco. É querer que todos vejam, ouçam, admirem, e ainda achar que quem não faz igual é “crente de segunda categoria”.

Se o Senhor te der esse dom, use-o com humildade e discernimento. Ore em línguas em seu quarto. Use com temor. E, se em algum momento o Espírito impulsionar uma manifestação pública, lembre-se das regras bíblicas: dois ou três, um de cada vez, com intérprete, e sempre para edificação, nunca para exibição.

6. Falsificações e exageros

Não podemos ser ingênuos. Em muito lugar por aí, o que se chama de “língua” não passa de repetição mecânica de sílabas decoradas. Alguém começa a dizer uma sequência, outros repetem, até virar costume. Com o tempo, todos sabem que “na hora do fogo” é para soltar aquelas sílabas.

Em outros casos, há pressão psicológica: a pessoa é levada para frente, colocam as mãos na cabeça dela, empurram, alguém no ouvido diz: “fala, fala, abre a boca!”, e a pessoa, constrangida, começa a repetir qualquer som para não “envergonhar o pastor” nem aparecer como “sem fé”.

Isso é sério. Isso é teatro. É pecado. É mentira.

O Espírito Santo não precisa de empurrão, nem de sugestão, nem de treino. Quando Ele dá um dom, a coisa é natural, espontânea, não forçada.

Além disso, há manifestações que não são obra de Deus. O inimigo também sabe imitar. Ele sabe produzir êxtase, frenesi, convulsão, gritos. O fato de algo ser “sobrenatural” não significa que seja do Espírito Santo. Por isso tudo deve ser julgado à luz da Palavra.

***“Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias; julgai todas as coisas, retende o que é bom.”
1 Tessalonicenses 5:19-21***

Não é para desprezar dons. Mas é para julgar. Se o “dom” leva ao orgulho, à confusão, à desordem, à quebra da Palavra, não é dom espiritual saudável; é carne, alma, ou algo pior.

7. Resumo pastoral: onde colocar o falar em línguas

Colocando tudo no lugar:

Falar em línguas é dom real do Espírito, não invenção humana.

Em Atos 2, eram idiomas humanos reais, usados para evangelizar povos diversos.

Em outros contextos, o dom pode se manifestar como língua que ninguém da assembleia conhece, mas nesse caso precisa de intérprete para edificação da igreja.

Não é prova obrigatória de batismo no Espírito. O principal sinal da presença do Espírito é o fruto: caráter transformado, santidade, amor, domínio próprio.

Na igreja, o que governa é a edificação coletiva: é melhor uma palavra clara que dez mil incompreensíveis.

O ambiente de show, gritaria, descontrole, “todo mundo falando ao mesmo tempo”, sem interpretação, é contrário ao ensino de 1 Coríntios 14.

O uso mais seguro do dom, para quem o recebe, é na oração particular, com humildade, sem vanglória.

Se você já foi ensinado a pensar que, sem “línguas”, você não tem o Espírito, volte à Escritura. Se você foi treinado a “falar língua” para agradar pastor ou denominação, arrependa-se de participar de algo que não é genuíno.

Busque o Senhor, busque a plenitude do Espírito, mas busque dentro da Palavra. Se for da vontade de Deus te dar esse dom, Ele dará, no tempo dEle, sem pressão, sem teatro. E, se não der, mas encher sua vida de amor, santidade, verdade e domínio próprio, isso já é mais do que suficiente para mostrar Sua presença.

Mais importante do que qualquer dom é viver em obediência ao Doador. Leia e pratique a Bíblia.

Capítulo 3 – Jejum

Jejum é um daqueles assuntos que quase todo mundo já ouviu falar, mas poucos pararam para estudar com calma na Palavra. Em muitos lugares, virou ferramenta de marketing espiritual: “jejum das causas impossíveis”, “jejum do milagre urgente”, “jejum da resposta rápida”. Em outros, virou apenas uma prática religiosa vazia, carregada de tradição, mas sem entendimento.

De um lado, há quem faça jejum achando que está comprando bênçãos. De outro, há quem despreze completamente essa disciplina, como se fosse coisa do passado. No meio de tudo isso, Deus continua sendo o mesmo, e a Bíblia continua explicando o que é jejum de verdade, para que serve, quando agrada e quando é abominação.

1. O ensino direto de Jesus sobre o jejum

A primeira coisa que precisamos ver é como Jesus tratou o jejum. Ele não manda ninguém fazer propaganda disso. Ele não usa jejum como palco, nem como chantagem com Deus. Ele presume que seus discípulos jejuariam — mas de forma discreta, em secreto, como expressão de humilhação e dependência.

“Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas; porque desfiguram o rosto com o fim de parecer aos homens que jejuam. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto, com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e sim a teu Pai, em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.”

Mateus 6:16-18

Jesus deixa claro alguns pontos:

Jejum não é espetáculo. Os hipócritas “desfiguram o rosto” para que todos saibam que estão jejuando. Fazem cara de coitados, falam para todo mundo, contam quantas horas ficaram sem comer, como se isso os tornasse mais santos.

O discípulo deve fazer o oposto: lavar o rosto, arrumar-se, aparentar normalidade, para não parecer aos homens que está jejuando.

Jejum é algo entre você e o Pai. Ele vê em secreto. Se já ganhou aplauso de gente, já recebeu a “recompensa” — e esqueça achar que Deus deve alguma coisa por isso.

Isso, por si só, já desmonta a lógica de “jejum coletivo de campanha”, cheio de cartaz, tema, promessa específica, programado como ferramenta para atrair gente para o templo. Se todo mundo sabe, se é usado em propaganda, se se faz anúncio em púlpito para mostrar quantas horas a igreja “aguenta”, já se está fugindo do modelo que o Senhor apresentou.

2. O que é jejum bíblico — e o que não é

Outro ponto fundamental é entender o que é jejum, biblicamente, e o que as pessoas inventaram em volta disso.

Jejum, na Bíblia, não é:

“jejum de redes sociais”;

“jejum de refrigerante”;

“jejum de chocolate”;

“jejum de carne vermelha”;

“jejum de televisão”.

Essas coisas podem ser renúncias, disciplinas pessoais, mudanças de hábito, dietas, detox de mídia. Podem até fazer bem para a saúde ou para a mente. Mas chamar isso de “jejum” no sentido técnico bíblico é brincar com as palavras.

Jejum, na Escritura, é abstenção de alimento e, muitas vezes, também de água por um período determinado, em atitude de humilhação diante de Deus, acompanhado de oração e busca do Senhor.

Não existe, biblicamente, “jejum parcial” como muitos vendem. Ou a pessoa está sem comer (e, normalmente, sem beber, dependendo do tipo de jejum) por um tempo que ela estabeleceu com Deus, em consciência, ou não está jejuando.

É claro que há limites. Cada organismo tem sua capacidade. Há quem consiga ficar muitas horas; há quem, por questão de saúde, consiga pouco tempo. Há quem não possa, em momento algum, ficar totalmente sem alimento ou sem água por causa de medicação, doença, condição física.

Nesse caso, a pessoa não deve se sentir culpada nem tentar forçar o corpo para “impressionar Deus”. O Senhor conhece nossas limitações. Jejum não é para destruir a saúde. É para disciplinar a carne.

Jejum, então, é algo assim:

“Senhor, hoje, das 6h às 12h, não vou comer nem beber. Quero passar esse tempo diante de Ti, orando, meditando na Tua Palavra, buscando Tua direção, enfraquecendo a voz da minha carne e me submetendo à Tua vontade.”

Ou:

“Senhor, vou separar este dia, das 6h às 18h, em jejum completo. Não comerei e, dentro do que meu corpo aguenta, também não beberei, para me humilhar diante de Ti e tratar desta área da minha vida.”

Não se conta tempo de sono como “jejum”. Dormir não é humilhação, é descanso. Jejum é atitude consciente de renúncia e busca.

3. Jejum não é moeda de troca

Talvez o maior erro hoje seja usar jejum como forma de negociar com Deus: “vou ficar tantas horas sem comer para o Senhor me dar aquele emprego”, “vou jejuar para Deus trazer minha esposa de volta”, “vou jejuar para Deus converter meu marido”, “vou jejuar para conseguir aquele carro”.

Essa mentalidade transforma o jejum em moeda espiritual. É como se a fome fosse um pagamento e Deus fosse um caixa eletrônico: você coloca teu sacrifício, ele é obrigado a liberar a bênção. Isso é ofensa, não devoção.

Deus não se vende. Ele não precisa da nossa fome. Ele não é influenciado por barganha. Ele age por graça, por amor, por fidelidade à Sua Palavra. Não por causa de um “esforço” que fazemos na carne.

Jejum verdadeiro é para tratar a nossa carne, não para manipular a vontade de Deus.

Por exemplo: se você está travando uma luta muito forte na área sexual, pensamentos impuros, fantasias, desejos descontrolados, pode ser muito sábio separar um tempo de jejum para se humilhar diante do Senhor:

“Pai, minha carne está gritando nessa área. Eu não quero ser dominado por isso. Vou jejuar diante de Ti para enfraquecer esses impulsos e me colocar mais sensível à Tua voz.”

Não é: “vou jejuar para o Senhor tirar todo desejo e nunca mais eu ser tentado”. Não é mágica. É disciplina espiritual.

4. O jejum que Deus rejeita

O povo de Israel jejuava muito. Apresentava sacos, cinzas, rostos abatidos, cerimônias. Mas Deus, por meio dos profetas, deixou claro que nem todo jejum é aceito. Há jejum que Ele rejeita e, mais ainda, abomina.

Em Isaías 58, o Senhor confronta o povo:

“Clama a plenos pulmões, não te detenhas, ergue a voz como a trombeta e anuncia ao meu povo a sua transgressão e à casa de Jacó, os seus pecados.”

Isaías 58:1

O povo reclamava que jejuava e Deus não respondia:

“Dizendo: Por que jejuamos nós, e tu não atentas para isso? Por que afligimos a nossa alma, e tu não o levas em conta?”

Isaías 58:3a

E Deus responde:

“Eis que, no dia em que jejuais, cuidais dos vossos próprios interesses e exigis que se faça todo o vosso trabalho. Eis que jejuais para contendais e rixas e para ferirdes com punho iníquo; jejuando assim, como hoje, não se fará ouvir a vossa voz no alto. Seria este o jejum que eu escolheria? Que o homem um dia aflija a sua alma, incline a cabeça como o junco e estenda debaixo de si pano de saco e cinza? Chamarias tu a isto jejum e dia aceitável ao Senhor?”

Isaías 58:3b-5

Ou seja: o povo jejuava, mas, no mesmo dia, explorava trabalhadores, brigava, vivia em injustiça, opressão. Queriam que Deus valorizasse o sacrifício enquanto a vida continuava suja.

Jejum, sem arrependimento, é teatro religioso. Deus não se impressiona.

Ele diz qual é o jejum que agrada:

“Porventura, não é este o jejum que escolhi: que soltes as ligaduras da impiedade, desfaças as ataduras da servidão, deixes livres os oprimidos e despedaces todo jugo? Porventura, não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desabrigados; e, se vires o nu, o cubras, e não te escondas daquele que é da tua carne?”

Isaías 58:6-7

Jejum que agrada a Deus vem acompanhado de:

arrependimento de pecado;

prática de justiça;

misericórdia para com o necessitado;
abandono de opressão, mentira, maldade.

Não adianta ficar sem comer e continuar vivendo em adultério, mentindo, enganando, explorando, falando mal dos outros, guardando ódio. Esse jejum não passa do teto.

5. Jejum, batalha espiritual e autoridade

Há um texto que muitos citam quando falam de jejum em batalha espiritual. Jesus desce do monte, encontra um menino possesso que os discípulos não conseguiram libertar, e o pai desesperado pede ajuda.

“E perguntou-lhes: Que é que discutis com eles? E um, dentre a multidão, respondeu: Mestre, trouxe-te meu filho, possesso de um espírito mudo; e este, onde quer que o apanha, convulsiona-o, de modo que ele espuma, rilha os dentes e vai deficiando. Roguei a teus discípulos que o expelissem, e eles não puderam.”

Marcos 9:16-18

Depois que Jesus liberta o menino, os discípulos perguntam:

“Quando entrou em casa, os seus discípulos lhe perguntaram em particular: Por que não pudemos nós expulsá-lo? Respondeu-lhes: Esta casta não pode sair senão por meio de oração [e jejum].”

Marcos 9:28-29

Aqui vemos um aspecto importante: há batalhas espirituais mais pesadas, em que a carne precisa estar realmente quebrada, e a vida espiritual, fortalecida. Jejum, ligado à oração, tem seu lugar nesse contexto.

Mas note bem: não é o fato de ficar sem comer que expulsa demônios. Se a pessoa está na carne, sem comunhão com Deus, sem santidade, pode jejuar o mês inteiro e, ainda assim, apanhar na batalha espiritual. A autoridade vem da vida com Deus, da obediência, da fé, da submissão. O jejum é ferramenta de apoio, não “arma mágica”.

É por isso que muitos que se metem em sessões de “expulsão de demônios” sem base, sem santidade, sem preparo, acabam feridos, abalados, confundidos. Jejum não é escudo para quem não anda reto.

6. O famoso “jejum de Daniel”

Um dos modismos atuais é o chamado “jejum de Daniel”. Igrejas fazem campanhas de 21 dias, mandando as pessoas comerem só certos alimentos, como se isso fosse “jejum de Daniel” bíblico.

O texto que usam está em Daniel 1:

“Resolveu Daniel firmemente não contaminar-se com as finas iguarias do rei, nem com o vinho que ele bebia; então, pediu ao chefe dos eunucos que lhe permitisse não contaminar-se.”

Daniel 1:8

E depois:

“Então disse Daniel ao cozinheiro-chefe a quem o chefe dos eunucos havia encarregado de cuidar de Daniel, Hananias, Misael e Azarias: Experimenta, peço-te, os teus servos dez dias, e que se nos deem legumes a comer e água a beber.”

Daniel 1:11-12

Daniel não estava, ali, em “campanha de jejum” moderna. Ele estava fugindo de contaminação com comida sacrificada a ídolos e impura segundo a lei. Foi uma decisão de santidade alimentar específica, em contexto de cativeiro babilônico, não um modelo universal de “jejum parcial” para crente do século XXI.

Quem hoje quer mudar a alimentação por saúde, por disciplina, que mude. Mas não chame isso de jejum no sentido que Jesus e a Bíblia usam. Senão, confundimos tudo e damos nome santo a dieta.

7. Jejum: algo pessoal, íntimo, dirigido por Deus

Somando tudo, o jejum bíblico se mostra como:

uma prática pessoal, não uma estratégia de marketing;

uma atitude de humilhação e busca, não moeda de troca;

algo feito em secreto, sem propaganda;

um meio de tratar a carne e fortalecer o espírito, e não um atalho para bênçãos materiais.

Você não precisa entrar em toda campanha de jejum que alguém inventar.

O correto é:

you ora;

pergunta ao Senhor se é tempo de jejuar;

deixa o Espírito Santo colocar no seu coração se deve jejuar, quando, por quanto tempo;

e faz isso em fé, com responsabilidade com seu corpo e com foco espiritual.

Não é o pastor que determina: “todos vão jejuar tal dia, tantas horas, que Deus vai fazer isso e aquilo”. Esse tipo de abordagem transforma jejum em ritual coletivo, com promessas que Deus não fez.

Se você quiser jejuar, entre no seu quarto, converse com o Pai. Deixe Ele dirigir. E, durante o jejum, cuide ainda mais da sua língua, do seu comportamento, dos seus olhos, dos seus pensamentos. Jejum sem santidade é dieta religiosa.

8. Conclusão pastoral

Jejum não é obrigatório como se fosse sacramento, mas é uma disciplina valiosa, quando bem compreendida. Ajuda a quebrar a carne, a nos tornar mais sensíveis à voz de Deus, a colocar as coisas no lugar.

Ao mesmo tempo, jejum feito da maneira que o sistema religioso tem vendido — como instrumento de campanhas, programas, trocas com Deus — é perigoso, enganoso e não traz o fruto que o povo imagina.

Se você nunca jejuou, mas sente que o Espírito toca nesse ponto, não espere por calendário de campanha. Vá ao Senhor, abra o coração, peça direção. Comece com algo compatível com sua saúde, com entendimento. Faça isso como quem se achega ao Pai, não como quem tenta “arrancar” algo dEle.

Se você já jejuou, mas sempre dentro de esquemas antropocêntricos, peça ao Senhor que purifique sua motivação. Que, da próxima vez, seja por amor, por sede dEle, por desejo de vencê-lo a si mesmo, não por interesse escondido.

Acima de tudo, lembre-se: o Deus que vê o jejum também vê a vida. Ele não quer apenas um dia sem comida; Ele quer um coração sem idolatria, uma boca sem mentira, mãos sem injustiça, olhos limpos.

Leia e pratique a Bíblia.

Capítulo 4 – Orar no monte

Hoje em dia, principalmente nas igrejas pentecostais, criou-se uma espécie de “doutrina informal” em torno de orar no monte. Para muitos, subir ao monte de madrugada virou sinônimo de poder, de “nível maior” de espiritualidade, de busca mais profunda. Há quem diga que, no monte, “Deus fala mais”, que a oração lá é “mais forte”, que ali “o céu está mais aberto”.

O problema é que nada disso tem base bíblica como mandamento ou como regra. O que temos visto é muita emoção, muito costume humano e, em alguns casos, até superstição, sendo colocados no lugar do simples ensino de Jesus sobre a oração.

1. O “brilho no mato” e a necessidade de usar a razão

Talvez você já tenha ouvido histórias parecidas com estas: “Subimos o monte, ficamos ali orando horas, e de repente o mato começou a brilhar... As folhas brilhavam, os gravetos brilhavam... Era a glória de Deus naquele lugar”.

O que muita gente não percebe é que isso tem uma explicação natural. Dependendo do tipo de vegetação, da quantidade de fósforo no solo e do próprio suor que escorre da pessoa que fica muito tempo ali, esse suor cai nas folhas, nos gravetos, e, em certas condições de luz, umidade e ambiente, aquilo parece mesmo brilhar. Se você recolher esse material e levar para um quarto escuro, observando com calma, pode ver algo parecido.

Não existe espiritualidade nisso, não existe nada de milagroso nesse “brilho de graveto”. É um fenômeno físico, simples, que a emoção religiosa transformou em sinal. Precisamos ser racionais, pensar bem, pesar as coisas à luz da Palavra, e não sair interpretando qualquer coisa diferente como manifestação sobrenatural.

No início da minha caminhada, algumas vezes me chamaram para orar no monte. Uma vez, o pessoal do Instituto Teológico Quadrangular me disse: “Pastor, vamos subir no monte para fazer oração”. Para não ser grosseiro, acabei indo. Eles naquela empolgação toda, e eu observando, olhando o ambiente, a postura, o clima espiritual. E a conclusão foi simples: não vi nada de diferente. Da mesma forma que Deus pode se manifestar ali, pode se manifestar em qualquer lugar. Não tem nada demais no monte em si.

2. O que Jesus mandou quanto ao lugar da oração

Em nenhum momento da Palavra de Deus Jesus mandou alguém orar no monte. Ele mesmo, em algumas ocasiões, subia a montes para ter privacidade, para ficar em lugar retirado, longe da multidão. Mas isso foi circunstancial, não doutrinário. O que Ele ordenou claramente foi outra coisa.

Veja o ensino de Jesus em Mateus 6, a partir do versículo 5:

“E, quando orardes, não sejais como os hipócritas; pois eles gostam de orar em pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa. Mas tu, quando orares, entra no teu aposento, e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê o que está em secreto, te recompensará publicamente.” (Mateus 6:5-6, KJA)

Quem são os hipócritas? São aqueles que querem aparecer, que gostam de orar em pé, em voz alta, em lugar visível, para serem admirados pelos outros. Fazem oração longa, cheia de expressão

bonita, para ouvir comentário do tipo: “Que oração forte!”, “Que oração poderosa!”. Mas Jesus diz que esse tipo de gente já recebeu a recompensa: o aplauso humano.

O que Ele manda ao discípulo é exatamente o contrário: “entra no teu aposento, e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em secreto”. (Mateus 6:6, KJA)

Ou seja:

O lugar que Ele destaca não é o monte; é o aposento, o quarto.

Ele fala de porta fechada, e não de lugar aberto para plateia.

O foco é o Pai que vê em secreto, e não as pessoas que veem do lado de fora.

Portanto, do ponto de vista de mandamento, o que temos é: oração em secreto, em intimidade, sem espetáculo, sem necessidade de cenário especial. É isso que Jesus ensinou.

3. Eu posso orar em qualquer lugar

Eu, por exemplo, tenho várias maneiras de orar ao longo do meu dia. Gosto muito de viajar de madrugada. Quando preciso ir a alguma cidade mais distante, saio bem cedo, pego a estrada quase vazia, coloco um louvor baixinho e vou dirigindo e conversando com Deus. Ali, sozinho no carro, eu vou falando com o Pai, abrindo o coração, pedindo direção, agradecendo.

Eu oro tomando banho, oro deitado, oro ajoelhado, oro em pé, oro andando, oro fazendo alguma outra coisa. Posso estar preparando o alimento e ali mesmo já estou agradecendo a Deus por aquele alimento, pedindo que Ele abençoe, que santifique.

Não faço uma refeição sem, pelo menos em pensamento, agradecer e consagrar aquele alimento ao Senhor. Isso tudo é oração.

Então, para que eu preciso sair de casa e subir um monte para orar, se eu posso falar com Deus em qualquer lugar? É claro que, se alguém quer ir a um lugar mais silencioso para se concentrar, pode ir a um sítio, a um lugar mais afastado, um parque silencioso. Mas isso é questão prática, não doutrinária.

Deus é Espírito, e não está preso a geografia.

“Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.” (João 4:24, KJA)

Se eu posso adorá-Lo e falar com Ele em espírito e em verdade, posso fazê-lo dentro do ônibus indo trabalhar, posso fazê-lo no meu trabalho, fazendo um serviço manual, varrendo, carregando alguma coisa, e ali mesmo estar orando e falando com o Senhor. Não preciso subir monte para isso.

4. Riscos e hipocrisias em torno do monte

Outro ponto que quase ninguém considera são os riscos e as distorções que se juntaram ao hábito de orar no monte.

O que pode acontecer no monte? Assalto, roubo, estupro, ataque de animal, acidente no caminho. Pessoas indo de madrugada para lugares isolados, sem iluminação, sem segurança, às vezes sozinhas ou em grupos sem preparo nenhum. Será que Deus quer que você se coloque em risco para, supostamente, ser mais espiritual?

Além disso, existe muita hipocrisia em torno disso. Tem gente que já consagrou pedra específica no monte, como se aquela pedra fosse “ponto forte de oração”. Já ouvi gente dizer: “Aquele pedra ali é a pedra onde Deus fala”. As pessoas chegam ao ponto de idolatrar pedra de monte, como se naquele lugar Deus estivesse mais presente do que em qualquer outro canto.

Isso é idolatria de lugar. É transformar um pedaço de pedra em espécie de amuleto evangélico.

A razão de Jesus subir ao monte, nos evangelhos, era porque Ele não tinha privacidade, vivia cercado por multidões. O monte era um lugar retirado para estar a sós com o Pai. Nós, hoje, temos casa, quarto, porta que fecha. Não precisamos de monte para ter privacidade.

O que precisamos é de um lugar onde possamos falar com Deus sem distração, sem teatro, sem preocupação com quem está olhando.

5. “Nem neste monte, nem em Jerusalém”

Há um texto muito importante para esse assunto, em João 4, quando Jesus conversa com a mulher samaritana. Ela traz justamente a questão do “lugar certo” para adorar:

“Disse-lhe a mulher: Senhor, vejo que és profeta. Nossos pais adoraram neste monte, mas vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar. Disse-lhe Jesus: Mulher, crê-me que a hora vem em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.”
(João 4:19-24, KJA)

Os samaritanos diziam: “Nossos pais adoraram neste monte”. Os judeus diziam: “O lugar certo é Jerusalém”. Jesus desmonta as duas posições. Ele diz que vem a hora – e já havia chegado – em que não seria nem neste monte, nem em Jerusalém.

Não é o monte. Não é a cidade. Não é o templo físico. É em espírito e em verdade.

Hoje, muita gente corre para Jerusalém achando que, se orar lá, se for batizado no Jordão, se pisar em determinados pontos turísticos, isso terá um valor espiritual maior. Mas Jesus já disse que a questão não é mais “este monte” ou “Jerusalém”. A questão é adorar o Pai em espírito e em verdade.

Da mesma forma, há quem pense que, se for no monte tal, na pedra tal, “onde Deus fala”, a oração será mais atendida. É o mesmo erro em outra roupagem. O Pai procura adoradores, não “turistas espirituais” atrás de lugares especiais.

6. “Eu gosto do monte” não é critério bíblico

Talvez alguém diga: “Mas eu gosto de ir ao monte. Eu me sinto bem lá. Sinto algo diferente”. Eu não duvido do sentimento da pessoa. Em um lugar mais silencioso, afastado, sem barulho da cidade, é natural que a mente se acalme, que a pessoa se concentre mais.

Mas perceba: o fato de você gostar não transforma isso em doutrina. O fato de você se sentir bem não transforma isso em mandamento de Deus.

Nós não temos que fazer apenas o que nos faz sentir bem; temos que fazer o que é bíblico.

Não existe base bíblica alguma para afirmar que oração no monte é mais poderosa, mais eficaz ou mais aceitável do que oração no quarto, na sala, no ônibus, na cozinha, desde que seja feita em

espírito e em verdade. Pode ser que, por ser um lugar afastado, você se desligue mais da correria do dia a dia, mas isso é apenas uma condição prática.

O problema começa quando se transforma o monte em “lugar santo”, em “ponto de poder”, como se Deus dependesse daquele lugar para agir.

Tem gente que leva garrafinha de água para consagrar no monte, queima carta, queima pedido, faz fogueira “santa” no monte, como se o local em si tivesse algum poder. Isso é mistura de práticas, muitas vezes com resquícios de religiosidade mística, e não ensino claro do evangelho.

7. O que Deus mandou, afinal, sobre oração?

Quando juntamos tudo, a conclusão é simples:

Deus não proibiu ninguém de orar em lugar aberto, num sítio, num morro, num parque. O problema não é o lugar em si.

O que Ele mandou, claramente, foi: “entra no teu aposento, e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em secreto”. (Mateus 6:6, KJA)

Ele também disse que o Pai procura adoradores que o adorem “em espírito e em verdade”. (João 4:23-24, KJA)

Não há, em lugar nenhum, promessa de que a oração no monte é mais forte do que a oração em casa.

Portanto, o melhor lugar para orar é aquele em que você pode estar totalmente entregue, falando com o seu Deus, com sinceridade, com verdade, sem teatro e sem preocupação com quem está olhando. Pode ser o seu quarto, com a porta fechada; pode ser o banheiro; pode ser o carro; pode ser até um lugar afastado na natureza, se isso te ajudar a se concentrar – desde que você não transforme o lugar em amuleto.

Deus é Espírito. Ele não está limitado por altura de terreno, por coordenada geográfica, por monte ou por cidade. O que Ele vê é o coração.

Por isso, não é obrigatório, não é necessário, nem é “mais espiritual” ir a um monte para orar. Se você quiser ir, vá com entendimento, sem superstição, sem idolatrar o lugar. Mas, acima de tudo, obedeça ao que Jesus mandou: ore em secreto, adore em espírito e em verdade, leia e pratique a Bíblia.

Capítulo 5 – Oração: como fazer

Muita gente não entende o que é oração e, por não compreender, acaba praticando uma série de coisas que não têm fundamento bíblico. Tem muita coisa que as pessoas acreditam que é bíblica, mas não é. Por que as pessoas acreditam? Porque não examinam bem a Palavra.

O que nós temos que entender é que oração não é simplesmente chegar e ficar repetindo as mesmas coisas várias vezes. A Igreja Católica, por exemplo, entende que ficar repetindo o Pai Nosso várias vezes é oração, e não é. Ave-Marias, salve-rainhas, essas coisas todas não passam de repetições, mas não são oração do ponto de vista bíblico. Não têm valor bíblico; para Deus isso é um aborrecimento.

Pense como pai: imagine seus filhos chegando diante de você e ficando ali repetindo a mesma coisa, as mesmas palavras, várias e várias vezes. Você ia se aborrecer. No começo talvez ache graça, mas depois cansa. Da mesma forma, tem pessoas que acham que oração é ficar repetindo o mesmo pedido, a mesma frase, toda hora.

1. O que é oração de verdade

O que é oração?

Oração é quando você vem diante do seu Pai, Deus Todo-Poderoso, com respeito, reverência, e expõe para Ele uma situação. Você apresenta o que está acontecendo e pede, se possível, que Ele resolva. Ao mesmo tempo, você fala para Ele o que está sentindo; você se abre com Ele.

Por exemplo: quando você diz “Senhor, eu vou me alimentar agora, abençoa este alimento, obrigado por este alimento”, isso é oração.

Um agradecimento é oração.

Um pedido é oração.

Uma intercessão é oração.

Você vê uma pessoa sofrendo na rua e faz uma oração curta: “Senhor, se possível, muda a situação dela, tem misericórdia.” Você vê uma pessoa doente: “Senhor, se possível, cura essa pessoa em nome de Jesus.”

Tudo isso é oração.

Você não precisa fazer oração longa, não precisa ficar repetindo a mesma coisa muitas vezes. Nós temos que entender isso.

2. O ensino de Jesus sobre a oração

Jesus nos ensina sobre oração em Mateus 6.

Em Mateus 6, versículo 5, Ele diz:

“E, quando tu orares, não sejas como os hipócritas; pois eles adoram orar em pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a sua recompensa.” (Mateus 6:5, KJA)

Tem pessoas que gostam de aparecer na oração. Gostam de orar em pé, na frente, em voz alta, para todo mundo ver. As pessoas então comentam: “Nossa, que oração bonita!”, “Que oração

poderosa!”, “Que palavras fortes!”, e acham que isso é espiritualidade. Mas muitas vezes é só emoção, retórica, nada a ver com espiritualidade verdadeira.

Tem gente que gosta de plateia: “Ah, fulano tem uma oração bonita, palavra poderosa!”. Mas se não estiver de acordo com a Palavra de Deus, se não for sincero, não adianta.

Jesus continua:

“Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente.” (Mateus 6:6, KJA)

O que é isso? Intimidade.

Oração é intimidade entre você e seu Pai.

Tem pessoas que gostam de orar na rua, na praça, fazer barulho, justamente para serem vistas. Mas o ensino de Jesus é: entra no quarto, fecha a porta, fala em secreto com o Pai.

Claro que existe oração pública também, na igreja, no culto, alguém dirigindo uma oração. Isso é bíblico, não tem problema. Mas a base da vida de oração é o relacionamento íntimo com Deus.

Nós precisamos orar muito, mas orar a Deus, e não para os homens verem.

Oração não é teatro. Oração é diálogo.

Você se coloca diante do Senhor e fala o que está no seu coração naquele momento. Às vezes está triste, às vezes alegre, às vezes confuso; você abre isso para Deus. Você não precisa ficar repetindo fórmulas prontas. A religião ensinou muitas orações decoradas, mas isso não é o que a Bíblia mostra.

No versículo 7, Jesus continua:

“E, orando, não useis de vãs repetições, como fazem os pagãos, pois pensam que por muito falarem serão ouvidos.” (Mateus 6:7, KJA)

Ou seja, não é ficar repetindo mil vezes a mesma coisa que vai fazer Deus te ouvir. As pessoas pensam que, insistindo, Deus vai “cansar” e fazer o que elas querem. Isso não é fé, é religiosidade.

3. Campanhas, repetições e ritual vazio

Do mesmo modo, muitos ambientes evangélicos criaram essa ideia de “campanha”. Campanha de sete dias, de 21 dias, de 40 dias, campanha disso, daquilo.

Você não encontra Jesus ou os apóstolos mandando fazer campanha de oração como se vê hoje, nesse formato de repetição ritual.

As pessoas entram em campanha e ficam repetindo os mesmos pedidos todos os dias: pelo marido, pelo emprego, pela casa, pelo carro, pela saúde, como se fosse uma fórmula.

“Estou na campanha pela restauração do casamento”, “na campanha do emprego”, “na campanha da casa própria”.

Isso se torna um ritual vazio, que agrada a emoção, mas não significa que esteja de acordo com a Palavra de Deus.

Alguém diz: “Ah, mas eu me sinto bem na campanha.”

A questão não é “se sentir bem”; a questão é se é bíblico.

Não é porque você se sente bem fazendo algo que isso passa a ser aprovado por Deus.

Tem gente que acha que ora porque recita um salmo todo dia, ou porque repete sempre a mesma oração. Mas oração é falar com Deus, é se relacionar, é buscar a vontade dEle.

Não é apenas repetir palavras, seja Pai Nosso, seja qualquer outra.

No versículo 8, Jesus diz:

“Portanto, não vos assemelheis a eles, pois vosso Pai sabe do que haveis necessidade, antes que lho peçais.” (Mateus 6:8, KJA)

Quer dizer: Ele já sabe do que precisamos antes mesmo de pedirmos.

Então por que orar?

Porque oração não é informar a Deus. É se relacionar com Ele, é colocar nossa vontade diante dEle e nos submetemos à vontade dEle.

Buscar primeiro o Reino de Deus e a Sua justiça, e as demais coisas nos serão acrescentadas. (Mateus 6:33, KJA)

4. Ansiedade, insistência e a vontade de Deus

A ansiedade leva a pessoa a ficar pedindo a mesma coisa o tempo todo.

“Ah, Deus está demorando.”

Quem disse que Ele é obrigado a fazer na hora? Ele age no tempo dEle, do jeito dEle.

Existe a parábola da viúva persistente, em Lucas 18, em que Jesus mostra que é preciso orar sempre e nunca desanimar. (Lucas 18:1-8, KJA) Alguns, porém, entendem errado e acham que Deus responde por cansaço.

Mas Deus não é juiz injusto; Ele é justo. A parábola mostra que, se até um juiz injusto acaba fazendo justiça diante da insistência, quanto mais Deus, que é justo, atenderá em tempo oportuno. Não é que Deus “canse”; Ele responde em justiça, no tempo certo e do jeito certo.

Paulo também é um exemplo. Ele tinha um espinho na carne, um incômodo que Deus permitiu. Ele orou três vezes para que aquilo fosse tirado. Três vezes. E Deus respondeu:

“A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza.” (2 Coríntios 12:9, KJA)

Ou seja: Deus disse “não”.

E Paulo entendeu e parou de insistir.

Se Deus diz “não”, é não. Não adianta ficar em campanha eterna tentando forçar Deus a mudar a resposta.

Tem gente que quer determinar coisas para Deus: “Eu determino, eu decreto, eu exijo.” Como se Deus fosse obrigado a obedecer.

Ninguém determina nada a Deus. Nós pedimos, clamamos, suplicamos, mas sempre: “seja feita a Tua vontade”. (Mateus 6:10, KJA)

Oração verdadeira é submissão à vontade de Deus.

5. Pedir em nome de Jesus

Em João 14, a partir do versículo 10, Jesus diz que as palavras que Ele fala não são por Sua própria conta, mas que o Pai, que está nEle, faz as obras. (João 14:10, KJA) Ele diz que quem crê nEle fará também as obras que Ele faz, e até maiores, porque Ele vai para o Pai.

E declara:

“E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, Eu o farei.” (João 14:13-14, KJA)

Pedir em nome de Jesus não é apenas colocar “em nome de Jesus” no fim da frase.

Pedir em nome de Jesus é pedir de acordo com a vontade de Jesus, com o caráter de Jesus, com a Palavra de Jesus.

Se pedimos algo de acordo com a vontade de Deus, para a glória dEle, Ele atende. Se pedimos coisas carnisais, para vaidade, orgulho, status, Deus não é obrigado a atender.

Por exemplo: a pessoa quer um carro novo só para se exibir, não por necessidade. Isso é diferente de quem precisa de um veículo para trabalhar, para servir, para se locomover com a família. Deus conhece intenções.

Então, oração não é “mandar” em Deus. É alinhar o coração com a vontade dEle.

6. O resumo de uma oração bíblica

Oração verdadeira é conversa sincera, onde abrimos o coração, confessamos pecados, pedimos perdão, agradecemos, apresentamos necessidades, mas sempre com: “seja feita a Tua vontade”. (Mateus 6:10, KJA)

Não é fazer barganha, não é entrar em campanhas como se fossem contratos: “Eu faço isso, o Senhor faz aquilo.” Não é repetir mil vezes. É confiar.

Se eu oro pedindo cura, por exemplo, eu apresento isso a Deus com fé. Se Ele cura, glória a Deus. Se Ele não cura, Ele continua sendo Deus, e eu continuo O adorando.

A fé não depende de Deus fazer tudo que queremos, da forma que queremos.

Então, em resumo:

Oração não é repetir fórmulas prontas.

Oração não é teatro para os outros verem.

Oração não é insistência vazia em campanhas para tentar forçar Deus.

Oração é diálogo com Deus, em intimidade, em verdade, com reverência.

A essência da oração é submeter nossa vontade à vontade de Deus.

Nós precisamos sair da religiosidade e voltar para o evangelho.

Precisamos ler e praticar a Bíblia.

Que Deus te abençoe e te dê entendimento sobre o que é oração de verdade, para que você tenha uma vida de comunhão real com Ele, e não apenas práticas religiosas vazias.

Capítulo 6 – Dinheiro não traz prosperidade

Então, trazendo ainda luz sobre algo que é bom que nós tenhamos em mente: a igreja somos nós.

Vamos aprender, a partir do versículo 19, no evangelho de Mateus, capítulo 6. Jesus diz assim – é o Senhor Jesus dizendo:

“Não acumuleis para vós tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e roubam. Mas ajuntai para vós tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não arrombam nem roubam. Pois onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.” (Mateus 6:19-21, KJA)

Ele nos mostra que nós não devemos andar desesperados em busca de dinheiro para viver, porque a preocupação de muita gente é dinheiro, é enriquecer, e essa não pode ser a nossa finalidade.

Nossa finalidade em servir a Cristo é conhecer a Cristo. Nós temos um palácio, temos um Reino para viver; nosso verdadeiro lar é lá. Aqui nós andamos pouco tempo; o importante é trilhar o caminho de maneira correta, de acordo com a Palavra do Senhor.

Mas, como nós estamos comprometidos demais com as coisas do mundo, com coisas da carne, com bens materiais, nós vamos nos afastando cada vez mais do Reino de Deus. Nossa preocupação é: “Amanhã tenho que ter isso, tenho que ter aquilo, tenho que enriquecer, eu tenho que ter, porque tenho que deixar isso e aquilo para o meu filho; quando ele chegar a uma certa idade, eu tenho que me aposentar, tenho que me aposentar bem, tenho que ter casas de aluguel, tenho que ter renda, tenho que isso, tenho que aquilo.”

Isso mostra que você não confia no Senhor.

1. O engano do “evangelho da riqueza”

Esse ensino de Cristo vai frontalmente contra esses ensinamentos heréticos muito divulgados hoje nos templos.

Essa questão de “Deus quer te dar propriedades, casas, fazendas, muito dinheiro”, como se isso fosse promessa bíblica. Nós não vemos, em nenhum momento, Jesus falar isso. Jesus não prometeu nada disso; ao contrário, Ele nos mostra o perigo do apego às riquezas.

Quando nós estamos dedicados a buscar dinheiro, ainda que seja “para a família”, nós estamos nos afastando dEle. Nós não temos compromisso com Ele quando a nossa prioridade é acumular.

As pessoas dedicam tempo demais a buscar dinheiro e chamam isso de “bênção de Deus”, e não é.

O que é que nós temos que ajuntar como tesouro para entrar no céu?

Tesouro no céu é guardar a Palavra do Senhor, andar de acordo com ela, viver em obediência, amar a Deus e ao próximo.

Não há problema em trabalhar. Devemos trabalhar, sim, mas sabendo que tudo provém do Senhor. Trabalhamos para comer, beber, dormir, ter roupa para vestir, sustentar a casa, e também ajudar na obra de Deus e a quem precisa.

Mas não podemos viver desesperados por dinheiro. Não podemos viver dizendo: “Eu tenho que ter, eu tenho que ter.”

Existe esse ensinamento de que você “precisa ter sua casa própria”, como se fosse mandamento. Se você paga aluguel e Deus tem te sustentado, glória a Deus. Se Deus te der condição de ter casa, amém; mas isso não pode ser idolatria.

A mesma coisa com carro. Você não é obrigado a ter carro novo todo ano. Se o carro que você tem atende, está resolvendo, para que a ansiedade de trocar de carro todo ano?

Porque muitos não compreendem a Palavra do Senhor:

“Buscai, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.” (Mateus 6:33, KJA)

2. Servindo a Deus ou ao dinheiro?

Vamos seguir até o versículo 24:

“Ninguém pode servir a dois senhores; pois ou odiará a um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.” (Mateus 6:24, KJA)

Mamom é o dinheiro.

Se o seu “deus” é o dinheiro, você está longe de Cristo.

Jesus está dizendo que você não pode servir a Deus e ao dinheiro ao mesmo tempo. Se a sua preocupação é juntar dinheiro, ganhar dinheiro, acumular dinheiro, você está longe de Cristo.

É necessário trabalhar, você precisa trabalhar, sim, para viver, para ter o mínimo, para sustentar a família, ajudar a obra de Deus, ajudar quem precisa. Mas não é para idolatrar o dinheiro.

Quando a pessoa fala: “Tenho que fazer poupança, tenho que guardar, tenho que juntar, porque não sei o dia de amanhã”, como se a segurança estivesse no banco, isso é falta de confiança em Deus.

Se Deus quiser, você continua; se Ele não quiser, você pode morrer na hora. Jesus garante que o Pai cuida dos seus. Ele cuida de nós.

E nós não podemos ficar correndo atrás de campanhas mentirosas que prometem riquezas.

Muitas igrejas fazem campanhas prometendo: “Deus vai te exaltar, vai te dar casa, vai encher o guarda-roupa, vai te dar fazenda”, e tudo isso é mentira, contrário à Palavra de Deus. Isso é corrupção do evangelho, é comércio da fé.

Tem denominação que faz propaganda: “Fulano era pobre, agora é rico depois que veio para a igreja.” Isso não tem nada a ver com o evangelho de Cristo.

3. Não andar ansiosos com o amanhã

No versículo 25, Jesus continua:

“Por isso vos digo: não vos preocupeis quanto à vossa própria vida, pelo que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais importante do que o alimento, e o corpo mais do que as roupas? Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai Celestial as sustenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas? Qual de vós, por mais que se preocupe, pode acrescentar um côvado à duração da sua vida?” (Mateus 6:25-27, KJA)

“E por que vos inquietais com as roupas? Reparai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham nem fiam; todavia, Eu vos asseguro que nem mesmo Salomão, em todo o seu esplendor, se

vestiu como um deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, quanto mais a vós, homens de pequena fé? Portanto, não vos preocupeis, dizendo: ‘Que comeremos?’ ou ‘Que beberemos?’ ou ‘Com que nos vestiremos?’ Pois são os gentios que se preocupam com todas essas coisas; o vosso Pai Celestial sabe que necessitais de todas elas.” (Mateus 6:28-32, KJA)

Então, quando alguém diz: “Eu tenho que arrumar dois, três empregos para viver, para me sustentar, sustentar minha casa, minha família”, isso pode mostrar que está confiando mais no próprio braço do que em Deus.

Trabalhar é necessário, sim, mas não viver escravizado pela ambição. Nossa confiança tem que estar no Senhor. Nós dependemos de Deus. Se o Senhor não quiser, nada acontece.

Por isso, a Palavra diz de novo:

“Buscai, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.” (Mateus 6:33, KJA)

Se Deus tem te dado condição de pagar aluguel, glória a Deus.

Tem gente que faz financiamento de imóvel por 30, 40 anos, e vive um sacrifício pagando prestação, condomínio, juros, tudo mais. Se não conseguir pagar, o banco toma. Enquanto isso, poderia morar em um imóvel alugado, com valor parecido, e sem esse peso de escravidão.

Tudo isso por quê? Porque a pessoa pensa: “Tenho que ter o meu imóvel.” Ela se endivida, se aperta, vive aflita. E a preocupação principal deveria ser o Reino de Deus.

Pais preocupados em deixar para os filhos casas, carros, dinheiro, propriedades, e não preocupados em deixar o evangelho, a Palavra, o exemplo de vida com Deus.

A melhor herança que podemos deixar é ensinamento, é o evangelho. Se os filhos aprenderem a confiar no Senhor, não lhes faltará o necessário.

Jesus termina esse trecho dizendo, no versículo 34:

“Portanto, não vos preocupeis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará suas próprias preocupações. A cada dia basta o seu próprio mal.” (Mateus 6:34, KJA)

Por que se preocupar com amanhã? Devemos nos preocupar hoje em viver o evangelho. Amanhã pertence a Deus.

4. O jovem rico e o custo de seguir a Cristo

Em Mateus 19, nós temos o episódio do jovem rico.

A partir do versículo 16, lemos:

“Eis que alguém aproximando-se de Jesus lhe perguntou: ‘Mestre, que farei de bom para ganhar a vida eterna?’ Ao que Ele indagou-lhe: ‘Por que me perguntas sobre o que é bom? Há somente um que é bom. Todavia, se desejas entrar na vida, obedece aos mandamentos.’ Perguntou-lhe o homem: ‘Quais?’ Jesus afirmou: ‘Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo.’ Replicou-lhe o jovem: ‘A tudo isso tenho obedecido; o que ainda me falta?’ Jesus lhe respondeu: ‘Se queres ser perfeito, vai, vende todos os teus bens, dá o dinheiro aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me!’” (Mateus 19:16-21, KJA)

Mas o jovem, ouvindo essa palavra, retirou-se triste, porque era dono de muitas propriedades. Ele amava mais as riquezas do que a Deus.

Hoje, muita gente faz parecido. Fala: “Meu carro, minha casa, minhas economias, minha fazenda, minha empresa”, mas não fala com a mesma alegria: “Meu Deus, meu Senhor, meu Salvador.”

Jesus, então, diz aos discípulos:

“Em verdade vos digo que é extremamente difícil entrar um rico no Reino dos céus. E mais vos asseguro: é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no Reino de Deus.” (Mateus 19:23-24, KJA)

Ele está mostrando o perigo do apego ao dinheiro.

Não é que nenhuma pessoa rica possa ser salva; o problema é quando o coração está preso às riquezas. A figura do camelo e do fundo da agulha é para mostrar uma dificuldade enorme, quase impossível, por causa do apego.

Se a pessoa é rica, mas o coração não está no dinheiro, e sim em Deus, é outra história. Mas muitos têm o coração totalmente preso ao dinheiro.

Alguns acham que “Deus está me abençoando” porque estão ficando cada vez mais ricos, mas não param para pensar: isso vem de obediência, de honestidade, de fidelidade? Ou vem da ambição carnal, até de engano?

Muitos enriquecem pela mentira, pelo engano, inclusive usando o nome de Deus.

Tem campanhas prometendo multiplicar dinheiro, triplicar dinheiro: “Coloque no altar que Deus vai te devolver em dobro, em triplo.” Isso não é promessa bíblica. Se a pessoa quer ganhar mais, que trabalhe mais, invista, poupe; mas não existe promessa de esquema de enriquecimento rápido da parte de Deus.

A Bíblia não promete prosperidade financeira para todos. A principal prosperidade é espiritual. Jesus não prometeu mansões, carros, luxos. Ele prometeu vida eterna, paz, reconciliação com Deus.

Nós precisamos entender isso, abrir os olhos, parar de correr atrás de “evangelho de prosperidade”. Devemos voltar para o evangelho de Jesus Cristo, que fala de renúncia, cruz, obediência, santidade.

A grande prosperidade é ter Cristo. Se temos o necessário e temos Cristo, temos tudo. Se temos muito dinheiro e não temos Cristo, não temos nada. Leia e pratique o evangelho. Que Deus abençoe o seu dia.

5. Piedade não é fonte de lucro

Estávamos falando da questão da riqueza, dessas pregações em cima de prosperidade, porque não se conheceu o que é, de fato, a Palavra do Senhor.

Se a pessoa se aprofunda, vê que prosperidade não é dinheiro, enquanto muitos pregadores insistem em pregar que Deus está dando riqueza, está dando isso, aquilo, sendo que a riqueza que o Senhor nos dá não é essa, e não da maneira como eles tentam fazer as pessoas acreditarem.

São muitas as pessoas que acreditam dessa forma e vão para templos atrás de pregadores que ficam oferecendo, falando que Deus está dando riqueza, dando dinheiro, dando isso, dando aquilo.

Na verdade, o que ocorre é que essas pessoas é que levam o dinheiro para esses pastores, para esses templos, por causa de campanhas, votos, “fogueira santa”, e esses templos ficam cada vez mais ricos, esses pregadores cada vez mais ricos, e o povo cada vez mais pobre.

Isso porque o povo não escuta, não lê, não medita na Palavra de Deus.

Nós temos que meditar, entender que Jesus só tem uma maneira de agir na nossa vida: de acordo com a Sua Palavra. Ele não vai agir fora da Palavra.

Ontem estávamos em Mateus 19. Começamos no versículo 16 e fomos até o versículo 26, e agora vamos terminar aqui, do 27 ao 30; só faltam três versículos.

“Então Pedro, tomando a palavra, disse-lhe: ‘Eis que nós deixamos tudo e te seguimos; que recompensas teremos?’ Jesus lhes garantiu: ‘Em verdade vos asseguro: na regeneração de todas as coisas, quando o Filho do Homem se assentar no trono de sua glória, também vos que me seguistes vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel. E todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, mulher, filhos ou terras, por causa do meu Nome, receberá cem vezes mais e herdará a vida eterna. Contudo, muitos primeiros serão últimos; e muitos últimos serão primeiros.’” (Mateus 19:27-30, KJA)

Alguns pegam esse texto e falam: “Está vendo? Deixar casa, deixar tudo para seguir, e Deus vai dar cem vezes mais aqui.”

Mas não é isso que o texto ensina. Ele está falando de recompensa eterna, de vida eterna, não de receber 100 casas, 100 carros, 100 fazendas aqui na Terra. Cem vezes mais em termos espirituais, eternos, não em forma de riqueza material agora.

Muita gente diz: “Pastor, estou salvo, estou tranquilo, está tudo certo.” Mas será que está mesmo?

Não é porque você está numa denominação, se acha “evangélico”, “crente”, que está na presença do Senhor.

Muita gente corre atrás de templos em busca de profecia, revelação, campanha de prosperidade: “Vou buscar minha bênção; Deus vai me dar minha bênção, meu dinheiro, minha casa, meu carro.”

Não são seguidores de Cristo; são seguidores de bênçãos.

Para seguir Cristo, Ele tem que ser prioridade na nossa vida. Se Ele é prioridade, não vamos atrás dEle dizendo: “Senhor, me dá casa, me dá carro, me dá riqueza.”

Temos que entender que isso é armadilha na nossa vida.

6. O suficiente é bênção

A prosperidade do Senhor é você ter saúde, comer, beber, dormir e se vestir; é ter o suficiente.

Quando Jesus multiplicou pães e peixes, Ele não fez aparecer uma montanha de pão ou uma montanha de peixe sobrando. Ele multiplicou o suficiente para alimentar as pessoas, e ainda houve sobras, mas não para acumular riqueza.

Jesus nunca incentivou ninguém a acumular para ficar rico. O que temos que ter é o suficiente.

“Ah, pastor, mas eu preciso disso, preciso daquilo...”

Seu salário é suficiente? Se você tem o suficiente, se está abençoado, é o suficiente. Pode ser um salário simples, mas, se você não está passando necessidade, se está comendo, vestindo, pagando o básico, pronto, você está sustentado por Deus.

Às vezes você ganha pouco, mas consegue pagar aluguel, contas, alimento, e está bem. E o vizinho que ganha muito mais vive abarrotado de dívidas, se enrolando, pedindo dinheiro emprestado. Quem está melhor?

O que nós precisamos é estar na presença do Senhor. Glória a Deus se você tem um culto de ensino, se está aprendendo a Palavra; não fique buscando templos e pregadores mentirosos com intenção de enriquecer: “Vou para lá porque Deus vai me deixar rico, vai me dar isso, vai me dar aquilo.”

Eu desafio qualquer pessoa a me mostrar na Bíblia onde Deus prometeu enriquecer todo mundo, dar fazenda, casa, carro para todos os que seguem a Cristo. Isso é conversa fiada, é mentira.

Vamos continuar em 1 Timóteo 6.

“Se alguém ensina falsas doutrinas e não concorda com a sã doutrina de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino que é segundo a piedade, é orgulhoso e nada entende. Pelo contrário, tem doença por controvérsias e contendas acerca de palavras, das quais nascem inveja, brigas, difamações, suspeitas malignas e atritos constantes entre pessoas corrompidas em mente e privados da verdade, que pensam que a piedade é fonte de lucro.” (1 Timóteo 6:3-5, KJA)

Hoje a maioria concorda com essa ideia de “piedade como fonte de lucro”.

A maioria dos pregadores hoje diz: “Deus dá dinheiro, Deus dá casa, Deus dá isso, Deus dá aquilo.” Falam que, se você for fiel, Deus vai te dar carro novo, casa, empresa. Ele conhece nossas necessidades, sim, mas isso não quer dizer que Ele vá dar tudo, como se a piedade fosse um meio de enriquecimento.

A pergunta é: esse rico, esse milionário, essa pessoa que tem tanto, é homem de Deus? É mulher de Deus? Vive o evangelho? A prioridade dele é o Senhor ou é o dinheiro?

Nossa prioridade tem que ser o Senhor.

“Ah, pastor, mas eu não concordo.”

Você não tem que concordar comigo; tem que prestar atenção no que está escrito na Palavra. Eu não estou dando opinião particular, estou lendo o evangelho. Não posso pregar diferente da Bíblia; se pregasse diferente, estaria mentindo.

Muitos pregadores famosos que pregavam “evangelho da prosperidade” já admitiram publicamente que ensinaram errado. Teve pregador americano que pediu perdão, dizendo que, por muito tempo, pregou prosperidade material como se fosse vontade de Deus, e que isso estava errado.

E quantas pessoas se desviaram atrás dessa prosperidade?

Aqui no Brasil também há muitos especialistas em pregar prosperidade; templos cheios de gente correndo atrás de dinheiro, e o povo cada vez mais pobre.

Já vi casos de pessoa entregar carro, fazer voto, colocar carro usado no “altar” para Deus “dar um novo”, e depois ter que fazer financiamento, se endividar mais ainda. Isso é barganha, não é fé. “Eu dou isso, o Senhor me dá aquilo.” Isso é comércio, e muitos líderes vivem disso, recebem porcentagem da arrecadação, e quanto mais pedem, mais ganham.

Paulo diz que esses têm mente corrompida e são privados da verdade. Eles imaginam que a piedade é fonte de lucro.

7. Contentamento e libertação do amor ao dinheiro

Versículo 6:

“De fato, grande fonte de lucro é a piedade com contentamento. Pois nada trouxemos para este mundo e nada podemos dele levar; mas, se temos alimento e vestuário, estejamos com isso satisfeitos.” (1 Timóteo 6:6-8, KJA)

Entramos neste mundo sem nada e sairemos sem nada.

Mas o que muitos fazem? Lutam a vida toda para acumular coisas, e, no final, deixam tudo aqui e ainda perdem a salvação, porque se apegaram às coisas e se afastaram do Senhor. Quando chega a hora de partir, vai nu, sem nada, e, se não tiver Cristo, vai para perdição eterna.

O texto diz que devemos estar satisfeitos se tivermos o que comer e vestir.

“Ah, pastor, minha casa é simples.” Glória a Deus, você tem uma casa simples.

“Ah, pastor, minha comida é simples, não tenho carne todo dia.” Glória a Deus, se tem arroz e feijão, coma com gratidão.

“Meu carro é velho.” Glória a Deus se você tem um carro.

“Minha roupa não é de marca.” Glória a Deus, você está vestido.

O problema é dedicar tempo demais buscando o que não é do Senhor, e dando prioridade às coisas deste mundo.

Busque primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e as demais coisas serão acrescentadas. (Mateus 6:33, KJA)

Versículo 9 continua:

“Ora, os que desejam ser ricos caem em tentação, em armadilhas e muitos desejos insensatos e perniciosos, os quais afogam os homens na ruína e na perdição. Porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, desviaram-se da fé e se atormentaram a si mesmos com muitas dores.” (1 Timóteo 6:9-10, KJA)

Preste atenção: os que desejam ser ricos. Ele não está condenando ter algo; condena o desejo de ficar rico, essa ambição.

Não é o dinheiro em si, é o amor ao dinheiro. Muitos se desviaram da fé por causa dessa cobiça.

E isso vale também para pregadores. Tem pregador que começou bem, pregando o evangelho, e depois se encantou com dinheiro; o foco mudou, e hoje vive em função de arrecadação.

Não podemos colocar o dinheiro em primeiro lugar.

Não há promessa de Jesus de que, se você for fiel, Ele te dará riquezas, muitas casas, muitas fazendas.

Eu desafio qualquer um a mostrar no Novo Testamento Jesus pregando apego a riquezas ou incentivando acúmulo. Da mesma forma que desafio qualquer um a me mostrar no Novo Testamento aprovação a segundo ou terceiro casamento com cônjuge vivo, também desafio a mostrar Jesus prometendo enriquecimento material como regra. Não existe isso.

Se em algum momento Jesus falasse: “Venham a mim e eu vos darei riquezas, fazendas, mansões”, aí sim. Mas não é isso que está na Palavra.

O que Ele promete é vida eterna, paz, perdão, reconciliação com Deus. A maior prosperidade é ter Cristo.

Nós precisamos entender, abrir os olhos, parar de correr atrás de “evangelho de prosperidade”. Voltar para o evangelho de Jesus Cristo, que fala de renúncia, cruz, obediência, santidade.

Que Deus nos dê entendimento e nos livre desses enganos.

Que Deus abençoe. Abraço.

Capítulo 7 – Sonhos e visão

Em muitos ambientes, especialmente pentecostais, sonho e visão viraram linguagem comum. “Deus me mostrou em sonho”, “Deus me revelou em visão” se tornaram expressões frequentes, e muita gente constrói decisões, doutrinas e até ministérios em cima disso.

O problema é que, na maioria das vezes, não se faz distinção entre o que é sonho, o que é visão, o que é fruto da mente e o que, de fato, vem de Deus. O resultado é que muitos são guiados por impressões subjetivas, emoções e até enganos espirituais, acreditando sinceramente que estão sendo guiados pelo Senhor.

1. Sonho não é visão

As pessoas acabam confundindo muito sonho com visão. Visão é uma coisa; sonho é outra coisa totalmente diferente. Deus abençoa, Deus fala, Deus se revela para nós por visões, sim; mas são coisas distintas, com características diferentes.

Vamos ver primeiro exemplos bíblicos de sonhos.

Mateus registra assim:

“Mas enquanto meditava sobre isso, eis que em sonho lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: ‘José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, pois o que nela está gerado é do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, e lhe porás o nome de JESUS, porque Ele salvará o seu povo dos seus pecados.’” (Mateus 1:20-21, KJA)

Quando José descobriu que Maria estava grávida, e ele estava comprometido com ela, pensou em deixá-la. Não queria difamá-la, não queria expô-la. Planejava sair em silêncio. Mas, enquanto meditava nisso, em sonho Deus falou com ele. Em sonho, Deus revelou: não a deixes; o que está nela é do Espírito Santo; ela é virgem; o filho é obra de Deus; o nome será Jesus, e Ele salvará o povo de seus pecados.

Foi sonho, não visão. José estava dormindo.

Logo em seguida, Mateus mostra outro sonho:

“E, sendo por divina revelação avisados em sonho para que não voltassem para junto de Herodes, retornaram para a sua terra por outro caminho.” (Mateus 2:12, KJA)

Os magos tinham sido instruídos por Herodes a voltar e avisá-lo onde estava o menino, mas, em sonho, Deus os advertiu a não retornarem a Herodes. De novo: sonho, não visão.

Esses textos deixam claro: Deus pode usar sonhos para orientar, advertir, confirmar algo. Mas isso não significa que todo sonho venha de Deus.

2. A maioria dos sonhos não é revelação

É preciso reconhecer: a maioria dos sonhos que temos não é revelação de Deus. São fruto daquilo que pensamos, sentimos, vivemos, comemos e tememos.

Se alguém passa o dia inteiro preocupado com um problema, desejando algo intensamente ou com medo de determinada situação, é muito provável que acabe sonhando com isso. O cérebro continua processando o que foi alimentado durante o dia.

Há sonhos influenciados pela alimentação – quem come muito, ou come pesado à noite, muitas vezes tem sonhos confusos, pesadelos, sensação de correria, perseguição, tentativa de gritar e não conseguir. Em muitos casos, não é o diabo, não é revelação: é o corpo sobrecarregado.

Podemos listar, então, algumas fontes comuns de sonho:

fruto dos seus próprios pensamentos;

consequência da sua alimentação;

reflexo emocional (medos, traumas, desejos);

ataque do inimigo, em alguns casos;

e, em alguns casos específicos, revelação de Deus.

Por isso, não é correto dizer que todo sonho vem de Deus.

Quando o sonho é de Deus, em geral ele é claro e nítido. A pessoa acorda com plena consciência do que o Senhor falou, e aquele sonho fica marcado na memória. Anos podem passar, e ainda assim o sonho permanece fresco, e, com o tempo, cumpre-se exatamente como Deus mostrou.

Quando é sonho do Senhor, não vem confuso; vem definido. Pode ser que nem todos os detalhes sejam entendidos de imediato, mas a pessoa sabe que recebeu algo específico de Deus.

Já quando o sonho é confuso, bagunçado, misturando pessoas, lugares, épocas, sem sentido, em geral não é revelação divina. Os preceitos do Senhor são retos; quando é Deus, há clareza. Se a pessoa acorda dizendo: “Não entendi nada, vou ver se alguém interpreta”, normalmente não foi Deus falando.

No Antigo Testamento, em contextos específicos, Deus usou sonhos e intérpretes, como José no Egito. Hoje, a situação é diferente. Temos a Palavra completa, o Espírito Santo habitando no crente, e Deus não nos deixa dependentes de “intérpretes profissionais” de sonhos. Quando Ele fala, Ele dá clareza.

3. O que é visão de fato

Visão é outra coisa.

Em Atos 9, lemos:

“Em Damasco havia um discípulo chamado Ananias. O Senhor o chamou numa visão: ‘Ananias!’ Respondeu ele: ‘Eis-me aqui, Senhor.’ O Senhor lhe disse: ‘Levanta-te, vai à rua chamada Direita e procura, na casa de Judas, por um homem de Tarso chamado Saulo, pois ele está orando. E numa visão ele viu um homem chamado Ananias entrar e impor-lhe as mãos para que recuperasse a vista.’” (Atos 9:10-12, KJA)

Aqui não é sonho; é visão. O texto afirma: “O Senhor o chamou numa visão.” Ananias estava acordado, consciente, e, numa visão, recebe instruções detalhadas: rua, casa, nome do homem, o que deveria fazer. Ao mesmo tempo, Saulo também tem uma visão: vê um homem chamado Ananias impondo-lhe as mãos e recuperando a vista. Deus dá visão aos dois.

Visão do Senhor é quando a pessoa está acordada, consciente, e, de repente, é como se se abrisse uma “janela” diante dela. Não é imaginação voluntária, não é fantasia produzida. A pessoa vê cenas, pessoas, lugares, situações que não estão fisicamente ali, e, ao mesmo tempo, sabe o que está sendo comunicado.

Isso pode durar poucos segundos, mas a quantidade de informação é tão grande que, depois, a pessoa leva tempo relatando o que viu. A marca da visão é a clareza. Quem teve sabe que viu; não fica em dúvida se “foi coisa da cabeça”.

Outro exemplo está em Atos 10, com Cornélio:

“Certo dia, por volta da hora nona, teve claramente uma visão em que um anjo de Deus se aproximava dele e dizia: ‘Cornélio!’ Este, fixando os olhos nele e tomado de temor, replicou: ‘Que é, Senhor?’ E o anjo lhe explicou: ‘As tuas orações e as tuas esmolas subiram como memorial diante de Deus. Agora, manda homens a Jope e chama a Simão, que tem por sobrenome Pedro. Ele está hospedado com Simão, curtidor, cuja casa está situada à beira-mar.’” (Atos 10:3-6, KJA)

Ele “teve claramente uma visão” e “viu um anjo de Deus”. Não estava dormindo, era cerca de três da tarde. Viu, ouviu e entendeu a mensagem com precisão.

No mesmo capítulo, Pedro também tem uma visão no terraço, perto do meio-dia, e vê o lençol descendo com animais, ouve a voz, dialoga, e Deus lhe ensina, por meio daquela visão, que não devia considerar impuros aqueles que o Senhor purificou, preparando-o para ir à casa de um gentio.

Em todos esses casos, a visão vem com propósito claro, conteúdo objetivo e aplicação específica.

4. O perigo de usar sonhos e visões para manipular

O problema não é Deus falar por sonhos e visões. O problema é o mau uso e a distorção.

Muita gente, especialmente em ambientes pentecostais, vive dizendo: “Eu sonhei isso”, “Eu sonhei aquilo”, “Eu vi isso”, “Eu vi aquilo”, e usa esses sonhos e supostas visões para conduzir outras pessoas – muitas vezes para manipular, controlar, arrancar dinheiro, ou se exaltar.

Há líderes que dizem: “Deus me revelou em visão que você tem que fazer tal coisa”, “Deus mandou você dar tal oferta”, “Deus mandou você ir para tal lugar”, e muitos, por falta de conhecimento bíblico, se deixam levar, como se a palavra daquele “visionário” estivesse acima da Escritura.

Além disso, há outro desvio: usar “visão” para mexer com passado. Deus não precisa mostrar aquilo que já aconteceu para provar que é Deus. Quem explora passado para impressionar – revelando pecados antigos, situações que já se cumpriram – frequentemente está agindo sob engano, ou até sob influência maligna.

Antes da conversão, há relatos de pessoas que passaram por isso: alguém falou detalhes do passado que ninguém sabia, e aquilo impressionou. Na época, parecia que vinha de Deus. Depois, à luz da Palavra, ficou claro que não tinha nada de Deus ali.

Se alguém se levanta para “revelar” passado apenas para mostrar que sabe coisas da sua vida, desconfie. Deus não precisa de show. Quando Ele dá visão, é para orientar, corrigir, edificar, preparar para algo que Ele vai fazer – não para exibição.

5. Prova final: a Palavra de Deus

Sonhos e visões existem e podem ser instrumentos de Deus. Mas eles nunca estão acima da Palavra escrita.

Tem igreja que vive em cima de sonho, de “profecia”, de “visão”, e não em cima da Bíblia. Isso é perigoso. O padrão é o inverso: a vida da igreja deve estar firmada na Palavra; qualquer sonho ou visão deve ser julgado pela Palavra.

Se um sonho ou visão confirma a Escritura, reforça o que Deus já revelou e conduz à obediência, pode ser recebido com gratidão e discernimento. Se contradiz a Bíblia, gera confusão, promove medo, manipulação ou vaidade, deve ser rejeitado, por mais “impactante” que pareça.

Deus não é Deus de confusão. Ele não nos deixa dependentes de sinais obscuros para viver. Ele fala claramente pelas Escrituras e, quando usa sonhos e visões, o faz de maneira coerente com o que já revelou.

Por isso, o chamado é simples: não chame de visão aquilo que foi apenas um sonho confuso. Não chame de “revelação de Deus” qualquer coisa que sua emoção produziu. Não se deixe guiar por quem vive de sonho, de visão e de profecia, mas não vive a Palavra.

A igreja do Senhor precisa voltar ao fundamento: ler e praticar a Bíblia. Tudo o mais deve ser colocado à prova diante dela

Capítulo 8 – Ofertas

Neste capítulo, o assunto é oferta. Muita gente oferta de forma errada, arrancada por pressão, por emoção, e depois esse dinheiro é usado de maneira ofensiva ao Senhor. O objetivo aqui é ver, à luz da Bíblia, o que é oferta de verdade, como Deus a vê, e como não cair em barganhas e manipulações religiosas.

1. As primeiras ofertas dadas a Jesus

Começemos por Mateus, para termos uma noção do que é correto.

Em Mateus 2, ao falar do nascimento de Jesus e da visita dos magos, lemos:

“E, vendo eles a estrela, alegraram-se com grande e intenso júbilo. E, entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram. Então, abrindo os seus tesouros, ofertaram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra. E, sendo por divina revelação avisados em sonho para que não voltassem a Herodes, regressaram à sua terra por outro caminho.” (Mateus 2:10-12, KJA)

Assim que Jesus nasceu, ainda criança, Ele recebeu ofertas. Não foi dízimo; foram ofertas.

Qual foi o valor estipulado? Nenhum. Não há valor marcado. Os sábios já sabiam, em seu coração, o que deveriam ofertar. Eles abriram os seus tesouros e ofertaram presentes valiosos: ouro, incenso e mirra – coisas de grande valor na época.

Com que finalidade? Eles simplesmente ofertaram ao Senhor, em adoração. Não houve promessa de que receberiam algo em troca. Não fizeram voto dizendo: “Se o Senhor fizer isso, daremos aquilo.”

Essa é a primeira lição: se eu dou algo com objetivo de receber algo em troca, não é oferta a Deus. Deus não recebe isso como oferta. Quando damos “para receber”, estamos tentando barganhar, e isso é pecado.

Perceba ainda a sabedoria de Deus: mais adiante, o Senhor manda José fugir com Maria e o menino para o Egito. Aquelas ofertas foram o sustento da família durante o tempo em que ficaram lá. Deus já tinha o plano; os magos só obedeceram, ofertando o que Ele havia colocado no coração deles.

2. Como decidir o quanto ofertar

Sempre que formos ofertar ao Senhor, antes de tudo, devemos orar.

Quando você vai ao templo, vê o gasofilácio, a salva, o envelope. Antes de colocar qualquer valor, dobre o joelho e ore. Deixe Deus colocar no seu coração o que você deve ofertar.

Pode ser 20, 50, 100, mil, cem mil, um milhão; isso é entre você e Deus. O que Ele colocar no seu coração, isso você oferta.

Mas essa oferta não pode entrar no coração assim: “Vou ofertar para Deus me abençoar nesta área, vou ofertar para conseguir tal coisa.” Essa motivação está errada. Você deve ofertar sem esperar nada em troca, por amor, por gratidão, por obediência, sem interesse escondido.

É possível ofertar um valor grande, mas com o coração livre de barganha. Deus olha o coração, não o número.

3. A oferta e a vida em ordem

Jesus trata da oferta em Mateus 5:

“Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar e te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e, então, voltando, apresenta a tua oferta.” (Mateus 5:23-24, KJA)

Não adianta trazer oferta ao altar se a vida está errada. Se você está com ódio, com mágoa, em fornicção, adultério, desonestidade, mentira – em qualquer pecado não abandonado – não adianta trazer oferta.

Primeiro é preciso tratar o pecado: confessar, abandonar, acertar a vida. Depois, sim, apresentar oferta ao Senhor.

Antes de apresentarmos dinheiro, precisamos apresentar a vida. Deus quer receber uma oferta pura, limpa, ligada a um coração em arrependimento e obediência, não cobrir uma vida em rebeldia com dinheiro no altar.

4. Oferta não é sacrifício financeiro de barganha

Jesus nunca ensinou oferta como “instrumento de troca”: “Eu faço isso, o Senhor faz aquilo.” Ele não pede “sacrifício financeiro” como condição para curar, abrir portas ou salvar alguém. Ele pede obediência.

Por isso, você não precisa inventar uma grande oferta para tentar forçar Deus a fazer algo.

O caminho bíblico é:

orar;

pedir ao Espírito Santo que coloque no coração se deve ofertar e quanto;

obedecer ao que Ele direcionar – inclusive se for “hoje, não quero oferta sua”.

Não aceite que homens determinem valores em nome de Deus: “Deus mandou você dar mil, dois mil, dez mil.” Isso é homem falando, não Deus.

Esses pregadores que dizem: “Vem aqui à frente com mil que Deus vai multiplicar”, “faça um voto de tanto que Deus vai te dar em dobro” estão mentindo. Em nenhum lugar Jesus garante isso, nem propõe esse tipo de negócio.

A própria palavra “oferta” já indica que deve ser algo voluntário, sem interesse comercial.

Jesus, por exemplo, curou o leproso (Mateus 8) e depois mandou que se apresentasse ao sacerdote e oferecesse a oferta ordenada por Moisés, como testemunho. Ele não condicionou a cura a uma oferta antecipada. Primeiro houve graça; depois, oferta de gratidão, de obediência.

Hoje muitos fazem o contrário: “Dê a oferta para Deus te curar, para Deus te abrir uma porta.” Isso é comércio religioso, não evangelho.

5. Quando a “oferta” vira desculpa religiosa

Em Mateus 15, Jesus denuncia uma distorção:

“Mas vós dizeis: Qualquer que disser a seu pai ou a sua mãe: ‘É oferta ao Senhor aquilo que poderias aproveitar de mim’, esse jamais estará obrigado a honrar pai ou mãe. Assim invalidastes, pela vossa tradição, o mandamento de Deus.” (Mateus 15:5-6, KJA)

Alguns usavam a desculpa de “oferta ao Senhor” para não ajudar pai e mãe. Em vez de honrar os pais, diziam que o recurso era “corbã”, oferta, e se isentavam de socorrer a família. Jesus chama isso de hipocrisia: honravam a Deus com os lábios, mas o coração estava longe.

Hoje acontece algo semelhante quando a pessoa deixa de ajudar um necessitado – um pai, uma mãe, um irmão, alguém claramente em necessidade – para guardar aquele valor para uma “campanha de oferta” na igreja, achando que assim Deus vai abençoar mais.

Você não deve sacrificar a responsabilidade com o próximo para tentar “negociar com Deus” com dinheiro no altar. Ajudar o necessitado, quando é possível, agrada mais ao Senhor do que participar de campanhas de barganha.

6. Sacrifícios e ofertas à luz do Novo Testamento

Hebreus 10 declara:

“Dizendo primeiro: Sacrifícios, ofertas, holocaustos e oblações pelo pecado não quiseste, nem neles te agradaste (os quais se oferecem segundo a lei); então acrescentou: Eis aqui estou (para fazer, ó Deus, a tua vontade). Ele tira o primeiro, para estabelecer o segundo.” (Hebreus 10:8-9, KJA)

O foco não está em sacrifício de coisas, mas em fazer a vontade de Deus.

Não podemos usar o Antigo Testamento como pretexto para justificar práticas atuais de “ofertas de sacrifício” inventadas, que Deus não mandou. Mesmo ali, quando o Senhor pedia ofertas para o tabernáculo, dizia:

“Todo aquele cujo coração o mover, traga oferta.” (Êxodo 25:1-2, princípio geral)

O povo dava voluntariamente, até que Moisés precisou mandar parar, de tanta oferta. Ninguém estava dando esperando receber de volta; ofertavam porque o coração foi movido.

Hoje, ao contrário, muitos sistemas exigem, pressionam, estabelecem valores, prometem retorno financeiro – e chamam isso de “sacrifício”. É deturpação.

7. A oferta da viúva e o show no gasofilácio

Jesus observava as ofertas.

“E, levantando os olhos, viu os ricos lançando as suas ofertas no gazofilácio; viu também uma pobre viúva lançar ali duas pequenas moedas; e disse: Em verdade vos digo que esta viúva pobre deu mais do que todos. Porque todos aqueles deram, como oferta, do que lhes sobrava; mas esta, da sua pobreza, deu tudo o que tinha para o seu sustento.” (Lucas 21:1-4, KJA)

Ele não mandou a viúva dar tudo; foi algo entre ela e Deus. Ela não estava em campanha de prosperidade, nem respondendo a apelos sensacionalistas. Ela deu por fé e amor.

Hoje, o que mais se vê são shows: “Quem vai dar mil, venha aqui na frente”; “Quem vai sacrificar dez mil, venha receber oração especial.” Isso é vaidade e pressão psicológica.

Oferta verdadeira é aquela que Deus colocou no seu coração, e você entrega sem show, sem ostentação, como algo entre você e o Senhor.

8. Como praticar a oferta bíblica hoje

Colocando tudo no lugar:

Oferta é voluntária, além do dízimo, e nasce de um coração movido por Deus, não de pressão humana.

Ela deve ser dada sem barganha, sem a intenção de “comprar” bênção.

Antes de ofertar, a vida precisa estar em ordem: buscar reconciliação, arrependimento e obediência.

Não devemos deixar de socorrer quem precisa para guardar dinheiro para campanhas manipuladoras.

Não devemos aceitar que pregadores determinem valores “em nome de Deus”; o Espírito Santo fala ao coração do crente.

Se Deus te der uma grande bênção e colocar no coração fazer uma oferta de gratidão, amém. Mas entenda: é oferta de agradecimento, não um “pagamento” para garantir outra bênção.

Não viva correndo atrás de campanhas e desafios inventados por homens. Viva em obediência ao evangelho.

Por isso, a instrução permanece a mesma: leia e pratique a Bíblia. Deixe que ela, e não o discurso de arrecadação, governe a sua vida de oferta. Que Deus te abençoe, em nome de Jesus.

Capítulo 9 – Dízimos

Após entendermos o que é oferta, precisamos tratar do dízimo, que é outro ponto em que muita gente se confunde, rejeita por ignorância ou prática de forma distorcida. Aqui não se trata de defender sistema de igreja ou enriquecer pastor; trata-se de ver o que a Escritura ensina e colocar cada coisa no seu lugar.

1. Dízimo antes da lei: Abraão e Melquisedeque

Em vez de começar em Gênesis, vamos direto a Hebreus 7, que interpreta o episódio de Abraão e Melquisedeque:

“Porque esse Melquisedeque, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, o qual saiu ao encontro de Abraão, quando este regressava da matança dos reis, e o abençoou; a ele também Abraão entregou o dízimo de tudo. Em primeiro lugar, o seu nome significa ‘rei de justiça’; depois, é também rei de Salém, que quer dizer ‘rei de paz’; sem pai, sem mãe, sem genealogia, que não teve princípio de dias, nem fim de vida; mas, sendo semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre.”
(Hebreus 7:1-3, KJA)

Quando Abraão volta da batalha para resgatar Ló, trazendo de volta os despojos, Melquisedeque sai ao seu encontro. A Bíblia não descreve pai, mãe, tribo, origem humana desse sacerdote. Ele aparece de maneira súbita, é apresentado como rei de justiça e de paz, e depois some da narrativa.

Hebreus mostra que ele foi feito semelhante ao Filho de Deus, uma figura que aponta para Cristo. E Abraão, o patriarca, “entregou o dízimo de tudo” a esse sacerdote. (Hebreus 7:2, KJA)

Isso aconteceu antes da lei de Moisés. Muita gente diz “dízimo é só coisa da lei”, mas aqui estamos séculos antes do Sinai. Moisés é descendente de Abraão, e ainda levaria muitos anos até o povo ficar 400–430 anos no Egito e depois sair com Moisés.

Logo no início da história da fé, Deus levanta um sacerdote (Melquisedeque) para receber o dízimo de Abraão. O próprio texto enfatiza a grandeza desse ato:

“Considerai, pois, quão grande era esse a quem até o patriarca Abraão deu o dízimo dos despojos.”
(Hebreus 7:4, KJA)

Abraão, que tinha as promessas, entendeu: precisava devolver o dízimo ao Senhor.

2. O que é, na prática, o dízimo

Dízimo é a décima parte de tudo o que vem às nossas mãos.

Não é “dar algo”; é devolver aquilo que pertence ao Senhor. Abraão resgatou grandes despojos e devolveu o dízimo “de tudo” por meio de Melquisedeque, que o representava diante de Deus.

Por isso, quando falamos de dízimo hoje, o princípio é o mesmo:

tudo que chega às suas mãos entra na conta: salário, pensão, ajuda fixa dos pais, aluguel, venda de bens, etc.;

de tudo isso, a décima parte pertence ao Senhor;

o restante é o que você administra como mordomo.

Muita gente brinca com essa questão porque é carnal, presa a dinheiro. Quando o assunto é dízimo, logo surgem reações: “Mas pastor, eu devolvo e a igreja usa errado; o pastor está roubando.”

A Bíblia faz distinção clara: uma coisa é a sua obrigação de obedecer; outra é a responsabilidade de quem administra. Se o pastor ou a liderança usa de forma errada, rouba, desvia, isso é entre ele e Deus. Por um centavo desviado, se não se arrepender, pode perder a vida eterna. Ele vai prestar contas ao Senhor.

Você, porém, precisa cumprir a sua parte diante de Deus. Quando devolve o dízimo, devolve ao Senhor, ainda que coloque fisicamente nas mãos de um homem ou de uma igreja que O representa.

Hebreus 7 ainda explica:

“E aqui, certamente, recebem dízimos homens que morrem; ali, porém, aquele de quem se testifica que vive.” (Hebreus 7:8, KJA)

Ou seja: aqui são homens mortais que recebem; espiritualmente, é Cristo, que vive, quem recebe.

3. Dízimo na lei e a acusação de roubo em Malaquias

Depois, na lei, os levitas foram separados para o serviço do templo e passaram a receber os dízimos do povo:

“E os que dentre os filhos de Levi recebem o sacerdócio têm ordem, segundo a lei, de recolher os dízimos do povo, isto é, dos seus irmãos, ainda que estes também tenham saído dos lombos de Abraão.” (Hebreus 7:5, KJA)

Mais tarde, em Malaquias, Deus confronta o povo por negligenciar o dízimo:

“Porque Eu, o SENHOR, não mudo; por isso vós, filhos de Jacó, não sois destruídos. Desde os dias de vossos pais, vos afastastes dos meus estatutos e não os guardastes. Retornai para mim, e Eu retornarei para vós, diz o SENHOR dos Exércitos. Mas vós dizeis: ‘Em que havemos de voltar?’ Acaso pode um homem roubar a Deus? Todavia, vós me roubais e ainda perguntais: ‘Em que te roubamos?’ Nos dízimos e nas ofertas obrigatórias. Estais debaixo de grande maldição, porque a mim me roubais; sim, toda esta nação! Trazei todos os dízimos à Casa do Tesouro, para que haja mantimento em minha casa; e provai-me nisto, diz o SENHOR dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e derramar sobre vós bênção sem medida.” (Malaquias 3:6-10, KJA)

Deus chama de roubo reter dízimos e ofertas que pertencem a Ele.

Observe:

“Trazei todos os dízimos à Casa do Tesouro, para que haja mantimento na minha casa.” Ou seja, dízimo não é para ser administrado ao gosto pessoal, mas entregue no lugar determinado por Deus.

Não é para usar o dízimo como “fundo pessoal de caridade”: ajudar pobres com o dízimo, encaminhar dízimo para instituição de caridade, etc. Caridade se faz com o que é seu, não com o que é do Senhor.

Quem decide dar o dízimo “direto para os pobres” está tomando para si a função de tesoureiro de Deus, que Ele não nos deu.

4. Jesus confirma o dízimo, mas corrige o coração

No Novo Testamento, Jesus não cancela o dízimo. Ele o confirma, mas denuncia a hipocrisia dos religiosos:

“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Pois pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, mas omitis o que há de mais importante na Lei: a justiça, a misericórdia e a fé. Deveis, porém, praticar estas coisas sem omitir aquelas.” (Mateus 23:23, KJA)

Ele não diz “parem de dizimar”. Diz: “deveis praticar estas coisas (justiça, misericórdia, fé) sem omitir aquelas (o dízimo)”.

Ou seja:

não adianta ser “dizimista fiel” e viver em mentira, adultério, roubo, ódio, hipocrisia;

Deus exige obediência em tudo: caráter e também dízimo.

Dízimo não é licença para pecado, nem escudo que autorize vida torta. É parte de uma vida de obediência integral.

5. O que entra no dízimo e como praticar

Biblicamente, o dízimo é a décima parte de tudo que vem às mãos:

salário;

comissões;

pensões;

ajuda regular de familiares;

aluguéis;

lucros de vendas;

qualquer ganho financeiro.

“Ah, devo dizimar só do salário?” Não. De tudo que Deus faz passar por suas mãos.

Não é “dar mais ou menos conforme a vontade”:

não é “esse mês dou 100, mês que vem compenso e dou 200”;

é separar a décima parte Santificada: se é pouco, dízimo será pouco; se é muito, dízimo será muito.

Se você retém o dízimo, não por impossibilidade real, mas por avareza, está em idolatria. E a Bíblia chama avareza de idolatria.

6. Dízimo, fé e responsabilidade

Tudo que fazemos tem que ser por fé. Dízimo não é imposto humano; é obediência espiritual.

Não existe “obrigação” no sentido legalista, mas mandamento de Deus. Se você quer andar com Deus, obedece. Se não quer, assume as consequências.

Também não adianta achar que, por ser dizimista, “Deus é obrigado a honrar” enquanto o resto da vida é de rebeldia. As promessas ligadas à obediência valem para quem anda na verdade, não para quem tenta usar o dízimo como chave mágica.

Quanto ao uso do dízimo pela igreja:

quem recebe (pastores, líderes, tesoureiros) presta contas a Deus;

se houver desvio, fraude, enriquecimento ilícito, Deus julgará;

a sua parte é obedecer, enquanto o Senhor não te direcionar a sair daquele lugar.

Se uma instituição te cobra mensalidade para manter um clube, uma associação, isso é taxa de grupo, não dízimo. Dízimo é do Senhor, não de placa, não de sistema humano.

7. Resumo pastoral sobre dízimos

Colocando em pontos:

O dízimo aparece claramente com Abraão e Melquisedeque, antes da lei. (Hebreus 7:1-4, KJA)

Melquisedeque prefigura Cristo e recebe o dízimo daquele que tinha as promessas.

Na lei, os levitas recebem o dízimo, mas a Bíblia deixa claro: é a Deus que ele pertence. (Hebreus 7:5-8, KJA)

Em Malaquias, Deus chama de ladrão quem retém dízimos e ofertas. (Malaquias 3:6-10, KJA)

Jesus confirma o dízimo em Mateus 23:23 e exige, junto com ele, justiça, misericórdia e fé.

Dízimo é devolver 10% de tudo que chega às mãos do crente, por fé e obediência.

Não é para fazer caridade com dízimo; caridade é com o que é seu, não com o que pertence ao Senhor.

Quem administra o dízimo na igreja prestará contas a Cristo; isso não isenta o crente de obedecer.

Se você está há muito tempo sem dizimar, não deixe a vergonha te impedir de obedecer. O que importa é se acertar com Deus e alinhar sua vida com a Bíblia.

Como em tudo neste livro, o chamado é o mesmo: leia e pratique a Palavra. Que Deus te abençoe, em nome de Jesus

Capítulo 10 – Sacrifícios

O tema deste capítulo é o sacrifício – não o sacrifício de Cristo, perfeito e suficiente, mas esses sacrifícios financeiros e campanhas que muitos pastores e denominações têm inventado.

“Vamos fazer um sacrifício em prol disso, que Deus vai te recompensar; traga o melhor do seu sacrifício.” “Suba na fogueira santa, entregue tudo, faça um grande sacrifício que Deus vai te dar vitória.” Assim muita gente é levada a tirar tudo o que tem, entregar carro, salário inteiro, fazer empréstimo, se apertar, achando que isso agrada a Deus.

O problema é que esses sacrifícios que estão sendo pregados são contrários à Palavra de Deus. Por isso foi importante falar primeiro de oferta e dízimo, e agora deixar claro o que a Bíblia diz sobre sacrifício.

1. Amar a Deus é mais que sacrifícios

Jesus, em Marcos 12, resume o que Deus espera:

“E amar a Deus de todo o teu coração, de todo o teu entendimento e de todas as tuas forças, e amar ao teu próximo como a ti mesmo, é mais importante do que todos os holocaustos e sacrifícios.” (Marcos 12:33, KJA)

Perceba: amar a Deus com todo o coração, entendimento e forças, e amar o próximo como a si mesmo, é mais do que todos os holocaustos e sacrifícios juntos.

Em nenhum momento Jesus manda fazer “sacrifício financeiro” para conseguir bênção.

Dízimo é devolução, obediência.

Oferta é o que Deus coloca no coração, voluntariamente.

“Sacrifício financeiro” como moeda de troca não é ensino de Cristo; é invenção humana.

Quando alguém diz: “Vou fazer um voto, um sacrifício para Deus fazer tal coisa”, na prática não está fazendo para Deus; está fazendo para si, para o próprio ego, ou para atender a vontade de um pregador. Para Jesus, esse tipo de sacrifício não tem valor espiritual.

2. Deus rejeitou sacrifícios vazios em Israel

Os profetas já denunciaram isso há séculos. Em Isaías 1, Deus fala com dureza:

“De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios? — diz o SENHOR. Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de animais gordos; não me agrado do sangue de novilhos, nem de cordeiros, nem de bodes. Quando vindes para comparecer perante mim, quem requereu isto das vossas mãos, que viésseis pisar os meus átrios? Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para mim abominação; as Festas da Lua Nova, os sábados e as convocações das assembleias: não posso suportar iniquidade associada à reunião solene. As vossas Festas da Lua Nova e as vossas solenidades a minha alma as odeia; já me são pesadas, estou cansado de as suportar.” (Isaías 1:11-14, KJA)

O povo mantinha culto, festa, sacrifício – mas vivia em pecado. Deus diz que está farto desses sacrifícios e não suporta ver pecado misturado com ajuntamento religioso.

O que Ele pede, em seguida, é:

“Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante de meus olhos; cessai de fazer o mal. Aprendeí a fazer o bem; atendei à justiça; repreendei o opressor; defendei o direito do órfão; pleiteai a causa das viúvas. Vinde, pois, e arrazoemos, diz o SENHOR; ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã. Se quiserdes e me ouvirdes, comereis o melhor desta terra. Mas, se recusardes e fordes rebeldes, sereis devorados à espada; porque a boca do SENHOR o disse.” (Isaías 1:16-20, KJA)

Na época, Israel e Judá iam para o cativeiro, morriam à espada, por quê? Porque, embora falassem o nome de Deus, viviam no pecado e tentavam “compensar” com sacrifícios.

A lição é direta: não interessa quantos sacrifícios você fizer se continua vivendo no pecado. Qualquer “sacrifício” que pregador pedir hoje, nessa lógica de “pagar preço financeiro para Deus agir”, não faça.

3. O único sacrifício que Deus aceita

Nós não podemos “pagar” nada a Deus com bens. O sacrifício perfeito já foi feito: Jesus Cristo.

Ele é o Cordeiro sem mancha, o sacrifício definitivo, suficiente, único que Deus aceita para perdão de pecados. Depois da cruz, qualquer tentativa de criar novos sacrifícios para obter perdão ou bênção é, na prática, negar a suficiência de Cristo.

Por isso Deus fala em Oséias 6:

“Por isso os abati por meio dos profetas, pela palavra da minha boca os matei, e os teus juízos sairão como a luz. Pois misericórdia quero, e não sacrifício, e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos.” (Oséias 6:5-6, KJA)

De novo: Ele quer misericórdia e conhecimento de Deus, não sacrifício. A Palavra hoje vem para “matar” o velho homem, confrontar, levar ao arrependimento, não para incentivar novos sacrifícios financeiros.

Mesmo assim, muitos pregadores insistem:

“Traga tudo que você tem, faça um sacrifício.”

“Traga o carro, a casa, o salário inteiro, que Deus vai reconhecer seu sacrifício.”

Deus não reconhece esse tipo de sacrifício humano. Um só Ele reconhece: o de Jesus. O que Ele quer de nós é entendimento, arrependimento e obediência.

4. “Misericórdia quero, e não sacrifício”

Jesus retoma a palavra dos profetas. Em Mateus 12, Ele afirma:

“Pois eu vos declaro que está aqui alguém maior do que o templo.” (Mateus 12:6, KJA)

Não precisamos de “templo sagrado” para entregar bens como se o prédio em si tivesse poder. Precisamos de Cristo, que é maior do que qualquer templo.

E Ele acrescenta:

“Porém, se vós tivésseis compreendido o que significa: ‘Misericórdia quero, e não holocaustos’, não teríeis condenado inocentes.” (Mateus 12:7, KJA)

Ele repete o que já estava em Oséias: misericórdia, não sacrifício.

Em Mateus 9, de novo:

“Os são não necessitam de médico, mas os doentes. Ide, porém, e aprendei o que significa: ‘Misericórdia quero, e não sacrifícios’; porque eu não vim chamar justos, mas pecadores, ao arrependimento.” (Mateus 9:12-13, KJA)

A ênfase é sempre a mesma: misericórdia, arrependimento, obediência – e não sacrifício financeiro, ritual, físico.

5. Sacrifícios modernos: jejum, monte, horários e dinheiro

Hoje, a linguagem de sacrifício aparece de muitas formas:

“Jejum de sacrifício” como moeda de troca.

“Subir monte para sacrificar.”

“Campanha de oração às três da manhã custe o que custar.”

“Sacrifício financeiro” de bens, salário, empréstimos.

Jejum bíblico é disciplina, humilhação, busca, não moeda de troca. Subir monte, como vimos, não é mais espiritual do que orar em casa. Orar às três da manhã, se você pode e o Espírito te dirigir, tudo bem; mas não existe horário mágico.

Deus não te ama mais porque você se destrói fisicamente. Ele quer que você O obedeça, abandone o pecado, viva o evangelho.

Muitos vivem esgotados: trabalham até tarde, se obrigam a campanhas de “sacrifício”, e acham que, quanto mais sofrem o corpo, mais Deus vai se agradar. Enquanto isso, continuam em mentira, em injustiça, em falta de amor ao próximo.

Ele já deixou claro: não quer sacrifício, quer misericórdia, justiça, amor ao próximo, vida santa.

6. Fuja do evangelho de sacrifícios

Se você está numa igreja onde o ensino gira em torno de sacrifício financeiro, de campanhas de “fogueira santa”, de horários místicos, de entrega de bens como condição para bênçãos, abra os olhos.

Não é porque “apóstolo”, “bispo”, “teólogo” ou “pastor famoso” falou, que é verdade. A verdade está na Palavra de Deus.

Quer ouvir Jesus? Leia o evangelho.

Quer saber a vontade de Deus? Ore e leia a Palavra; Ele responde ali.

Coloque em prática o que está escrito:

amar a Deus sobre todas as coisas;

amar o próximo como a si mesmo;

abandonar mentira, adultério, roubo, engano;

viver em santidade, sob a graça do sacrifício de Cristo.

Essa história de sacrifício financeiro como chave de vitória é pecado. Não se envolva, não participe, ainda que digam: “Deus vai aceitar.” Ele já disse o que quer: misericórdia, e não sacrifício.

Por isso a mesma frase se repete ao longo deste livro: leia e pratique a Bíblia. Viva o evangelho, não a religião. Que Deus te abençoe.

Capítulo 11 – Santidade

A santidade da igreja aparece, antes de tudo, na maneira como cada um vive: com quem anda, o que tolera, que tipo de ambiente espiritual aceita como “normal”.

A primeira carta de Pedro estabelece o padrão:

“Pelo contrário, assim como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em todo o vosso procedimento, porque está escrito: Sede santos, porque eu sou santo. E, se invocais por Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo a obra de cada um, andai em temor durante o tempo da vossa peregrinação.” (1 Pedro 1:15-17, KJA)

Se alguém se chama filho de Deus, mas não tem procedimento de filho, está apenas praticando religiosidade. Nosso Deus é santo e exige santidade dos que o invocam como Pai.

1. Santidade e separação do pecado dentro da igreja

Em 1 Coríntios 5, Paulo trata de um caso grave dentro da igreja:

“Geralmente se ouve que há entre vós imoralidade, e imoralidade tal, como nem mesmo entre os gentios, a ponto de haver quem abuse da mulher de seu pai. E estais vós inchados, e nem ao menos vos entristeceis, por não ter sido tirado do meio de vós quem cometeu tal ação.” (1 Coríntios 5:1-2, KJA)

O apóstolo, mesmo ausente fisicamente, determina:

“Em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, juntos vós e o meu espírito, com o poder de nosso Senhor Jesus Cristo, seja tal homem entregue a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no Dia do Senhor Jesus.” (1 Coríntios 5:4-5, KJA)

Ele não manda “passar a mão na cabeça”, nem normalizar o pecado para manter convivência. Manda tirar do meio a pessoa que vivia em imoralidade, para preservar a santidade da igreja e, ao mesmo tempo, buscar a salvação daquele que estava em pecado.

E explica o princípio:

“Não sabeis que um pouco de fermento leveda toda a massa? Lançai fora o velho fermento, para que sejais uma nova massa, assim como estais sem fermento. Pois Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós.” (1 Coríntios 5:6-7, KJA)

Basta um “pouco de fermento” tolerado para contaminar toda a massa.

Mais à frente, ele é ainda mais específico:

“Já por carta vos escrevi que não vos associeis com os que se prostituem; com isso não me refiro, em absoluto, aos devassos deste mundo, ou aos avarentos, ou aos roubadores, ou aos idólatras, pois assim teríeis de sair do mundo. Mas, agora, vos escrevo que não vos associeis com qualquer que, dizendo-se irmão, for devasso, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou bebedor, ou roubador; com esse tal, nem ainda comais.” (1 Coríntios 5:9-11, KJA)

Com os de fora, não temos como cortar todo contato. Mas com quem se diz irmão e persiste no pecado, sem arrependimento, Paulo manda não se associar, nem mesmo comer junto. Não é ódio; é disciplina, para não sermos cúmplices.

Isso vale tanto para pessoas quanto para comunidades inteiras. Permanecer em um templo, denominação ou congregação onde se admite e promove adultério, recasamento com cônjuge vivo, fornicação, práticas homossexuais, comércio da fé, fogueiras santas, campanhas antibíblicas, é participar da sujeira. Ainda que alguém diga “eu não concordo”, a presença ali reforça e legitima o erro.

2. O problema da tolerância ao erro por conveniência

Muitos sabem que a congregação onde estão tem práticas contrárias à Palavra, mas permanecem por conveniência: é perto de casa, tem boa estrutura, um “louvor bonito”, atividades para crianças, ou ainda algum cargo e posição na igreja.

A comparação com a ovelha no chiqueiro é clara: se você coloca uma ovelha dentro de um chiqueiro de porcos, ela inevitavelmente se sujará. Assim também, quem permanece no meio da imundícia espiritual acaba se contaminando.

Paulo orienta em Romanos 16:

“Rogo-vos, irmãos, que noteis bem aqueles que provocam divisões e escândalos contra a doutrina que aprendestes; afastai-vos deles. Porque estes tais não servem a nosso Senhor Jesus Cristo, mas ao seu ventre; e, com suaves palavras e lisonjas, enganam os corações dos simples.” (Romanos 16:17-18, KJA)

Suaves palavras, tratamento afetuoso, “meu irmão, minha irmã”, e um evangelho de facilidades e autoajuda – sem cruz, sem arrependimento, sem santidade – não são sinal de fidelidade, mas de engano.

Santidade inclui discernir onde se congrega, quem se ouve, que tipo de mensagem se recebe. Permanecer onde o evangelho é torcido, apenas porque é agradável ao gosto pessoal, é desobedecer ao chamado à santidade.

3. Afastar-se do irmão que anda desordenadamente

Na segunda carta aos Tessalonicenses lemos:

“No entanto, o Senhor é fiel; Ele vos fortalecerá e vos guardará do maligno. Quanto a vós, temos confiança no Senhor de que estais realizando e continuareis a fazer as coisas que vos ordenamos.” (2 Tessalonicenses 3:3-4, KJA)

E logo vem a ordem:

“Entretanto, ordenamo-vos, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que vos afasteis de todo irmão que vive de forma desordenada e não segundo a tradição que recebestes de nós.” (2 Tessalonicenses 3:6, KJA)

Mais à frente:

“Mas, se alguém não obedecer à nossa palavra por meio desta carta, notai esse tal e não vos associeis com ele, para que se envergonhe. Todavia, não o tendais como inimigo, mas adverti-o como irmão.” (2 Tessalonicenses 3:14-15, KJA)

O objetivo é que a pessoa sinta vergonha do seu pecado, reconheça que não é normal, e seja levada ao arrependimento. Quando tratamos tudo como se estivesse bem – abraços, comunhão plena,

celebrações como se nada houvesse – reforçamos a ilusão de normalidade e afastamos a pessoa do quebrantamento.

Isso se aplica tanto a relacionamentos individuais (amigos, familiares que se dizem crentes e vivem em pecado deliberado) quanto à comunhão com comunidades que normalizam o que Deus condena. Santidade exige amor, mas também separação do erro.

4. Santidade custa relacionamentos, cargos e conforto

Obedecer a Deus nessa área é caro. Pode significar:

sair de uma igreja onde você tem posição e reconhecimento;

romper ou restringir comunhão com pessoas queridas que se dizem “irmãos”, mas insistem em viver em adultério, segundo casamento com cônjuge vivo, fornicção, práticas homossexuais, desonestidade, mentira;

abrir mão da conveniência de um templo próximo e buscar um lugar mais longe – ou, se não houver um lugar fiel, congregar de forma simples, sem se sujeitar a estruturas corrompidas.

Não é ser grosseiro nem odiar; é deixar claro que não se concorda com a prática, que não se participará de ambientes que celebram pecado, que não se dará apoio a sistemas que torcem o evangelho.

O evangelho é porta estreita. Santidade envolve renúncia de conforto, de reputação e, muitas vezes, de amizades. É escolher obedecer a Deus em vez de agradar homens.

5. Santidade como caminho, não evento

Santificar-se não é apenas “mudar de igreja” ou “cortar algumas amizades”. É entrar num caminho de separação contínua do pecado e de alinhamento progressivo à vontade de Deus em todas as áreas:

vida pessoal;

família;

amizades e relacionamentos;

comunhão da igreja;

consumo de ensinamentos e práticas espirituais.

“Seja santo, porque eu sou santo” não é slogan; é chamado diário a examinar práticas, ambientes, relacionamentos e decisões à luz da Palavra, e, quando necessário, sair do meio da sujeira, mesmo que custe caro.

No trecho seguinte, o foco continua em santidade, agora olhando para as cartas de Apocalipse e as advertências severas de Jesus às igrejas, e também para as advertências de Pedro sobre falsos mestres e o impacto disso na vida de santificação.

Santidade (Parte 2)

A santidade da igreja não se mede apenas por linguagem religiosa ou tamanho de congregação, mas pelo quanto ela rejeita o erro, disciplina o pecado e permanece fiel ao evangelho em meio à pressão do mundo e de falsos mestres.

As cartas de Jesus às igrejas em Apocalipse e as advertências dos apóstolos mostram que tolerar doutrina e prática erradas dentro da comunidade é incompatível com a santidade à qual fomos chamados.

1. A carta de Jesus à igreja em Pérgamo

Em Apocalipse 2, lemos:

“Ao anjo da igreja em Pérgamo escreve: Assim diz aquele que tem a espada afiada de dois gumes: Sei onde habitas: onde está o trono de Satanás; mas reténs o meu nome e não negaste a minha fé, ainda nos dias de Antipas, minha fiel testemunha, que foi morto entre vós, onde Satanás habita.”
(Apocalipse 2:12-13, KJA)

“Anjo da igreja” refere-se ao responsável espiritual (pastor) daquela comunidade, e “aquele que tem a espada afiada de dois gumes” é o próprio Cristo, cuja Palavra é essa espada que sai de sua boca.

Jesus reconhece que a igreja em Pérgamo vivia em lugar espiritualmente pesado – “onde está o trono de Satanás” – e ainda assim mantinha o nome de Cristo e não negava a fé, mesmo diante do martírio de Antipas. Mas Ele não para no elogio.

“Tenho, todavia, contra ti algumas coisas: tens aí os que sustentam a doutrina de Balaão, o qual ensinava Balaque a armar ciladas diante dos filhos de Israel, para comerem coisas sacrificadas aos ídolos e praticarem a prostituição. Assim tens também alguns que, da mesma forma, seguem a doutrina dos nicolaítas. Portanto, arrepende-te; e, se não, em breve virei a ti e contra eles batalharei com a espada da minha boca. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.” (Apocalipse 2:14-17, KJA)

Havia gente dentro da igreja que seguia doutrina semelhante à de Balaão: mistura de fé com idolatria e imoralidade sexual. Os nicolaítas defendiam uma “liberdade” que, na prática, permitia comer coisas sacrificadas a ídolos e viver em fornicação, como se graça significasse licença para pecar.

Jesus ordena arrependimento. Se a igreja não se purificasse, Ele mesmo viria lutar contra esses que mantinham doutrinas corruptas, com a espada de sua boca. E termina com a frase que vale para todas as épocas: “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.”

Aplicação: permanecer em uma igreja que tolera ensinamentos e práticas semelhantes – mistura com idolatria, tolerância com imoralidade, evangelho licencioso – é fechar os ouvidos ao que o Espírito diz às igrejas.

2. Heresias e mercadores da fé: alerta de 2 Pedro 2

Pedro também alerta sobre falsos mestres dentro do povo de Deus:

“Assim como, no meio do povo, surgiram falsos profetas, assim também haverá, entre vós, falsos mestres, os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. E muitos seguirão as suas práticas libertinas, e, por causa deles, será difamado o caminho da verdade. Também, movidos por avarizia, farão de vós negócio com palavras fingidas; para eles, o juízo desde há longo tempo não tarda, e a sua destruição não dorme.” (2 Pedro 2:1-3, ACF/ARA)

As marcas que Pedro aponta são evidentes em muitos ambientes atuais:

heresias introduzidas “dissimuladamente”;

práticas libertinas (vida moral frouxa, sem santidade);

caminho da verdade difamado por causa dos escândalos;

avareza como motivação;

transformação do povo em negócio, com palavras bonitas e enganadoras.

Em seguida, Pedro lembra que Deus não poupou:

os anjos que pecaram;

o mundo antigo, quando enviou o dilúvio e preservou apenas Noé e sua família;

Sodoma e Gomorra, reduzidas a cinzas como exemplo para quem vive impiamente, enquanto livrou o justo Ló, oprimido pela conduta libertina dos ímpios. (2 Pedro 2:4-9)

A conclusão é clara: o Senhor sabe livrar os piedosos da provação e reservar sob castigo os injustos para o dia do juízo, especialmente os que seguem a carne em imundas paixões e desprezam a autoridade.

Quando uma igreja vira ambiente em que se prega prosperidade sem arrependimento, libertinagem coberta com rótulo de “graça”, campanhas financeiras constantes, votos e “fogueiras santas”, havendo tolerância com adultério, recasamento, fornicção, homossexualidade praticada, mentira e comércio da fé, ela está reproduzindo exatamente o cenário que Pedro descreve. Permanecer ali, sabendo disso, é andar fora da santidade.

3. Falsos profetas e falso evangelho de sinais

Jesus já havia falado que falsos profetas seriam muitos:

“E surgirão muitos falsos profetas e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará. Aquele, porém, que perseverar até ao fim será salvo.” (Mateus 24:11-13, ACF)

Não seriam poucos, mas muitos, e enganariam muitos. A multiplicação da iniquidade esfriaria o amor.

No Sermão do Monte, Ele alerta:

“Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas, por dentro, são lobos roubadores. Pelos seus frutos os conhecereis. (...) Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo. Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis. Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor, porventura não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expulsamos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.” (Mateus 7:15-23, ARA)

Ele não nega que profetizaram, expulsaram demônios e fizeram muitos milagres em seu nome. O problema não é a ausência de sinais, mas a presença de iniquidade. Eles praticavam o mal.

Portanto:

sinais, profecias e expulsões de demônios, por si só, não provam fidelidade;

o critério é o fruto: vida, caráter, obediência à Palavra;

uma igreja pode estar cheia de manifestações aparentes e, ainda assim, ser reprovada diante de Deus.

Santidade, então, exige olhar para além de “milagres”, “campanhas” e “mover”, e perguntar: há arrependimento, cruz, obediência, verdade? Ou há prática de iniquidade atrás de um discurso piedoso?

4. Santidade e responsabilidade sobre onde congregar

Se uma congregação:

normaliza adultério e recasamento com cônjuge vivo;

aceita fornicação, “ficar” e convivência sem casamento;

abraça práticas homossexuais sem confrontar com a Escritura;

vive de campanhas, votos, fogueiras, comércio no templo;

anuncia um evangelho centrado em “vitória”, “prosperidade” e “autoestima”, sem cruz, sem arrependimento, sem santidade;

então está distante do padrão de santidade bíblica. Permanecer ali, sabendo disso, é participar do erro.

Alguém pode dizer: “Eu não concordo com o erro deles; fico lá, mas não participo.” No entanto, a presença nesse ambiente reforça, legitima, dá testemunho público de apoio. Outros olham e dizem: “Fulano é sério e congrega lá; então deve estar tudo bem.” Assim, quem permanece vira pedra de tropeço.

Se não há igreja fiel perto de casa, é melhor atravessar a cidade, congregar com sacrifício de deslocamento, ou, em último caso, buscar ao Senhor com sinceridade em casa, do que se alimentar constantemente de erro. Santidade inclui essa decisão: entre conforto e fidelidade, escolher a fidelidade.

5. Santidade até o fim

Jesus afirma que “aquele que perseverar até o fim será salvo” (Mateus 24:13). Perseverar envolve manter-se no caminho da santidade, recusando-se a compactuar com doutrina e prática que corrompem o evangelho.

Não existe “pecadinho aceitável” mantido de estima, nem “pouco erro de doutrina” tolerável por causa de conveniência. O chamado é abandonar todo pecado conhecido, toda prática contrária à Palavra, todo ambiente que nos puxa para longe da verdade.

Sem santidade, ninguém verá o Senhor. Santidade não é perfeição instantânea, mas um caminho de separação do mal, amor à verdade, rejeição ao falso evangelho, disposição de romper com o que é confortável para obedecer a Cristo.

A igreja do Senhor é santa, separada, lavada pelo sangue de Jesus. Se uma comunidade que se diz “igreja” tolera sujeira, vive de engano, explora o povo e torce o evangelho, ela não está expressando a santidade de Cristo. E se alguém permanece ali, tendo entendido isso, precisa se arrepender e sair do meio dela.

O chamado final é o mesmo: voltar ao evangelho, ouvir o que o Espírito diz às igrejas, e viver em santidade enquanto ainda há tempo.

Capítulo 12 – Comércio no templo

O comércio dentro da casa de Deus é um tema frequentemente ignorado, mas que a Bíblia trata com enorme seriedade. Muitos acreditam estar “ajudando a igreja” quando participam dessas práticas, mas, na verdade, estão sustentando algo que o próprio Cristo condenou.

As duas purificações do templo feitas por Jesus mostram o que Ele pensa quando a casa de oração é transformada em espaço de negócio e lucro.

1. Jesus chora sobre Jerusalém e limpa o templo

Em Lucas 19, lemos primeiro o lamento de Jesus sobre a cidade:

“E, quando ia chegando, vendo a cidade, chorou sobre ela, dizendo: Ah! se tu conhecesses, ainda hoje, o que é devido à paz! Mas isso está agora oculto aos teus olhos. Pois sobre ti virão dias em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras e te sitiaram e te apertarão de todos os lados; e te derribarão a ti e aos teus filhos que dentro de ti estiverem; e não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não reconheceste a oportunidade da tua visita.” (Lucas 19:41-44, ARC/KJA)

Jesus contempla Jerusalém – cidade santa, lugar do templo – e chora, porque vê pecado, religiosidade vazia e o juízo que viria sobre a cidade. Eles falavam o nome de Deus, recitavam salmos, iam ao templo, mas viviam em pecado e, entre esses pecados, havia o comércio ligado ao culto.

Em seguida, o texto diz:

“E, entrando no templo, começou a expulsar todos os que nele vendiam e compravam, dizendo-lhes: Está escrito: A minha casa é casa de oração; mas vós fizestes dela covil de salteadores.” (Lucas 19:45-46, ARC/KJA)

Na época, o templo era o lugar dos sacrifícios, conforme a lei de Moisés. No pátio, não no altar em si, havia vendedores de bois, ovelhas, pombas – animais supostamente “sem defeito” para o sacrifício – e cambistas trocando moedas comuns pela “moeda do templo”, com lucro.

Peregrinos vinham de longe; muitos traziam dinheiro em vez de animais. Chegando lá, compravam animais no próprio pátio, frequentemente por preço mais alto, sob a justificativa de que eram “aprovados” para o culto. Havia todo um sistema religioso-comercial em torno do templo.

Jesus não tolera isso. Ele declara que a casa do Pai deveria ser casa de oração, mas havia sido transformada em covil de ladrões.

2. “Não façais da casa de meu Pai casa de comércio”

O evangelho de João relata outra purificação do templo, no início do ministério de Jesus:

“Estando próxima a Páscoa dos judeus, Jesus subiu a Jerusalém. No templo encontrou os que vendiam bois, ovelhas e pombas, e os cambistas assentados. Tendo feito um azorrague de cordas, expulsou todos do templo, bem como as ovelhas e os bois; derramou no chão o dinheiro dos cambistas, virou as mesas, e disse aos que vendiam as pombas: Tirai daqui estas coisas; não façais da casa de meu Pai casa de comércio.” (João 2:13-16, KJA)

Aqui vemos Jesus agindo com grande firmeza:

faz um chicote de cordas;

expulsa vendedores e animais do templo;
derruba mesas;
espalha moedas pelo chão;
ordena que tirem aquelas coisas dali.

É uma das raras cenas em que o Senhor usa força física para lidar com o pecado – justamente no contexto de comércio dentro do templo. Ele declara explicitamente: “não façais da casa de meu Pai uma casa de comércio!”

Se Ele não aceitou essa prática então, não a aceita hoje. Jesus é o mesmo ontem, hoje e eternamente.

3. Formas modernas de comércio no templo

Hoje ninguém vende bois e pombas no pátio, mas muita coisa tomou o lugar desse comércio: livrarias dentro do templo vendendo livros, CDs, DVDs, camisetas, canecas, chaveiros, “lembrancinhas da igreja”;

cantinas, restaurantes, máquinas de frango assado, feijoadas “da igreja”, almoços pagos nas dependências do templo;

venda de pacotes de viagem “espirituais” (como excursões para Israel, batismos em certos rios), anunciados e comercializados como produto da igreja;

retiros cobrados como pacote dentro do ambiente do culto, apresentados no púlpito em tom comercial;

pregadores itinerantes montando bancas de material para venda dentro do templo, durante ou imediatamente após o culto;

uso de máquinas de cartão, parcelamento, “adquira aqui o seu produto” dentro da área de culto.

Viajar não é pecado; vender livros e materiais não é pecado; organizar retiro não é pecado. O problema é transformar o espaço do culto, o ambiente em que a igreja se reúne em nome de Cristo, em ponto de comércio.

Muitas igrejas ainda fazem rifas, bingos, “noite da feijoada”, “noite do cachorro-quente”, tudo dentro da área do templo, “para ajudar a obra”. Outras usam slogans como “dê oferta de tanto e ganhe este livro ou CD” – o que, na prática, é venda disfarçada.

Tudo isso contraria diretamente a ordem de Jesus: não fazer da casa do Pai casa de comércio.

4. “Mas é para a obra de Deus”: uma justificativa falsa

Alguns argumentam: “Mas é para missões”, “é para pagar o sítio do retiro”, “é para ajudar na construção do templo”. A ideia é que a “boa causa” justificaria os meios.

No entanto, Deus não precisa de comércio dentro do templo para sustentar sua obra. Ele estabeleceu meios claros: dízimos e ofertas voluntárias, dadas por fé e obediência, não por transação comercial.

Dizer que “Deus escreve certo por linhas tortas” para justificar práticas contrárias à Palavra é engano. Deus escreve certo por linhas certas. Ele não contraria sua própria Palavra para levantar recursos.

Se uma igreja quer realizar um retiro, alugar sítio, oferecer alimentação, deve planejar com honestidade:

- usar o que há em caixa;

- estimular ofertas específicas, de forma transparente;

- partilhar custos de maneira simples, fora do âmbito do culto e sem transformar o templo em local de venda.

O que não pode é transformar o ambiente de culto e a estrutura do templo em mercado religioso.

5. Responsabilidade de quem participa

Muita gente compra, vende, organiza ou apoia tais práticas sem refletir, apenas porque “todo mundo faz” ou porque “a maioria das igrejas é assim”. Mas o padrão para a igreja não é a maioria; é Jesus.

Quem permanece em comunidades que mantêm comércio dentro da área de culto, e participa disso (seja comprando, seja ajudando a organizar), está indo contra o ensino expresso das Escrituras.

Livros podem ser comprados em livrarias, sites, feiras; produtos podem ser vendidos em qualquer outro ambiente apropriado. O templo – entendido aqui como espaço de reunião da igreja – não foi feito para comércio, mas para oração, ensino, adoração e comunhão em santidade.

Por isso, é necessário examinar:

- que tipo de práticas existem no lugar onde você congrega;

- se há mistura de culto com venda, rifas, promoções;

- se o templo se tornou espaço de “negócios da fé”.

Se, à luz de Lucas 19 e João 2, a resposta for sim, a postura de quem quer seguir a Cristo é arrepender-se e deixar de participar dessas coisas, ainda que isso signifique confrontar costumes, mudar de igreja ou perder conveniências.

A mesma Palavra que mostrou Jesus chorando por Jerusalém e limpando o templo continua válida. Qualquer forma de comércio dentro da casa de culto é incoerente com o evangelho. O chamado é o de sempre: ler e praticar a Bíblia, e não tomar como normal aquilo que o Senhor condenou tão claramente.

Capítulo 13 – Possessão demoníaca

Muitos evitam falar sobre possessão demoníaca ou tentam negar sua realidade, mas o próprio evangelho registra diversos casos e mostra como Jesus tratou deles.

Existem pessoas possuídas hoje, algumas claramente dominadas, outras sofrendo manifestações espirituais que são confundidas com mera loucura ou apenas problema emocional. A Escritura nos ajuda a discernir.

1. O endemoninhado de Gadara: um caso clássico

Em Lucas 8 lemos:

“Ao desembarcar em terra, foi ao encontro de Jesus um homem daquela cidade, possesso de demônios; havia muito tempo que não se vestia, nem habitava em casa alguma, porém vivia nos sepulcros. Ao ver Jesus, soltou um grande grito, prostrou-se diante dele e exclamou em alta voz: ‘Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Peço-te que não me atormentes.’ Pois Jesus ordenara ao espírito imundo que saísse daquele homem; muitas vezes se apoderara dele. Embora preso com grilhões e cadeias, rompia as amarras e era impelido pelo demônio para os desertos. Perguntou-lhe Jesus: ‘Qual é o teu nome?’ Ele respondeu: ‘Legião’; pois muitos demônios haviam entrado nele.” (Lucas 8:27-30, KJA)

Ao final, depois que os demônios entram na manada de porcos e esta se precipita no mar, o texto registra:

“Então, o povo saiu para ver o que se passara; e foram ter com Jesus e acharam o homem de quem saíram os demônios, vestido e em perfeito juízo, sentado aos pés de Jesus; e ficaram tomados de temor.” (Lucas 8:35, KJA)

Alguns pontos ficam claros:

havia possessão real, não apenas distúrbio psicológico;

o homem vivia nu, fora de casa, entre sepulcros, com comportamento autodestrutivo;

tinha força descomunal, quebrando correntes e grilhões;

os demônios reconheciam Jesus como “Filho do Deus Altíssimo”;

após a libertação, o homem foi encontrado vestido e em perfeito juízo, evidenciando mudança total.

Experiências pastorais mostram casos semelhantes: pessoas franzinas manifestando força muito acima do normal, resistência física inusual, e mudanças bruscas de comportamento quando confrontadas em oração em nome de Jesus.

2. Demônios e enfermidades

Lucas registra também:

“Estava Jesus expulsando um demônio que era mudo. E, sucedido que, saindo o demônio, o mudo falou; e a multidão se admirou.” (Lucas 11:14, ARC)

Aqui, a mudez daquela pessoa não era apenas um problema físico; tinha origem demoníaca. Quando o demônio foi expulso, a pessoa falou.

Isso não significa que toda enfermidade é demoníaca. A Bíblia distingue enfermidades naturais de casos em que um espírito maligno produz sintomas físicos.

Na prática, isso se vê em situações em que:

a pessoa sofre, sente dores ou limitações;

passa por médicos e exames, mas nada é encontrado;

não há causa clínica identificável, embora o sofrimento seja real.

Nesses casos, pode haver algo espiritual envolvido. Não se abandona o tratamento médico, mas é necessário também lidar com a dimensão espiritual, com oração séria, feita por pessoas realmente submetidas a Deus.

3. Quem pode expulsar demônios e em que condições

Jesus expulsava demônios e ordenou que seus discípulos fizessem o mesmo:

“E percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas deles, pregando o evangelho do Reino e curando todas as enfermidades e enfermidades entre o povo.” (inclui expulsar demônios em passagens paralelas, Marcos 1:39)

“Designou doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar, e a terem autoridade para expulsar demônios.” (Marcos 3:14-15, KJA)

“Então saíram eles e pregavam ao povo que se arrependesse. Também expulsavam numerosos demônios e ungiam com óleo a muitos enfermos, e os curavam.” (Marcos 6:12-13, KJA)

Depois da ressurreição, o Senhor afirma:

“Estes sinais acompanharão aqueles que crerem: em meu nome expulsarão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal nenhum; imporão as mãos sobre enfermos, e eles ficarão curados.” (Marcos 16:17-18, KJA)

Portanto, expulsar demônios não é algo reservado a “supercrentes”, mas faz parte dos sinais que acompanham os que verdadeiramente creem e obedecem.

Entretanto, não basta repetir “em nome de Jesus” como fórmula mágica. É necessário:

vida de obediência e santidade;

submissão à Palavra;

vida de oração real, e não apenas de aparência.

Casos em que pessoas com vida comprometida tentam expulsar demônios podem resultar em vergonha e ataque espiritual, como ilustrado por episódios em que até líderes no púlpito manifestam demônios quando confrontados, revelando vida escondida de pecado.

A referência de Mateus 17:21 (em algumas versões) – “esta casta não se expulsa senão por meio de oração e jejum” – aponta não para um ritual mecânico, mas para uma vida de consagração: jejum como expressão de humilhação e dependência de Deus, que torna o servo sensível à vontade do Senhor.

4. Sinais que podem indicar possessão ou forte opressão

Nem toda alteração de comportamento é demoníaca, mas há um conjunto de sinais que, especialmente quando aparecem em combinação, podem indicar possessão ou forte influência maligna. Entre eles:

Raiva gratuita e ódio sem motivo claro, sobretudo contra quem anda com Deus.

Mudanças bruscas de comportamento e personalidade, com agressividade intensa.

Uso repentino de palavrões por alguém que normalmente não fala assim.

Aversão a coisas de Deus: Bíblia, oração, louvor, cruz; zombaria ou nojo do que é santo.

Mutilação: cortes no corpo, bater a cabeça, autoagressão sem explicação racional.

Perdas frequentes de memória, períodos em que a pessoa não lembra do que fez.

Falar idiomas que nunca estudou, com fluência, em contextos de manifestação.

Mudança no olhar, na expressão dos olhos; olhar maldoso, “estranho”.

Mudança de voz, inclusive em mulheres falando com voz masculina ou múltiplas vozes.

Objetos se movendo, caindo ou quebrando sozinhos em torno da pessoa (telecinesia).

Ataques sensuais e pensamentos sexuais constantes, incontroláveis, inclusive voltados a pessoas impróprias.

Mudanças bruscas de temperatura corporal sem causa médica.

Pane elétrica frequente na presença da pessoa (lâmpadas queimando, aparelhos falhando).

Animais assustados ou agressivos apenas com aquela pessoa.

Surtos emocionais repetidos: gritos, risos histéricos, choros incontroláveis sem causa aparente.

Enfermidades sem diagnóstico claro, depois de muitos exames.

Vícios dominadores: álcool, drogas, pornografia, jogo, etc., que escravizam.

Visões de vultos, “sombras”, figuras, ouvir vozes, ver “pessoas” que ninguém mais vê.

Ver “mortos” (parentes falecidos), ouvir “chamados” de quem já morreu.

Angústia profunda, tremores, arrepios sem causa identificável.

Isoladamente, um desses sinais pode ter outra explicação (psicológica, física, emocional). Mas vários deles juntos, especialmente quando reagem diretamente à menção do nome de Jesus e à pregação da Palavra, apontam para ação espiritual maligna.

5. A necessidade de discernimento e santidade

Diante de tudo isso, duas atitudes são essenciais:

Discernimento: não diagnosticar tudo como demônio, nem excluir a possibilidade de ação maligna. Saber distinguir, pela Palavra e pela observação, o que é físico, emocional, psicológico ou espiritual.

Santidade: quem quer lidar com possessão e opressão precisa primeiro cuidar da própria vida com Deus. Não se trata de “técnica de libertação”, mas de vida alinhada com o evangelho.

Muitas perguntas sobre possessão, libertação e autoridade espiritual se respondem na própria Escritura. Por isso, o chamado permanece o mesmo: ler e praticar a Bíblia, buscando entendimento e obediência.

Capítulo 14 – Possessão demoníaca em crianças e animais

A realidade da possessão e da opressão demoníaca não se limita a adultos. A Escritura mostra casos em crianças, e também registra demônios entrando em animais, o que exige atenção ao ambiente espiritual da família e da casa.

Experiências pastorais sérias confirmam: crianças podem manifestar demônios, e animais podem ser usados como instrumentos de perturbação. Isso não anula responsabilidade humana, nem significa que tudo seja espiritual, mas mostra que o mundo espiritual é real e ativo.

1. Demônios agindo em crianças

Marcos 9 relata um caso marcante:

“E respondeu um dentre a multidão: Mestre, trouxe-te o meu filho, que tem um espírito mudo; e este, onde quer que o apanha, lança-o por terra, e ele espuma, range os dentes e vai definhando. Roguei aos teus discípulos que o expulsassem, e não puderam. (...) E Jesus perguntou ao pai: ‘Há quanto tempo lhe sucede isto?’ Respondeu ele: ‘Desde a infância; e muitas vezes o tem lançado no fogo e na água, para o matar; mas, se tu podes fazer alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos.’ Disse-lhe Jesus: ‘Se podes crer, tudo é possível ao que crê.’ E logo o pai do menino clamou com lágrimas: ‘Eu creio, ajuda a minha incredulidade.’ (...) E Jesus repreendeu o espírito imundo, dizendo-lhe: ‘Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: sai dele e nunca mais entres nele.’” (Marcos 9:17-27, resumo KJA)

O texto é claro:

trata-se de um menino;

o problema vem “desde a infância”;

o espírito o lança no fogo e na água “para o matar”;

há sintomas físicos (espuma, ranger de dentes, desmaios) atrelados a ação demoníaca;

o próprio Jesus chama esse ser de “espírito mudo e surdo”.

Isso mostra que:

demônios podem agir em crianças;

podem produzir sintomas que se parecem com crises neurológicas ou psiquiátricas;

podem intentar matar, mesmo em tenra idade.

Outro caso é o da filha da mulher cananeia:

“E eis que uma mulher cananeia, que viera daquelas regiões, clamava: ‘Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim! Minha filha está horrivelmente endemoninhada.’ (...) Então Jesus lhe disse: ‘Ó mulher, grande é a tua fé! Seja feito para contigo como desejas.’ E desde aquela hora sua filha ficou sã.” (Mateus 15:22-28, KJA)

Mais uma vez: uma filha “horrivelmente endemoninhada” é liberta em resposta à fé persistente da mãe.

2. Relação com a vida dos pais e do ambiente

A Bíblia não entra em detalhes sobre todos os pecados específicos dos pais desses casos, mas a experiência pastoral mostra algo recorrente: quando pai e mãe vivem em erro grave, praticando pecado sem arrependimento, envoltos em ocultismo, idolatria ou imoralidade, abrem brechas espirituais que afetam a casa e os filhos.

Situações observadas com frequência:

crianças pequenas manifestando demônios em momentos de oração;

reações estranhas ao simples toque de oração, mesmo em bebês;

comportamentos violentos, autodestrutivos ou sexualizados precocemente, em ambientes marcados por pecado e práticas ocultas.

Isso não elimina a responsabilidade pessoal da criança à medida que cresce; mas, na fase em que ainda não tem discernimento pleno, os pais são responsáveis pelo ambiente espiritual.

Por isso, quando se busca libertação para um filho, não basta “levar a criança para oração”. É necessário:

que pai e mãe examinem a própria vida;

que abandonem práticas pecaminosas e ocultas;

que se arrependam e alinhem a casa à Palavra.

Jesus não apenas liberta o menino em Marcos 9; Ele também lida com a falta de fé do pai (“Eu creio, ajuda a minha incredulidade”). O Senhor trata a família, não só o sintoma na criança.

3. Demônios e animais

Os evangelhos também mostram demônios entrando em animais. Em Mateus 8 (e paralelos), após libertar os endemoninhados de Gadara, lemos:

“E andava pastando, não longe deles, uma grande manada de porcos. E os demônios rogavam a Jesus, dizendo: ‘Se nos expulsas, permite-nos que entremos naquela manada de porcos.’ E Ele lhes disse: ‘Ide.’ E eles, saindo, entraram nos porcos; e eis que toda a manada se precipitou por um despenhadeiro no mar e morreu nas águas.” (Mateus 8:30-32, KJA)

Aqui fica evidente:

demônios podem entrar em animais;

a manada inteira de porcos perde o controle e se lança ao precipício.

Isso não significa que animais sejam “possessos” no mesmo sentido espiritual e eterno que um ser humano – eles não têm alma como a humana – mas podem ser usados como instrumentos de perturbação, medo e confusão.

Casos observados:

cães ou gatos que mudam de comportamento sem causa aparente, agressivos apenas com certas pessoas;

animais que “olham” fixamente para cantos vazios, rosnam, se arrepiam, como se percebessem algo que os humanos não veem;

ambientes de forte opressão espiritual em que animais adoecem repetidamente ou agem de forma descontrolada.

Novamente, pode haver explicações naturais (trauma, doença, ambiente), mas a possibilidade de ação espiritual não deve ser descartada quando há outros sinais concomitantes.

4. Como agir diante de sinais em crianças e animais

Diante de comportamentos estranhos em crianças ou animais, especialmente quando se percebe reação direta a coisas de Deus, alguns passos são fundamentais:

Exame da própria vida e da família

Verificar se há pecado oculto, práticas de espiritismo, feitiçaria, idolatria, pornografia, violência, drogas, adultério, etc.

Romper com tudo o que é contrário à Palavra, queimando ou descartando objetos ligados a ocultismo, “amuletos” religiosos, imagens usadas como ídolos, etc.

Consagração da casa e da família ao Senhor

Orar consagrando o lar, os quartos, os objetos e também os animais a Deus.

Ler a Palavra em casa, substituir músicas e conteúdos contrários ao evangelho por aquilo que edifica.

Buscar ajuda de servos de Deus comprometidos com a Palavra

Procurar homens e mulheres de Deus com vida de santidade, não apenas “religiosos” ou “famosos”.

Evitar ambientes onde se faça espetáculo com possessão – gritaria, empurra-empurra, exibicionismo – em vez de tratar com seriedade bíblica.

Entender que libertação sem arrependimento é brecha aberta

Expulsar demônios de uma criança enquanto os pais continuam no pecado é como limpar a casa e deixá-la novamente aberta ao invasor.

É necessário arrependimento real e continuidade em obediência para que haja liberdade duradoura.

5. Entre o natural e o espiritual: equilíbrio e vigilância

Nem tudo é demônio: crises emocionais, traumas, transtornos neurológicos e psiquiátricos existem de fato, e Deus nos dá a medicina como instrumento.

Por outro lado, reduzir tudo ao natural é também um erro. Síndrome do pânico, depressão, ansiedade e outros transtornos podem, em muitos casos, ter componente espiritual significativo, que não será resolvido apenas com remédio e terapia.

O equilíbrio bíblico exige:

levar a sério o diagnóstico médico;

levar igualmente a sério o diagnóstico espiritual;

tratar o que é físico com recursos médicos e o que é espiritual com arrependimento, oração, jejum e submissão à Palavra.

O mundo espiritual é real, mas não é terreno para curiosidade ou aventura; é campo para quem anda em santidade e obediência, confiando plenamente em Cristo.

Se há algo estranho em crianças ou animais na sua casa, o primeiro chamado não é “repreender o diabo”, e sim examinar a própria vida, ajustar o que for necessário e, então, resistir ao inimigo firmes na fé.

Capítulo 15 – Manifestação demoníaca

Manifestação demoníaca não se limita à cena de filme de terror, com gritos, olhos virados e gente rolando no chão. Muitas vezes ela acontece de forma sutil, usando pensamentos, conselhos e atitudes de pessoas aparentemente normais – até crentes próximos – sem que haja possessão completa.

A Bíblia distingue bem entre possessão (quando o demônio domina a pessoa) e manifestação/influência (quando ele usa brechas para agir por meio dela).

1. Judas: o diabo “põe no coração”, não possui

Em João 13 lemos:

“Durante a ceia, tendo já o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que traísse a Jesus...” (João 13:2, ARC/NAA)

Aqui não se descreve um quadro de possessão visível, mas de influência interna: o diabo “põe no coração” de Judas o plano de traição. Judas já era ladrão, roubava da bolsa do grupo, vivia em desonestidade.

O inimigo aproveita essa brecha de pecado para intensificar a tentação e levar Judas à decisão final. Não há gritos, nem espuma, nem queda ao chão; há um plano, uma decisão aparentemente “fria”, mas guiada pelo maligno.

Isso mostra que:

o diabo tenta a todos, inclusive quem está perto de Jesus;

ele se aproveita de pecados cultivados (como avareza, desonestidade);

manifestação demoníaca pode aparecer como atitude “lógica” ou “estrategicamente vantajosa”, mas contrária à Palavra.

2. Pedro: canal do Espírito num momento, boca de Satanás no outro

Em Mateus 16, primeiro vemos Pedro sendo usado por Deus:

“Simão Pedro respondeu: ‘Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.’ Então Jesus lhe afirmou: ‘Bem-aventurado é você, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que revelaram isso a você, mas meu Pai, que está nos céus.’” (Mateus 16:16-17, NAA)

Pedro é canal de revelação: o Pai lhe mostra quem Jesus é. Sobre essa revelação (de que Jesus é o Cristo, Filho do Deus vivo), e não sobre a pessoa de Pedro, a igreja é edificada.

Logo em seguida, no mesmo capítulo, acontece o contrário:

“Desde então, começou Jesus a mostrar a seus discípulos que era necessário ir a Jerusalém, sofrer muito... ser morto e ressuscitar ao terceiro dia. E Pedro, chamando-o à parte, começou a repreendê-lo, dizendo: ‘Deus não permita tal coisa, Senhor! Isso de modo algum te acontecerá.’ Mas Jesus, voltando-se, disse a Pedro: ‘Para trás de mim, Satanás! Você é para mim pedra de tropeço, porque não cogita das coisas de Deus, e sim das dos homens.’” (Mateus 16:21-23, resumo ARA/NAA)

O mesmo Pedro, que há pouco foi instrumento do Espírito, agora se torna canal de uma sugestão diabólica: impedir a cruz, evitar o sofrimento que fazia parte do plano de Deus.

Jesus discerne a origem daquela fala: Ele não está insultando Pedro, mas identificando Satanás por trás daquela ideia. “Tu não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens.”

Lições:

uma pessoa pode ser usada por Deus num momento e, se der lugar à carne, ser usada pelo diabo em outro;

manifestação demoníaca pode vir com “cara boa”, discurso de autopreservação (“tem compaixão de ti”, “Deus não quer que você sofra”);

qualquer palavra que tente desviar alguém do caminho da obediência à vontade de Deus, ainda que pareça “cuidado”, precisa ser discernida.

3. Tentação de Jesus: o diabo usa até versículo bíblico

Lucas 4 mostra o diabo tentando Jesus no deserto:

“Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto; durante quarenta dias foi tentado pelo diabo. (...) O diabo lhe disse: ‘Se és o Filho de Deus, manda que esta pedra se transforme em pão.’ (...) E, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe num momento todos os reinos do mundo. E disse: ‘Dar-te-ei toda esta autoridade e glória... se, portanto, me adorares, tudo será teu.’ (...) Depois levou-o a Jerusalém, colocou-o sobre o pináculo do templo e disse: ‘Se és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos dará ordens a teu respeito...’” (Lucas 4:1-11, resumo ARC)

Aqui não há possessão, mas manifestação direta do diabo na forma de tentação. Ele:

ataca num momento de fraqueza física (fome);

oferece atalhos (poder, glória, sem cruz);

cita a própria Escritura (Salmo 91) fora de contexto para tentar justificar o erro.

Jesus responde sempre com “Está escrito”, usando a Palavra de forma correta, no contexto, para resistir.

Hoje o diabo continua:

prometendo glória, poder, prosperidade em troca de “pequenas concessões”;

usando textos bíblicos isolados para justificar heresias (por exemplo, prosperidade sem cruz, “graça” sem santidade);

influenciando pregadores e igrejas a construírem um “evangelho” centrado em facilidades, não em arrependimento.

Isso também é manifestação demoníaca: não necessariamente gritaria, mas distorção calculada da Palavra.

4. Manifestação x possessão: como se expressam

A partir do que vimos:

Possessão: o demônio domina a pessoa, muitas vezes com perda de controle, mudanças físicas e de voz, força anormal, desmaios, etc. (como o gadareno ou o menino epilético).

Manifestação/influência: o demônio não toma a pessoa por completo, mas:

influencia pensamentos (“pôs no coração de Judas”);

inspira conselhos contrários à vontade de Deus (como em Pedro);

usa textos bíblicos distorcidos para tentar desviar (como no deserto).

Manifestações sutis acontecem quando:

alguém próximo nos aconselha a ir contra mandamentos claros (“Deus quer sua felicidade, então desobedeça aqui”);

líderes adaptam o evangelho para agradar a carne e manter multidões, evitando falar de pecado, cruz, santidade;

supostas “profecias” ou “revelações” contrariam o que está escrito, mas são aceitas porque soam confortáveis.

Discernir manifestação demoníaca, portanto, não é olhar só para o espetacular, mas checar se aquilo que é dito ou proposto está alinhado com a Palavra de Deus.

5. Prevenção: como não ser instrumento do inimigo

Para não se tornar canal de manifestação diabólica, mesmo sem perceber, é necessário:

manter vida de obediência contínua, sem pecados acalentados (como Judas e sua avareza);

subjugar pensamentos e emoções à Palavra, em vez de agir só por lógica humana (como Pedro tentou fazer);

conhecer a Escritura em contexto, para não ser enganado por textos isolados;

desconfiar de todo “conselho” que afaste da cruz, do arrependimento e da santidade, ainda que venha de alguém querido.

Manifestação demoníaca nem sempre grita; às vezes sussurra na forma de “bom senso” que contradiz o evangelho. Quem anda firme na Palavra e no Espírito aprende a dizer, como Jesus, “para trás de mim, Satanás”, mesmo quando a voz vem da boca de alguém próximo.

Manifestação demoníaca (Parte 2)

A atuação demoníaca se expressa tanto em possessões claras quanto em manifestações e influências mais sutis, que se misturam com problemas emocionais, mentais e espirituais.

Esta parte aprofunda os sinais mais visíveis, os perigos de enfrentar demônios sem preparo, e mostra, à luz de Atos, como o inimigo opera através de “revelações” e “adivinhações” para enganar.

1. Quando não é só psicológico: sinais fortes de ação maligna

Alguns sinais podem apontar para possessão ou forte opressão demoníaca (sempre lembrando que é preciso discernir caso a caso):

Mudanças abruptas de comportamento e personalidade, com agressividade intensa e gratuita.

Uso explosivo de palavras em alguém que normalmente não fala assim.

Aversão e ódio ao sagrado: Bíblia, oração, louvor, nome de Jesus, igreja, símbolos cristãos, com náusea, raiva ou vontade de fugir.

Autoagressão: cortes no próprio corpo, bater a cabeça, ferir-se de forma compulsiva.

Força física desproporcional à idade ou condição (jovens franzinos que precisam de vários homens para serem contidos).

Mudanças no olhar (pesado, maldoso, estranho) e na voz (tom diferente, vozes múltiplas).

Falar ou entender línguas desconhecidas que a pessoa nunca estudou.

Revelar coisas ocultas ou distantes, fatos íntimos do passado de pessoas presentes, sem explicação natural.

Objetos se movendo, caindo ou quebrando sem contato físico (telecinesia).

Enfermidades sem diagnóstico claro, após muitos exames, especialmente quando reagem à oração.

Vícios profundos (álcool, drogas, pornografia, jogo), com sensação de escravidão extrema.

Visões recorrentes de vultos, “sombras”, figuras, supostos “mortos”, bem como ouvir vozes chamando pelo nome.

Síndrome do pânico, depressão e transtornos diversos que não respondem a tratamento e pioram diante de momentos de oração ou contato com o sagrado.

Nenhum desses sinais, isoladamente, prova que há possessão; doenças mentais reais podem ter sintomas semelhantes. O discernimento exige cuidado, avaliação espiritual e, muitas vezes, também acompanhamento médico.

2. Quando enfrentar demônios vira vergonha: os filhos de Ceva

Atos 19 mostra o perigo de lidar com possessão sem vida com Deus:

“Alguns judeus que andavam expulsando espíritos malignos tentaram invocar o nome do Senhor Jesus sobre os endemoninhados, dizendo: ‘Em nome de Jesus, a quem Paulo prega, eu lhes ordeno que saiam.’ Os que estavam fazendo isso eram os sete filhos de Ceva, um dos chefes dos sacerdotes dos judeus. Um dia, o espírito maligno lhes respondeu: ‘Jesus eu conheço, Paulo eu sei quem é; mas vocês, quem são?’ Então o homem que tinha o espírito maligno saltou sobre eles e os dominou, espancando-os com tanta violência que eles fugiram da casa nus e feridos.” (Atos 19:13-16, NVI)

Pontos importantes:

Eles usavam a fórmula “em nome de Jesus, a quem Paulo prega”, revelando que não tinham relação pessoal com Cristo.

O espírito maligno reconhece a autoridade de Jesus e de Paulo, mas não reconhece autoridade neles: “quem são vocês?”.

O resultado é vergonha pública: apanham, têm roupas rasgadas, fogem nus e feridos.

Aplicação:

o nome de Jesus não é fórmula mágica;

sem vida de santidade e relacionamento real com Cristo, enfrentar demônios é se expor a humilhação;

“ministério de libertação” não é palco para aventureiros, mas campo de batalha para quem vive o evangelho.

Histórias modernas de gente jogando água, usando objetos, papéis com versículos, toalhas “ungidas” e afins mostram a mesma falta de preparo: demônio não respeita objeto, respeita autoridade real em Cristo, ligada a uma vida limpa diante de Deus.

3. A jovem com espírito de adivinhação: revelação que não vem de Deus

Atos 16 traz outro exemplo importante:

“Aconteceu que, indo nós ao lugar de oração, nos saiu ao encontro uma jovem escrava, que tinha espírito de adivinhação, a qual, adivinhando, dava grande lucro aos seus senhores. Esta, seguindo a Paulo e a nós, clamava, dizendo: ‘Estes homens são servos do Deus Altíssimo e vos anunciam o caminho da salvação.’ E isto fez ela por muitos dias. Mas Paulo, perturbado, voltou-se e disse ao espírito: ‘Em nome de Jesus Cristo, te mando que saias dela.’ E, na mesma hora, saiu.” (Atos 16:16-18, ACF)

Observe:

o que ela dizia era verdadeiro: Paulo e seus companheiros eram, de fato, servos do Deus Altíssimo e anunciavam o caminho da salvação;

ainda assim, a fonte daquela “revelação” era um espírito de adivinhação, que dava lucro aos donos da jovem;

Paulo não quis propaganda de demônio, e expulsou o espírito.

Isso mostra que:

demônios podem revelar fatos verdadeiros (sobre pessoas, passado, situações);

“acertar” nome, endereço, detalhe íntimo não prova que a fonte é Deus;

há hoje “revelações” e “profecias” que, na verdade, são adivinhação espiritual movida por espíritos malignos.

Em centros espíritas, “casas de revelação” ou templos que viraram ambiente de adivinhação, demônios observam histórias, pecados, traumas, e depois falam através de médiuns ou falsos profetas, para ganhar credibilidade e manter pessoas escravizadas.

4. Quando ver demais e ouvir demais é sinal de problema

É comum, em ambientes religiosos, ouvir: “vejo anjos o tempo todo”, “vejo luzes, vultos”, “ouço vozes chamando meu nome”, “vi fulano que já morreu”.

A Bíblia e a tradição cristã séria alertam:

visões e locuções extraordinárias existem, mas são raras e têm propósito claro de Deus;

ver “coisas” o tempo todo, especialmente figuras de mortos, vultos, sombras, é sinal clássico de engano ou opressão;

o demônio pode sim se disfarçar como “espírito de luz” para alimentar vaidade espiritual, confusão e dependência de experiências, em vez de dependência da Palavra.

Quando alguém vive nesse padrão (visões constantes, vozes, arrepios, sensação de presença em todo lugar), especialmente com medo, angústia e confusão, não está diante de “grande místico”, mas

diante de alguém que precisa de libertação e equilíbrio, inclusive com possível acompanhamento psicológico.

5. O que fazer quando há suspeita de possessão ou manifestação forte

Quando você percebe vários desses sinais em alguém (ou em si mesmo), alguns passos são prudentes:

Não enfrentar sozinho se não estiver espiritualmente preparado

Evite repetir o erro dos filhos de Ceva.

Se sua vida com Deus está desorganizada, comece por arrependimento e restauração, não por confronto.

Procurar uma igreja séria e um servo de Deus com vida de santidade

Não é questão de fama, mas de fidelidade à Palavra.

Evite ambientes de “show de libertação”, com gritaria e espetáculo. A libertação bíblica é firme, mas focada em Cristo.

Combinar cuidado espiritual com sabedoria clínica

Em casos de depressão profunda, esquizofrenia, pânico, etc., busque também avaliação médica.

Tratar o que é médico só como demônio é tão prejudicial quanto ignorar o espiritual.

Lembrar que libertação é processo, não apenas evento

Alguns casos se resolvem com uma ordem simples, outros exigem acompanhamento, discipulado, oração continuada.

Sem arrependimento e mudança de vida, a “casa limpa” volta a ser ocupada (ver alusão de Jesus em outras passagens).

Manter foco na Palavra, não em manifestações

A meta não é caçar demônios, mas seguir Jesus.

Quando a igreja vive o evangelho, santidade e verdade, libertação torna-se consequência natural do ministério, não atração principal.

Manifestação demoníaca é real, mas não é terreno para curiosidade, medo exagerado ou espetáculo. É campo de guerra espiritual para uma igreja que conhece a Escritura, vive em santidade e coloca Jesus no centro.

Capítulo 16 – Comer carne de porco é pecado?

A discussão sobre carne de porco só pode ser resolvida quando se separa a antiga aliança da nova aliança. Não é tradição de família, costume religioso ou regra de denominação que define o que o cristão pode comer; é a Palavra de Deus, corretamente compreendida no contexto da graça.

1. Tradição alimentar não é mandamento

A gente tem muitas pessoas ainda, um monte de gente que acha e que insiste: “É pecado comer carne de porco, a Bíblia proíbe, é pecado comer carne de porco.”

E algumas religiões batem muito nessa tecla: “Não se deve comer carne de porco em hipótese alguma.”

Nós temos que entender à luz do evangelho o que o Senhor manda, porque o que determina não é religião de homem, não é costume de família, mas a vontade de Deus.

Muitas religiões dizem: “Não pode essa carne, não pode aquilo, não pode de maneira nenhuma”, e as pessoas ficam confusas.

Eu entendo que todas essas confusões existem exatamente por falta de leitura e meditação na Palavra de Deus.

Porque, quando nós meditamos, quando nós entendemos, nós conhecemos a vontade de Deus.

O evangelho nada mais é do que a vontade de Deus revelada, e é exatamente isso que nós temos que fazer: cumprir, obedecer a vontade de Deus, não a nossa, não doutrina ou preceito de homens.

“Ah, não como carne de porco porque meus pais nunca comeram; meus avós nunca comeram.”

Isso não interessa.

Eu tenho que entender qual é a vontade de Deus.

2. A proibição na antiga aliança e o contexto do deserto

Lá no passado, quando houve o êxodo, quando Deus tirou o povo dEle do Egito, o que aconteceu?

Deus deu algumas recomendações específicas para aquele povo, naquele momento, naquela situação, naquele lugar.

Eles eram escravos, não tinham conhecimento, não sabiam distinguir direito o que era certo e errado, o que fazia mal, o que não fazia.

Deus deu a lei para mostrar o que era certo e o que era errado, o que deviam fazer e o que não deviam, o que era pecado e o que não era.

Então Deus deu recomendações principalmente em relação à comida, sobre alguns alimentos que eles não deveriam comer, e havia consequências práticas.

Nós sabemos, por exemplo, que a carne de porco é uma carne remosa, uma carne que, dependendo do tempo, se ficar exposta em lugar quente, sem refrigeração, pode estragar muito rápido e fazer mal.

Então o Senhor proibiu para aquele povo exatamente por esse motivo, por saúde e preservação, num contexto de deserto.

3. As restrições alimentares dadas a Israel

Vamos ler em Deuteronômio 14.

Deuteronômio 14, a partir do versículo 3, diz assim:

“Não comereis coisa abominável. Estes são os animais que podereis comer: o boi, a ovelha, a cabra, o cervo, a gazela, o veado, a cabra montês, o antílope, a ovelha montês. Todo animal que tem a unha fendida, dividida em duas, e que ruminam entre os animais, esse podereis comer. Porém, destes não comereis dos que ruminam, ou dos que têm a unha fendida: o camelo, a lebre e o arganaz; porque ruminam, mas não têm a unha fendida; imundos vos serão. Também o porco, porque tem a unha fendida, mas não ruminam; imundo vos será. Da sua carne não comereis, nem tocareis no seu cadáver.”

Ele segue falando sobre os animais que vivem nas águas:

“De todos os animais que há nas águas, estes comereis: todos os que têm barbatanas e escamas; mas tudo o que não tiver barbatanas nem escamas não comereis; imundo vos será.”

Depois fala das aves que não deviam comer: águia, urubu, águia marinha, falcão, corvo, coruja, pelicano, abutre, cegonha, garça, poupa, morcego, e assim por diante.

Fala também dos insetos que voam em bando, pequenos animais que povoam o chão, e diz que são impuros.

E diz:

“Não comereis nenhum animal que morra de morte natural. Poderás dá-lo ao estrangeiro que está dentro das tuas portas, para que o coma, ou vendê-lo ao estrangeiro, porque tu és povo santo ao Senhor teu Deus. Não cozerás o cabrito no leite de sua mãe.”

Então, Deus proibiu, naquela época, o consumo de certos animais, inclusive o porco.

Mas vamos entender o contexto:

Esse povo estava no deserto.

O clima no deserto é extremo.

Durante o dia, o sol esquenta, a temperatura pode chegar a 50 graus; à noite pode cair para perto de zero, até 15, 20 graus negativos em alguns desertos.

Imagine as pessoas no deserto, sem geladeira, sem recurso, se alimentando de comida facilmente perecível.

Se comessem carne de porco mal conservada, de urubu, de animais que se alimentam de carniça, poderiam ter doenças sérias, intoxicações, morrer.

Deus estava cuidando daquele povo.

Naquela caminhada, ninguém morreu de gripe, resfriado, doença comum; quando alguém morreu foi por juízo, por causa de pecado e desobediência, pragas que Deus permitiu.

Fora essas situações de juízo, ninguém morreu de qualquer doença “comum”.

Então, nós temos que observar isso: naquela situação, naquela época, era uma recomendação de Deus para proteção.

Quando a Bíblia diz “não podia comer urubu”, por exemplo, é por quê?

Porque urubu come carniça; abutre, idem.

Carne de urubu é carne altamente contaminada.

Então aquelas proibições ali eram principalmente por questão de saúde e santidade, num contexto específico.

Deus ensinou até a forma de fazer necessidades fisiológicas:

Ele mandou que, quando fossem acampar, tivessem uma pazinha, saíssem para fora do acampamento, cavassem e enterrassem aquilo, para não deixar exposto, por causa de higiene e santidade.

Hoje tem pessoas que pegam essas proibições e querem aplicar literalmente, como se fossem mandamentos eternos: “Não pode carne de porco.”

Não entendem o contexto da época, da antiga aliança, do cuidado de Deus com aquele povo específico, no deserto, sem conhecimento, sem estrutura.

4. O que os apóstolos proibiram aos gentios

Agora nós vamos ver Atos 15.

Atos 15, versículo 28, diz assim:

“Na verdade, pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor maior encargo além destas coisas necessárias: que vos abstenhais das coisas sacrificadas a ídolos, do sangue, da carne de animais sufocados e da prostituição; destas coisas fareis bem se vos guardardes. Bem vos vá.”

Agora, na graça, o Espírito Santo, por meio dos apóstolos, resume o que é proibido.

Não é mais Moisés no deserto, é a igreja do Senhor guiada pelo Espírito Santo.

E o que Ele proíbe?

- Comida sacrificada a ídolos.
 - Sangue.
 - Carne de animais sufocados.
 - Imoralidade sexual.

Nada é falado aqui de carne de porco.

5. Comida sacrificada a ídolos, sangue e animal sufocado

Então eu não posso comer o quê?

Comida sacrificada a ídolos.

O que é comida sacrificada a ídolos?

Qualquer alimento oferecido em ritual, oferenda, despacho.

Se eu sei que aquela comida foi oferecida a santo, orixá, entidade, seja qual for, eu não posso comer.

“Ah, pastor, eu vou lá na Bahia, eu amo acarajé.”

Veja de quem você está comprando acarajé.

Se a baiana trabalha aquilo como oferenda a entidade, sacrificado a ídolo, você não pode.

Eu não posso pegar doce de Cosme e Damião, bala, pirulito de festa de santo e dar para criança.

Não posso ir em festa junina, quermesse de santo, pegar quentão, batata doce, bolo, se aquilo está sendo feito como oferta à entidade.

Tudo que está diretamente relacionado a culto a ídolo, a “santo padroeiro”, a festa pagã, não posso consumir.

Isso é mandamento.

Da mesma forma, não posso brincar com Papai Noel, que tem origem pagã, demoníaca; não posso “cristianizar” símbolos quando a raiz é idolatria.

Outra coisa: sangue.

Eu sempre falo: eu gostava muito de chouriço, morcilha, linguiça de sangue.

Hoje eu não como mais, porque é sangue.

Não posso comer sangue.

Se matar uma galinha e deixar o sangue ali, não posso comer prato feito de sangue.

Não posso comer carne de animal sufocado.

O correto é sangrar o animal: cortar a garganta, deixar o sangue escorrer, depois tratar a carne.

Animal estrangulado, enforcado, eletrocutado sem sangrar, a carne fica cheia de sangue; isso é proibido.

E imoralidade sexual, que é muito abrangente: homossexualidade, fornicção (sexo entre solteiros), adultério (casado com pessoa que não é o cônjuge), qualquer tipo de prática sexual fora do padrão bíblico, temos que fugir completamente.

6. A visão de Pedro e a purificação dos alimentos

Agora, vamos voltar a Atos 10, para falar da visão de Pedro.

Atos 10, a partir do versículo 9, diz:

“No dia seguinte, indo eles a seu caminho e estando já perto da cidade, subiu Pedro ao terraço, por volta da hora sexta, para orar. E, tendo fome, quis comer; e, enquanto lhe preparavam, sobreveio-lhe um arrebatamento de sentidos; e viu o céu aberto, e descer um vaso, como um grande lençol, atado pelas quatro pontas, vindo para a terra; no qual havia de todos os animais quadrúpedes e répteis da terra e aves do céu. E foi-lhe dirigida uma voz: Levanta-te, Pedro, mata e come. Mas Pedro disse: De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum e imunda. E segunda vez lhe disse a voz: Não faças tu comum ao que Deus purificou. E aconteceu isto por três vezes; e o vaso tornou a recolher-se ao céu.”

Pedro tinha fome, subiu ao terraço para orar, e, nesse momento, teve uma visão, não um sonho.

Ele viu, consciente, como se fosse um lençol grande descendo do céu, preso pelas quatro pontas, cheio de todo tipo de animal: grande, pequeno, médio, aves, répteis, todo tipo.

E ouviu: “Levanta-te, mata e come.”

Pedro, ainda preso à lei de Moisés, diz: “De modo nenhum; nunca comi nada comum ou imundo.”

Ele repetiu isso três vezes, e três vezes a voz respondeu: “Não consideres impuro o que Deus purificou.”

A visão, em primeiro plano, falava da inclusão dos gentios; Deus estava mostrando que não deviam mais chamar de impuro o que Ele purificou, inclusive povos.

Mas também mostra que não havia mais aquela distinção rígida de alimentos como no deserto.

Para Deus, não era mais impuro aquilo que Ele purificou.

Pedro, antes, dizia: “Eu não como nada disso, sou judeu, sigo a lei.”

Agora Deus está dizendo: “Não digas impuro ao que Eu purifiquei.”

Então, comer carne de porco hoje é pecado?

À luz do evangelho, não.

Não é mais proibido como no contexto da lei cerimonial de Moisés.

Hoje temos conhecimento, temos refrigeração, sabemos tratar a carne.

Se for bem criada, bem preparada, não é pecado comer.

O pecado está em maldade, crueldade, matar por prazer, torturar animal, fazer abuso.

Se você mata para se alimentar, é uma coisa; se mata só por diversão, é pecado.

Você ama carne de boi, mas vai lá matar um boi só para bater foto; isso é maldade, pecado.

Se matar um porco só por maldade, é pecado.

Mas se mata para se alimentar, não é pecado.

O que nós temos que evitar é comida sacrificada a ídolos, sangue, carne de animal sufocado, e imoralidade sexual.

Se alguém quer comer cobra, escorpião, barata frita, como fazem em alguns países orientais, desde que seja por alimento e não em culto a ídolo, não é pecado.

Se alguém come cachorro, gato, rato em certas culturas, desde que não seja em contexto de idolatria, não é pecado.

O pecado lá, por exemplo, na Índia, é adorar vaca; é idolatria.

Nós não podemos adorar nenhum animal; só Deus merece adoração.

Se eu estou comendo carne de porco, não estou pecando.

Se você não quer comer, não está pecando também.

Não existe pecado em comer ou deixar de comer carne de porco em si.

Na época da lei, havia, sim, uma proibição; agora não mais.

Romanos 14 também trata disso.

Romanos 14, versículo 1, diz:

“Acolhei ao que é débil na fé, mas não para contendas sobre opiniões. Um crê que de tudo pode comer; outro, que é débil, come legumes. O que come não despreze o que não come; e o que não come não julgue o que come, porque Deus o recebeu.”

Então, se alguém não quer comer carne de porco, tudo bem, não está pecando.

Mas não pode julgar quem come, chamando de pecador.

E quem come de tudo não deve desprezar o que não come.

Deus recebe os dois.

Não devemos fazer disto causa de briga, contenda.

O importante é entender que não é pecado comer carne de porco.

É errado ficar dizendo que é pecado, usar argumento errado.

Nós podemos comer qualquer carne de animal, desde que não entre nas proibições do Novo Testamento: não seja carne sacrificada a ídolos, não seja sangue, não seja animal sufocado, e que não envolva maldade desnecessária.

Isso é o que a Bíblia ensina, isso é o que o Espírito Santo nos mostra.

Queria agradecer a todos que enviam perguntas; é por causa dessas dúvidas que trazemos esses esclarecimentos.

E, como sempre digo, leia e pratique a Bíblia.

Que Deus abençoe.

Conclusão pastoral

Comer carne de porco, por si só, não é pecado para quem está em Cristo. O cristão não vive preso às restrições alimentares da antiga aliança, mas também não vive sem discernimento. A Palavra proíbe comida sacrificada a ídolos, sangue, animal sufocado e toda prática que contamine a consciência diante de Deus. Fora disso, não é tradição humana que deve governar a mesa do cristão, mas a liberdade da graça com temor e santidade.

Leia e pratique a Bíblia.

Capítulo 17 – Campanhas

As campanhas se tornaram uma das marcas do sistema religioso moderno. Há campanha para cura, campanha para prosperidade, campanha para derrubar muralha, campanha de sete, doze, vinte e um ou quarenta dias. Mas a pergunta permanece a mesma: onde Cristo e os apóstolos ensinaram esse modelo?

1. Campanhas e invenções religiosas

É muito comum hoje, no meio chamado evangélico, as pessoas participarem de campanha.

As denominações, as igrejas, criam campanha para tudo, e as pessoas acreditam mesmo.

Mesmo que seja uma campanha em que você “não tenha que colocar dinheiro”, na maioria delas você tem que estar colocando valores em envelope.

Eu conheço denominações em que cada dia da semana tem uma campanha, e todas elas com envelope diferente, para as pessoas colocarem valores.

O que nós temos que entender é que, se você for analisar todas essas campanhas, vai ver que não existe base bíblica.

E eu estou falando sério.

2. Jericó não autoriza campanhas modernas

Campanha da “derrubada do muro de Jericó”, por exemplo.

Você tem que entender que aquilo ali não existe para hoje.

Aquilo ali foi uma situação específica com Josué, naquele dia, naquela época, naquela circunstância.

Hoje você pode fazer campanha de qualquer maneira que quiser, ficar um ano todo em consagração dentro da igreja, que não vai derrubar muro nenhum.

Isso é realidade.

Hoje, nós somos irmãos em Cristo, na Palavra de Cristo.

Estamos na graça.

Não podemos simplesmente, por nosso bel-prazer, tirar uma situação da Bíblia e dizer: “Vamos fazer agora uma campanha disso.”

“Vamos fazer uma campanha de cura”, e fica ali fazendo vãs repetições, coisas que Jesus mesmo condena.

Campanhas não têm base bíblica.

Isso é coisa de homem, doutrina de homem, de sistema humano.

Nós temos que nos apartar disso.

E veja que eu estou falando não somente de campanhas em que tem que colocar valores em envelope, mas de campanha de forma geral.

É doutrina de seres humanos, não do Senhor.

3. Campanhas, horários místicos e vãs repetições

“Eu faço porque estou participando de uma campanha agora de madrugada; todo dia uma vez na semana, ou todos os dias, às três, quatro, cinco, seis, sete, quinze, vinte dias.”

Campanha de cura, campanha de libertação, campanha pela família.

Não, não existe isso.

Você ora pela sua família, apresenta sua família, busca por sua família, pela cura ou qualquer outro motivo, em obediência, não em campanha.

Essa história de campanha é invenção.

O que nós temos que aprender é buscar o Senhor em primeiro lugar, sabendo que as demais coisas nos serão acrescentadas.

É isso que nós temos que fazer.

Eu quero ver um versículo no livro de Marcos.

Evangelho de Marcos, capítulo 7.

No versículo 5 diz assim:

“Então os fariseus e os mestres da lei perguntaram a Jesus: ‘Por que razão os teus discípulos não andam em conformidade com a tradição dos anciãos, mas comem o pão com as mãos impuras?’”

Ele lhes respondeu:

“Bem profetizou Isaías a respeito de vós, hipócritas, como está escrito: ‘Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. Em vão me adoram; as doutrinas que ensinam não passam de ordenanças humanas.’”

Esse povo honra com os lábios.

Nós vemos o povo o tempo todo: “Eu amo Jesus, Jesus é o meu Senhor, eu te amo, meu Deus”, “Glória a Deus”, fazem tudo isso, mas é só dos lábios.

O coração está longe do que estão praticando.

Estão praticando doutrina de homem.

Quem está falando isso é o próprio Senhor Jesus.

Ele diz: “Em vão me adoram; as doutrinas que ensinam não passam de ordenanças humanas.”

Eu não posso pegar uma ordenança humana e fazer dela regra de culto.

“Vamos fazer uma campanha por isso, por aquilo; você não pode faltar, você não deve deixar de vir; você tem que vir todo dia, tem que colocar o valor no envelope.”

Campanha da rosa ungida, campanha do sal grosso, “leva o sal para jogar na sua casa”, “pega a rosa e leva”, “no último dia da campanha vai acontecer isso e aquilo”.

Não tem fundamento bíblico.

Campanha da derrota de Goliás, campanha do cajado de Moisés, campanha da arca da aliança.

Tudo isso é pegar algo que o Senhor operou lá, na história de Israel, em uma situação específica, e querer repetir como se fosse fórmula.

A arca da aliança, por exemplo, não existe mais.

Se houvesse necessidade de usá-la, o Senhor teria deixado.

Hoje nós temos Jesus, que é muito superior à arca da aliança.

Ainda tem templos que ficam fazendo imitação barata de arca da aliança, de papelão, de alumínio, ou de qualquer material, e ficam: “É a campanha da arca; você tem que vir adorar diante da arca.”

Não existe arca da aliança para nós.

Nós temos Jesus.

Nós temos é Jesus, e não nenhuma arca.

O tempo em que a arca foi necessária, o Senhor a enviou; depois, tirou.

Sumiu, ninguém encontra até hoje.

Arqueólogo, historiador, vive procurando, mas não acha, porque o Senhor recolheu.

Nós temos que compreender e abandonar essas doutrinas ensinadas pelos homens, esses preceitos humanos, e aprender a adorar o Senhor em espírito e em verdade, não só com lábios.

Não como esse povo que Jesus chama de hipócrita.

São pessoas religiosas: “Ah, eu tenho que participar dessa campanha, daquele elo, daquele propósito.”

O Senhor chama isso de hipocrisia.

Nós temos que voltar ao evangelho.

“Ah, mas eu me sinto bem participando de campanha, nós buscamos o Senhor, nós adoramos...”

Não é questão de “me sentir bem”; é questão de agradar a Deus, não a nossa carne.

Nossa preocupação não é agradar a nós mesmos, é agradar a Jesus, fazer a vontade dEle, obedecer.

Vamos abandonar as doutrinas de homens, os preceitos humanos, campanhas de jejum “não sei de quantos dias”, campanha disso, daquilo.

Biblicamente não existe campanha.

As pessoas fazem porque estão acostumadas.

“Ah, eu estou precisando de alguma coisa, vou fazer uma campanha para ver se Deus opera.”

Deus só vai agir de acordo com a Palavra dEle.

Não adianta criar campanha, criar voto, criar jejum inventado, nada disso vai mudar o que Deus já determinou.

Hoje estamos em Jesus.

Vamos lá em Josué, só para citar, porque o povo gosta muito de usar Josué para fundamentar campanha.

Josué capítulo 1, versículo 3, diz:

“Todo lugar que pisar a planta do vosso pé, eu vo-lo tenho dado, como eu prometi a Moisés.”

E continua:

“Ninguém te poderá resistir todos os dias da tua vida; assim como fui com Moisés, assim serei contigo; não te deixarei nem te desampararei.”

Tem muita gente pegando esse texto e fazendo campanha:

“Todo lugar que você pisar a planta do pé, Deus vai te dar.”

Isso foi Deus falando com Josué, naquele momento, naquela missão específica, como líder de Israel, para conduzir o povo à terra prometida.

Não é promessa geral para mim e para você sairmos pisando por aí, dizendo: “Aqui é meu, Deus me deu.”

Não existe isso.

As pessoas não meditam na Palavra, não compreendem o contexto, e fazem campanha baseada nisso.

Campanha da “Vitória de Davi”, campanha “derrubando Golias”.

Davi derrotou Golias naquela situação; hoje não existe Golias literal.

Se Deus permitir algum gigante na sua vida, Ele mesmo vai agir; não é você que coloca um “Golias simbólico” e sai fazendo campanha.

“Campanha de Penina”, campanha “jejum de Daniel”.

Daniel não fez “jejum de Daniel” como falam hoje.

Ele se absteve das iguarias do rei porque não queria comer comida sacrificada a ídolos; preferiu comer legumes.

Isso é postura de santidade, não “receitinha de jejum”.

Campanha de portas abertas, portas fechadas, chave de Davi.

Não existe campanha, biblicamente falando.

Isso não traz benefício espiritual; traz benefício para denominações, para congregações, para pastores, porque, junto com campanha, sempre tem envelope, oferta, voto.

Tem denominação que cria campanha e fala para a pessoa:

“Todo dia você coloca um valor no envelope, e, no último dia, você traz tudo.”

Tudo isso são histórias para arrancar dinheiro.

O povo está em campanhas, não em Jesus.

O tempo que deveria estar em Jesus, em oração sincera, está em campanha.

Biblicamente não existe nenhuma campanha.

O que existe é enganação, como lemos em Marcos 7: “Em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens.”

Abandonam o mandamento de Deus e se apegam à tradição humana.

Campanha da “toalha ungida”, da “água ungida”, do “sal grosso”, da “rosa”, do “óleo”, do “cajado”, da “arca”.

É uma forma de ganhar dinheiro, de prender as pessoas.

“Você não pode deixar de vir no 1º elo, 2º elo, 3º, 4º, 5º, até o 7º elo; tem que vir em todos.”

Isso é conversa de homem, não de Deus.

Vamos voltar para Jesus.

Vamos ver Jeremias 3:16.

Jeremias 3:16 diz assim:

“E sucederá que, quando vos multiplicardes e frutificardes na terra, naqueles dias, diz o Senhor, nunca mais se dirá: ‘Arca da aliança do Senhor’; nem lhes virá ao coração, nem dela se lembrarão, nem a buscarão; e não se fará outra.”

Naquela época, Deus já estava dizendo que viria um tempo em que ninguém mais lembraria da arca da aliança, não sentiria falta, e não se faria outra.

Mas o que nós vemos hoje?

Denominações fazendo réplica de arca da aliança, arrastando arca para cima e para baixo, chamando o povo para “adorar diante da arca”, “fazer campanha na arca”.

Se Deus já disse que não é para lembrar, nem buscar, nem fazer outra, por que estão fabricando?

Porque querem objeto de adoração, querem algo visível, querem cenário.

Nós já temos Jesus para adorar.

Nós já temos o Senhor para louvar, para buscar socorro.

Não precisamos de arca, cajado, rosa, toalha, sal, água, nada disso.

Precisamos de Jesus.

Nós temos que abandonar essas práticas, voltar ao evangelho.

No passado, nós não vivemos a lei, não vivemos os profetas como Israel; vivemos hoje na graça, com o evangelho completo.

Deus já tinha dito ali em Jeremias que a arca não seria mais lembrada.

Então, por que viver correndo atrás de arca simbólica hoje?

Nós temos que ler a Palavra com cuidado.

Problema é que as pessoas não leem.

Ficam só ouvindo pregador, vendo vídeo, e não conferem na Bíblia.

Romanos 12:2 diz:

“E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.”

Para descobrir a boa, agradável e perfeita vontade de Deus, eu não posso me conformar com o sistema deste mundo.

Campanha é sistema deste mundo.

É mecanismo humano: marketing, cronograma, emocionalismo, barganha.

Igrejas criaram shows, eventos, campanhas, tudo copiado do mundo: palco, luz, fumaça, dança, coreografia, “noite disso, noite daquilo”, e o evangelho fica de lado.

Nós não podemos aceitar o que não é bíblico.

Hoje, nas igrejas, tem de tudo: desfile, apresentação de moda, show de dança, tudo com formato de mundo.

Tem “culto de rodar”, “culto do reteté”, espetáculo para entreter carne, não para alimentar o espírito.

Nós temos que voltar para Jesus, ser transformados pela renovação da mente.

Não é participando de campanha, pegando envelope, usando objeto, que vamos conhecer a vontade de Deus.

Pelo contrário, esses objetos acabam virando idolatria de novo.

O povo pega óleo, água, rosa, sal, toalha como amuleto.

É pecado.

Nós vamos depois falar mais de idolatria, mas já é isso aqui.

As pessoas transformam tudo em objeto de fé.

Nós não vemos em lugar nenhum do Novo Testamento Jesus mandando ungir objeto para ser “ponto de contato”.

Ungimos pessoas, não coisa.

6. Voltar à Palavra, não aos amuletos

Objeto é inanimado; para Deus, isso não funciona como “veículo de poder” se o homem inventa.

Nós temos que abandonar tudo isso, voltar à Palavra, conhecer a boa, perfeita e agradável vontade de Deus.

Vamos adorar a Deus em verdade, não só de boca, mas de acordo com a Palavra dEle.

Tudo que formos fazer, que esteja na Bíblia; se não está, não vamos inventar.

Leia e pratique a Bíblia.

Tenha um bom dia.

Conclusão pastoral

Campanhas não substituem o evangelho. O povo de Deus não precisa de rituais inventados, envelopes, objetos, horários místicos ou repetições para mover o coração do Pai. O que o Senhor exige é fé, oração sincera, obediência e submissão à Palavra. Quando uma prática não tem fundamento bíblico, por mais bonita que pareça, deve ser abandonada.

Leia e pratique a Bíblia.

Capítulo 18 – Guardar o sábado

A questão do sábado ainda prende muitas pessoas à antiga aliança. Alguns afirmam que guardar o sábado é obrigação do cristão; outros ficam confusos, sem saber se estão pecando por trabalhar, cultivar ou descansar em outro dia. A resposta precisa vir do evangelho, não da tradição judaica nem de sistemas religiosos.

1. A dúvida sobre guardar o sábado

O que tem de pessoas que ainda têm dúvida: devemos guardar o sábado ou não?

Adventistas dizem que sim, né, vêm com essa história de guardar o sábado, e acabam influenciando outras seitas também, que fazem questão de guardar o sábado.

O judeu guarda o sábado, os judeus ortodoxos, e tem mais alguma seita judaica também que guarda, e outras por aí.

E outros vão ficando em dúvida: “Será que nós devemos guardar o sábado?”

Então, nós temos que descobrir essa resposta no próprio evangelho de Jesus, para não sermos enganados, para não sermos iludidos.

Eu vou falar algo a respeito hoje e nós vamos conversar.

Falando aqui em Lucas 4, no versículo 31, diz assim:

“Então Jesus desceu para Cafarnaum, cidade da Galileia, e no outro sábado começou a ensinar o povo. E todos ficavam deslumbrados com o seu ensino, porque a sua palavra era ministrada com autoridade.”

Então, em um sábado, Jesus começou a ensinar, começou a pregar.

Hoje, assim como naquela época, na lei, o sábado tinha que ser respeitado.

2. O sábado na antiga aliança

Antes da vinda de Jesus, a lei foi dada por Moisés, e o povo guardava o sábado.

O que é isso de guardar o sábado?

Volto a insistir: o povo saiu do Egito, da escravidão, e escravo não tinha dia.

Escravo trabalhava de segunda a segunda, não tinha dia de descanso, nada disso.

Então o povo saiu assim, sem ter noção de descanso, sem ter hábito de separar um dia.

Deus também, naquele contexto, fez muitas recomendações — inclusive sobre carnes, por uma questão de saúde — e também para que tivessem um dia de descanso, para que pudessem separar um dia para adorar o Senhor.

Então Deus estabeleceu: “Vai ser dia de sábado, esse vai ser o dia de descanso.”

Mas isso, na antiga aliança.

5. Na graça, todos os dias pertencem ao Senhor

Na nova aliança, em Jesus, Ele já vem nos mostrando o contrário, que não tem isso.

Nós temos todos os dias, todas as horas que quisermos, para adorar o Senhor, para viver para Ele, para nos consagrarmos ao Senhor.

3. Jesus e o sábado

O próprio Jesus, em vários momentos em que estava aqui, pregava a Palavra de Deus em dia de sábado.

Segundo a lei, não poderia fazer nada.

Ainda tem algumas seitas por aí que dizem que, dia de sábado, tem que ser respeitado, que sábado não pode fazer nada.

Mas Jesus, várias vezes, mostrou o contrário.

Ele questionou: “Quando um animal de vocês, de vocês que me criticam, está amarrado, vocês não o levam para tratar?”

Quando um animal de vocês cai num abismo, num precipício, qualquer coisa, mesmo sendo sábado, vocês não vão socorrer?”

E Ele coloca o exemplo do jumento, do boi que precisam ser soltos para beber água.

Então não existe hoje esse modelo de que “não é permitido fazer qualquer coisa no dia de sábado”.

Lucas 6, versículo 6, diz assim:

“No outro sábado, ele entrou na sinagoga e começou a ensinar.”

“E estava ali um homem cuja mão direita era atrofiada.”

Agora já é no outro sábado, Jesus novamente ensinando.

Naquela época, os fariseus diziam que não podia fazer nada.

Versículo 7:

“Os doutores da lei e os fariseus estavam ávidos para achar algum motivo pelo qual pudessem acusar Jesus, e por isso o observavam com toda atenção, a fim de perceber se ele iria curar durante o sábado.”

Todavia, Jesus tinha conhecimento do que eles pensavam e, mesmo assim, disse ao homem de mão atrofiada:

“Levanta-te, vem para frente e permanece aqui no meio.”

O homem se levantou e ficou de pé.

Então Jesus lhes apresentou uma questão:

“O que é permitido realizar no sábado: o bem ou o mal? Salvar uma vida ou destruí-la?”

E Jesus olhou atentamente para cada um dos que estavam à sua volta e disse ao homem:

“Estende a tua mão.”

O homem estendeu, e ela foi instantaneamente restaurada.

Contudo, eles ficaram enfurecidos e começaram a discutir entre si o que poderiam fazer contra Jesus.

Veja: num sábado, Jesus está ali pregando, ensinando.

Há um homem com a mão atrofiada, e os doutores da lei, que tinham conhecimento, que diziam seguir a Deus, estavam apenas à espreita:

“Vamos ver se Ele vai curar no sábado.”

Eles não estavam preocupados com a libertação do homem, mas em achar motivo para acusar.

Jesus sabia o que pensavam, mas mesmo assim chamou o homem à frente e o curou, depois de perguntar:

“O que é permitido no sábado? Fazer o bem ou fazer o mal? Salvar uma vida ou destruí-la?”

Eles não tinham resposta, ficaram calados.

Jesus cura o homem, e eles ficam furiosos, tramando como o matariam.

Nós vamos ver que, numa das acusações feitas contra Jesus, estava justamente o fato de Ele curar no sábado, de Ele ensinar no sábado.

Essa foi uma das coisas que os religiosos usaram para persegui-lo até a cruz.

Mas Jesus deixou bem claro que esse negócio de “não pode fazer nada no sábado” não se sustenta diante da vontade de Deus.

No passado, sim, havia uma separação, um ensino, um treino para aquele povo que não conhecia descanso.

Era uma ordem pedagógica, para que aprendessem a parar, descansar, adorar.

Jesus agora vem mostrar: não tem esse negócio de sábado como dia “intocável”.

Nós vamos ver que Jesus diz que o sábado foi criado por causa do homem, e não o homem por causa do sábado.

Marcos 1, versículo 21, diz assim:

“Dirigiram-se para Cafarnaum e, assim que chegou o sábado, tendo entrado na sinagoga, Jesus passou a ensinar.”

“E todos se maravilhavam com o seu ensino, pois os ensinava como quem tem autoridade, e não como os mestres da lei.”

Mas, naquele exato momento, levantou-se na sinagoga um homem possuído por um espírito imundo, que gritou:

“Que temos nós contigo, Jesus nazareno? Vieste para nos destruir? Sei quem tu és: o Santo de Deus!”

Mas Jesus o repreendeu severamente:

“Fica quieto e sai dele!”

Então o espírito imundo, sacudindo-o violentamente e gritando com grande voz, saiu dele.

Todos ficaram atônitos e perguntavam uns aos outros:

“O que é isso? Um novo ensino! Com autoridade Ele ordena até aos espíritos imundos, e eles obedecem.”

Assim, rapidamente, a notícia sobre Jesus se espalhava em todas as direções por toda a região da Galileia.

Jesus, de novo num sábado, está ensinando, e há uma libertação.

Ele gostava de pregar no sábado exatamente para deixar bem claro, para deixar ensinamentos para nós, de que não existe essa questão de “não pode tocar no sábado”.

Ele chega ao templo, prega na sinagoga, e de repente uma pessoa possesa se manifesta.

Jesus expulsa o demônio e liberta a pessoa.

Segundo a lei, Ele não poderia pregar, muito menos expulsar demônio no sábado.

Não poderia curar ninguém, não poderia fazer nada.

Eles estavam olhando a antiga lei, mas não consideravam que Jesus era o Messias, o Filho de Deus, o enviado.

Interessante que, enquanto os religiosos não sabiam (ou não queriam reconhecer) quem era Jesus, os demônios sabiam.

Aqui o demônio, na boca daquele homem, diz:

“Eu sei quem tu és, o Santo de Deus, vieste para nos destruir.”

O diabo sabia quem era Jesus; os fariseus, não.

Ou não queriam aceitar.

Eles estavam presos à coisa antiga, e Jesus trazendo o novo, a nova aliança, e eles não queriam.

Da mesma forma, hoje existem várias seitas, denominações, insistindo em guardar o sábado.

“Não pode fazer isso no sábado, não pode fazer aquilo.”

Temos que aprender com Jesus.

Nosso fundamento não pode ser em doutrina de homens, em preceitos de homens, mas em Jesus.

Não é porque alguém fala muito bem, prega muito bem, diz isso ou aquilo, que vamos seguir a lei antiga.

Nós não vivemos mais na antiga lei.

Não adianta vir alguém pregar pegando Deuteronômio, Levítico, Êxodo, citações de Moisés, para nos colocar debaixo de mandamento cerimonial.

O que Moisés falou se cumpriu em Jesus.

Nós temos Jesus.

Então, não temos que nos preocupar com “guardar o sábado” como mandamento cerimonial.

“Ah, eu vou separar hoje, sábado, não posso fazer nada, não posso isso, não posso aquilo.”

Todos que estão pregando, exigindo que o sábado seja guardado do jeito que a lei mandava, não passam de fariseus, religiosos, assim como aqueles de Israel.

Lucas 13, evangelho de Lucas, capítulo 13, versículo 10:

“Aconteceu que, em certo sábado, Jesus estava ensinando numa das sinagogas, e estava ali uma mulher que, havia dezoito anos, tinha um espírito de enfermidade; andava encurvada e de modo algum podia endireitar-se.”

Ao vê-la, Jesus chamou-a à frente e disse:

“Mulher, estás livre da tua enfermidade.”

E impôs as mãos sobre ela; e logo se endireitou e glorificava a Deus.

Mas o chefe da sinagoga, indignado porque Jesus sarara no sábado, disse à multidão:

“Há seis dias em que é mister trabalhar; vinde, pois, nesses dias para serdes curados, e não no sábado.”

Respondeu-lhe, porém, o Senhor:

“Hipócritas! Cada um de vós não desprende da manjedoura, no sábado, o seu boi ou jumento, e não o leva a beber?”

E não convinha soltar desta prisão, em dia de sábado, esta filha de Abraão, a quem há dezoito anos Satanás mantinha presa?”

E, dizendo Ele isto, todos os seus adversários ficaram envergonhados; e todo o povo se alegrava por todas as coisas gloriosas que eram feitas por Ele.

Veja: mais uma vez, sábado.

Jesus está ensinando na sinagoga, e há uma mulher encurvada há dezoito anos por um espírito de enfermidade.

Ele a chama, declara libertação, impõe as mãos, ela se endireita e glorifica a Deus.

E o dirigente da sinagoga, o líder, em vez de se alegrar, se indigna porque foi no sábado.

E manda o povo vir ser curado em outro dia, não no sábado.

Jesus o chama de hipócrita.

Hipócrita é aquele que representa, finge uma coisa, mas é outra; fala uma coisa e vive outra.

Jesus diz: “Vocês não desamarram o boi ou o jumento e o levam pra beber água no sábado?”

Por que não poderia libertar, em dia de sábado, esta filha de Abraão que Satanás prendeu por dezoito anos?”

As pessoas dessas seitas que insistem que sábado “não pode fazer nada” muitas vezes nem obedecem a sua própria exigência.

Até vão a supermercado, arrumam casa, fazem coisas, inventam exceções.

Não existe essa questão de “guardar o sábado” como obrigação.

Temos que nos pautar no que Jesus fala.

Marcos 2, versículo 23, diz:

“Aconteceu que, passando Ele num sábado pelas searas, seus discípulos, caminhando, começaram a colher espigas.”

E os fariseus lhe disseram:

“Vê, por que fazem no sábado o que não é lícito?”

Mas Ele lhes disse:

“Nunca lestes o que fez Davi, quando teve necessidade e teve fome, ele e os que com ele estavam?”

Como entrou na casa de Deus, nos dias do sumo sacerdote Abiatar, e comeu os pães da proposição, dos quais não era lícito comer senão aos sacerdotes, e deu também aos que estavam com ele?”

E disse-lhes:

“O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado; assim, o Filho do homem é Senhor até mesmo do sábado.”

Jesus anda com os discípulos num sábado, passa por uma plantação de cereal; os discípulos começam a colher espigas e comer.

Eles não estavam roubando.

A lei determinava que, quando alguém passasse por uma plantação, podia pegar para comer, não para encher saco, não para vender.

Havia até ordenança para deixar espigas para os pobres recolherem.

Então o problema não era “roubo”, era o fato de ser sábado.

Os fariseus se agarram a isso: “No sábado não pode pegar nada.”

Jesus traz o exemplo de Davi com os pães da presença, e conclui:

“O sábado foi feito por causa do ser humano, e não o ser humano por causa do sábado.”

Em outras palavras: Deus instituiu o sábado para beneficiar o homem, para dar descanso, encontro com Ele, naquele contexto, e não para o homem se tornar escravo do sábado.

E fecha: “O Filho do homem é Senhor até do sábado.”

Ou seja: Jesus é Senhor também do sábado; Ele tem autoridade sobre isso.

Ele nos libertou.

Podemos, sim, trabalhar e viver normalmente no sábado.

Não existe proibição de sábado para quem está em Cristo.

Estou falando de Bíblia; estou mostrando em vários textos o próprio Jesus agindo e ensinando.

Mateus 12 traz o mesmo relato das espigas:

“Naquele tempo, passou Jesus pelas searas, em um sábado; e os seus discípulos, tendo fome, começaram a colher espigas e a comer.”

Os fariseus, vendo isso, disseram:

“Olha, os teus discípulos fazem o que não é lícito fazer no sábado.”

Ele, porém, lhes disse:

“Não lestes o que fez Davi, quando ele e os seus companheiros tiveram fome? Como entrou na casa de Deus, e comeram os pães da proposição, que não lhes era lícito comer, nem a ele, nem aos que com ele estavam, mas somente aos sacerdotes?”

Ou não lestes na lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa?

Pois eu vos digo que aqui está quem é maior do que o templo. Se soubésseis o que significa ‘misericórdia quero, e não sacrifício’, não condenaríeis inocentes; porque o Filho do homem é Senhor do sábado.”

Nós temos que ler a Bíblia, meditar na Bíblia, praticar a Bíblia.

Não é crer no que as pessoas estão falando, em tradição de religião, seja qual for.

“Vamos lá no Antigo Testamento para justificar que tem que guardar o sábado.”

Nós não vivemos mais o Antigo Testamento, no sentido da lei cerimonial.

Nós vivemos em Jesus, e Ele é Senhor do sábado.

Nós não guardamos sábado como mandamento cerimonial.

Se você quiser, por decisão pessoal, separar um dia da semana para descansar mais, tudo bem, mas não é mandamento do Senhor que você não possa fazer nada no sábado.

Sábado, para nós, é um dia como qualquer outro, à luz do evangelho.

4. O sábado foi feito por causa do homem

Jesus é Senhor do sábado também.

Muito bem, à luz do evangelho, conseguimos esclarecer isso.

Qualquer dúvida, vá conferir na Bíblia.

Por isso, em todo tempo, eu digo: leia e pratique a Bíblia.

Que Deus abençoe, tenha um bom dia.

Conclusão pastoral

Guardar o sábado não é mandamento imposto à igreja de Cristo. O sábado pertenceu ao contexto da antiga aliança e apontava para descanso, separação e adoração. Em Jesus, o verdadeiro descanso se cumpre, e todos os dias pertencem ao Senhor. Portanto, não se deixe escravizar por julgamentos religiosos sobre dias, festas ou sábados; viva para Cristo todos os dias.

Leia e pratique a Bíblia.

Capítulo 19 – A Lei e a Graça

A relação entre Lei e Graça precisa ser entendida com seriedade. Muitos misturam Moisés com Cristo, Antigo Testamento com Nova Aliança, mandamentos cerimoniais com evangelho, e acabam colocando sobre o povo um peso que o próprio Senhor Jesus cumpriu na cruz.

1. A confusão entre Lei e Graça

Porque fazem muita confusão, e logo levantam: “Você é muitas pessoas, usa a antiga aliança, a antiga lei, ela já está, ainda está vigorando? Não está?”

E nós devemos compreender se nós estivermos vivendo ainda naquela antiga, liderada por Moisés.

Se nós estivermos vivendo ainda nos próprios profetas, e falsos profetas estão falando isso aí: “Feliz é aquele que ama a lei.”

Se nós estivermos ainda vivendo neles, nós não estamos em Cristo.

Não existem duas alianças.

2. A lei se cumpriu em Cristo

Os dois testamentos: a antiga lei, o Antigo Testamento, se cumpriu 100% em Jesus.

A partir daí, nós vivemos em Jesus.

3. A lei mostrou o pecado, mas não salvou

Porque ficou-se evidente que aquela antiga lei não tinha condições de salvar ninguém, absolutamente ninguém.

Ao contrário, a lei não “corrigia” nada; ela mostrava.

Ela mostrava para a pessoa: “Olha, você cometeu isso, você roubou, isso é pecado; o que acontece? Punição.”

“Você matou, é pecado; o que acontece? Punição.”

“Você adulterou, é pecado.”

Eles vinham com a famosa lei do “olho por olho, dente por dente”.

Era uma lei extremamente severa, forte, que levava à morte física, e não espiritual.

Porque a lei não tinha condição de salvar ninguém espiritualmente falando.

Então, quando hoje as pessoas usam ainda a lei de Moisés: “Não, mas fala isso, viu, está escrito lá”, é porque não sabem usar nada.

Para favorecer ou para “prejudicar”, teria que ser um socorro divino.

4. O que permanece é o que Cristo ratificou

Ela só pode ser utilizada se houver alguma coisa que tenha sido ratificada em Jesus, no evangelho.

Caso contrário, não.

Hoje e amanhã eu vou falar dando uma pincelada; não temos condições de falar sobre tudo porque gastaria muito tempo.

Mas eu quero pelo menos fazer com que as pessoas entendam.

Hoje não adianta falar que Isaías falou isso, que Jeremias falou aquilo.

Vamos procurar entender o que é que está falando, e vocês vão perceber que a maioria falou para aquela época, para aquele clã, e principalmente falavam sobre julgar, lei por lei.

Vamos ler aqui no livro de Gálatas.

Carta de Paulo à igreja da Galácia, capítulo 2, versículo 19:

“Por intermédio da lei eu morri para a própria lei, com o propósito de viver somente para Deus.”

Hoje nós queremos viver para quem?

Para viver em Cristo.

O eu já morreu para a lei.

Aquela lei não existe para nós.

E ele continua:

“Fui crucificado juntamente com Cristo; e desse modo já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim.”

E essa nova vida que agora vivo no corpo, vivo-a exclusivamente pela fé no Filho de Deus, que me amou e se sacrificou por mim.”

Nós vivemos agora em Cristo.

Paulo fala: “Não vivo mais eu.”

Por isso eu falo, não é Moisés, não é nenhum outro.

Cristo morreu por nós, não Moisés, não Jeremias, não Isaías, não Ezequiel; ninguém morreu por nós.

Quem morreu por nós foi Jesus.

E não foi uma morte “simples”; foi o que Ele sofreu.

Então nós pertencemos a Jesus.

Jesus comprou o direito, a posse.

Ele nos comprou.

Não é mais velha aliança.

Como é a Palavra de Deus por isso?

Isso é um testamento.

Eu vou explicar sobre a criação do testamento.

Jesus fala, na hora da ceia, inclusive, que aquele cálice é “a nova aliança feita no meu sangue”.

Nova aliança.

Não é que aquela antiga permanece; aquela acabou, já era.

Tudo que tinha na lei se cumpriu em Jesus, morreu nela.

Ele já cumpriu a antiga lei.

Mais um: “testamento”.

O que é?

A Bíblia é dividida em dois testamentos.

O que é testamento?

Testamento é um documento jurídico, onde se expressa a vontade de alguém, que deve ser executada após a morte da pessoa.

Muito bem.

Alguém faz um testamento, num ano, deixando uma coisa para determinadas pessoas.

Depois ele se arrepende e faz um novo testamento.

Aquele anterior já não vale mais nada.

Aquele não vale mais.

O que vale é o novo testamento.

“Ah, mas no primeiro testamento ele tinha deixado herança para fulano, para ciclano.”

Aquele já foi anulado.

Existe um novo testamento agora.

Ele tirou aquele e deixou alguma coisa para outros.

Da mesma forma é Deus em Jesus.

Nós estamos em Jesus.

Nós vivemos pela fé em Cristo, não pelo cumprimento literal da lei.

Se alguém quer se justificar através de Moisés, do que Moisés falou, do que Moisés determinou, isso não interessa.

Se Moisés determinou assim, mesmo que Moisés tenha sido usado por Deus para determinar para Israel, para nós agora o importante é o que Jesus determina.

No versículo 21 ele fala assim:

“Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça pudesse ser estabelecida pela lei, então Cristo teria morrido inutilmente.”

Quer dizer: se fosse através da lei que a justiça viria, Cristo morreu à toa, não precisava Jesus morrer.

Se a lei pudesse salvar, não tinha necessidade nenhuma de Jesus morrer.

E é isso que temos que entender.

Se fosse pela lei de Moisés, não precisava Deus enviar Jesus.

É isso que nós temos que entender e aceitar.

Nós não estamos mais debaixo do que Moisés disse.

“Ah, mas Isaías falou, Jeremias falou.”

Vamos ler o texto todo, vamos ler o contexto, não vamos tirar um versículo e isolar.

Vamos entender o contexto em que eles estão falando, e você vai perceber que foi para aquela época, para aquele povo, para aquela situação, e apontando para Jesus.

Jesus é o alvo.

Jesus vive, Ele morreu, mas ressuscitou e vive para sempre.

Voltando aqui, em Gálatas, capítulo 5.

No capítulo 5, a partir do versículo 1, diz assim:

“Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes, e não vos submetais, de novo, a um jugo de escravidão.”

Ele nos livrou daquele jugo pesado, que era a lei.

A lei cerimonial, que era para dar vida, mas, de fato, não dava.

A lei trouxe morte.

Ela só apontou o pecado.

Ela apenas apresentou o pecado.

Antes não havia conhecimento do que era certo, do que era errado.

É como a lei aqui no Brasil: a Constituição, os outros códigos.

Se a lei não define que determinada ação é crime, então não é crime.

A partir do momento em que a lei diz: “Isso é crime”, pronto.

A partir dali, é crime.

No Antigo Testamento era assim: a lei dizia: “Adulterio é pecado, roubo é pecado, homicídio é pecado”.

E o que tinha que fazer com quem cometia aquele pecado?

Tinha que ser morto, apedrejado.

A lei trazia condenação.

Ela não trazia salvação; só mostrava punição.

Na antiga lei, só era absolvido quem não tinha cometido o ato, isto é, se conseguissem provar que a pessoa era inocente.

Não existia perdão de verdade.

Agora, em Jesus, tem perdão.

Hoje, se eu cometo um pecado, e eu me arrependo sinceramente, eu vou diante do Senhor, confesso, peço perdão, Ele me perdoa, me lava pelo sangue de Jesus, e eu posso recomeçar.

Mas, se eu quiser voltar para a lei, tenho que saber que lá não tem perdão.

A própria lei dizia que recaía maldição sobre todo aquele que não cumprisse integralmente a lei.

Quem é que cumpriu a lei totalmente?

Jesus.

Se eu abandono Jesus para tentar voltar para a lei, para me basear na lei, eu estou dizendo que o que Jesus fez não basta.

Lá no versículo 2, ele fala:

“Eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará.

De novo testifico a todo homem que se deixa circuncidar, que está obrigado a guardar toda a lei.”

A lei dizia que todo homem, do sexo masculino, tinha que ser circuncidado.

Isso era sinal da aliança antiga.

Jesus veio e disse: “Eu quero circuncisão de coração, não da carne.”

Ele quer que a Palavra esteja na mente, no coração.

Se nós deixarmos Cristo para voltar para a lei, não adianta nada para nós, para nossa salvação.

No versículo 4 ele diz:

“Separados estais de Cristo, vós que vos justificais pela lei; da graça decaístes.”

Se você quer se justificar pela lei, se você quer andar dizendo “porque Deuteronômio fala assim, Levítico fala assim, Moisés determinou assim”, você caiu da graça.

Você está longe de Jesus.

Você voltou para ser guiado pela lei, você está debaixo de maldição.

Você saiu da presença do Senhor.

Ele está dizendo aqui:

“Vós que vos justificais pela lei, da graça caístes.”

Quer dizer, Jesus não está mais na sua vida.

Você pode citar de boca: “Jesus é isso, Jesus é aquilo, Ele é meu Senhor”.

Mas, se você busca se justificar pela lei, você está longe.

Felipe, você não conhece a Cristo.

E não terá resultado no fim, porque só em Cristo é que nós devemos permanecer.

Tem gente que diz: “Ah, pastor, eu não sei viver sem a lei, sem os dez mandamentos.”

Jesus deixou dois, que valem muito mais do que os dez:

“Amar a Deus sobre todas as coisas, de todo o coração, alma, força e entendimento, e amar o próximo como a si mesmo.”

Esses dois resumem e superam os dez mandamentos.

Se eu amo a Deus dessa forma, eu não vou ter outro deus, não vou fazer imagem, não vou usar o nome dEle em vão.

Se eu amo o próximo, eu não vou matar, não vou adulterar, não vou roubar, não vou mentir, não vou cobiçar.

Esses dois mandamentos são muito maiores do que os dez da lei.

Se eu pratico esses, estou acima daquilo.

Por isso eu tenho falado nos vídeos sobre guardar sábado, comer carne de porco, dízimo, oferta.

Antigamente, na antiga lei, era o tempo todo: faz isso, não faz aquilo.

Hoje nós temos Jesus.

No versículo 5, ele diz:

“Porque nós, pelo Espírito, aguardamos, pela fé, a esperança da justiça.

Porque em Cristo Jesus nem circuncisão nem incircuncisão têm valor algum, mas sim a fé que atua pelo amor.”

Ele pergunta:

“Vós corréis bem; quem vos impediu de continuardes a obedecer à verdade?”

Esta persuasão não vem daquele que vos chama.

Um pouco de fermento leveda toda a massa.

Estou convencido, no Senhor, de que não pensais de outra forma; mas aquele que vos perturba, seja quem for, sofrerá a condenação.

Eu, porém, irmãos, se ainda prego a circuncisão, por que sou ainda perseguido?

Logo, o escândalo da cruz está anulado?

Quem dera até se castrassem os que vos andam perturbando.

Paulo está falando duramente.

Ele está dizendo: “Se vocês querem voltar para Moisés, vocês não têm salvação.”

Se vocês querem voltar para aquilo, vocês estão longe de Cristo.

Tudo aquilo apontava para Jesus.

Os profetas, Moisés, todos apontavam para Jesus.

Não é para ficarmos presos neles.

Todos esses profetas falaram sobre a vinda de Jesus, a vida de Jesus.

É só olhar.

Isaías, Jeremias, Ezequiel, todos apontam para o Messias.

A lei e os profetas foram até João.

Vamos ver isso em João 1:17:

“Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo.”

A lei veio por Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus.

Nós temos que entender isso.

A lei teve sua função até Cristo.

Depois de Cristo, vivemos na graça.

Nós temos que tomar cuidado para não sermos enganados.

Paulo foi um grande pregador.

Ele conhecia profundamente a lei, foi fariseu, conhecia tudo.

Mas, depois que conheceu Jesus, entendeu que a lei serviu de aio, de tutor, para nos conduzir a Cristo; depois de Cristo, não estamos mais debaixo de aio.

Nós podemos usar o Antigo Testamento?

Sim, como história de Israel, como exemplo.

Mas a nossa base de vida, mandamento, é o evangelho de Jesus.

Por isso Jesus, em Mateus 11:12, fala:

“Desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele.”

E no versículo 13:

“Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João.”

Até João.

Depois vem Jesus.

Então, se alguém quer ficar fundamentando tudo em Moisés, em profeta, em lei antiga, tem que entender que foi até João.

De João pra frente é Jesus, é o evangelho.

É isso que eu quero que você entenda.

Amanhã nós vamos continuar ainda esse assunto, terminar, falando mais sobre a graça, para entender essa separação.

Porque fazem muita confusão: “Ah, pastor, Isaías fala isso, Jeremias fala aquilo.”

Mas Jesus é quem manda.

Jesus é o Senhor.

Foi Ele quem morreu por nós.

Por isso, em todo tempo, eu falo: leia e pratique a Bíblia, mas entenda que nós vivemos no evangelho de Jesus.

Que Deus abençoe o seu dia.

Nós falamos sobre a lei e a graça, e hoje nós vamos concluir.

É assunto para muitos anos de vida se fosse para detalhar, mas aqui a ideia é resumir, explicar para que as pessoas não tenham dúvida e possam compreender que nós vivemos na graça, não na lei.

A lei de Moisés passou, a antiga aliança passou; nós estamos na nova aliança, feita no sangue de Jesus.

Jeremias, Isaías e os outros profetas apontavam para Jesus, mas não é neles que nós vivemos hoje.

Hoje nós vivemos em Jesus.

Nós vamos começar aqui em 2 Coríntios 3, versículo 7.

“Se o ministério que trouxe a morte, gravado com letras em pedras, veio com glória, de maneira que os israelitas não podiam fixar os olhos na face de Moisés, por causa do resplendor do seu rosto, ainda que desvanecente, como não será ainda mais glorioso o ministério do Espírito?”

O que são “letras em pedras”?

É a lei, os mandamentos.

Moisés recebeu diretamente do Senhor, de Deus, escrito com o próprio dedo de Deus, em tábuas de pedra.

Quando Moisés desceu com aquelas tábuas, encontrou o povo na bagunça, na algazarra, em bacanal, desviados, adorando bezerro de ouro, tudo errado.

Ele se irritou, jogou as tábuas no chão e quebrou.

Depois subiu de novo, preparou outras duas tábuas, e Deus ditou, e ele escreveu.

Esse ministério gravado em pedra é chamado aqui de “ministério que trouxe a morte”.

Mas esse ministério veio com glória.

Tanta glória que o rosto de Moisés brilhava quando ele descia, e o povo não conseguia olhar para o rosto dele; tiveram que colocar um véu.

Era glória desvanecente, que ia passando.

Se aquele ministério da lei, que trazia morte, veio com glória, quanto mais glorioso não é o ministério do Espírito, o ministério de Jesus?

Versículo 9:

“Se o ministério que trouxe condenação foi glorioso, quanto mais glorioso será o ministério que produz justificação.”

O primeiro ministério, o da lei, trouxe condenação, porque a lei dizia: adulterou, morre; roubou, morre; matou, morre.

Era a lei do olho por olho, dente por dente.

Não tinha saída, não havia espaço para perdão verdadeiro.

Só havia punição.

A lei apresentava o pecado; apontava o erro.

Não tinha solução; só dizia: é pecado, e aí vinha julgamento.

Quem quiser viver na lei de Moisés tem que entender que lá não há solução, não há escape; é só condenação.

Verso 10:

“Pois o que outrora foi glorioso, agora não tem glória, em comparação com a glória insuperável. E se o que estava se desvanecendo era glorioso, quanto maior é a glória do que permanece!”

Por isso temos tal esperança e agimos com muita ousadia.

Nós não somos como Moisés, que colocava um véu sobre o rosto para que os israelitas não fixassem os olhos no fim do que estava desvanecendo.

Mas a mente deles se fechou, pois até hoje o mesmo véu permanece quando é lida a antiga aliança.

O véu só é removido em Cristo.

Até hoje, quando se lê Moisés sem Cristo, há um véu.

Quando alguém se converte ao Senhor, o véu é tirado.

Infelizmente, muitos insistem em ficar “em Moisés”, com véu, não percebem que Jesus já veio, que a lei se cumpriu nEle, e vivem como se ainda estivessem esperando o Messias.

A própria antiga lei dizia: se não cumprisse cem por cento, vinha maldição.

Deuteronômio 27:26 diz:

“Maldito aquele que não confirmar as palavras desta lei, não as cumprindo.”

E todo o povo dizia: “Amém.”

Ou seja: maldito todo aquele que não praticar integralmente todas as palavras da lei.

Então, quem quer viver em parte da lei, misturar lei com graça, está esquecendo que a própria lei exige cumprimento total.

Nova aliança, feita no sangue de Jesus, superou a antiga.

Os profetas e a lei apontavam para Jesus.

Ele veio, e agora nós vivemos no novo testamento.

Se alguém diz: “Mas Moisés falou isso, Deuteronômio fala aquilo, Levítico fala assim”, temos que ver se há confirmação no Novo Testamento, se Jesus ratificou.

Se não houver, para nós, não vale como mandamento.

Nós vivemos o Novo Testamento; o velho serviu para chegar até Cristo.

Por isso, devemos entender: hoje, quem fala é Jesus.

Não é Moisés.

Moisés foi homem, servo de Deus, mas quem morreu por nós foi Jesus, Filho de Deus.

Ele veio do céu, foi gerado pelo Espírito Santo, morreu e ressuscitou.

É nele que vivemos.

Gálatas 3:9 diz:

“De modo que os que são da fé são abençoados com o crente Abraão.”

Somos abençoados com Abraão, o homem que creu.

Deus disse a Abraão: “Sai da tua terra, do meio da tua parentela, e vai para a terra que te mostrarei.”

Ele não sabia para onde ia, mas obedeceu.

Por isso é chamado pai da fé.

Deus prometeu que, mesmo velho, com a esposa velha, teria um filho, e ele creu; nasceu Isaque.

Deus prometeu que, de Isaque, faria uma grande nação; e fez.

Quando Deus pede para Abraão sacrificar Isaque, ele obedece, porque sabia que Deus podia ressuscitar o filho se fosse necessário.

Isso é fé.

Tudo isso antes da lei.

A lei de Moisés veio muitos anos depois.

Verso 10:

“Todos os que são das obras da lei estão debaixo de maldição, porque está escrito: maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las.”

Quem quer se justificar pela lei está debaixo de maldição.

Judeu ortodoxo que se gloria na lei, mas não crê em Cristo, está debaixo de maldição, biblicamente falando.

Qualquer pessoa que diz: “Eu me baseio na lei”, está debaixo de maldição se não cumprir tudo, e não vai cumprir.

Só Jesus cumpriu tudo.

Nós sempre tropeçaremos em algo.

Se basear na lei é se colocar debaixo de maldição.

Verso 11:

“É evidente que pela lei ninguém será justificado diante de Deus, porque o justo viverá pela fé.”

É pela fé.

O justo viverá pela fé, não pela lei.

Eu vivo pela fé em Cristo.

Eu deixo de pecar não porque tenho medo da lei de Moisés, mas porque tenho uma ordem direta de Cristo; obedeco por fé.

Ele me dá ordem para não adulterar, não mentir, não viver em vícios, não ir para idolatria.

Eu obedeco pela fé em Jesus, não por causa de Moisés.

Verso 12:

“A lei não é pela fé; mas o homem que fizer estas coisas, por elas viverá.”

A lei é “faça isso e viva”; mas ninguém consegue cumprir tudo.

Ela trouxe morte, trouxe condenação, mostrou o pecado, mas não deu poder para vencer.

Hoje vivemos em Cristo, pela fé, na graça.

Verso 13:

“Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós; porque está escrito: maldito todo aquele que for pendurado no madeiro.”

Jesus se fez maldito por nós.

Ele foi pendurado na cruz, levou sobre si a maldição da lei.

Ele tomou nosso lugar.

Se alguém quer viver pela lei, está desprezando o que Jesus fez.

Quando vejo pregadores fazendo “campanha” em cima de textos da lei, de Deuteronômio, citando bênçãos e maldições, mas ignorando Cristo, estão colocando de novo o povo debaixo de maldição.

Quem aceita isso também está se colocando debaixo de maldição.

Isso aconteceu, diz o texto, “para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios em Jesus Cristo, a fim de que, pela fé, recebêssemos a promessa do Espírito.”

Romanos 8:2 diz:

“Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte.”

A lei do Espírito da vida, em Cristo, nos libertou da lei do pecado e da morte.

Verso 1, o conhecido:

“Agora, pois, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus.”

Se você está em Moisés, em Isaías, em lei, há condenação.

Se você está em Cristo, se vive o evangelho, nenhuma condenação há.

A condição é estar em Cristo, não na lei.

Se você vive na graça, em Jesus, não há condenação.

Não estamos dizendo que não há correção ou disciplina, mas condenação eterna não há.

Verso 3 continua:

“Porquanto o que fora impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança de carne pecaminosa, e no tocante ao pecado, condenou o pecado na carne; para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.”

O que a lei não pôde fazer, Deus fez em Cristo.

Se estamos em Cristo, o Espírito cumpre em nós a justiça de Deus.

Se voltamos para a lei, saímos de Cristo.

Por isso eu peço compreensão: pare de tentar se justificar com Isaías, Jeremias, Moisés.

Pare de dizer “Isaías falou, Jeremias falou” para tentar defender carne, tradição, doutrina de homem.

O que vale é o que Jesus fala.

Ele recebeu todo poder no céu, na terra e debaixo da terra.

Nós vivemos em Jesus.

Mateus 5:17 diz:

“Não penseis que vim abolir a lei ou os profetas; não vim abolir, mas cumprir.”

Jesus não disse que a lei não valia nada; Ele disse que veio cumprir.

Ele cumpriu tudo.

Tudo o que a lei e os profetas apontavam se cumpriu nEle.

Nós vivemos em Jesus.

Ele não aboliu a lei como se fosse inútil; Ele a completou, a levou ao fim.

Ela teve sua função; agora está cumprida em Cristo.

Gálatas 2:16 diz:

“Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, nós também cremos em Jesus Cristo para sermos justificados pela fé em Cristo, e não pelas obras da lei; portanto pelas obras da lei nenhuma carne será justificada.”

Está muito claro:

- Ninguém é justificado pela lei.
- Somos justificados pela fé em Cristo.

Portanto, quem insiste em se apoiar em lei, em mandamentos cerimoniais, em regras antigas, para se justificar, está se afastando da graça.

7. A lei como tutor que conduz a Cristo

A lei serviu de aio, de tutor, para conduzir a Cristo.

Uma vez vindo Cristo, não estamos mais debaixo de aio.

Então, leia o Antigo Testamento como história, como profecia que aponta para Jesus, mas viva no evangelho.

Não se agarre à lei para se justificar.

Por isso eu sempre digo: leia e pratique a Bíblia, mas entenda que nós vivemos na nova aliança, na graça de Jesus Cristo.

Que Deus abençoe, tenha um bom dia.

Conclusão pastoral

A Lei teve o seu papel: revelar o pecado, conduzir a Cristo e apontar para a necessidade de redenção. Mas a salvação não está em Moisés; está em Jesus. O cristão não vive sem mandamento, mas vive debaixo da nova aliança, obedecendo aquilo que Cristo ensinou e ratificou. Misturar Lei e Graça é produzir confusão; viver em Cristo é andar na verdade do evangelho.

Leia e pratique a Bíblia.

Capítulo 20 – Idolatria

Idolatria não é apenas ajoelhar-se diante de uma imagem. É tudo aquilo que ocupa no coração o lugar que pertence somente a Deus. Pode ser uma imagem, uma pessoa, um líder, um templo, dinheiro, tradição, objeto religioso, costume ou até uma ideia que se torna maior que a Palavra.

1. Idolatria não é só imagem

E não haverá uma falta de entendimento, porque as pessoas hoje, quando falam em idolatria, pensam que é só imagem, só “santo”.

É isso também, e muita coisa mais.

Quando se refere a idolatria, logo a maioria dos evangélicos aponta: “Não, santo, santa, igreja católica.”

Mas é mais que isso.

Nós precisamos observar que qualquer objeto pode ser objeto de idolatria.

Pessoa pode ser objeto de idolatria.

Isso é sério, por isso nós vamos começar aqui falando em primeiro Coríntios 10.

2. “Fugi da idolatria”

Primeira carta aos Coríntios, capítulo 10, versículo 14.

Paulo falou à igreja em Corinto.

Capítulo 10, versículo 14, diz assim:

“Por isso, meus amados irmãos, fugi da idolatria.”

Fugi da idolatria, de toda espécie de idolatria.

E continua:

“Falo como a pessoas sensatas; julgai vós mesmos o que estou afirmando.”

Porventura o cálice da bênção, que abençoamos, não é a comunhão do sangue de Cristo?

O pão que partimos não é, porventura, a participação no corpo de Cristo?”

3. Comunhão com Cristo não se mistura com ídolos

Quando nós estamos participando do corpo de Cristo, nós, no ato de participar da ceia do Senhor (e a maioria das igrejas evangélicas faz isso uma vez por mês, sendo que o correto seria todo domingo, todo primeiro dia da semana, como a Bíblia mostra, embora muitos não façam), nós estamos tendo comunhão com o sangue de Cristo.

“O pão que partimos não é a nossa participação no corpo de Cristo?”

Na ceia, nós queremos é fazer parte do povo de Cristo.

Não que o pão seja o corpo físico dEle, nem o cálice seja o sangue literal; é participação, é símbolo da comunhão.

Versículo 17:

“Porque nós, embora muitos, somos unicamente um pão, um só corpo; porque todos participamos do único pão.”

Esse pão é Jesus.

Versículo 18:

“Vede Israel segundo a carne: não é certo que os que se alimentam dos sacrifícios são participantes do altar?”

E, sendo assim, o que estou querendo dizer?

Será que o sacrifício oferecido a um ídolo significa alguma coisa?

O ídolo tem algum valor?

As pessoas que ainda hoje oferecem ao ídolo, como se tivesse valor, não entendem que o ídolo não tem valor nenhum.

Apesar de se dizerem evangélicas, muitas pessoas ainda têm em casa imagens e altares.

Você vai à casa de supostos evangélicos e encontra imagem de Buda com moedas, ou de outras religiões, ou então católicos que dizem crer em Deus, que “Jesus é isso, Jesus é aquilo”, falam da hóstia, falam “Deus te ama”, “Jesus te ama” na rua, e, ao mesmo tempo, acendem vela para imagem, para esse e para aquele.

Isso é uma contradição total.

Porque as imagens são feitas de prata, de ouro, de gesso, de madeira, não têm luz própria.

Se você tem que acender vela para “dar luz” para elas, algo já está errado.

As pessoas têm um monte de ídolos e vão diante deles oferecer coisas; estão fazendo aquilo, de fato, para demônios, como vamos ver aqui.

No versículo 20 ele fala:

“Antes, digo que as coisas que os gentios sacrificam, é a demônios que as sacrificam, e não a Deus; e eu não quero que sejais participantes com os demônios.”

Então ele enfatiza: o que os pagãos sacrificam é oferecido a demônios, e não a Deus.

“Ah, pastor, mas aqui é só uma festinha da padroeira, é só festa do padroeiro, é para ajudar a igreja, é só para ajudar isso, ajudar aquilo.”

Mas, se é culto ao padroeiro, à padroeira, à imagem, é sacrifício a demônios, a Bíblia está dizendo.

Versículo 21:

“Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios; não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demônios.”

Ou desejamos provocar o ciúme do Senhor?

Somos, porventura, mais fortes do que Ele?

Não.

Então temos que saber qual é o nosso caminho.

Ou nós estamos à mesa do Senhor ou estamos à mesa de demônios.

Não tem meio-termo.

E isso não é só para católico, espírita, religiões afro; vale também para quem se diz evangélico e vive em idolatria a objetos, pessoas, sistemas.

Muitos, por exemplo, gostam de “usar” muito o livro de Salmos.

Vamos ver que, mesmo na época do salmista, já se condenava isso claramente.

Salmo 135, versículo 15, diz assim:

“Os ídolos das nações são prata e ouro, obra das mãos dos homens.

Têm boca, mas não falam; têm olhos, mas não veem; têm ouvidos, mas não ouvem; nem há respiração na sua boca.

Como eles são os que os fazem, e todos os que neles confiam.”

Preste atenção:

“Como eles são os que os fazem, e todos os que neles confiam.”

Ou seja, quem confia no ídolo se torna semelhante a ele: espiritualmente morto, sem vida, sem entendimento.

Se você confia em Nossa Senhora Aparecida, em “santos”, em imagens, você está se tornando como aquilo: sem vida espiritual, sem ouvir, sem ver as coisas de Deus.

Salmo 115 também fala a mesma coisa.

Salmo 115, versículo 4 em diante:

“Os ídolos deles são prata e ouro, obra das mãos dos homens.

Têm boca, mas não falam; olhos, mas não veem; ouvidos, mas não ouvem; nariz, mas não cheiram; mãos, mas não apalpam; pés, mas não andam; nem som algum lhes sai da garganta.

Tornem-se semelhantes a eles os que os fazem, e todos os que confiam neles.”

De novo: quem fabrica, quem confia, torna-se semelhante.

Então, às vezes, católicos e outros dizem: “Não, nós não adoramos a imagem, é só respeito, é só um meio de chegar a Deus.”

Mas Deus condena qualquer idolatria.

Ele mostra que isso não pode existir.

Ou será que não perceberam isso?

Não é questão de tradição de família: “Sempre teve imagem ali, sempre respeitei.”

Se você conhecia o Senhor de verdade, veria que isso é idolatria.

Não é que é “coisa simples”; é algo espiritual sério.

Não pense que é “só uma imagem de enfeite”.

Biblicamente, é altar de demônios.

Se você está diante disso, se ajoelhando, acendendo vela, fazendo promessa, é idolatria.

E Deus não aceita.

E idolatria não é só imagem.

Pode ser filho, filha, marido, esposa, casa, carro, dinheiro.

Muita gente coloca o filho ou a filha acima de Deus, principalmente mães.

Colocam filho ou filha como prioridade absoluta.

“Ah, pelo meu filho eu faço qualquer coisa.

Pelo meu filho eu abandono tudo, faço qualquer coisa, não quero nem saber.”

Você está abandonando tudo, inclusive Cristo.

E Cristo te deixa; e você leva seu filho, sua filha junto para o buraco.

“Ah, eu lutei a vida toda para comprar minha casa, agora que consegui, minha casa é tudo para mim, eu adoro minha casa.”

Sua casa pode ser destruída num momento.

Dá um curto, pega fogo, vem enchente, cai, acaba.

Se o teu coração está ali, é idolatria.

“Eu sempre quis ter meu carrinho, meu carro novo; agora que consegui, é meu xodó, não mexe no meu carro.”

Carro é para usar, não para adorar.

“Deus me deu meu carro para eu usar para a glória dEle”, não para idolatrar o carro.

Nós temos que aprender a adorar o Senhor, não as coisas.

Tem pai e mãe que, por idolatrar filhos, deixam de corrigi-los.

Não querem falar “não”, não querem contrariar.

Criança manda em casa, o adolescente manda, e os pais obedecem.

Isso é idolatria também.

A Bíblia manda honrar pai e mãe, mas também manda não provocar filhos à ira, não criar de qualquer jeito; manda criar no temor do Senhor.

Tem muito filho e filha indo para o inferno, e os pais junto, porque colocaram os filhos acima de Deus.

Não perceberam que estão sendo conduzidos para o inferno.

Da mesma forma, a Bíblia diz “honra teu pai e tua mãe”, mas, se pai e mãe querem que você vá contra Cristo, cuidado; não podemos idolatrar pai e mãe.

Vamos ver Gálatas 5:

Gálatas 5, versículo 19 em diante, fala das obras da carne:

“Ora, as obras da carne são manifestas, as quais são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, homicídios, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas; acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus.”

Veja que idolatria está na lista.

E no final ele diz: “Os que praticam tais coisas não herdarão o Reino de Deus.”

Ou seja, idolatria leva à condenação eterna.

“Ah, pastor, lá na minha igreja eles dão um óleo, uma toalhinha, dizem que aquela toalhinha é uma bênção, que aquele copo, aquela rosa é uma bênção.”

Se você pega aquilo como se tivesse poder em si, é idolatria.

“Essa caneta ungida, se eu assinar com ela, Deus vai abençoar.”

Não existe isso.

Caneta serve para escrever, só isso.

Marcador de Bíblia serve para marcar texto, só isso.

A igreja pode distribuir caneta, marcador, brinde, sem problema, se for só brinde.

Mas, se fala que “essa caneta aqui é ungida, se você assinar com ela tal documento, Deus vai abrir porta”, é mentira, é idolatria.

“Jogue esse sal na sua casa, coloque essa rosa nesse ambiente, pendure essa toalhinha na porta da sua casa.”

Não tem base bíblica.

Isso é adorar objeto, é se afastar de Cristo, se distanciar da verdade.

Aí a pessoa fala: “Eu recebi essa aliança da igreja, esse objeto da igreja, isso aqui é uma bênção.”

Objeto não vale nada espiritualmente.

O que vale é a Palavra de Deus.

Jesus é a Palavra; Ele é o Verbo.

E as pessoas idolatram coisas, não percebem que estão errando.

Você vê gente idolatrando até Bíblia física, como se o papel fosse “amuleto”, mas não obedece o que está escrito.

Coloca a Bíblia aberta no salmo tal, acha que só de estar aberta está protegendo a casa.

Mas não lê, não pratica.

Isso é idolatria.

Colossenses 3, versículo 5, diz assim:

“Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena: prostituição, impureza, paixão, desejo maligno e avareza, que é idolatria.”

Avareza, ganância, amor ao dinheiro, é idolatria.

“Por estas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência.”

Tem muita gente que não percebe que idolatra dinheiro.

Pensa o tempo todo em guardar dinheiro, em ter dinheiro, em juntar.

“Eu passei fome quando era novo, passei necessidade; agora eu tenho que juntar, guardar, guardar, guardar.”

Deixa de abençoar, de ajudar, de socorrer, de usar o que Deus deu para o bem.

Fica escravo do dinheiro.

Isso é idolatria.

Feitiçaria também é idolatria, envolve buscar forças em outros lugares que não Deus.

E Deus permite que a pessoa vá se aprofundando cada vez mais, se rejeita a verdade, até cair, se não se arrepender.

Atos 17, versículo 16, fala de Paulo em Atenas:

“E, enquanto Paulo os esperava em Atenas, o seu espírito se comovia nele, vendo a cidade entregue à idolatria.”

Ele ficou profundamente indignado ao ver a cidade cheia de ídolos por toda parte.

Então discutia na sinagoga com judeus e gentios piedosos e diariamente na praça com os que se encontravam ali.

Paulo viu a cidade cheia de imagens, altares, templos.

Ficou indignado.

Hoje, se nós formos sinceros, vamos ver idolatria por toda parte: nas casas, nas ruas, nas lojas, até nas igrejas.

Eu, particularmente, fico triste, fico indignado.

Já fui chamado para orar em casa de gente que tinha altar de imagem, quadro, vela, santos.

E eu sempre digo: isso aqui tem que sair.

Imagem objeto de idolatria tem que ser destruída.

Não é para guardar, não é para dar para outra pessoa.

Muitas vezes, pastor tem medo de falar isso.

Fica com medo de mexer com imagem, com “promessa” da pessoa, mas a verdade é que objeto de idolatria tem que sair, tem que ser destruído.

Nós devemos adorar somente um Senhor.

Só Ele.

Ele merece.

Mas, hoje, muitas pessoas idolatram pastores, artistas, “homens de Deus”.

“Ah, fulano de tal é meu pastor, meu amigo, meu tudo.”

Não.

Pastor é servo, só isso.

Não pode ser ídolo.

Ídolo só Jesus.

Nós adoramos a Jesus e nada mais.

Ele é o nosso Deus.

Ele é o nosso Deus todo-poderoso.

Precisamos ter essa compreensão: idolatria não importa se é a objeto ou pessoa; é pecado.

“Ah, pastor, eu tenho uma coisa que ganhei da minha avó, da minha bisavó, e eu adoro isso.”

Não interessa.

Tudo que vem para nós usarmos, é para usar; não para adorar.

Se for algo que virou objeto de adoração, é melhor se livrar.

Volto a Colossenses 3: “Ganância, que é idolatria.”

Tem gente que guarda dinheiro e mais dinheiro, e sofre, passa necessidade, a família passa aperto, mas a pessoa não mexe na poupança porque idolatra o dinheiro.

Isso é pecado.

Feitiçaria, idolatria, essas coisas nos afastam de Deus.

Romanos mostra que Deus, quando a pessoa insiste, entrega a mente à prática do pecado, o coração vai se endurecendo; não é que Deus “vai lá e destrói” de uma vez; Ele permite que a pessoa afunde, se não quiser se arrepender.

Nós precisamos vigiar: estou amando Cristo como deveria?

“Pastor, eu não tenho imagem nenhuma, não tenho santo, não tenho nada.”

Mas como você está amando seus filhos?

Está amando mais do que a Cristo?

Está amando marido, esposa, casa, carro, dinheiro, ministério, igreja, mais do que a Cristo?

Talvez você diga: “Ah, meu sonho é minha casa, eu adoro minha casa.”

Casa é só lugar para morar.

Você diz: “Minha casa é tudo para mim.”

Não pode.

“Minha igreja, meu templo, minha denominação é tudo para mim.”

Não.

O templo é só lugar para se reunir; nós vamos morar é com o Senhor, não na “igreja tal”.

Primeira Pedro 4, versículo 3, diz:

“Porque já é suficiente que, no tempo passado, tendes feito a vontade dos gentios, andando em dissoluções, concupiscências, embriaguez, orgias, bebedices e abomináveis idolatrias.”

Ou seja, no passado, quando não conhecíamos a Deus, vivíamos nisso.

Agora, não.

Agora conhecemos a verdade, temos que abandonar tudo isso.

Abandonar idolatria, seja de imagem, de pessoa, de dinheiro, de qualquer coisa.

Reconhecer: o que é objeto da minha adoração?

Onde está meu coração?

6. Onde está o coração?

Se qualquer coisa ocupa o lugar de Deus, é idolatria.

Por isso, mais uma vez, eu digo: em qualquer dúvida, vai direto na Bíblia, vê o texto, lê e pratica.

Que Deus abençoe, tenha um bom dia.

Conclusão pastoral

Idolatria é tudo aquilo que ocupa o lugar de Deus no coração. Não basta rejeitar imagens e continuar idolatrando dinheiro, líderes, templos, objetos, família, costumes ou a própria vontade. A ordem bíblica é clara: fugir da idolatria. O cristão verdadeiro não divide sua adoração, não mistura a mesa do Senhor com a mesa dos demônios e não permite que nada seja maior que Cristo.

Leia e pratique a Bíblia.

Capítulo 21 – Deserto

A palavra “deserto” foi transformada em explicação para quase todo sofrimento. Crise no casamento, desemprego, enfermidade, aperto financeiro, demora de uma resposta: tudo virou “deserto”. Mas é preciso perguntar: o que a Bíblia realmente ensina sobre deserto?

1. O uso religioso da palavra “deserto”

E se fosse entendido hoje, pelo menos a maioria das pessoas que se dizem do meio denominado cristão, quando você está passando por dificuldades, quando está passando por uma luta ou batalha, enfim, se diz que está no deserto.

Porque, por exemplo, o marido deixou a esposa, a esposa deixou o marido, está “no deserto”, lutando pela restauração.

A pessoa está passando dificuldade financeira muito grande, “está no deserto”.

A pessoa está desempregada, “está no deserto”.

Está com uma enfermidade, “está no deserto”.

Enfim, são várias denominações assim.

2. Nem todo sofrimento é deserto bíblico

Então, no meio cristão, qualquer tipo de sofrimento, luta ou batalha mais demorada, mais longa, denomina-se como “deserto”.

Mas isso por quê?

Porque tem por base o deserto de Israel, quando Deus tirou ali os hebreus do Egito, os colocou no deserto.

Também por base o fato de Jesus, para iniciar seu ministério, ter ido para o deserto.

Então, mas o que realmente é o deserto?

Nós precisamos entender o que é o deserto, e se as dificuldades, o deserto, se, no momento das nossas lutas, nós estamos mesmo no deserto.

Então vamos entender um pouco melhor sobre isso.

E, levando, já ligando o texto, vamos no evangelho de João, capítulo único nesse ponto aqui, onde mostra o evangelho revelando quem é Jesus, mostrando que Ele é a Palavra, que estava com Deus e era Deus.

No versículo 23, falando de João, diz assim (estão falando de João Batista aqui):

3. João Batista: a voz que clama no deserto

“Ele disse: Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías.”

“Eu sou a voz do que clama no deserto.”

Quem está falando é João Batista, aquele que foi enviado chamado de “preparador do caminho do Senhor”.

Ele foi enviado para preparar, inclusive para batizar o Senhor Jesus Cristo.

Nós conhecemos bem a história dele, não teve um nascimento “normal”, porque a mãe dele, Isabel, também não podia ter filho; o pai dele, um sacerdote, Zacarias; ambos idosos.

Mas o Senhor os usou, e através deles veio João.

João Batista era um profeta que vivia no deserto.

Ele vivia no deserto, vivia ali, e viajava, batizava no rio Jordão, batismo de arrependimento.

Ele batizou Jesus.

Então ele diz: “Eu sou a voz do que clama no deserto.”

Nós, no deserto, vamos clamar o quê?

“O que é que tem que fazer, então?”

O que João Batista anunciava?

“Endireitai o caminho do Senhor.”

Se você está no deserto, então agora você vai fazer um caminho reto para o Senhor.

Se você está no deserto, na luta, vá fazer um caminho reto para o Senhor, como disse o profeta Isaías.

O que é fazer o caminho reto?

É você não ser de qualquer forma, mas falar, viver o evangelho do Senhor.

É você praticar o evangelho.

É você ser obediente.

É você guardar os ensinamentos, guardar os mandamentos do Senhor.

Isso significa fazer caminho reto.

Então, no final das contas, quando estamos passando por luta, por deserto, por sofrimento, o que temos que fazer é isso: fazer o caminho reto para o Senhor.

Porque, se no meio do deserto, no meio da luta, nós fizemos o caminho reto para o Senhor, com cento por cento de certeza estamos fazendo a vontade do Senhor.

Se fizemos isso dentro do deserto, então temos certeza de que vamos sair do deserto.

Não tem outra forma.

O sofrimento, o deserto, só terá fim se estivermos fazendo o caminho reto para o Senhor.

Temos exemplo do próprio Jesus, em Lucas 4.

Lucas 4, versículo 1, diz:

“Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto.”

Cheio do Espírito Santo.

Depois que tinha recebido o batismo, inclusive por João Batista, depois que foi batizado e cheio do Espírito Santo, retornou Jesus do Jordão e foi conduzido pelo Espírito ao deserto.

Não foi Ele que quis ir “por conta própria” para enfrentar o diabo; não.

Foi conduzido pelo Espírito Santo ao deserto.

E ali enfrentou as tentações do diabo.

Durante quarenta dias, diz o texto, Ele não comeu nada, e, ao fim desse período, teve fome.

Nós sabemos das tentações do diabo a Jesus.

Mas veja: Ele não ficou focado no deserto.

Ele não ficou focado dizendo “estou no deserto, então não posso fazer nada”.

Quarenta dias sozinho, mas não focado no deserto.

Nós, às vezes, estamos focados no deserto, não no Senhor.

Se nossa preocupação é o problema, o deserto, nós vamos ficar rodando.

Nossa preocupação tem que ser a verdade, tem que ser obedecer ao Senhor.

Nós não entendemos que a situação pela qual estamos passando pode ser preparo, correção, trato de Deus.

Nós não entendemos que o deserto, às vezes, é para sermos preparados, treinados, para termos a fé provada, aperfeiçoada.

Hoje, infelizmente, muitos, na hora da luta, passam o tempo inteiro focados no problema.

Não se preocupam em obedecer o Senhor; se preocupam em “sair do deserto”.

É isso que eu tenho falado até em outros vídeos: muitas pessoas têm uma série de vídeos, canais, séries que falam sobre restauração de casamento, por exemplo, e ficam falando o nome do Senhor, citando o nome de Jesus, mas não vivem de acordo com o evangelho.

“Tenho fé na restauração do meu casamento, mas não estou focado em viver o evangelho.”

Nosso foco, nossa função, nossa obrigação é fazer a vontade do Senhor.

Nossa obrigação é obedecer.

Isso é fazer caminho reto.

Se fizermos caminho reto no deserto, sim, com certeza sairemos do deserto.

Mas, se ficarmos só focados em “sair do sofrimento”, no “fim do deserto”, não sairemos.

Se estivermos focados somente na solução do problema, mas não em obedecer a Cristo, não veremos resultado.

Então, se você está no deserto, busque fazer o caminho reto para o Senhor.

Não fique focado em querer apenas sair.

“Ah, pastor, eu estou doente, estou com esse problema de saúde.”

Não foque só na enfermidade.

Nós focamos mais na enfermidade, no problema, do que no nosso Deus.

Enxergamos mais o peso da enfermidade do que o poder de Deus.

A pessoa pensa: “Eu tenho que ir no médico, tenho que comprar remédio, tenho que fazer isso, aquilo, e Deus, se quiser, cura.”

Mas fica repetindo, repetindo, repetindo o mesmo pedido de cura, como se fosse “mantra”.

Não é isso que o Senhor determinou.

Nós temos que fazer caminho reto, buscar o Senhor, obedecer.

Outro exemplo: “Estou desempregado”.

A pessoa ora: “Senhor, abre uma porta para mim”, mas passa a buscar apenas “porta de emprego”, não a busca de Deus.

Está errado.

O resultado é buscar cada vez mais se envolver com o Senhor, buscar cada vez mais fazer a vontade do Senhor.

Aí, sim, você sai do deserto.

“Ah, eu estou lutando pela restauração do meu casamento, pastor.

Meu marido falou isso e aquilo, minha esposa falou aquilo outro; disse que não volta, disse que não me quer, está com outra pessoa, vai casar com a outra, teve filho com a outra.”

E a pessoa fica pensando: “Será que amanhã ele volta? Será que depois volta? Será que vai acontecer tal coisa?”

Quanto mais você fica focado nisso, mais você idolatra o casamento, mais idolatra o marido, a esposa, o problema, e menos você olha para o Senhor.

Você está adorando mais o seu casamento, o seu cônjuge, a situação, do que ao Senhor.

Você tem que buscar fazer caminho reto para o Senhor.

Tem que focar em agradar ao Senhor, obedecer ao Senhor.

Então não fique focado na situação, no problema.

Deserto não é lugar para contemplar o problema; é lugar para olhar para o Senhor.

Eu já passei por desertos.

Passei por vários desertos na minha vida.

Mas o meu foco era o Senhor.

Eu entrei e saí pelo outro lado, porque meu foco era o Senhor.

Eu via a situação, via o problema, mas olhava para o Senhor.

Deserto é lugar de passagem.

Se você ficar focado nele, você morre no deserto.

Fisicamente e espiritualmente.

Deserto é lugar em que, durante o dia, a temperatura pode chegar a quase 60 graus, passa dos 50 graus; à noite, pode ir a mais de 15 graus negativos.

Deserto é lugar de extremos, de contradições.

Mas, quando o povo de Israel estava no deserto, havia algo sobrenatural: a nuvem.

Eles tinham a nuvem que acompanhava o acampamento, sombra durante o dia, fogo à noite, para aquecer e iluminar.

Se olhassem para o Senhor, veriam o cuidado dEle: a nuvem dando sombra durante o dia, fogo à noite, maná caindo do céu, roupa que não se estragava, saúde preservada.

Quem olhava para o Senhor via o cuidado.

Se você, no seu deserto, olhar para o Senhor, verá maná cair do céu, verá alimento, verá cuidado.

Mas, se olhar só para serpente, para escorpião, para cobra, para perigo de doença, para frio, para calor, vai morrer.

Se focar no problema, morre no deserto.

Se focar no Senhor, passa.

Nós vimos que aquele povo, no final, ficou focado no problema, por isso morreu.

Daquele povo todo que saiu do Egito, só Josué e Calebe entraram na terra prometida.

Moisés também morreu no deserto; não entrou na terra prometida.

Hebreus 3 fala disso.

Hebreus 3, versículo 7, diz assim:

“Assim, como diz o Espírito Santo: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração, como na provocação, no dia da tentação no deserto.”

Versículo 15 repete:

“Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração, como na rebelião.”

Quem está falando é o Espírito Santo.

O Espírito Santo é Deus.

Então é o próprio Deus dizendo: “Hoje, se ouvirdes a minha voz, não endureçais o vosso coração.”

Ele fala do povo que, mesmo vendo o cuidado de Deus, milagres, sinais, se rebelou.

Viu água sair da rocha, viu maná cair do céu, viu Deus tirar da escravidão, mas, no deserto, murmurou.

Deus os amava, como nos ama.

Tirou da escravidão, levou para o deserto a caminho da terra prometida.

Mas aquele povo se rebelou, desobedeceu.

Hoje, Deus nos ama também; prova disso é que deu o Filho dEle para morrer em nosso lugar.

Também permite que passemos por lutas, por desertos, para nos tratar, para nos moldar, para provar a nossa fé.

Mas, se reagimos como aquele povo – murmurando, duvidando, olhando só para o problema – nós vamos rodar no deserto, dar voltas e mais voltas e não sair.

Versículo 17 diz:

“E contra quem se indignou por quarenta anos? Não foi contra os que pecaram, cujos cadáveres caíram no deserto?”

E a quem jurou que não entrariam no seu repouso, senão aos que foram desobedientes?

Concluimos que não puderam entrar por causa da incredulidade.

Então, por que muitos estão “há tanto tempo no deserto”?

Porque não estão fazendo o caminho reto.

Se estivessem fazendo o caminho reto, já não estariam mais no deserto.

Muitos estão há tantos anos “no deserto” porque continuam murmurando, continuam desobedecendo, continuam idólatras, continuam focados no problema.

O texto fala: “Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o coração.”

Hoje você está ouvindo.

Você está entendendo.

Então, se está no deserto, agora é hora de olhar para o Senhor, buscar obedecer, fazer a vontade dEle.

Não é hora de focar na enfermidade, no desemprego, na traição, na restauração do casamento como fim em si mesmo.

É hora de focar em obedecer a Deus.

Se o problema está lá, você não vai negar que existe, mas não vai fazer dele seu “deus”.

Vai buscar a solução em Deus, não no problema.

Primeira Coríntios 10 confirma isso.

Primeira Coríntios 10, versículo 1, diz:

“Porque não quero, irmãos, que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem e todos passaram pelo mar; e todos, em Moisés, foram batizados na nuvem e no mar; e todos comeram de uma mesma comida espiritual; e beberam todos de uma mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo.”

Ele está lembrando o povo no deserto.

Todos tinham a nuvem, todos passaram pelo mar, todos comeram a mesma comida espiritual, todos beberam da mesma bebida espiritual; a rocha era Cristo.

Deus tirava água da rocha, alimentava com maná, cuidava.

Mas, o texto continua:

“Mas Deus não Se agradou da maioria deles; por isso, foram prostrados no deserto.”

Quer dizer, apesar de todo cuidado, a maioria morreu no deserto, porque murmurou, cobiçou, desobedeceu.

Esses fatos aconteceram como exemplo para nós, para não cobiçarmos as coisas más, como eles cobiçaram.

Então, deserto, para nós, é exatamente isso: lugar de prova, lugar de correção, lugar onde Deus revela o que está no nosso coração.

É lugar de passagem.

Se focamos no problema, morremos nele.

Se focamos em Cristo, atravessamos.

Tem gente que está com enfermidade, mas não está no deserto, porque, mesmo enferma, está em paz em Cristo, está obedecendo.

Tem gente que está com casamento destruído, mas não está no deserto, porque confia em Cristo, está fazendo a vontade dEle, está em paz.

E tem gente que, mesmo com tudo aparentemente “normal”, está no deserto porque vive em dúvida, em pecado, em rebelião.

Deserto não é só circunstância externa; é posição do coração diante de Deus.

Então, resumindo: deserto não é lugar para se instalar, é lugar de passagem; não é lugar para focar no problema, é lugar para focar em fazer o caminho reto para o Senhor.

6. Endireitar o caminho do Senhor

O que é fazer caminho reto?

Buscar obedecer à Palavra.

Em tudo isso, a resposta está onde sempre está: na Bíblia.

Por isso eu sempre digo: leia e pratique a Bíblia.

Que Deus abençoe o seu dia.

Conclusão pastoral

Deserto não é uma palavra para romantizar sofrimento, nem desculpa para viver parado na dor. Na Bíblia, o deserto é lugar de passagem, confronto, preparação, tentação e obediência. O chamado não é morar no deserto, mas endireitar o caminho do Senhor. Se há luta, examine a vida, busque arrependimento, permaneça na Palavra e atravesse com Cristo.

Leia e pratique a Bíblia.

Capítulo 22 – Profecia

Profecia é assunto sério. No entanto, em muitos ambientes, ela virou espetáculo, adivinhação, manipulação emocional e promessa de coisas agradáveis. O povo corre atrás de uma palavra, mas nem sempre corre para a Palavra. Por isso, é necessário examinar o que é profecia verdadeira e o que é apenas profetada humana.

1. A corrida moderna atrás de profecias

Sobre esse assunto, hoje tem muitas pessoas que correm atrás de profecia.

E você sabe que a maioria delas corre simplesmente para ouvir alguém falar alguma coisa “boa”.

“Eu quero ouvir alguém dizer que vai acontecer alguma coisa boa, que vou ganhar dinheiro, que vou ter saúde, que vou casar...”

Só coisas favoráveis.

E aí corre esse povo, e espertalhões correm para aproveitar esse desejo, essa carência.

Hoje o que existe de falsos profetas nas ruas, no centro, e principalmente dentro de templos e em TV, portais de internet, é uma praga.

Falsos pastores, falsos profetas, e, na hora ali em que eles estão no “ápice”, dizem que “têm o Espírito”, que “têm que sair falando”.

Chega alguém e diz: “Olha, Deus está falando isso aqui.”

Mas Deus não está falando coisa nenhuma.

É muito “chego” e falam: “Ah, Deus vai te dar isso, vai te dar aquilo”, sem fundamento bíblico.

São inúmeras “profetadas” dentro dos templos, e eu não estou de acordo com a Bíblia.

Fica tudo uma praga para enganar o povo.

Nós vamos ver isso.

É assim mesmo, é desse jeito em muitos púlpitos.

2. Profecia falsa não é brincadeira

Porque profecia bíblica é algo muito sério.

A profecia, desde o Antigo Testamento, era bem clara: quando o profeta falasse alguma coisa, a profecia tinha que se cumprir.

Se não se cumprisse, o profeta mentiu, falou da própria carne.

E o que tinha que acontecer com ele?

Tinha que ser executado.

Ele tinha que ser morto.

Porque ele falou mentira em nome do Senhor.

3. Temor ao falar em nome do Senhor

Essa era determinação da lei antigamente, na primeira aliança.

E hoje, como não tem essa sentença de morte física, as pessoas mentem à vontade, falam “em nome de Deus” sem temor.

Existe muito isso hoje nas igrejas: pastores dizendo “fizeram trabalho de macumba”, “fizeram trabalho no cemitério” contra você.

Mulheres, homens falando isso como se fosse profecia.

Quase tudo isso é mentira.

Por que é mentira?

Porque, se alguém fez um trabalho de macumba contra mim, contra você, ou qualquer tipo de coisa assim, Deus não vai ficar “trazendo informação” fofoqueira.

Se fizeram, Deus simplesmente desfaz aquilo, se você está em Cristo.

O que a pessoa ganha espiritualmente com essa “informação”?

“Fizeram um trabalho contra você, contra seu casamento, contra sua saúde, contra sua família.”

O que você ganha com isso?

Seria o nosso Deus fofoqueiro?

Seria Deus fofoqueiro, fazendo fofoca?

Claro que não.

Então, quando alguém fica falando para você: “fizeram macumba contra você”, “fizeram trabalho para te derrubar”, saiba que é falso profeta, falsa profetisa.

Não dê ouvidos.

Ignore, vire as costas.

Não dê confiança.

Profecia fala do futuro, fala do que vai acontecer.

Não fala do passado.

Porque, se alguém falar do passado, ontem, anteontem, eu sei o que eu fiz, o Senhor sabe, eu sou responsável por isso.

Mas o que eu quero saber, por exemplo, é o que vai acontecer amanhã, depois, ano que vem.

É isso que é profecia.

Todas as profecias que o Senhor me deu, tudo que Ele me falou, que falou aos discípulos, nunca foi do passado.

Ele nunca falou do passado deles, nem de outras pessoas; falava do presente e do futuro: “vai acontecer isso”, “está acontecendo isso”, “vai acontecer aquilo”.

Quem fala do passado é o diabo.

O diabo fala do passado, fala do que aconteceu.

Como é que ele consegue?

Porque ele é sujo, ele observa tudo.

O diabo pode usar alguém para dizer: “Olha, está acontecendo isso e isso na sua vida; aconteceu isso e aquilo antes”, e a pessoa diz: “Nossa, isso é de Deus.”

Não é de Deus, é do diabo.

Eu falo porque já tive experiência.

Uma vez, antes de eu me converter, uma senhora contou todos os detalhes da minha vida, tudo o que eu tinha feito, coisas que ninguém sabia, segredos.

Por quê?

Porque onde quer que estejamos, o diabo está ao redor, ouvindo, vendo, observando.

O nosso Deus está no trono, soberano; o diabo, não.

Ele e seus demônios estão ao nosso redor.

Eles sabem tudo o que nós falamos, o que fazemos, o que pensamos em voz alta.

Então o que acontece?

Ele usa pessoas que se dispõem a ser seus servos, seus associados, para “falar” coisas.

A pessoa pensa: “Foi Deus que falou”, mas foi o diabo que falou, usando aquela boca.

Isso acontece em sessões espíritas: o “espírito” chega, fala o que fulano fez, o que sicrano fez, coisas que ninguém sabia.

As pessoas pensam: “É o fulano que morreu, está falando.”

Não é; é demônio, que viu tudo enquanto a pessoa vivia.

Outro engano: tem pessoas que pensam que demônio “não entra” em igreja.

Claro que entra.

Ele está ao nosso redor.

O que impede que ele entre em nossa vida é nossa posição em Cristo, nossa obediência.

Para ele entrar na nossa vida, precisa da nossa permissão, e essa permissão é o pecado.

Quando nós pecamos, abrimos porta.

Então, em relação a profecias, temos que ter muito cuidado.

Não podemos ficar recebendo qualquer “profecia”, qualquer “revelação”, porque a maioria não vem do Senhor.

Tem pessoas que chegam na igreja e dizem: “Deus me mostrou uma chave de ouro, uma porta aberta para você.”

Isso, na maioria das vezes, é conversa fiada, mentira.

Outra coisa errada: o “irmãozinho” ou “irmãzinha” que, para entregar profecia, começa a falar em línguas e, no meio, traduz o que ele mesmo está inventando.

Está errado.

Quando estamos falando em línguas, falamos com o Senhor.

Nós não entendemos o que estamos falando.

É o nosso espírito falando com Deus; não é o Espírito Santo “falando conosco”.

Então, se alguém está falando em línguas, não pode simultaneamente “entregar profecia” e dizer “é Deus falando”.

Isso é confusão.

Já falamos em outro vídeo sobre falar em línguas.

Tem que ter intérprete, como a Bíblia ensina.

Então, quanto a profecia: na igreja, tem que ter critério, tem que ter quem julgue.

Vamos ver 2 Pedro.

2 Pedro, capítulo 1, versículos 20 e 21, dizem assim:

“Antes de tudo, sabeis que nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação pessoal, pois jamais a profecia teve origem na vontade humana, mas homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo.”

Então, profecia não vem de interpretação particular, não vem de desejo humano.

Eu não posso ficar “profetizando”: “Ah, você está passando mal, eu profetizo que você vai ficar rico, que vai ter dinheiro, que vai ficar bem.”

Isso pode ser desejo meu por você, pode ser uma oração, mas não é necessariamente profecia.

Se eu oro por você pedindo a Deus solução para um problema, isso é intercessão, não profecia.

Profecia é Deus falando, não o meu desejo.

Por isso, é necessário observar bem.

Eu não posso ficar dizendo: “Eu profetizo isso, eu profetizo aquilo” a torto e a direito.

Profetizar é falar aquilo que o Senhor mostra, não aquilo que eu quero.

Eu já tive várias situações, eu sou profeta de Deus, e já tive situações de levar notícia dura, inclusive notícia de morte.

De chegar para uma ovelha e dizer: “Deus quer falar com você, infelizmente você vai morrer.”

E a pessoa não queria acreditar, mas era o que Deus estava mostrando, e aconteceu.

Do mesmo jeito, já levei mensagens de livramento.

Já disse a alguém: “Pode ficar tranquilo, o Senhor me mostrou que não vai acontecer nada com você, que você vai sair dessa cirurgia, desse hospital.”

E aconteceu.

Então, profecia não é interpretação humana; é o Senhor.

O profeta fala de acordo com a Palavra.

Existe muita “profecia” por aí dizendo: “Deus vai te dar um marido melhor; Deus vai te dar uma esposa melhor; a glória da segunda casa será maior.”

Se a pessoa está casada, com cônjuge vivo, e alguém diz que Deus tem outro cônjuge melhor, isso é mentira do diabo.

Deus não fala contra a própria Palavra.

Profecia não pode ir contra a Bíblia.

Se fala contra a Bíblia, é mentira, é diabo.

Vamos ver 1 Tessalonicenses 5:

Versículo 20 diz:

“Não desprezeis as profecias.”

Mas, no 21, ele completa:

“Examinai tudo; retende o bem.”

Então, não é para desprezar, nem para engolir tudo.

É para examinar.

Examina tudo e segura só o que é bom.

Afastai-vos de toda forma de mal.

Profecia, quando é de Deus, não entra em choque com a Palavra.

Se alguém traz “revelação” contrária à Palavra, vai prestar contas.

Deus não se contradiz.

A Palavra não entra em choque com o próprio Deus.

Então, se se levanta alguém dizendo: “Deus mandou você largar essa esposa e casar com outra”, ou “Deus mandou abandonar esse marido e pegar outro”, está contradizendo a Palavra.

É diabo, não é Deus.

Existem “profetas profissionais” hoje, pregadores itinerantes.

Quando vão pregar em alguma igreja, antes dão uma olhada nas redes sociais dos membros.

Vasculham Facebook, Instagram, sabem se a pessoa é casada, se tem filhos, se tem alguém doente.

Na hora do culto, “entregam” profecia:

“Tem aqui uma pessoa cujo nome é tal.”

Falam o nome completo, porque viram na rede social.

Depois dizem: “Você é casada com fulano, teu marido tem tal nome; teu filho é assim, assado.”

A pessoa se admira: “É Deus.”

Mas aquilo foi pesquisa.

Isso é engano.

Profecia fala do que vai acontecer, não do que já aconteceu ou está acontecendo e que qualquer um pode descobrir.

Vamos ao livro de Apocalipse, que é o livro das revelações.

Apocalipse 11 fala das duas testemunhas, que profetizarão.

Ali diz que elas terão poder para fechar o céu, para que não chova durante o tempo em que profetizarem, terão poder para transformar água em sangue e ferir a terra com toda sorte de pragas.

Isso é futuro.

Deus está mostrando o que vai acontecer.

Ele está falando como será.

Profecia é isso: anúncio de coisas futuras conforme o plano de Deus, sempre de acordo com a Palavra.

E o texto mostra que, quando elas concluírem o testemunho, a besta que sobe do abismo pelejará contra elas, as vencerá e as matará.

Parece que o mal vence, mas, na verdade, é tudo plano do Senhor; até isso Deus controla.

Depois, Deus ressuscita as duas testemunhas.

Então, profecia tem poder porque vem de Deus.

Não é poder do profeta em si.

Quando o profeta fala em nome do Senhor, quem está falando é o próprio Senhor.

Por isso é tão sério subir num púlpito e dizer “assim diz o Senhor” sem ser o Senhor.

Quem fizer isso terá que prestar contas.

Apocalipse 22, versículo 6 em diante, diz:

“Estas palavras são fiéis e verdadeiras; o Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou o seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que em breve hão de acontecer.”

É Deus dos espíritos dos profetas.

Ele envia anjo para mostrar o que há de acontecer, não o que já aconteceu.

Verso 7:

“Eis que venho em breve; bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro.”

João se prostra diante do anjo, e o anjo diz:

“Não faças tal; eu sou conservo teu e dos teus irmãos os profetas. Adora a Deus.”

Ou seja, não se adora anjo, nem profeta; adora-se a Deus.

Verso 18 e 19 alertam:

Se alguém acrescentar algo à profecia deste livro, Deus lhe acrescentará as pragas descritas no livro; se alguém tirar palavras, Deus tirará a sua parte da árvore da vida.

Então não podemos mexer na profecia bíblica.

Não podemos adulterar, não podemos inventar.

Profecia que não seja de acordo com a Escritura não é do Senhor.

Vamos rapidamente a 1 Coríntios 14.

1 Coríntios 14, versículo 29, diz:

“Tratando-se de profetas, falem dois ou três, e os outros julguem.”

Se estiver sendo concedida revelação a outro que esteja sentado, cale-se o primeiro.

“Porque todos podereis profetizar, um por um, para que todos aprendam e todos sejam consolados.”

E o espírito dos profetas está sujeito aos profetas.

Ou seja, profecia não é “transe incontrolável”.

O profeta pode se calar, pode ordenar.

E, importante: outros profetas devem julgar a profecia.

Então, em uma igreja saudável, não é “qualquer um falando qualquer coisa”.

Há ordem, há julgamento, há confirmação.

Não podemos ser enganados.

Como é que eu vou fazer, então?

A resposta é sempre a mesma: Bíblia.

Para não ser enganado, conheça a Bíblia.

Quem conhece Bíblia, prova profecia pela Bíblia.

Se está de acordo com a Palavra, amém; se não está, rejeita.

Não precisa ficar correndo atrás de profeta.

Na verdade, se você gosta de correr atrás de profecia, já está em risco de ser enganado.

Se o Senhor quiser falar alguma coisa específica com você, Ele sabe como fazer chegar.

Não precisa você ficar interrogando Deus, pressionando, “exigindo” profecia.

Deus não fica “à nossa disposição” para nos dar recado a toda hora.

Ele fala quando quer, com quem quer, como quer.

Paulo orienta Timóteo em 1 Timóteo 1:18:

“Este mandamento te dou, meu filho Timóteo, segundo as profecias que anteriormente foram feitas a teu respeito, para que por elas combatas o bom combate.”

Ou seja, havia profecias reais sobre o ministério de Timóteo, e Paulo diz: “com base nelas, luta o bom combate”.

Profecia verdadeira confirma chamado, orienta ministério, fortalece na luta.

Mas ele também fala de alguns que naufragaram na fé, como Himeneu e Alexandre, que ele entregou a Satanás para aprenderem a não blasfemar.

Então é sério.

Se o Senhor dá profecia verdadeira, é para nos fortalecer na caminhada com Ele, não para alimentar curiosidade ou carne.

Portanto, não fique correndo atrás de profecia.

Seja humilde: leia a Bíblia, ore, obedeça.

Se vier profecia, prove pela Palavra, deixe que outros irmãos maduros também julguem.

6. A Palavra acima de qualquer profeta

Mas nunca substitua a Palavra por profecia.

Profecia não pode mandar mais do que o evangelho.

Por isso eu sempre digo: leia e pratique a Bíblia.

Que Deus abençoe, tenha um bom dia.

Conclusão pastoral

Profecia verdadeira nunca compete com a Escritura. Ela não manipula, não alimenta vaidade, não promove medo, não negocia bênçãos e não contradiz o evangelho. Tudo deve ser julgado pela Palavra. Quem corre atrás de profecia sem amar a Bíblia se torna presa fácil de enganadores; quem permanece na Palavra aprende a discernir a voz do Senhor.

Leia e pratique a Bíblia.

Capítulo 23 – Batalhas na mente

A batalha na mente é uma das lutas mais discretas e perigosas da vida cristã. Nem sempre o ataque aparece como possessão ou manifestação visível; muitas vezes ele começa como sugestão, pensamento, imagem, medo, desejo, ansiedade ou raciocínio contrário à obediência de Cristo.

E hoje nós vamos procurar falar sobre a batalha na mente.

1. O que é batalha na mente

Eu não sei o que entender, e as pessoas, muitas vezes, falam sobre batalha na mente, mas realmente não compreendem fácil o que é batalha na mente.

Batalha na mente é simplesmente quando está tendo pensamento, ataque do diabo.

Ele se manifesta de uma forma declarada, ou seja, mostrando realmente quem ele é, fazendo pensamento, imagens terríveis, contrárias à Palavra de Deus, é declarada.

Mas batalha na mente é muito mais difícil.

É quando nós entendemos de procurar agir, pensar em conformidade com o evangelho, mas a nossa mente nos conduz para outros caminhos.

É quando, às vezes, eu sei que, de acordo com a Palavra de Deus, eu tenho que agir de determinada forma, mas, na minha mente, constantemente vem o pensamento: “Não, eu poderia fazer assim, poderia fazer daquela maneira, que seria melhor, eu teria mais lucro, eu teria mais vantagem, seria mais fácil do meu lado.”

Isso é uma batalha na mente também.

2. A sugestão do pecado começa no pensamento

Você sabe que não pode trair, não pode adulterar, e a Palavra de Deus condena, mas, na sua mente, começam a vir pensamentos: “Não, mas é uma vez só, é um homem bonito, uma mulher bonita, ninguém vai ficar sabendo, alguma coisa assim.”

É uma batalha na mente.

Hoje, se você permitir, você é derrotado.

Porque a Bíblia nos fala, e o nosso principal adversário é o diabo; ele lança esses pensamentos na nossa mente.

Ele joga os pensamentos na nossa mente, e muitas vezes achamos que somos nós mesmos, pensamento nosso.

E, quando nós permitimos realizar aquele pensamento, aí gera o pecado.

É do jeito que acontece; não são os fatos acontecendo: o pecado, o diabo tem liberdade para agir na vida das pessoas, porque você foi derrotado na mente.

Uma derrota na sua mente.

Se você estivesse fortalecido, rejeitaria o pensamento, entregaria para Deus, levaria cativo à obediência de Cristo, como a Bíblia ensina.

Quantas pessoas eu já libertei?

Pessoas orando ao Senhor, em nome de Jesus, não sei de onde, e a pessoa falava: “Pastor, para mim vêm pensamentos indecorosos, pensamentos horríveis em relação às coisas de Deus; tudo que eu penso em relação às coisas de Deus vem pensamento errado, vem palavrão, palavras obscenas na minha mente, misturado com a Bíblia, com as coisas do Senhor Jesus.”

O que eu dizia para a pessoa?

“Rejeita. Quando vier, você vai rejeitando em nome de Jesus e desvia o seu pensamento. Não pare neles.”

A melhor forma, muitas vezes, de desviar o pensamento é pensar em outra coisa.

Você pega e fala: “Não vou pensar nessa mesa, eu vou pensar na lâmpada, vou pensar em outra coisa qualquer.”

É o diabo que traz essa batalha na nossa mente.

E, quando você se deixa seduzir, quando você concorda com ele, aí vem o pecado.

E, quando gera o pecado, gera a morte.

Estou falando de morte espiritual, tanto uma quanto a outra.

3. Renovação da mente e culto racional

Em Romanos, no capítulo 12, diz assim, logo no início:

“Portanto, caros irmãos, rogo pelas misericórdias de Deus que apresenteis o vosso corpo como um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.”

Nosso culto racional.

Apresentar o nosso corpo é a nossa vida.

Então nós temos que apresentar para Ele assim.

Agora, quando nós estamos buscando, “não, Deus vai me dar paz, tranquilidade, vai ser uma maravilha”, você não está entendendo que existe uma luta, e essa luta é constante, essa batalha é constante.

E Ele continua:

“E não vos amoldeis ao sistema deste mundo, mas sede transformados pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.”

Você quer saber qual é a boa, perfeita e agradável vontade de Deus?

Então não se amolde ao sistema deste mundo, nem aos pensamentos deste mundo.

O mundo diz que não existe religião, que não existe Deus, que não existe necessidade de obedecer a Deus; você sabe que existe.

E o mundo diz para você não acreditar na Palavra de Deus, diz que é impossível viver o evangelho.

O mundo diz que não tem problema “um pouquinho” de mentira, não tem problema uma revolta, não tem problema você visitar alguma coisa de mal que alguém fez, não tem problema.

Mas a Bíblia diz ao contrário.

Então nós temos essa consciência.

Muito bem: você tem consciência de acordo com a Palavra de Deus, mas, diante da influência do mundo, o diabo começa, na nossa mente, tranquilamente:

“Olha, mas fulano está bem.

Fulano não conhece a Deus, não vive por padrão bíblico, e tá bem.

A situação de fulano está melhor.

Como é que ele está melhor, e você aí no sofrimento?”

“Você está lutando pelo casamento, fulana está no terceiro casamento e está aparentemente feliz, está bem, está prosperando.”

Aí você fica pensando nisso.

Se você permitir ser convencido pelo diabo, você vai para o pecado.

E, uma vez no pecado, gelado no pecado, conseqüentemente vem a morte espiritual.

Então você não conhece a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

Qual é a boa, perfeita e agradável vontade de Deus?

Que você seja salvo, que você experimente o Seu amor, que você experimente a vida no Senhor.

Mas, as batalhas, a primeira que nós vencemos é na mente.

É na mente que nós derrotamos o nosso adversário.

É na mente que nós vencemos, que expulsamos.

Não é só “tá repreendido em nome de Jesus”, não é só falar “tá repreendido”.

Existe uma luta para ser travada.

E, se nós não quisermos lutar, não teremos vitória.

Pensamentos vêm, pensamentos de tristeza, pensamentos de sofrimento, de angústia.

E o que eu vou fazer?

Aceitar pensamentos de tristeza, se eu conheço o Senhor?

Eu sei que Ele é fiel, eu sei que Ele tem o melhor para mim.

Então eu vou lutar contra esses pensamentos de sofrimento e tristeza; eu não vou aceitar a tristeza.

Eu não vou aceitar aflição como regra.

“Ah, mas existe, eu tenho motivo para estar triste, porque meu filho me deixou, meu marido, minha esposa; eu fui mandado embora, estou sem dinheiro.”

Não.

Eu tenho motivo para estar alegre, porque eu conheço o Senhor.

Eu sei que a provisão virá do Senhor, eu sei que, se eu não estou “na situação”, é porque o cuidado do Senhor está sobre mim, Ele tem o melhor para mim, e eu vou buscar a boa vontade dEle, agradável e perfeita.

Mas eu não vou permitir ficar triste.

Às vezes, uma pessoa encontra a outra, fala: “Eu não entendo por que você está alegre, você está bem.”

“Porque eu conheço o Senhor.”

Agora, essa situação aí, se você ficar alimentando o pecado, você começa a reclamar, murmurar; murmuração contra o Senhor.

Então, filhos, quando vier pensamento, rejeita.

Não fica ele martelando na mente.

Procura desviar o pensamento.

Começa a pensar em outra coisa, começa a orar, começa a ler a Bíblia.

“Ah, não tenho vontade de orar.”

Ora assim mesmo.

“Ah, não tenho vontade de ler a Bíblia.”

Lê assim mesmo.

Não deixa a mente vazia.

4. O coração aparece nas palavras e atitudes

Vamos ler Mateus 12.

Mateus 12, versículo 34, Jesus falando, Ele diz assim:

“Raça de víboras, como podeis falar coisas boas sendo maus? Pois a boca fala do que está cheio o coração.”

O homem bom tira do seu bom tesouro coisas boas, mas o homem mau tira do seu mau tesouro coisas más.

Digo-vos, porém, que de toda palavra frívola que os homens disserem, hão de dar conta no dia do juízo.”

O que é que tem na minha mente, no meu coração?

Se tem Jesus, eu vou falar de Jesus, eu vou viver Jesus, eu vou agir de acordo com Jesus.

Agora, quando nós dizemos que temos Jesus, mas a nossa boca, nossas ações agem de maneira contrária, nós não temos Jesus.

A nossa vitória está aqui na nossa mente.

É na nossa mente que se trava a grande batalha.

“Fulano fez isso de mal, então eu tenho que retribuir, eu tenho que fazer a mesma coisa, proceder desta ou daquela maneira.”

Mas a Palavra de Deus fala:

“Os humilhados serão exaltados.”

Coloca isso em pensamento.

“Mas é muita humilhação.”

Mas você sabe que será exaltado.

Por que todo mundo pode, e você não pode?

Porque salvação não é “todo mundo”.

A sedução diabólica acontece em nossa mente.

As pessoas que estão possuídas por demônios, ou oprimidas, antes de o demônio se manifestar na vida dela, o que o diabo fez?

Primeiro, atuou na mente.

Quando ela foi derrotada na mente, ela pecou; o diabo veio e tomou conta, dobrou, dominou, e, aí, dominando a mente, domina toda a vida.

“O que eu não posso fazer, que Jesus condena, mas a minha mente... Todo mundo tá fazendo, por que eu não posso?”

Não.

Eu rejeito isso.

Eu vou olhar para o Senhor, vou olhar para a Palavra de Deus.

Vamos voltar mais atrás, em Mateus 6.

Mateus 6, versículo 25, diz assim:

“Portanto, vos digo: não andeis ansiosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou beber, nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir.

Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que as roupas?

Olhai para as aves do céu; não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celestial as sustenta.

Não tendes vós muito mais valor do que elas?

Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida?”

Então, o que é que eu vou me preocupar?

O que é que eu vou ficar pensando, me matando de preocupação, de maneira desonesta, para conseguir isso ou aquilo, se eu sei que não vou levar nada?

O que é que eu vou viver desviando, se eu não vou levar nada?

O básico é compreender a Palavra de Deus, compreender o cuidado dEle.

Nós o tempo todo, no trabalho, em casa, na família, com parente, com pessoas estranhas, o tempo todo de uma maneira ou de outra demonstramos que não confiamos plenamente no Senhor.

Quando confiamos, a nossa mente é guiada pelo caminho certo.

Mas nós permitimos ser guiados por pensamentos mundanos, e o diabo vem tentando mostrar para você que “estão todos bem”, que “não tem problema”, que “todo mundo faz isso”, e mostra exemplos: fulano faz isso, sicrano faz aquilo, e está bem, e assim sucessivamente.

Ele mostra os “exemplos” do mundo para te conduzir.

“Ah, todo mundo faz, por que eu não posso?”

Não.

Eu faço a vontade do Senhor.

A Palavra do Senhor diz “não”, então eu não permito nem mesmo pensar no que eu sei que é pecado.

Se você sabe que algo é pecado, só de ficar alimentando o pensamento, você já está errando, você está deixando o seu pensamento ser tentado.

Uma coisa é você olhar para uma mulher bonita, para um homem bonito, e falar: “É bonito, mas eu vou olhar para outro lugar, porque, se eu ficar olhando, vou pecar.”

Isso é diferente de ficar alimentando.

Jesus, inclusive, na base da oração, nos ensinou no Pai-Nosso:

“Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal, porque teu é o reino.”

Então, o que estamos concordando?

O que é que nós estamos aceitando?

Nós não podemos aceitar o que é contrário à Palavra de Deus.

“Ah, pastor, então eu tenho que estar o tempo todo repreendendo, orando, mandando embora pensamento?”

Não.

Quando vier pensamento, rejeita.

Vamos lá em Gálatas 5.

Carta de Paulo aos Gálatas, capítulo 5, versículo 16:

“Digo, porém: andai pelo Espírito e jamais satisfareis as concupiscências da carne.”

Andar pelo Espírito.

Eu vou agir de acordo com o Espírito, com a direção, com as diretrizes do Espírito de Deus.

É por Ele que eu vou viver.

Viver pelo Espírito, e de forma alguma satisfarei os desejos da carne.

Nós não podemos satisfazer a vontade da carne.

E desejo da carne aqui não é só “encher a barriga”; é querer o melhor deste mundo, desfrutar de tudo, sem se preocupar com a vontade de Deus.

E como conhecemos a vontade de Deus?

Pelo Espírito.

O Espírito de Deus é o Espírito Santo.

Entenda uma coisa: Espírito Santo é o Espírito de Deus, assim como nós temos nosso espírito; eu tenho o meu espírito, você tem o seu.

O Espírito Santo é o Espírito de Deus que habita em nós.

Ele conhece a mente de Deus.

Eu tenho meu espírito, que conhece a minha mente.

Se nós temos o Espírito Santo de Deus, nós começamos a ter a mente de Cristo.

Aí, sabendo que não podemos concordar com pensamentos errados, nós rejeitamos.

É claro que o tempo todo vem pensamento; você rejeita.

“Tá repreendido em nome de Jesus.”

Às vezes, você perde a batalha exatamente por isso: fica só dizendo “tá repreendido, tá repreendido”, e, ao mesmo tempo, continua olhando para o mesmo lado, alimentando.

O que você tem que fazer?

Não é só falar “tá repreendido”; é não permanecer pensando naquilo.

“Eu vou pensar em outra coisa, vou pensar no meu trabalho, nas contas que tenho que pagar, no que tenho que comprar, vou pensar na minha casa, vou pensar na Bíblia, vou orar.”

Você vai desviar o pensamento.

Por mais que o diabo fique bombardeando, você vigia.

Tem que haver vigilância, policiamento constante.

Você tem que se policiar constantemente, rejeitando.

“Não aceito isso, não concordo.”

Rejeita.

Voltando ao texto:

“Porque a carne luta contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes se opõem um ao outro, para que não façais o que quereis.

Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei.”

E ele fala das obras da carne:

“As obras da carne são manifestas: prostituição, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, embriaguez, orgias, e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já vos disse antes, que os que praticam tais coisas não herdarão o reino de Deus.”

Você está deixando que os pensamentos te conduzam a praticar coisas contrárias à Palavra de Deus, e não está rejeitando?

Então você está indo para o buraco.

“Ah, pastor, mas eu acho que...”

Você não tem que achar nada; eu não tenho que achar nada.

O que eu tenho que fazer é o que a Palavra diz.

Não é o que eu acho, é o que está escrito.

Se vem pensamento, sentimento, vontade, desejo que não está de acordo com a Palavra de Deus, tem que ser rejeitado.

E, muitas vezes, você perde a batalha exatamente por isso, porque você não combate o desejo desde a mente, desde o começo.

Então a Palavra mostra que, se você está deixando o diabo te conduzir por pensamentos, você não está sendo filho de Deus como deveria.

Quem tem o Espírito de Deus tem que rejeitar.

Versículo 22 fala:

“Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio; contra estas coisas não há lei.

E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências.

Se vivemos pelo Espírito, andemos também pelo Espírito.”

“Ah, pastor, mas eu sofro muito, assim, assado.”

Você sofre porque não conhece o Senhor como deveria.

Você está passando por isso, mas poderia passar com Cristo, sem reclamar.

Jesus sofreu muito mais e não reclamou.

Vamos entregar nossa vida a Cristo e viver para praticar a Palavra de Cristo.

É isso que nós temos que fazer; é isso que é necessário fazermos.

6. Resistir ao diabo, firme na fé

Outra passagem: 1 Pedro 5.

1 Pedro 5, versículo 6, diz:

“Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que Ele, em tempo oportuno, vos exalte, lançando sobre Ele toda a vossa ansiedade, porque Ele tem cuidado de vós.”

Então, pensamentos de ansiedade, preocupações, provocações, sugestões, “conselhos” do diabo, nós rejeitamos.

Nós temos a mente de Cristo; nós não ouvimos o que o mundo fala, ouvimos o que Cristo fala.

Eu vou a um culto em uma igreja, e a Palavra está sendo pregada de acordo com o evangelho; amém.

Mas, se estiver pregando coisa contrária, eu rejeito e não fico ali.

O problema é que as pessoas ficam buscando “novidadezinha”, “profecinha”, “campanhazinha”, “jejumzinho”, e não se firmam na Palavra.

“Ah, estão fazendo uma campanha assim, se você sair, olhar no mínimo, sair de cócoras, plantar bananeira, Deus vai te abençoar.”

Isso é coisa do diabo, não é de Deus.

Você está sendo conduzido para longe do evangelho.

“Ah, eu pensei...”

Você não tem que pensar; você tem que ver o que o evangelho diz.

“Ah, pensei que Deus fosse fazer assim, assado.”

Você tem que ver o que a Palavra diz.

“Ah, eu tenho que fazer uma coisa ali, quase ninguém vai perceber, todo mundo vai entender por necessidade.”

Não; é o diabo que está falando com você.

Então rejeita.

É isso que nós vamos fazer: rejeitar.

A batalha na mente é para isso, para você vencer, para você não deixar o diabo tomar lugar.

Não existe crente “neutro”; ou você está lutando, ou já se entregou.

Amanhã nós vamos continuar falando sobre isso.

Por isso que eu sempre digo: leia e pratique a Bíblia.

Que Deus abençoe, tenha um bom dia.

Nós começamos ontem falando em batalha na mente, e hoje vamos continuar sobre a batalha na mente e, por último, aquela luta de nós sabermos o que é correto, mas acabarmos fazendo o que não devemos.

Ou seja, nós rejeitamos o mandamento, ou melhor, nós rejeitamos o pensamento, as sugestões, para fazer de outra maneira.

Às vezes, o tempo inteiro a consciência nos acusa, diz que aquela maneira está errada, que não está de acordo com a Palavra de Deus, mas a nossa carne, o nosso olho humano, os nossos desejos acabam insistindo.

Por isso é que a nossa felicidade não está sempre lutando a luta do Espírito contra a carne.

O nosso adversário, o diabo, insiste, mas, se alimentarmos o nosso espírito, se buscarmos mais o Senhor, então ele, o Espírito, nos ajudará a agir de acordo com a Palavra, e a nossa mente vai sendo blindada.

As setas inflamadas vêm, mas não nos atingem, não nos alcançam, porque estamos no Senhor, estamos cobertos no sangue.

É preciso ter essa compreensão.

Vou meditar aqui em Romanos 7, versículo 15.

7. A luta interior do homem que quer obedecer

Romanos 7:15 diz assim:

“Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir; pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto.”

“Mas, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa.

De maneira que, agora, já não sou eu quem faz isto, mas o pecado que habita em mim.

Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; pois o querer o bem está em mim, não, porém, o efetua-lo.

Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço.

Ora, se eu faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, e sim o pecado que habita em mim.”

Então veja: Paulo fala que, muitas vezes, ele quer fazer o bem, ele sabe o que é bom, ele sabe o que deve fazer, mas não faz.

Isso acontece conosco.

Eu ouço muitas pessoas dizendo: “Pastor, eu queria orar mais, eu queria ler mais a Bíblia, mas eu não estou encontrando forças.”

Por que não encontra forças?

Porque não está lutando como deveria.

Outro diz: “Eu sei que eu deveria me dominar mais, eu sou muito explosivo, sou muito sensível, mas eu não consigo.”

Não consegue porque está dando vazão à mente, está deixando a mente ser usada pela carne e pelo diabo.

Quando você se levanta, se posiciona, se determina a viver a Palavra, não importa o que aconteça, você diz: “Eu não vou fazer a minha vontade, eu não vou fazer a vontade da minha carne.”

É necessário que todos nós tenhamos esta decisão firme:

“Eu não vou fazer aquilo que sei que desagrada a Deus.”

Ontem eu falava com alguém que dizia: “Eu fiz tal coisa, pastor, eu fiz errado.”

Você sabe que não deve fazer isso.

Aí vem uma situação, vêm pensamentos para você até levar vantagem em determinado negócio, ou mentir para facilitar uma coisa.

Você sabe que o certo seria agir de outro modo, mas a carne puxa.

O que é que nós temos que fazer?

Pegar esses pensamentos, comparar com a Palavra de Deus, e dizer: “Não, não vou olhar para isso; eu não vou agir assim.”

O problema é quando nós deixamos de olhar para a Palavra e voltamos à carne, às emoções, à velha natureza.

Isso nos tira do caminhar segundo o Espírito e nos faz viver segundo a lógica do mundo, segundo a orientação de pessoas.

Fulano diz: “Você tem que fazer isso, tem que fazer aquilo.”

“Não, você tem que ser feliz, você não é obrigado a aguentar isso.”

Na questão de casamento, dizem: “Deus quer que você seja feliz; seu marido foi embora, casa de novo, Deus vai entender.”

Mas, quando você olha para a Palavra, você vê que não tem esse direito.

Então, na sua mente começa a batalha:

“Eu posso, eu tenho direito, todo mundo faz.”

Mas você sabe que não.

Então você tem que responder com a Palavra, rejeitar.

Existe essa briga na nossa mente; não é fácil.

Você pensa: “Não, eu vou fazer assim, e acabou.”

Aí vêm pensamentos contrários, vem aquela nuvem de pensamentos ofensivos a Deus, pensamentos de raiva, de vingança, qualquer coisa.

Você sabe que não está de acordo com a Palavra, então rejeita.

Não fique alimentando.

Não fique pensando ali, girando, girando em cima daquilo.

Ele continua em Romanos 7:

“Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; o querer o bem está presente em mim, mas não o realizar.”

Pois o bem que quero, esse não pratico, mas o mal que não quero, esse faço.”

Na nossa carne não há bem nenhum.

Por isso que ele fala: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?”

E ele responde:

“Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor.”

De modo que, com a mente, eu mesmo sirvo à lei de Deus; mas, segundo a carne, à lei do pecado.

Infelizmente, muitas vezes a nossa carne se deixa seduzir pela lei do pecado.

O diabo não fica se mostrando feio, com chifre, rabo e tridente.

Ele coloca parcerias, coloca pensamentos, joga constantemente sugestões para você agir assim ou assado, para você falar aquilo que não deve, tudo contrário à Palavra.

Quando você dá ouvido, quando você faz, aí já é pecado.

Você dá liberdade para ele.

Então nós temos que, o tempo todo, ir contra essa lógica mundana.

Não podemos ficar preocupados com o que “todo mundo faz”.

“Fulano faz, cicrano faz, todo mundo faz.”

Não interessa.

Nossa base é o evangelho, é a Palavra de Deus.

Fora dela, nós não somos nada.

Fora dela, estamos fazendo só a vontade da carne.

O erro é sério.

8. A armadura de Deus contra a guerra espiritual

Efésios 6, versículo 10, diz assim:

“No demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder.”

Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes permanecer firmes contra as ciladas do diabo.”

Nós temos que nos revestir de tudo o que é de Deus, do evangelho, para estarmos firmes.

O diabo é esperto, inteligente; ele arma ciladas com sutileza.

A cilada começa na mente.

Ele vem e diz: “Faz isso, não tem problema, todo mundo faz.”

Coloca um pensamento, um desejo, você foca naquilo, e, se ceder, caiu na cilada.

A nossa luta não é contra seres humanos.

Verso 12:

“Porque a nossa luta não é contra sangue e carne, e sim contra os principados, e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais.”

Não é brigar com o marido que está adulterando, nem com a mulher que está com seu marido, ou com o homem que está com a sua esposa.

Não é contra eles a luta.

“Ah, mas ele não quer, ele disse isso, ela disse aquilo.”

Pouco importa o que disseram; importa o que o Senhor diz na Palavra.

A mulher diz: “Ah, meu marido me traiu, eu vou dar o troco, depois eu me arrependo.”

Você está concordando com o diabo.

Vai para o buraco junto.

O diabo quer isso: que você concorde com ele.

O diabo joga: “Você não merece passar por isso, tem direito.”

Você não é obrigado a aceitar pensamento que vai contra a Palavra.

Se uma parte de você – a carne – está gritando, você precisa se afastar de tudo que alimenta isso, se consagrar ao Senhor, entregar tudo para Ele.

É necessário agir com sabedoria, com entendimento, de acordo com a Palavra.

Revestir a mente com a Palavra de Deus, e não com “mimimi” do mundo.

Tem gente que diz: “Eu sei que deveria fazer assim, mas não consigo.”

Não é “não consigo”; é não se determinar.

Você sabe o que tem que fazer, então é ir contra os pensamentos errados.

Esses pensamentos não são “neutros”; são setas do diabo.

Por isso temos que revestir toda a armadura de Deus, porque nossa luta é contra demônios.

A Palavra diz: “Nossa luta não é contra carne e sangue, mas contra principados e potestades...”

Versículo 13:

“Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, permanecer inabaláveis.”

O dia mau vem.

Todos nós passamos por dia mau.

Mas, se estivermos revestidos da armadura de Deus, vamos permanecer firmes, sem retroceder.

Versículo 14:

“Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça;

E calçados os pés na preparação do evangelho da paz;

Tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno;

Tomai também o capacete da salvação, e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus;

Orando em todo o tempo com toda oração e súplica no Espírito, e vigiando nisso com toda perseverança...”

Cingir os lombos com a verdade: viver na verdade.

Vestir a couraça da justiça: agir com justiça, não com vingança.

“Ah, fulano fez comigo, vou dar o troco.”

Não; isso é justiça humana, não é justiça de Deus.

Calçar os pés com o evangelho da paz: viver o evangelho, não viver “paz de acomodação”, mas paz de Cristo.

Não é ficar quietinho, aceitando pecado; é não pagar o mal com o mal.

Embrazar o escudo da fé: fé em Cristo, confiança na Palavra.

Escudo serve para defender de dardos.

Os dardos inflamados são pensamentos, sugestões, conselhos contrários.

Se você está com o escudo da fé, esses dardos não te acertam.

Capacete da salvação: proteger a cabeça, a mente, lembrando sempre que nosso objetivo é Cristo, é salvação.

Espada do Espírito: a Palavra de Deus, que usamos contra o diabo, como Jesus usou no deserto: “Está escrito.”

Orar em todo tempo: viver em espírito de oração, em comunhão com Deus, mesmo trabalhando, andando, fazendo o que tiver que fazer.

Hebreus 12, versículo 4, diz:

“Ainda não resististes até ao sangue, combatendo contra o pecado.”

Às vezes a pessoa diz: “Eu não aguento mais, pastor, é muito forte, eu já lutei demais.”

Mas a Bíblia diz: “Ainda não resistiu até o sangue.”

Nós ainda não chegamos ao ponto de derramar sangue lutando contra o pecado.

Jesus resistiu até o sangue, até a cruz.

É luta.

Queremos vitória sem luta.

Queremos paz sem combate.

Mas a vida cristã é luta.

Não vamos ter descanso completo aqui.

Temos que lutar contra o pecado até o fim.

Os versículos seguintes lembram da disciplina do Senhor.

Deus nos corrige como filhos.

Muitas batalhas na mente são também disciplina de Deus permitindo que sejamos provados para aprendermos a rejeitar o que não presta, a fugir do pecado, a confiar nEle.

Tiago 1:12 diz:

“Bem-aventurado o homem que suporta, com perseverança, a provação; porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida, que o Senhor prometeu aos que o amam.”

Versículo 13:

“Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e ele mesmo a ninguém tenta.”

Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, sendo por esta arrastado e seduzido;

Então a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte.”

Não é Deus que põe desejo mau no seu coração.

Quem faz isso é o diabo, e a sua carne concorda.

Ele joga a seta, a cobiça se levanta, você alimenta, concebe, aí vira pecado; o pecado, consumado, gera morte.

9. Cobiça, pecado e morte

Então, veja o processo:

- Vem o desejo.
 - Você alimenta na mente.
 - Concede espaço.
 - Isso gera o ato.
 - O ato gera morte.

Se você cortar na mente, não chega ao ato.

Por isso, batalhas na mente têm que ser vencidas na mente.

10. Mente governada pela carne ou pelo Espírito

Romanos 8:5 diz:

“Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito.”

Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz.”

A mentalidade da carne é inimizade contra Deus; não se sujeita à lei de Deus, nem pode.

Os que estão na carne não podem agradar a Deus.

Se você vive pensando segundo a carne – “eu quero casar de novo do meu jeito”, “sou solteiro, tenho direito de me relacionar sexualmente à vontade”, “é só uma mentirinha” –, você está com a mente na carne.

É o diabo trazendo pensamentos, e você caindo.

Quem tem a mente do Espírito pensa nas coisas do Espírito.

Primeira Pedro, capítulo 2, também fala dos que seguem a vontade da carne e desprezam autoridade.

Mas eu quero aqui voltar para 2 Coríntios 10:3:

“Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne; porque as armas da nossa milícia não são carnaís, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas;

Destruindo raciocínios e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo.”

Nós andamos na carne, temos corpo, mas não lutamos com armas carnaís (discussão, briga, xingamento, vingança).

Nossas armas são espirituais.

E uma delas é levar cativo todo pensamento à obediência de Cristo.

Pensamento veio?

Você pega e diz: “Isso não está de acordo com Cristo; então eu não aceito.”

Rejeita, leva cativo, submete à Palavra.

Isso é luta.

Tem que lutar.

Não tem como viver cristianismo “light”.

A batalha na mente tem que ser enfrentada; se não enfrentarmos, vamos cair.

Não tem como “ficar neutro”.

Ou você luta, ou se entrega.

No evangelho de João 3:6, Jesus diz:

“O que é nascido da carne é carne; o que é nascido do Espírito é espírito.”

Se você nasceu de novo, você tem o Espírito de Deus.

Então não deixe a carne mandar.

Deixe o Espírito governar sua mente, seus pensamentos, suas decisões.

Faça como Paulo diz em Hebreus 12:2:

“Olhando firmemente para Jesus, autor e consumidor da fé.”

Enquanto olhamos para Ele, atravessamos a luta.

Se olharmos para o problema, para a tentação, caímos.

Por isso, eu sempre digo: leia e pratique a Bíblia.

É nela que aprendemos a lutar, é nela que vencemos a batalha na mente.

Que Deus abençoe, tenha um bom dia.

Conclusão pastoral

A batalha na mente precisa ser vencida com vigilância, Palavra, oração e obediência. O inimigo lança pensamentos, mas o cristão não é obrigado a acolhê-los. É preciso levar todo pensamento cativo à obediência de Cristo, rejeitar a carne e renovar a mente pela verdade. Quem alimenta o pensamento errado abre caminho para o pecado; quem permanece na Palavra fortalece o espírito.

Leia e pratique a Bíblia.

Capítulo 24 – Ceia do Senhor

A Ceia do Senhor não é ritual mágico, culto de campanha nem cerimônia para emocionar o povo. É memória, comunhão, proclamação da morte de Cristo e exame espiritual diante de Deus. Por isso, precisa ser tratada com temor, entendimento e obediência bíblica.

1. Ceia não é ritual mágico

E é ceia do Senhor que eu vou falar, porque eu vejo, na verdade, a maioria não entende, não compreende a ceia.

Muitos pensam que é um ritual, um “culto especial”, uma situação à parte.

Ela é sim um diferencial, mas não do jeito que inventaram.

Você vê igreja que passa praticamente o mês todo “na campanha da ceia”, tem igreja que chama até de “dia do milagre”, “dia da ceia”, como se fosse um dia mágico.

E as pessoas acham que estão fazendo uma grande coisa.

As igrejas ensinam que o dia da ceia é um dia diferente, especial, e não é.

É simplesmente o dia de domingo, o primeiro dia da semana.

Nós vamos ver nas Escrituras quem é que pode participar da ceia, quais as condições, como surgiu a questão da ceia, e vamos ver e compreender que a ceia é para ser participada no primeiro dia da semana, ou seja, domingo.

Somente nos dias de domingo.

Não é na segunda, na terça, na quarta, na quinta.

E não existe base bíblica para “vamos levar ceia para fulano em casa, levar ceia para o hospital”.

Não existe base bíblica para isso.

Se tiver algum membro da nossa igreja em um hospital, doente, eu não vou levar ceia para ele lá.

Por quê?

Porque ceia é um momento em que nós partilhamos todos juntos, no ajuntamento.

Nós ouvimos muita gente falando: “Leva a ceia para o enfermo, leva para o hospital, leva para o que não pode vir.”

Não.

A ceia nós compartilhamos ali naquele momento.

Se você não pode vir por motivo de força maior, você não é culpado, não está em pecado por isso.

2. A instituição da Ceia pelo Senhor Jesus

Nós vamos iniciar pelo evangelho de Lucas 22.

Evangelho de Lucas, capítulo 22, versículo 7 em diante, diz assim:

“Chegou, porém, o dia dos pães asmos, em que importava sacrificar a Páscoa.”

E Jesus enviou Pedro e João, dizendo: Ide preparar-nos a Páscoa, para que a comamos.

E eles lhe perguntaram: Onde queres que a preparemos?

E ele lhes disse: Eis que, quando entrardes na cidade, encontrareis um homem levando um cântaro de água; segui-o até a casa em que ele entrar.

E direis ao dono da casa: O Mestre te diz: Onde está o aposento em que hei de comer a Páscoa com os meus discípulos?

Então ele vos mostrará um grande cenáculo mobilado; aí fazei os preparativos.”

E, indo, acharam como lhes dissera e prepararam a Páscoa.

Chegada a hora, pôs-se Jesus à mesa, e com ele os doze apóstolos.

E disse-lhes:

“Desejei muito comer convosco esta Páscoa, antes que padeça; porque vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no reino de Deus.”

E, tomando o cálice, e havendo dado graças, disse:

“Tomai-o e reparti-o entre vós; porque vos digo que já não beberei do fruto da videira até que venha o reino de Deus.”

E, tomando o pão, e havendo dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo:

“Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim.”

Semelhantemente, tomou o cálice, depois da ceia, dizendo:

“Este cálice é o novo testamento no meu sangue, que é derramado por vós.”

Primeiro vamos entender uma coisa: Jesus já tinha preparado antes o lugar da ceia.

Naquela época, em Israel, era comum as casas maiores terem um salão, um cenáculo.

Quando alguém queria celebrar a Páscoa, pedia um lugar assim.

Jesus, de forma antecipada, já tinha combinado com o dono da casa.

É o que a tradição identifica como a casa de Marcos, o pai de João Marcos.

Não era costume um homem carregar o cântaro de água; eram as mulheres que faziam isso.

Justamente por isso, Jesus determina um sinal claro: quando vocês virem um homem carregando água, sigam-no.

Esse homem serviria de guia até a casa.

Então, Jesus orienta:

“Quando entrarem na cidade, encontrem esse homem, sigam-no até a casa; lá vocês dirão ao dono que o Mestre pergunta onde é o aposento em que vai comer a Páscoa.”

Ele mostrará o salão mobiliado; ali façam os preparativos.

E assim eles fizeram.

Quando chega a hora, Jesus se assenta com os discípulos, e Ele declara que desejou ansiosamente comer aquela Páscoa com eles antes do sofrimento.

Ele sabe que é a última ceia antes da cruz.

E ali Ele transforma a Páscoa judaica na ceia do Senhor.

Ele pega o pão, dá graças, parte, distribui, e diz:

“Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim.”

Depois, toma o cálice e diz:

“Este cálice é a nova aliança no meu sangue, derramado em favor de vós.”

É novo testamento no sangue de Jesus.

Não é mais a antiga aliança de Moisés; a partir daqui, passa a vigorar a nova aliança, no sangue de Cristo.

Marcos 14 fala do mesmo momento.

Marcos 14:22 em diante diz:

“Enquanto comiam, tomou Jesus pão, e, abençoando-o, o partiu, e lho deu, dizendo: Tomai, isto é o meu corpo.”

E, tomando o cálice, e havendo dado graças, deu-lho; e todos beberam dele.

E disse-lhes: Isto é o meu sangue, o sangue do novo testamento, que por muitos é derramado.

Em verdade vos digo que não beberei mais do fruto da videira até aquele dia em que o beber novo no reino de Deus.”

E, tendo cantado um hino, saíram para o monte das Oliveiras.

Veja que este é o último momento em que a Bíblia registra Jesus cantando hinos com os discípulos, antes de ir ao Getsêmani.

Ele institui a ceia exatamente na Páscoa.

3. Memória, comunhão e proclamação

Agora, o que a ceia significa?

Primeiro, obediência.

Assim como não podemos mentir, enganar, adulterar, roubar, matar, também não podemos negligenciar a ceia do Senhor.

Não é opcional.

Não é “se eu quiser, eu participo; se não quiser, não participo”.

Nós devemos participar da ceia.

Se não participamos por descuido, negligência, preguiça, estamos em pecado.

Por isso é que digo: se estamos em comunhão, não há motivo para não participar.

A ceia é uma ordem do Senhor: “Fazei isto em memória de mim.”

Paulo explica em Atos 20:7:

“No primeiro dia da semana, ajuntando-se os discípulos para partir o pão, Paulo, que havia de partir no dia seguinte, falava com eles, e prolongou a prática até à meia-noite.”

No primeiro dia da semana.

O primeiro dia da semana é domingo.

Não é sábado, nem segunda, nem terça.

Portanto, biblicamente, a ceia é celebrada no primeiro dia da semana.

E, quando diz “no primeiro dia da semana”, não está falando “no primeiro domingo do mês” ou “no segundo domingo do mês”.

É todo domingo, todo primeiro dia da semana.

Toda vez que os discípulos se reuniam no primeiro dia, partiam o pão.

Nós devemos fazer isso sempre, em memória do Senhor.

Não é ocasião especial “uma vez por mês”.

Biblicamente, o padrão foi: todo primeiro dia da semana, o povo se reunia para partilhar o pão.

4. Discernir o corpo e examinar-se

Agora, vamos a 1 Coríntios 11.

Primeira carta aos Coríntios, capítulo 11, versículo 23, Paulo diz:

“Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, havendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim.

Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim.

Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor, até que venha.”

Então, todas as vezes que comemos o pão e bebemos o cálice, estamos proclamando a morte do Senhor até que Ele venha.

É um memorial da cruz, não um ritual mágico.

Ele continua:

“De modo que, qualquer que comer este pão ou beber o cálice do Senhor indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor.

Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice.”

Ou seja, quem come do pão ou bebe do cálice do Senhor de modo indigno, irreverente, em pecado consciente, sem arrependimento, está pecando contra o corpo e o sangue do Senhor.

Por isso, cada um deve examinar a si mesmo antes de participar.

Não é o pastor que faz exame no lugar da pessoa.

O pastor prega, alerta, mostra o que é pecado; cada um, diante de Deus, sabe se está em pecado e se quer se arrepender.

Se a pessoa está em pecado, vivendo em adultério, em fornicação, em mentira, em injustiça, e não quer se arrepender, não deve participar; se participar, está comendo e bebendo juízo para si.

Não é o pastor que “proíbe” ou “autoriza”; é a própria Palavra que coloca o critério.

O pastor tem que pregar a verdade, mostrar o que é santo e o que é pecado.

A pessoa se examina.

Se se examinar honestamente, vai dizer: “Estou em pecado, não vou participar.”

Ou vai se arrepender, pedir perdão, abandonar o pecado e então participar.

Não é “vou participar assim mesmo, Deus entende.”

Não; a Bíblia diz:

“Quem come e bebe sem discernir o corpo do Senhor, come e bebe para sua própria condenação.”

Paulo diz que, por causa disso, muitos na igreja de Corinto estavam fracos, doentes e muitos já dormiam, ou seja, morreram.

Alguns, inclusive, morreram fisicamente sob juízo porque desprezaram o corpo e o sangue do Senhor, trataram a ceia como algo comum.

5. Quem deve participar e com que temor

Não é só um pedaço de pão, não é só um suquinho “para cumprir tabela”.

Simboliza o corpo e o sangue de Cristo.

O sangue foi derramado para nos dar vida, para nos dar salvação; a carne foi moída para levar nossas dores e pecados.

Quando participamos da ceia, estamos assumindo isso, recebendo de novo pela fé a obra de Cristo, selando nossa comunhão com Ele e com o corpo.

Se estamos rejeitando a ceia por preguiça, por descaso, por qualquer desculpa fútil, estamos rejeitando o sacrifício de Cristo.

“Ah, eu não vou hoje porque estou cansado, porque vou receber visita, porque tenho outra coisa.”

Isso é pecado.

Nossa obrigação é estar na ceia, no primeiro dia da semana.

Se faltar por um motivo inevitável, por força maior, é uma coisa.

Mas, se deixar por descaso, por priorizar outras coisas, é pecado.

Crianças podem participar?

Nós entendemos que criança não deve participar até ter compreensão mínima.

Nós não batizamos bebês, porque não têm entendimento.

Da mesma forma, não devemos dar ceia para crianças que não entendem o que estão fazendo.

Quando a criança já tem entendimento, já tem maturidade, já crê em Cristo, sabe o que significa a ceia, aí pode participar.

Não é “porque é filho de crente” que já participa.

Tem que entender.

A igreja não é quem “proíbe” ou “libera”; é a consciência em Cristo, baseada na Palavra.

Se o pastor vê que a pessoa não entende, não deve incentivar que participe.

Agora, se a pessoa entende, mas está em pecado e mesmo assim quer participar, ela mesma está comendo juízo para si.

Por isso Paulo diz:

“Se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados.

Mas, quando somos julgados pelo Senhor, somos corrigidos, para não sermos condenados com o mundo.”

Ou seja, se examinarmos a nós mesmos, se reconhecermos nossos pecados e nos arrependermos, não seremos condenados.

Mas, se insistirmos em participar de qualquer jeito, o Senhor nos corrige.

A ceia é coisa séria.

Não é brincadeira, não é “ritual bonitinho”.

É mandamento do Senhor.

É memorial da cruz.

É marca da nova aliança.

Participar indignamente traz consequências espirituais graves.

6. A Ceia no primeiro dia da semana

Por isso eu insisto: devemos participar da ceia todos os domingos, vivendo em santidade.

Se estivermos em pecado, não participamos até acertar a vida.

Se estivermos em comunhão, devemos participar; não há desculpa para ausência por preguiça ou desinteresse.

Rejeitar a ceia é rejeitar Cristo.

A ceia é uma ordenança, não um “favor opcional”.

Devemos levá-la a sério.

E, como sempre, todo entendimento está aqui, na Bíblia.

Leia e pratique a Bíblia.

Que Deus abençoe, tenha um bom dia.

Conclusão pastoral

A Ceia do Senhor deve ser recebida com temor, discernimento e comunhão. Não é espetáculo mensal, nem objeto de campanha, nem rito para produzir milagre. É memória da morte de Cristo, proclamação da Sua volta e exame diante de Deus. Participar sem discernir o corpo é coisa séria; participar em santidade é obedecer ao Senhor.

Leia e pratique a Bíblia.

Capítulo 25 – Cegueira espiritual

Cegueira espiritual é a incapacidade de enxergar, compreender e obedecer às coisas do Espírito. A pessoa pode frequentar templo, ouvir pregação, cantar, participar de atividades e, ainda assim, permanecer sem entendimento real da Palavra e do poder de Deus.

1. O que é cegueira espiritual

A gente, andando por aí, depara com muita gente que é cega espiritualmente.

Outros, talvez, até sejam menos cegos, mas estão servindo cegos também.

Frequentam um templo, uma denominação qualquer.

E, quando nós começamos a conversar com elas, vemos que elas não conhecem a presença de Deus, não têm conhecimento do poder do Senhor, não sabem como devem agir, como devem proceder.

E outras, por mais que estejam ali ouvindo a Palavra de Deus, mais frias, mais travadas, não conseguem entender ou não querem entender.

Isso é cegueira espiritual.

Nós vamos começar aqui meditando em 1 Coríntios, capítulo 2.

2. O homem natural não discerne as coisas do Espírito

1 Coríntios, capítulo 2, versículo 14, diz assim:

“As pessoas que não têm o Espírito não aceitam as verdades que vêm do Espírito de Deus, pois para elas isso tudo é loucura; e não podem entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.”

Ou, em outra tradução:

“O homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque se discernem espiritualmente.”

Se você não tem o Espírito de Deus, se você não tem o Espírito Santo, por mais que nós falemos com você sobre o poder de Deus, sobre a maneira de Deus agir, você não vai conseguir entender.

Você não vai conseguir compreender.

Vai parecer loucura, vai parecer conto.

3. Crer mais nos homens do que em Deus

Quando falamos sobre o poder de Deus em mudar qualquer situação, por mais feia que pareça — um casamento, uma família, uma vida destruída —, muitos não acreditam.

Por quê?

Porque não têm o Espírito de Deus.

A pessoa fala: “Não, eu quero que o meu casamento seja restaurado, que meu marido mude, que minha esposa mude, mas é impossível, porque ele disse que não volta, porque ela disse que não volta.

Ele está com outra, ela está com outro, vão casar com outra pessoa; é impossível.”

“Ele é um homem de palavra, ela é uma mulher de palavra, disseram que não voltam nunca mais.”

E acreditam mais nisso do que na Palavra de Deus.

Aí você está vendo que a pessoa não tem o Espírito de Deus.

Se tivesse, ela creria no que o Senhor diz.

Jesus diz que aquilo que Deus uniu o homem não separe.

Se Ele diz que o que Deus uniu o homem não pode separar, é porque só Deus pode tratar, e Ele pode mudar qualquer situação.

Mas, infelizmente, muitos não têm discernimento espiritual.

Não têm o Espírito de Deus.

Acreditam mais na palavra do marido, da esposa, do médico, do advogado, do juiz, do patrão, do que em Deus.

Paulo diz aqui:

“As pessoas que não têm o Espírito não aceitam as coisas que vêm do Espírito de Deus, pois lhe parecem loucura e não são capazes de compreendê-las, porque são discernidas espiritualmente.”

Versículo 15:

“Mas aquele que é espiritual discerne todas as coisas, e ele mesmo por ninguém é discernido.”

“Pois quem conheceu a mente do Senhor, para que possa instruí-lo?”

Nós, porém, temos a mente de Cristo.

Se nós temos a mente de Cristo, se nós temos o Espírito de Deus, nós vamos entender as coisas do Senhor.

O Espírito de Deus é o Espírito Santo.

O Espírito Santo é o Espírito de Deus.

Assim como eu tenho meu espírito, você tem o seu, Deus tem o Espírito dEle.

O Espírito conhece profundamente a mente de Deus; Ele sonda as profundezas de Deus.

Da mesma forma, o nosso espírito conhece o que está em nós.

Quando temos o Espírito Santo, passamos a ter a mente de Cristo.

Então nós acreditamos, nós sabemos que Deus pode mudar qualquer situação.

As pessoas do mundo têm dificuldade para entender e compreender por que é que nós atravessamos certas dificuldades e permaneçamos firmes, por que é que confiamos que Deus pode agir.

Elas não têm o Espírito de Deus, não conseguem ver com olhos espirituais.

Muitas vezes falamos sobre determinado tema, sobre determinada situação, e elas dizem: “Ah, eu até creio, pastor, eu tenho fé, eu acho que Deus pode.”

Mas não creem de fato.

Falam por falar.

Porque, se crêsem mesmo, não ficariam participando de tantos atos religiosos sem fundamento bíblico, campanhas, simpatias “gospel”, objetos ungidos, porque nós conhecemos a mente de Cristo, temos o Espírito dEle.

Se temos o Espírito dEle, conhecemos o que Ele quer.

Tem gente em templo que ouve a Palavra, balança a cabeça, mas não concorda no coração.

Não acredita.

Você fala, mostra na Bíblia, mas a pessoa por dentro está dizendo: “Eu não concordo, eu não acredito.”

O que falta aí?

Falta buscar, falta crer, falta meditar na Palavra.

A fé vem pelo ouvir, e ouvir a Palavra de Deus.

Se começar a ler, meditar, buscar, Deus vai dar entendimento espiritual.

Sem isso, continua cego.

A maioria não tem fé em Deus justamente por não conhecê-lo.

Não O conhece, não busca conhecimento, não busca saber quem Ele é, o que Ele faz, o que Ele quer.

Nós vamos continuar em 1 Coríntios 10 agora.

1 Coríntios 10, versículo 1, diz assim:

“Irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, e todos passaram pelo mar.

Todos comeram do mesmo alimento espiritual, e beberam todos da mesma bebida espiritual.

Pois bebiam da rocha espiritual que os seguia; e a rocha era Cristo.”

Paulo está fazendo referência ao povo que saiu do Egito.

Eles eram escravos, estavam debaixo do jugo de Faraó; Deus tirou aquele povo com mão poderosa.

Moisés não tirou ninguém; quem tirou foi Deus.

Moisés foi instrumento de Deus, só isso.

Todos atravessaram o mar Vermelho a seco, viram Deus abrir o mar.

Todos foram guiados pela nuvem no deserto.

Quando tinham sede, Deus mandou água sair da rocha.

Essa rocha simbolizava Jesus Cristo.

Quando tinham fome, Deus mandou o maná descer do céu; todos comeram do mesmo alimento espiritual.

Então eles viram sinais, milagres, maravilhas.

Viraram mar se abrir, viram as pragas do Egito: água em sangue, rãs, piolhos, moscas, morte dos primogênitos dos egípcios, e nenhum dos hebreus foi tocado.

Viraram Deus usar Moisés de forma tremenda.

No deserto, de dia, havia a nuvem que fazia sombra; à noite, a coluna de fogo aquecia e iluminava.

Todos tinham esse cuidado.

Mesmo assim, versículo 5:

“Entretanto Deus não Se agradou da maior parte deles; por isso foram prostrados no deserto.”

A maioria morreu no deserto.

Por quê?

Porque, apesar de ver tudo isso, não creram, não aceitaram a verdade do Senhor.

Não tiveram visão espiritual.

Eles olhavam, mas não enxergavam.

Eles viam sinais, mas não ligavam coração.

Se tivessem discernimento espiritual, se tivessem crido de verdade, não teriam morrido no deserto.

Josué e Calebe entenderam, creram, se posicionaram segundo a Palavra; por isso entraram na terra prometida.

Os outros não.

Eles falavam que Deus era maravilhoso, que Deus era grande, mas, na prática, não acreditavam, murmuravam.

E Paulo diz, no versículo 6:

“Essas coisas aconteceram como exemplos para nós, para que não cobicemos coisas más, como eles cobiçaram.”

Versículo 7:

“Não vos façais idólatras, como alguns deles; conforme está escrito: O povo assentou-se para comer e beber, e levantou-se para se entregar à orgia.”

Quando Moisés demorou no monte, o povo pressionou Arão.

Arão, que era sacerdote, também não tinha visão espiritual como deveria.

Se tivesse, não teria aceitado fazer o bezerro de ouro.

Mas ele cedeu: fez o bezerro, e ainda disse que aquele bezerro era o “deus que tinha tirado o povo do Egito”.

E o povo se entregou à orgia, à bagunça, à idolatria.

Resultado: muitos morreram ali.

Isso está na Bíblia para aprendermos.

Se mantivermos a mesma cegueira, vamos ter o mesmo fim.

Nós não podemos agir da mesma forma.

Temos que procurar conhecer mais o Senhor e viver a Palavra de Deus.

Caso contrário, vamos perecer também, espiritualmente.

4. Conhecimento da vontade de Deus

Vamos a Colossenses 1.

Colossenses 1, versículo 9, é uma oração de Paulo.

“Por essa razão, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós e de pedir que sejais cheios do pleno conhecimento da vontade de Deus, em toda sabedoria e entendimento espiritual.”

Veja pelo que Paulo ora: não é para o povo ter carro, casa, emprego, dinheiro.

Ele ora para que sejam cheios do pleno conhecimento da vontade de Deus, em toda sabedoria e entendimento espiritual.

É isso que falta hoje.

Tem templo lotado, mas pouca gente com entendimento espiritual.

A venda está sobre os olhos; estão cegos.

Vão ao templo em desespero, querendo que Deus atenda desejos, projetos, sonhos.

Querem as coisas que Deus pode dar, mas não querem o que Deus quer dar primeiro: conhecimento da verdade, salvação, vida eterna.

Não querem conhecer o poder de Deus, o que Deus faz e o que não faz, o que Deus deseja e o que não deseja para nós.

A única maneira de tirar a cegueira é buscar.

Mas não basta pegar a Bíblia, deixar aberta em qualquer lugar e achar que isso resolve.

5. Ler a Palavra com submissão

Não basta ler de qualquer jeito.

Temos obrigação de ler todos os dias, sim, mas entender o que estamos lendo.

Não é só ler um capítulo; é perguntar: “Senhor, o que o Senhor está falando aqui? O que isso tem a ver com minha vida, com minha situação?”

Temos que orar e pedir discernimento, entendimento da Palavra.

Temos que buscar entendimento antes de buscar “bênçãos”.

Tem gente que quer “fé” para conquistar coisas, mas não quer conhecer a vontade de Deus.

Paulo continua, no versículo 10:

“De modo que possais viver de maneira digna do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no conhecimento de Deus.”

Veja: o propósito de ter conhecimento e entendimento espiritual é viver de modo digno do Senhor, agradando-o, frutificando em boas obras, crescendo no conhecimento de Deus.

Muita gente acha que está agradando a Deus só porque vai ao templo, coloca dinheiro em campanha, participa de “fogos santos”, “fogueira santa”, “propósito”, “voto”.

Acha que está agradando a Deus porque canta certas músicas, faz certas orações.

Mas, se olhar para a Bíblia, vai ver que está ofendendo o Senhor, e não agradando.

Muitas músicas que se cantam como “louvor”, se forem analisadas à luz da Palavra, são mais antropocêntricas, cheias de pedidos egoístas, de “eu quero”, “eu determino”, “eu exijo”.

As orações, muitas vezes, tratam Deus quase como um servo, um empregado: “Tem que fazer, tem que me dar, tem que cumprir.”

Será que isso agrada ao Senhor?

Se você prestar atenção no que canta, no que ora, vai ver que muita coisa está fora da Palavra.

Paulo ora para que sejamos fortalecidos “com todo o poder, segundo a força da sua glória, em toda perseverança e longanimidade, com alegria, dando graças ao Pai que vos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz.”

Propósito: viver de modo digno, agradar plenamente, frutificar em boas obras, crescer no conhecimento de Deus, ser fortalecido com poder para suportar, perseverar, manter firmeza de ânimo.

Mas a pessoa diz ser evangélica há muitos anos e não anda de modo digno.

Tem comportamentos estranhos, fraquezas estranhas, orações estranhas, adoração estranha, pedidos estranhos, frequenta templos estranhos, liderada por pastores estranhos, porque não busca a verdade.

Não busca o conhecimento da Palavra.

Continua Paulo:

“Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do seu Filho amado, em quem temos a redenção, a remissão dos pecados.”

Mas muitos permanecem andando como se ainda estivessem nas trevas, cegos, mesmo dentro de templos.

Acham que Deus está agradado porque colocam dinheiro, porque fazem campanha, porque estão em “corrente”.

Mas Deus quer que vivamos em santidade, em obediência, em verdade.

A cegueira espiritual não é só do “mundo”; é de muita gente que se diz evangélica.

Gente que está nos templos, mas não conhece a Bíblia, não conhece Jesus de verdade.

Conhece ritual, conhece música, conhece campanha, mas não conhece Cristo.

E, se não buscar, vai para o inferno dentro de templo.

Vai para o inferno com a Bíblia debaixo do braço, com placa de denominação, com título de “evangélico”, de “pastor”, “obreiro”, “levita”.

Se não abrir os olhos, se não deixar o Senhor tirar a cegueira, vai perecer assim mesmo.

Tem que acabar com essa cegueira espiritual.

Muita gente diz: “Eu não entendo, eu não compreendo, eu não vejo.”

Não entende porque não quer.

Está dentro de “igreja”, mas não quer abrir mão de tradição humana, de “jeitinho”, de ensino de homens.

Não quer se submeter à Palavra.

Jesus, em Mateus 20, conta a parábola dos trabalhadores da vinha, que alguns foram chamados de manhã, outros ao longo do dia, e todos receberam o mesmo salário no final.

Os que trabalharam o dia todo ficaram com inveja dos que chegaram por último e receberam o mesmo.

O dono da vinha pergunta: “Não combinamos um denário? Eu estou pagando o combinado.

Você está com inveja porque eu sou bom?”

A cegueira espiritual faz a pessoa questionar a bondade de Deus, achar que Deus é injusto porque abençoa fulano, porque restaura o casamento de cicrano, porque cura beltrano.

Faz a pessoa dizer: “Por que Deus fez por ele e não faz por mim?”

Em vez de se alegrar com o que Deus fez na vida dos outros, fica comparando, murmurando, invejando.

Isso é cegueira espiritual.

Vamos abrir os olhos.

Vamos aprender a nos alegrar com quem se alegra, a chorar com os que choram, a glorificar a Deus pelas vitórias dos outros.

Vamos parar de reclamar e buscar conhecer mais o Senhor.

Nesse ponto, volto à oração de Paulo:

“Não cessamos de orar por vós e de pedir que sejais cheios do pleno conhecimento da vontade de Deus, em toda sabedoria e entendimento espiritual, para viver de modo digno do Senhor.”

Se continuarmos apenas como frequentadores de igreja, religiosos, ouvindo Bíblia, mas não deixando que a Palavra transforme nossa vida, vamos para o inferno com nossas vidas, com nossas denominações, com nossos pastores.

Precisamos abrir os olhos.

Há muitos “evangélicos” caminhando para o inferno.

Precisamos ter entendimento, ter mente de Cristo, acabar com essa cegueira espiritual.

E isso só acontece se buscarmos o Senhor de verdade, se lermos e praticarmos a Bíblia.

Amanhã vamos continuar ainda esse mesmo assunto, fazendo a sequência sobre cegueira espiritual.

Toda dúvida e todo esclarecimento estão na Bíblia.

Por isso eu, em todo tempo, digo: leia e pratique a Bíblia.

Que Deus abençoe, tenha um bom dia.

Nós começamos ontem e vamos prosseguir falando sobre a cegueira espiritual.

E, apesar de estar clara, patente, bem diante dos nossos olhos, muitos não conseguem entender, discernir, não conseguem acreditar.

Outras vezes, não querem acreditar.

Essa dúvida e incredulidade é que vão conduzir para a perdição.

Então vamos meditar aqui em João 12, versículo 37, que diz assim:

Leia e pratique a Bíblia.

“Mas, embora tivesse realizado tantos milagres diante deles, não creram em Jesus, para se cumprir a palavra do profeta Isaías, que disse:

‘Senhor, quem creu em nossa mensagem? E a quem foi revelado o braço do Senhor?’

E, contudo, não podiam crer, porque, como reafirmou Isaías:

‘Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos, nem entendam com o coração, nem se convertam, e eu os cure.’

Isto disse Isaías porque viu a glória dele e falou a seu respeito.”

Aqui você encontra referência em Isaías 53:1 e também em Isaías capítulo 6, versículo 10.

O que acontece?

Jesus fez inúmeros milagres, diante do povo.

Nós temos relatos de tantos milagres na nossa vida também, mas o povo não acreditou nEle.

Hoje também é da mesma maneira.

As pessoas preferem acreditar em notícias, em sistemas, em qualquer coisa, mas não creem em Jesus.

Não creem no poder de Deus, não creem na manifestação do poder de Deus.

Deus agindo, Deus curando, Deus libertando, Deus restaurando, e eles não acreditam.

Deus propõe a salvação, mas muitos preferem acreditar que não tem inferno, que “inferno é aqui mesmo”.

Essa é uma mentira do diabo, em que muitos acreditam até hoje.

Se você tem dúvida sobre isso, leia o que está aqui; não existe outra vida como “reencarnação” ou como alguns pregam.

Eles preferem deixar de crer em Jesus.

Cegueira espiritual.

As pessoas têm a mente totalmente materialista e mundana.

Estão preocupadas com as coisas do mundo.

Querem viver bem aqui, querem ter alguma coisa que justifique o seu erro, a sua maneira de viver, a sua má conduta.

Não querem nada que possa condenar essas atitudes erradas e levianas que adotam.

As pessoas preferem acreditar que têm “direito de ser feliz aqui a qualquer custo”; que podem divorciar, casar novamente, roubar marido de outras mulheres, roubar esposa de outros homens, e que está tudo bem, que está tudo certo, que Deus quer que elas sejam felizes.

Ou seja, não querem enxergar o erro, não querem enxergar o pecado, não querem enxergar que estão caminhando correndo para a morte, para o sofrimento eterno.

Nós vemos isso constantemente.

E não estou falando só de mundano, não.

Estou falando de gente de igreja, dentro de templo.

As pessoas têm a Bíblia, têm o evangelho, mas, quando conversam, falam totalmente contrário ao evangelho.

Você vai encontrar gente citando Jesus, mas pregando outra coisa, pregando por “isso” ou “aquilo”, pregando mentira, favorecendo o erro, o pecado, conduzindo as pessoas à perdição.

E se procuram firmar dizendo que estão certos.

Mas por quê?

Porque não conhecem o Senhor.

E, apesar de verem tantos milagres, tanto agir de Deus, tanta restauração – restauração pessoal, de família, de casamento, de saúde física, mental, espiritual, psicológica –, ainda assim não se interessam, não acreditam.

Embora tivesse feito tantos milagres diante deles, não creram em Jesus, para se cumprir a palavra do profeta Isaías:

“Senhor, quem creu em nossa mensagem, e a quem foi revelado o braço do Senhor?”

Isaías 53 é um profeta messiânico, que falou tudo a respeito de Jesus, da vida de Jesus, de como seria.

E as pessoas não querem acreditar.

Vamos meditar em Tiago 3 agora, a partir do versículo 13.

“Quem dentre vós é sábio e tem verdadeiro entendimento?”

Mostre por seu bom proceder as suas obras, em mansidão de sabedoria.

Mas, se tendes amargo ciúme e sentimento faccioso em vosso coração, não vos glorieis disso, nem mintais contra a verdade.

Essa não é a sabedoria que desce lá do alto; antes é terrena, animal e demoníaca.

Pois, onde há inveja e sentimento faccioso, aí há confusão e toda espécie de coisas ruins.

A sabedoria, porém, que vem do alto é, primeiramente, pura; depois, pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, imparcial e sem hipocrisia.

Ora, em paz se semeia o fruto da justiça, para os que promovem a paz.”

Ou seja, quem é sábio e tem entendimento verdadeiro demonstra isso pelo procedimento, pela prática diária.

Não é pela fala bonita, nem pelo título, não é por dizer “eu creio”.

Se abriga inveja amarga, amargura, ambição egoísta no coração, não tem que se orgulhar, nem tentar negar a verdade.

Porque esse tipo de “sabedoria” não vem do céu; é terrena, é demoníaca.

Onde há inveja, rivalidade, ali há confusão e todo tipo de atitude maligna.

Então, muitos dizem: “Eu creio em Deus”, todo mundo fala “eu creio”, mas não têm sabedoria.

É uma cegueira espiritual alarmante, dentro de templo.

E eu volto a insistir: não estou falando de pessoas de fora, do “mundo”, de outras religiões.

Estou falando de gente que se diz evangélica.

Esse povo que se diz evangélico continua com pensamentos errados, com práticas erradas, mentiras, desonestidade.

Hoje existem práticas no meio religioso – no meio denominado evangélico, “povo de Deus” – que nem o mundo pratica.

O que é isso?

É cegueira espiritual.

Nós começamos às vezes a conversar com algumas pessoas que se dizem evangélicas e, quando ouvimos o que elas falam, como elas vivem, o que acham, o que pensam do Senhor, descobrimos que são pessoas totalmente cegas.

Não conhecem a Cristo.

E estão há anos dentro de um templo.

Isso porque existe cego pior que elas, à frente, guiando.

6. Um cego não pode guiar outro cego

Jesus deixou bem claro: um cego não tem condição de guiar outro cego.

E nós temos que adquirir sabedoria que vem do alto, para que as escamas caiam dos nossos olhos.

7. Saulo: da cegueira à visão espiritual

Não foi por acaso que, quando Paulo – antigo Saulo de Tarso – foi chamado por Jesus, ele ficou cego.

Não foi sem motivo.

Depois as escamas caíram dos seus olhos.

Ele passou a enxergar o que não enxergava antes.

Ele era religioso; agora passou a enxergar.

Então, o que temos que fazer?

Buscar enxergar.

Procurar fazer as escamas caírem dos nossos olhos.

Pedir a Deus que afaste de nós a ignorância espiritual, as trevas, a escuridão.

Nós, muitas vezes, lemos, ouvimos, mas não compreendemos, ou não queremos compreender.

Temos que compreender, não de acordo com nossas emoções e carne, mas de acordo com o Senhor.

Nós temos que aprender a voltar para o evangelho.

É o evangelho que tem a resposta.

É aqui, na Palavra, que o Senhor nos mostra como devemos pensar.

Não porque um pregador falou A, B ou C; não porque você pensa “assim ou assado”, mas porque Jesus pensa assim.

Se não, você será um cego, e o cego, se não enxerga onde pisa, cai no buraco.

Temos que aprender a enxergar.

Vamos voltar em Marcos 6.

Marcos 6, versículo 52, diz assim:

“Pois não tinham entendido o milagre dos pães; antes, o seu coração estava endurecido.”

Jesus multiplicou os pães e os peixes, e, mesmo assim, os próprios discípulos que estavam com Jesus não entenderam, não compreenderam o milagre da multiplicação.

Assim como hoje muita gente não entende, não compreende.

Só vê “ah, eu estou com fome, Deus me dá; Jesus me dá isso ou aquilo”, mas não entende quem é Jesus, não entende o propósito.

Muitos ainda pensam que Jesus é um provedor que vai ficar dando montanha de dinheiro, montanha de bens.

Não entendem que, se Jesus quisesse, se fosse da vontade dEle, Ele poderia ter feito aparecer uma montanha de pães, outra de peixes.

Mas Ele não fez assim.

Ele pegou o pouco que havia – cinco pães e dois peixes –, deu graças, multiplicou, foi repartindo, alimentou a todos, e ainda sobrou.

Ele podia ter dado uma montanha para cada um levar para casa, mas não fez.

Ele deu o sustento necessário.

Ele nunca prometeu dar riqueza, montanhas de nada para ninguém.

Mas tem pregador que fica pregando isso e fazendo as pessoas acreditarem, porque é o que agrada à carne.

Isso é cegueira espiritual.

As pessoas acreditam em outro “evangelho”, diferente.

Vamos procurar ver Jesus como Ele é.

Vamos fazer como o cego que foi até Ele e, quando Jesus perguntou “o que queres que Eu te faça?”, ele disse: “Senhor, eu quero ver.”

Temos que querer ver, querer enxergar.

E vamos continuar, não porque “eu acho”, mas pelo que o evangelho diz.

Vamos voltar a 2 Coríntios 4.

2 Coríntios 4, versículo 3:

“Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto, nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que não lhes resplandeça a luz do Evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.”

Se o evangelho está encoberto para você, se você diz “eu não consigo compreender, é difícil, é complicado”, cuidado.

Se o evangelho de Jesus não se revela a você, se você não está entendendo, talvez esteja perecendo, caminhando para a destruição.

Se o evangelho está encoberto, é para os que se perdem.

“Nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que não vejam a luz do Evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus.”

O deus desta era – o diabo – cegou o entendimento dos descrentes.

E, por isso, não veem a luz.

Paulo continua:

“Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor, e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus.”

Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.”

Então, se você não está conseguindo entender o evangelho, se prefere o erro, o pecado, a desobediência, ao invés de se submeter, cuidado.

Você pode estar perecendo.

Muita gente fala: “Eu sei que a Bíblia condena isso, mas eu acho que não está tão errado, eu prefiro fazer do meu jeito.”

Esse “mas eu acho” é perigoso.

Você não tem que “achar”; tem que crer no que está escrito.

Se, diante da Bíblia, você continua dizendo “eu prefiro pensar diferente, eu prefiro fazer do meu jeito”, é sinal de cegueira.

O deus deste século cegou o entendimento.

É necessário examinar o coração.

Quais são os seus pensamentos?

Quais são suas disposições?

Você está caminhando para a descrença?

Ou está caminhando com o Senhor?

É preciso que o evangelho seja entendido, que as escamas caiam, para que você enxergue.

Cegueira espiritual existe porque a humanidade está mais preocupada em satisfazer as vontades carnis, os desejos da carne, as emoções, do que voltar para o evangelho.

A resposta está no evangelho.

Por isso Paulo fala em Romanos 12 que devemos apresentar nosso corpo como sacrifício vivo e não nos conformar com esse século, mas transformar-nos pela renovação da mente, para experimentar a boa, perfeita e agradável vontade de Deus.

Nós vamos ceder a nossa vontade ou à de Deus?

É por isso que a carne luta contra o Espírito o tempo todo.

Se alimentarmos a carne, ela vence, e o deus deste século cega ainda mais.

Se alimentarmos o Espírito, o Senhor nos ilumina.

Então, se o evangelho está encoberto para você, se você não está entendendo, examine o coração.

Veja o que anda praticando.

É necessário que haja mudança.

Não basta falar “eu creio, Deus é bom, Deus vai me dar isso ou aquilo”.

Antes de ficar esperando que Ele “dê alguma coisa”, procure conhecê-lo.

Você, conhecendo o Senhor, saberá o que Ele quer te dar, o que Ele prometeu, o que Ele não prometeu.

Está aqui na Palavra dEle.

Procure conhecer o centro da vontade do Senhor.

Ele nos dá o Espírito dEle exatamente para isso.

Vamos em Lucas 18.

Lucas 18, versículo 34, diz:

“Eles, porém, nada disso entenderam; e essa palavra lhes era encoberta, de sorte que não percebiam o que lhes dizia.”

Os discípulos não compreenderam nada do que fora dito.

O significado daquelas palavras lhes era oculto; não podiam entender.

Eles estavam andando com Jesus, ouvindo Jesus, mas não entenderam quando Ele falava sobre a sua morte, ressurreição, traição.

Ele dizia que seria entregue, morto, ressuscitado ao terceiro dia, e eles não entendiam.

Isso mostra que, mesmo dentro do círculo íntimo, pode haver cegueira.

Às vezes a pessoa está na igreja, ouvindo evangelho, mas o entendimento está encoberto.

Não é automática a compreensão; precisa que o Senhor abra os olhos.

Por isso devemos buscar em todo o tempo revelação do Senhor.

Devemos buscar ser cheios de Jesus, cheios do Espírito Santo, para compreender a vontade de Deus, a boa, perfeita e agradável vontade do Senhor.

Não é simplesmente “sou crente” e pronto.

Os discípulos não compreenderam nada do que Ele disse, apesar de estarem ao lado dEle.

Ele falava abertamente que seria preso, seria morto, ressuscitaria; mesmo assim, não entendiam.

Se tivessem meditado na Palavra, teriam visto que tudo isso estava escrito Moisés, nos profetas, nos Salmos.

Já estava anunciado.

Mas eles não ligaram.

Foram ver depois que tudo aconteceu.

8. Cristo abre o entendimento para as Escrituras

Vamos em Lucas 24, versículo 44.

“E disse-lhes: São estas as palavras que vos falei, estando ainda convosco, que era necessário que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos.

Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras.”

Ele disse: “Estava tudo escrito: que o Cristo havia de padecer, ressuscitar dentre os mortos ao terceiro dia, e que em Seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando por Jerusalém.

Vós sois testemunhas destas coisas.

Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder.”

Quer dizer: tudo aquilo que Ele passou – sofrimento, morte, ressurreição – já estava escrito na lei, nos profetas e nos Salmos.

Mas eles não tinham entendido.

Só depois que Jesus ressuscitou e abriu o entendimento deles é que passaram a compreender.

Eles poderiam ter entendido antes, se tivessem crido na Palavra.

Mas estavam cegos.

Sofreram, se desesperaram, se dispersaram, porque não entenderam.

Hoje acontece o mesmo com muitos.

Está tudo aqui, escrito; mas não leem, não meditam, não crêem.

Lucas 9:45 diz:

“Eles, porém, não entendiam essas palavras, e lhes eram encobertas, para que não as compreendessem; e temiam interrogá-lo acerca dessas palavras.”

De novo: eles não compreendiam, as palavras eram encobertas; não entendiam e ainda tinham medo de perguntar.

Muitos hoje também têm receio de perguntar, de aprofundar, de mexer em certos assuntos, como divórcio, santidade, pecado, idolatria, por medo de descobrir que estão errados.

Preferem continuar na cegueira, para não ter que mudar.

Nós não podemos viver assim.

Não basta dizer “eu creio”, “eu creio”, “eu creio”, se não buscamos compreensão.

Tem gente que pega a Bíblia, lê um capítulo rápido, fecha, e acha que está suficiente.

Mas não medita, não estuda, não procura entender.

Tem que pedir ao Senhor que abra os olhos, que tire a venda.

Tem que querer enxergar.

Jesus é a luz; mas nós precisamos querer vir para a luz.

Não adianta dizer “sou filho da luz” e andar nas trevas, fazendo a vontade da carne.

Temos que conhecer a verdade.

Jesus disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida.”

É o evangelho, não a opinião de ninguém.

Não interessa o que o mundo acha, o que eu acho, o que eu penso, o que eu desejo.

O que interessa é o que está escrito aqui.

Então precisamos pedir: “Senhor, abre meus olhos, abre meu entendimento.”

É por isso que, em todo tempo, eu digo: leia e pratique a Bíblia.

Que Deus abençoe, tenha um bom dia.

Conclusão pastoral

A cegueira espiritual não se cura com religiosidade, mas com luz de Cristo. O homem natural não entende as coisas do Espírito, e até quem frequenta templo pode permanecer sem visão se não se submeter à Palavra. É o Senhor quem abre o entendimento, mas o coração precisa querer a verdade. Por isso, peça a Deus olhos espirituais e abandone tudo que impede a obediência.

Leia e pratique a Bíblia.

Capítulo 26 – Batismo nas águas

O batismo nas águas não é detalhe secundário nem tradição opcional de igreja. É mandamento do Senhor para quem crê, sinal público de arrependimento, morte para o velho homem e início de uma nova vida em Cristo Jesus.

É porque eu vejo que, apesar de as pessoas estarem há um tempo aí frequentando templo, denominação, acharem que compreendem sobre o batismo, na verdade a maioria nada entende, nada sabe.

E as pessoas acham, muitos acham que o batismo é um são, um ato simples, que “quando eu quiser eu bato, ou não”.

“Eu posso esperar para depois, aí eu batizo.”

Outro diz: “Ah, não, eu não estou preparado agora para ser batizado.”

Eu já ouvi tanto isso: “Ah, eu acho que não estou preparado para ser batizado, quando eu estiver melhor eu vou me batizar.”

E aqui vamos entender o que é que precisa para o batizado.

E as pessoas não serem batizadas assim, “um dia eu vou batizar”, não.

Batismo é simplesmente a morte, segundo a Palavra de Deus, segundo o evangelho.

É praticamente impossível alguém ser salvo se não passou pelas águas.

Mas o que é uma água poderosa?

Não.

Outras pessoas entendem: “Não, quando eu entrar no batismo ali, Deus vai me mudar, eu vou sair diferente.”

Não, não é isso que vai mudar.

Nós vamos ver o que é o batismo.

Nós batizamos quando nós entendemos de morrer para o mundo e viver em Cristo.

Quando entramos nas águas, nós estamos querendo ser uma nova criatura.

Nós nos arrependemos da nossa vida, dos nossos pecados, e, a partir de agora, eu vou ser uma nova criatura em Cristo.

E, por isso, a necessidade do batismo.

A pessoa vai dizer: “Ele não é batizado, mas ela foi salva.”

Não.

Se a pessoa for hoje, e isso gosta muito de enganar, alguém faleceu e as pessoas ficam: “Não tem problema não, era uma boa pessoa, Deus está abençoando, Deus vai recolher”.

Não.

Se não foi batizado, foi para o inferno, vai sofrer eternamente.

Temos que ser claros.

Não estou tentando ofender quem quer que seja, mas sim trazer luz, esclarecer esse assunto.

É mandamento, é uma ordem do Senhor.

Eu vejo muito tempo pregador dizendo: “Fica uma semana as pessoas na frente, levanta a mão quem aceita Jesus, quem vem aqui me aceitar”, como se levantar a mão significasse alguma coisa.

Levantar a mão não significa nada.

A pessoa realmente aceita o Senhor quando ela se submete às águas batismais.

Então, não é “aceitar” primeiro.

Eu não tenho que “aceitar Jesus”; é Ele que me aceita.

Eu sou o que?

Eu sou pecador, eu sou falho, já nasci morto.

Então eu vou mudar de vida.

A partir de agora, quem roubava não rouba mais; quem mentia, não mente mais; quem enganava, abandona; quem se prostituía, abandona; quem adulterava, abandona; o desonesto, o ladrão, abandona.

Enfim, a pessoa vai dizer “não vou fazer mais, eu concordo com o Senhor”.

Essa concordância é no batismo.

Se fosse somente “aceitar”, não precisava batismo.

É no batismo que eu estou dizendo: “Eu nasci de novo, sou nova criatura.”

A partir dali, você pensa diferente.

Dentro das denominações, têm uma prática errada de fazer curso de batismo.

Não tem que fazer curso de batismo de dias; está errado.

Porque, quando uma pessoa quer ser batizada, nós devemos batizar imediatamente.

Se alguém chega perto e fala: “Pastor, quero ser batizado em Cristo, eu não concordo com esse batismo aqui”, e eu falo: “Não, vamos fazer um culto, vai ser depois, amanhã, depois”, se essa pessoa vier a falecer, ela vai se perder, ela não será salva.

Mas, em contrapartida, eu serei responsável por ela.

Eu vou prestar conta da sua vida, porque eu impedi ela de ser salva.

O Senhor vai cobrar essa alma de mim.

Então, toda pessoa, qualquer pessoa que venha para mim e fala: “Pastor, quero ser batizado, eu quero ser batizado”, com certeza, na mesma hora eu vou providenciar para que isso aconteça, para que ela seja, então, batizada.

Tem que olhar, vivo, sempre observar isso, para não correr o risco de alguém morrer sem batismo.

Então vamos falar sobre isso.

Vamos começar hoje; talvez amanhã ainda vamos estar falando sobre o tema, não vamos conseguir hoje.

Nós vamos começar aqui com vocês no livro de Efésios.

É a carta de Paulo à igreja de Éfeso.

No capítulo 4, versículo 5, diz assim:

“Há um só Senhor, uma só fé” — que é a nossa fé nEle, que é Jesus — “e um só batismo; um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e para todos.”

Estou falando de batismo nas águas; depois nós estaremos falando sobre o batismo no Espírito, mas agora o nosso foco é só o batismo nas águas.

O que acontece?

Hoje criaram vários tipos de batismo.

Assim como a Igreja Católica, outros jogam um pouco de água, a aspersão, que é errado.

Nós temos o exemplo de Jesus.

Ele nos mostrou como devemos ser batizados.

Assim como Ele foi: Ele buscou, procurou João Batista; o batismo de João foi enviado por Deus exatamente antecipadamente para preparar o caminho de Jesus, inclusive para batizar Jesus.

Foi João Batista ali no rio Jordão que O batizou.

E as pessoas hoje dizem: “Pastor, então eu tenho que ir no rio Jordão para ser batizado, tem que ser água corrente?”

Não.

Não são as águas ali que vão te purificar, não.

“Ah, eu tenho que ser batizado em Israel.”

Não.

Você pode ser batizado em uma banheira, você pode ser batizado em uma piscina, você pode ser batizado em uma lagoa, você pode ser batizado no mar, você pode ser batizado no rio.

Não importa, desde que seja um lugar onde você seja submetido totalmente à água, onde seu corpo e seu rosto entrem na água.

Você não pode ser batizado entrando no banheiro com um torneio, falar que está sendo batizado.

O que não pode ocorrer é o que aconteceu agora há poucos dias, no início deste ano, quando uma igreja Renascer em Cristo deu um balde com água para cada pessoa, mandando elas jogarem na cabeça, dizendo que estavam batizadas.

Isso não existe, isso não está na Palavra.

Infelizmente, hoje o que eles fazem é do evangelho uma coisa assustadora.

Realmente nos preocupa.

Tem o dedo do diabo, apesar de estar na Bíblia que a tendência é piorar a situação.

Então, quanto ao batismo: primeiro, tem que ser feito por um homem.

“Ah, uma mulher foi ali, ela me batizou.”

Não.

Mulher não tem autoridade espiritual para batizar.

Quem é que é feito?

É você ou um homem; tem que ser um homem de Deus ali.

Um cristão pode batizar o outro; não precisa, necessariamente, ser um pastor.

Mas o batismo tem que ser por imersão.

E o batismo tem que ser completamente em nome de Jesus.

Também não se pode batizar criança, porque criança não tem entendimento.

Você pega uma criança, batiza, ela cresceu, mas depois ela não sabe por que ela foi batizada.

“Uai, eu fui, eu passei por um batismo assim na igreja católica.”

Quando a criança nasce, jogam água no rosto, e vão falar que foi batizado.

Aquilo não funciona, não está na Bíblia.

A criança não tem a menor noção.

O batismo tem que ser feito em pessoas que, de maneira consciente, depois que crescerem, com entendimento, tomem a decisão: “Eu quero batizar em Cristo Jesus.”

Não podemos obrigar ninguém a ser batizado.

Nós não podemos exigir: “Você tem que vir para Cristo e tem que batizar.”

Se fizermos isso com uma criança, brigando para ela ser batizada, quando crescer, ela pode dizer que não quer, e vai por outro caminho.

Então, o batismo, uma pessoa tem que vir de livre e espontânea vontade: “Eu quero ser batizado”, de maneira consciente.

Assim como nós não batizamos criança recém-nascida; nós apresentamos ao Senhor, segundo a Bíblia.

A criança nasceu; com oito dias nós apresentamos ela ao Senhor.

Apresentar, não batizar.

E, depois de adulta, é que batiza, depois que a pessoa decidiu.

Então batismo por imersão, não por aspersão.

Porque tem algumas denominações que dizem “evangélicas” também e estão batizando por aspersão, o que é errado.

Então temos que entender isso: é um só batismo, é uma só fé; nossa fé é no Senhor Jesus Cristo.

Vamos para Lucas, evangelho de Lucas, capítulo 3.

Lucas 3, versículo 3, diz assim:

“Então ele percorreu toda a região próxima ao Jordão, proclamando um batismo de arrependimento para perdão dos pecados.”

Quem foi esse que fazia isso?

Era João Batista.

Se nós voltarmos, está falando que, no tempo de Herodes, sendo Anás e Caifás sumos sacerdotes, foi nesse mesmo ano que João Batista, filho de Zacarias, recebeu a Palavra e começou a pregar no deserto da região próxima ao Jordão, proclamando o batismo de arrependimento.

O que é o batismo nas águas?

É arrependimento.

“Até hoje eu era mentiroso, eu era prostituta, adúltero, desonesto, ladrão, mas eu me arrependo; a partir de agora eu quero ser uma nova criatura em Cristo Jesus, quero batizar.”

Não é “eu vou batizar porque eu senti”.

“Ah, eu me batizei, eu senti um frio, senti isso...”

Mentira.

Isso é carnal, emocional; não existe nada disso.

O batismo somos nós; é uma decisão nossa.

Nós decidimos: “Eu vou enterrar, eu vou sepultar todo o meu erro, todo o meu pecado; agora eu sou nova criatura, eu vou agir de maneira diferente, vou viver de maneira diferente, vou viver em Cristo, para Cristo, e vou viver o evangelho, vou praticar o evangelho de Jesus.”

Então, agora, temos que entender uma coisa: assim como não podemos mentir, não podemos enganar, não podemos roubar, não podemos deixar de devolver os nossos dízimos, nós também temos que ser batizados.

Batismo é mandamento; se você não batizou, você não está obedecendo, você não está salvo.

Se você morrer hoje, você vai para o inferno.

Essa que é a realidade do assunto, não interessa se sua consciência se agrada ou não.

“Ah, então eu quero batizar, como faço?”

Você que quer batizar, me procure; vamos batizar, agora, não tem problema.

Eu não posso, nenhum homem de Deus, nenhum pastor pode negar o batismo nas águas.

“Ah, aqui tem que esperar uma semana, um mês.”

Não.

Se essa pessoa morrer, eu vou prestar conta da alma dela.

Eu não posso negar.

Se você quer batizar, se arrependeu na sua casa, reconhece Jesus como seu Salvador, se convenceu de que está vivendo contrário à vontade de Deus, então, ok, vamos entrar na água e vamos batizar.

Vamos ver Colossenses 2:12, diz assim:

“Isto aconteceu quando fostes sepultados com Ele no batismo, e com Ele fostes ressuscitados mediante a fé no poder de Deus, que O ressuscitou dentre os mortos.”

Nós nos submetemos ao batismo, então o nosso batismo não é na vida de Jesus; não.

Nós vamos nos batizar na morte dEle.

2. Sepultamento do velho homem

Agora, eu estou me matando, estou sepultando o velho homem, aquela carne, o homem pecador, e vou nascer uma nova criatura em Cristo.

Uma vez que estou saindo ressuscitado, matei aquele velho homem, aquela velha mulher; agora eu sou uma nova pessoa em Cristo, eu vivo de acordo com os preceitos de Cristo.

Da mesma forma, Como Ele ressuscitou, nós também teremos vida eterna em Cristo; assim como Ele ressuscitou, nós também seremos.

Então, batismo é morte para o mundo.

Eu não sou batizado “na vida de Jesus”, “no sangue de Jesus”.

Não existe “batismo no sangue de Jesus”.

Eu vejo pessoas que falam muita coisa sem ter noção.

Vejo pessoas querendo expulsar demônio “no sangue de Jesus”.

Não; o Senhor Jesus expulsava demônio no nome, na autoridade.

Nós expulsamos em nome de Jesus.

Então, nós batizamos e agora somos nova criatura.

Agora eu sou uma nova vida, minha vida está em Cristo.

Então, eu não posso, uma vez que consertei, que morri para o mundo, continuar vivendo para o mundo.

Tenho que viver como uma pessoa morta para o mundo.

Eu não posso mais mentir, porque morri para a mentira; eu não posso mais roubar, porque morri para roubo; não posso mais me prostituir: eu sou nova criatura, ressuscitado em Cristo.

E eu insisto: muitos se enganam.

“Porque, na hora que eu batizei, eu senti...”

Não; você se emocionou.

Você não “sentiu” nada espiritual.

Você tomou uma decisão: “Agora vou viver em Cristo”.

Não é que “você não vai dormir bem”, “vai acordar zerado”; não, não é assim.

Então, quando eu vejo alguém dizer: “Não estou preparado para o batismo, não estou no momento”, eu digo: então você não está preparado para ser salvo.

Se você está morto no pecado, vai continuar em outro pecado.

“Ah, eu não vou batizar porque eu fumo, eu bebo, eu estou vivendo de forma errada.”

Abandone o erro.

Se você quer mesmo ter compromisso com Jesus, abandone isso.

Não venha com essa história de “não, Cristo entende, eu não estou preparado.”

Não, Ele não entende isso.

Se você O respeita, você abandona o erro, abandona o pecado, abandona tudo o que não presta e se submete a Ele.

Aí sim, você batiza e agora é outra pessoa.

Não adianta batizar e depois continuar no erro.

Não faça isso; você estará pecando de forma ainda mais séria.

3. Batismo é mandamento, não sugestão

Vamos voltar no livro de Atos.

Atos dos Apóstolos, capítulo 1, versículo 20, fala assim:

“Porquanto está escrito no livro dos Salmos: Fique deserto o seu lugar, e não haja quem more nele; e tome outro o seu episcopado.”

E, sendo assim, é preciso que escolhamos, dentre os homens que estiveram conosco em todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu entre nós, começando do batismo de João até o dia em que dentre nós foi elevado às alturas, um desses se faça conosco testemunha da sua ressurreição.

Aqui foi quando Pedro, precipitado, quis escolher alguém para ocupar o lugar de Judas.

Ele se precipitou.

Ele disse: “Vamos escolher alguém que esteve desde o batismo de João até o dia em que Jesus foi assunto aos céus; alguém que andou com Ele esse tempo todo, que viu.”

Mas Pedro ainda não entendia que quem escolhe apóstolo é Jesus.

O apóstolo que realmente foi escolhido para ocupar aquele lugar foi Paulo, que viu Jesus, foi chamado por Ele.

Eu estou entrando nesse assunto só para mostrar que eles consideravam importante o batismo de João até a ascensão.

Quem esteve com Jesus desde o batismo até a ascensão poderia testemunhar.

Batismo é testemunho.

Batismo é forma de mostrar: “Eu vi, eu creio, eu estou comprometido com Cristo.”

Não basta falar que Jesus é bom, que Jesus é maravilhoso, se você não fala: “Você tem que batizar.”

Enquanto você não batizar, você não está salvo.

Jesus Cristo, o Filho de Deus, só começou o ministério dEle depois que passou pelo batismo.

Jesus viveu trinta anos aproximadamente como uma pessoa normal.

Ele só começou o ministério terreno dEle depois que passou pelo batismo de João Batista.

Ele foi batizado, e daí então o próprio Espírito Santo, o Espírito de Deus, O conduziu ao deserto, onde Ele foi tentado.

Depois, Ele saiu exercendo o ministério.

Tudo começa no batismo.

Então, não venha dizer que você é crente, que você é evangélico, se você não foi batizado, se você não passou pelas águas batismais.

E tem que ser passado de acordo com a Bíblia.

“Ah, pastor, quem me batizou foi uma mulher.”

Então procure outro homem de Deus para confirmar esse batismo em nome de Jesus.

“Pastor, quando me batizei, eu não sabia bem por que eu estava batizando, eu não me lembro.”

Então confirme esse batismo no Senhor.

Como que você pode falar que você é salvo, se você foi batizado e nem sabia o que estava fazendo?

“Participei de um curso, mas não entendi bem.”

Saiba que batismo é você estar sepultando o velho homem, a velha mulher, e nascendo uma nova criatura em Cristo Jesus.

Tem que ser desde o batismo.

4. João Batista, arrependimento e confissão

Vamos lá para Mateus 3.

Mateus 3, versículo 1, diz:

“Naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judeia, e dizia: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus.”

O início da pregação sempre foi “arrependei-vos”.

É arrependimento, abandonar o pecado.

“Arrependei-vos, porque o reino está próximo.”

Versículo 3:

“Porque este é o anunciado pelo profeta Isaías: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas.”

A maioria sabe, mas não quer saber: é endireitar caminhos.

O profeta Isaías, anos antes, já tinha profetizado e revelado que, antes de Jesus, viria João Batista, que viria preparando o caminho.

Versículo 4:

“João usava uma roupa de pelos de camelo, cinto de couro, alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre.”

Ele tinha maneira peculiar de vestir e de se alimentar.

Esse era um homem que veio mesmo separado para servir a Deus, nazireu, separado, que não se contaminava com nada do mundo.

Desde o nascimento, o anjo do Senhor falou com o pai e a mãe dele que ele não deveria tomar bebida alcoólica, se contaminar.

Desde criança, ele foi separado para o Senhor.

E ele veio preparar o caminho.

Então vinha gente de Jerusalém, de toda a Judeia, de toda província ao redor do Jordão, confessando seus pecados e sendo batizados por João no rio Jordão.

E, vendo ele muitos fariseus e saduceus que vinham ao seu batismo, dizia-lhes:

“Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira futura?”

Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento.”

Ou seja, não adianta a gente querer batizar quem não se arrepende.

Produzam frutos que mostrem o arrependimento.

Abandone o erro, abandone o pecado, aí sim, batismo.

Quando ele viu os fariseus e saduceus que vinham, ele os chamou de “raça de víboras”.

Versículo 11:

“Eu, na verdade, vos batizo com água para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de carregar; Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.”

Ele traz, na mão, o pá, e limpará completamente a sua eira; recolherá seu trigo no celeiro e queimará a palha em fogo inextinguível.

Então, batismo é isso: é arrependimento, abandonar o erro, sepultar o velho homem e nascer em Cristo Jesus uma nova criatura.

Não pense que, só porque vai batizar, vai continuar do mesmo jeito.

Não, você não pode continuar do mesmo jeito.

Esse assunto nós vamos continuar amanhã, com mais tempo.

Nós vamos estar falando, depois, também sobre o batismo no Espírito Santo.

Por isso, eu digo em todo tempo: leia e pratique a Bíblia.

Que Deus abençoe, tenha um bom dia.

Nós começamos ontem falando sobre batismo e vamos prosseguir hoje.

5. Morte e nova vida em Cristo

Vamos continuar aqui através da carta de Paulo aos Romanos, que estavam em Roma.

Capítulo 6, versículo 4, diz assim:

“Portanto, fomos sepultados com ele na morte por meio do batismo, com o propósito de que, assim como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma nova vida.

Se, de fato, fomos unidos a ele na semelhança da sua morte, certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição.”

Nós nos unimos a Cristo através do batismo.

No batismo, nós estamos declarando que estamos matando, assassinando o velho homem, a velha mulher, a velha pessoa.

Nós estamos, então, renascendo em Cristo.

Aquilo que fazíamos antes, não fazemos mais.

Hoje nós vivemos em Cristo.

E viver em Cristo é viver em conformidade com os mandamentos, com as determinações da Palavra bíblica.

É isso: viver dessa maneira.

Cristo morreu e ressuscitou para a glória de Deus Pai.

Nós também temos que morrer para o mundo, para o desejo que tínhamos antes, para a forma como vivíamos de acordo com os preceitos do mundo, de acordo com as vontades do mundo.

Nós somos, em Cristo, o contrário disso.

O crente precisa tomar cuidado, saber se realmente está batizando ou se está tomando um banho de água, um banho de rio, cachoeira, qualquer coisa.

Não é simplesmente um banho físico.

É necessário ter consciência do que está fazendo, porque nós estamos batizando na morte de Cristo.

Nós estamos morrendo para o mundo.

Ele diz:

“Fomos sepultados com ele na morte por meio do batismo, com o propósito de que, assim como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos nova vida.”

Viver uma nova vida é viver de maneira diferente.

E aí eu sempre falo, sempre batendo na mesma tecla: não é Deus que “entra, pega na mão e leva”. Não.

Esse negócio de “eu aceito Jesus como meu Salvador” é conversa.

Você aceitar Jesus, no sentido de que “vai fazer um favor para Ele”, não existe.

Quem está perdido somos nós, no pecado.

Então, isso de “vir à frente, levantar a mão e aceitar Jesus” por si só não resolve.

Eu mesmo, no passado, fui inúmeras vezes à frente levantar a mão, só para ficar livre de pregador insistente que ficava ali martelando: “Entrega, entrega, vem aqui, levanta a mão”, aquela conversa.

Mas isso não resolve nada se não vier acompanhado da decisão de morrer para o mundo.

Eu acredito, sim, que há valor quando a pessoa resolve mesmo se submeter ao batismo.

Quando eu me batizei, aí sim: eu estava entregando a minha vida.

Eu estava assassinando o velho eu, o velho Henrique, e nascia o novo.

Agora nascido em Cristo, o meu mundo passou a ser Cristo.

É isso que temos que entender.

Nosso mundo, quando nos batizamos, não é mais o mundo físico, aparente, aquilo que todo mundo conhece.

Nosso mundo é Jesus.

Nós não vivemos mais segundo a lógica do mundo, nem pelo conhecimento humano, nem pela ciência do mundo.

Vivemos em Cristo.

Aquilo que para o mundo tem muito valor, para nós é nada.

Paulo fala que aquilo que o mundo considerava lucro, ele considerou como esterco, como lixo, por causa de Cristo.

Ou seja, o que o mundo valoriza, para nós não vale nada.

Nos interessa agradar a Jesus, viver nEle.

É isso que é preciso.

6. O eunuco: fé e batismo sem barreiras humanas

Vamos caminhar aqui para Atos 8, versículo 38.

A partir do versículo 26, temos uma história interessante, que mostra o que é necessário.

Atos 8:26 em diante:

“Um anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: Levanta-te e vai para o lado sul, no caminho que desce de Jerusalém para Gaza, que é deserto.

Ele se levantou e foi.

E eis que um etíope, eunuco, alto oficial de Candace, rainha dos etíopes, o qual estava sobre todo o seu tesouro, tinha ido a Jerusalém para adorar.

Regressava, e, assentado na sua carruagem, lia o profeta Isaías.

Disse o Espírito a Filipe: Aproxima-te desse carro e acompanha-o.

Correndo Filipe, ouviu que lia o profeta Isaías e perguntou: Entendes tu o que lês?

Ele respondeu: Como poderei entender, se alguém não me explicar?

E pediu a Filipe que subisse e se sentasse com ele.

Ora, a passagem da Escritura que estava lendo era esta:

‘Foi levado como ovelha ao matadouro; e, como cordeiro mudo diante do seu tosquiador, assim ele não abriu a boca.

Na sua humilhação, foi tirado o seu julgamento.

Quem contará a sua geração?

Porque a sua vida é tirada da terra.’

Então o eunuco disse a Filipe: Peço-te que me digas: de quem diz isto o profeta? De si mesmo ou de algum outro?

Então Filipe, abrindo a boca e começando por esta Escritura, anunciou-lhe a Jesus.

Indo eles caminhando pela estrada, chegaram a um lugar onde havia água.

Então disse o eunuco: Eis aqui água; que impede que eu seja batizado?

Filipe disse: Se crês de todo o coração, é lícito.

E, respondendo ele, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus.

Mandou parar o carro, desceram ambos à água, tanto Filipe como o eunuco, e Filipe o batizou.

Quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe, e o eunuco não o viu mais; e, jubiloso, continuou o seu caminho.”

Então veja: o Senhor falou com Filipe através do anjo e do Espírito Santo, mandando-o para aquela estrada.

No meio do caminho, ele encontrou a carruagem com o eunuco, administrador de todos os tesouros da rainha da Etiópia.

Esse homem tinha ido a Jerusalém para adorar a Deus.

Voltando, lia Isaías em voz alta na carruagem.

O Espírito manda Filipe se aproximar, e ele pergunta se o homem entende o que lê.

O eunuco responde: “Como vou entender, se ninguém me explica?”

Quantas pessoas hoje leem a Bíblia, mas não entendem, porque não têm quem explique com base na Palavra.

Filipe sobe na carruagem, senta ao lado dele, e, começando por Isaías 53, prega o evangelho de Jesus.

Em seguida, passando por um lugar onde havia água, o eunuco diz: “Aqui tem água; o que impede que eu seja batizado?”

Filipe só faz uma pergunta: “Você crê de todo o coração?”

Ele responde: “Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus.”

Então mandam parar o carro, descem ambos à água, e Filipe o batiza ali mesmo.

Na hora.

O Espírito Santo, depois, arrebatou Filipe, e o eunuco segue seu caminho cheio de alegria.

Foi por meio desse eunuco, desse oficial do reino da Etiópia, que o evangelho chegou àquela nação.

Veja que não houve “curso de batismo”, nem “tempo de prova”.

Ele acabara de conhecer a Palavra.

Filipe explicou, ele creu, viu água, pediu batismo, e foi batizado.

Não houve conversa de “espera o culto de batismo”, “espera o próximo mês”, “faz antes um curso”.

Nada disso.

Crê, quer sepultar o velho homem? Então vamos batizar.

É isso que precisamos observar: não podemos impedir o batismo de quem crê.

Não podemos criar barreiras humanas.

É só ter consciência do que está fazendo: “Eu creio em Jesus como Filho de Deus, eu vou viver a Palavra dEle, vou praticar a Palavra dEle.”

Se não praticamos a Palavra, não cremos de verdade.

Sabemos, então, que estamos fadados à morte, porque não estamos em Cristo.

Vamos a Mateus 3.

Mateus 3, versículo 13, diz:

“Então veio Jesus da Galileia ao Jordão ter com João, para ser batizado por ele.

Mas João se opunha, dizendo: Eu é que preciso ser batizado por ti, e vens tu a mim?

Jesus, porém, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça.

Então ele o permitiu.”

Jesus veio da Galileia até o Jordão para ser batizado.

João sabia, pela revelação de Deus, que Jesus era o Cristo, o Messias, o Salvador.

Por isso, quando Jesus se apresenta, João diz: “Eu é que preciso ser batizado por ti.”

Mas Jesus responde: “Deixa assim por enquanto, pois assim nos convém cumprir toda a justiça de Deus.”

Ou seja, Jesus, que não tinha pecado, se submeteu ao batismo para cumprir a justiça, para cumprir o plano de Deus, para nos dar exemplo.

“Então João o permitiu.”

Versículo 16:

“E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água; e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele.

E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.”

Veja: Jesus foi batizado e, assim que saiu da água, os céus se abriram, o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma de pomba, e Deus Pai declarou: “Este é o meu Filho amado, em quem me agrado.”

Ali temos a manifestação do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Jesus não precisava de batismo para “se converter”; Ele não tinha pecado.

Mas Ele se batizou para cumprir a justiça de Deus, para cumprir o plano do Pai e nos mostrar o caminho.

Se Jesus, o Filho de Deus, passou pelo batismo, quem somos nós para achar que não precisamos?

Algumas pessoas dizem: “Ah, Jesus foi batizado para se ‘batizar no Espírito’.”

Não.

Foi batizado nas águas, e o Espírito Santo veio sobre Ele.

Nós, seguindo o exemplo, somos batizados nas águas e depois buscamos e recebemos o batismo no Espírito Santo.

7. Crer e ser batizado

Vamos agora a Marcos 16.

Marcos 16, versículo 14, diz:

“Finalmente, apareceu Jesus aos onze, estando eles assentados à mesa, e lançou-lhes em rosto a sua incredulidade e dureza de coração, por não terem crido nos que o tinham visto já ressuscitado.

E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura.

Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado.”

Mais tarde, Jesus aparece aos onze discípulos, depois da ressurreição, e os repreende pela incredulidade.

Eles não tinham crido no testemunho dos que já o haviam visto ressuscitado.

Depois, Ele dá a ordem: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura.”

Não é “se quiser, vá”; é mandamento.

Versículo 16 é claríssimo:

“Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado.”

Não é só crer.

É crer e ser batizado.

Se crer e não se submeter ao batismo, permanece condenado.

A pessoa quer fugir da condenação?

Crê em Jesus, se submete ao batismo e viva em obediência.

Caso contrário, vai perecer por toda a eternidade.

Não é questão de “achismo”; está escrito.

Não tem como fugir disso.

É sério.

Muita gente quer suavizar, dizer “não é bem assim”, mas o texto é direto.

8. A ordem de fazer discípulos e batizar

Agora Mateus 28.

Mateus 28, versículo 16, diz:

“E os onze discípulos partiram para a Galileia, para o monte que Jesus lhes tinha designado.

E, quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram.

Chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: Toda autoridade me foi dada no céu e na terra.

Portanto, ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;

ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado; e eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos.”

Jesus, ressuscitado, reúne os discípulos na Galileia.

Eles O adoram; alguns ainda duvidam.

Ele declara: “Toda autoridade me foi dada no céu e na terra.”

Ele é o Senhor absoluto.

E então vem a ordem:

“Ide, fazei discípulos de todas as nações.”

Como se faz discípulo?

“Batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a obedecer a tudo quanto vos tenho ordenado.”

É batizar e ensinar obediência.

Isso é evangelho.

Pregar, batizar e ensinar santidade, ensinar a guardar tudo o que Jesus ordenou.

Não é só fazer a pessoa repetir uma oração, levantar a mão e “pronto”.

É fazer discípulo: batizar e ensinar a obedecer.

E Ele promete: “Eis que estou convosco todos os dias até o fim.”

Com quem?

Com os que obedecem, com os que pregam, batizam, ensinam.

Quem não prega, não batiza, não ensina obediência, está fora da ordem de Jesus.

Então, resumindo:

- Batismo é sepultar o velho homem e nascer para uma nova vida em Cristo.
 - Não é banho, nem ritual vazio; é decisão consciente de arrependimento e obediência.
 - Não precisa de curso longo; quem crê e se arrepende pode e deve ser batizado imediatamente.
 - É por imersão, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, feito por um servo de Deus.
 - Quem crer e for batizado será salvo; quem não crer permanece condenado.

Nós vamos continuar falando sobre batismo ainda, porque há outros pontos para tratar, inclusive corrigir mal-entendidos e falar também sobre batismo no Espírito Santo.

Por isso, como sempre digo: leia e pratique a Bíblia.

Que Deus abençoe, tenha um bom dia.

Nós já há alguns dias estamos falando sobre o batismo, nós vamos continuar esta explanação, talvez para encerrar.

Nós vamos falar, aqui, em Atos 9.

Eu convido a você que diz ser justificado, que se diz cristão, a compreender a obrigatoriedade do batismo para todo aquele que se diz discípulo.

Se você se diz cristão, mas ainda não foi batizado, não passou pelas águas batismais, infelizmente, se você faleceu hoje, por mais bom comportamento que tenha, você não é salvo.

Existe uma coisa que as pessoas fazem, até muitos evangélicos fazem, como se fosse uma verdade, e não é.

Pessoas ficam junto do leito de morte, pegam uma pessoa à beira da morte e falam: “Não, se você declarar agora que aceita Jesus como seu Salvador, você já está salvo. Se arrependa, só não vai morrer mesmo. Está bom, eu aceito, está certo, eu aceito. Pronto, está salvo.”

Não.

Se a pessoa não se arrependeu verdadeiramente, se não teve tempo para se arrepender de fato, para praticar arrependimento, para viver o arrependimento, se não se batizou, não é verdade que está salva.

É triste, é triste, mas aquelas pessoas que dizem: “Não, ele tinha um parente, um amigo, a pessoa morreu; na última hora, ali no hospital, eu peguei na mão dele, peguei na mão dela, falei: ‘Vem cá, você aceita Jesus?’, e ela perguntou: ‘O que acontece se eu não aceitar? Eu vou morrer mesmo.’

Então, qualquer coisa, está valendo, qualquer coisa está bom, é uma tábua de salvação.”

Se ela não teve tempo de batizar, se não teve tempo de parar de fazer as coisas erradas, de se arrepender realmente, não está salva.

Você pode até tentar fazer comparação com o ladrão na cruz, mas ele foi salvo porque Jesus o perdoou ali, e porque foi antes da morte e ressurreição de Cristo.

A partir de então, o mandamento é: crer e ser batizado.

Se você não for batizado, se não for batizada, acredite: você não é salvo.

“Ah, pastor, eu fui batizado quando criança, lá na Igreja Católica; jogaram água na minha cabeça.”

Isso não vale nada.

Absolutamente nada.

Batismo é como Jesus se submeteu: nas águas.

Fora isso, não tem.

Se você realmente tem compromisso com Cristo, busque urgentemente se batizar, para que você não venha sofrer, não venha perecer por toda a eternidade.

Aqui em Atos 9, versículo 17, diz assim:

“Então Ananias foi, entrou na casa, impôs as mãos sobre ele e disse: Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, me enviou para que recuperes a vista e fiques cheio do Espírito Santo.

Imediatamente lhe caíram dos olhos como que umas escamas, e recuperou a vista.

Então, levantando-se, foi batizado.”

Saulo de Tarso, que é Paulo, era perseguidor da igreja; ele era fariseu, conhecemos bem a história.

Perseguiu o povo de Deus; tinha cartas, autorização para ir a Damasco, prender todos os que fossem cristãos, seguidores de Jesus, e trazê-los presos a Jerusalém.

Ele mesmo fala isso depois, no testemunho dele.

Ele perseguiu, forçava os cristãos a negar Cristo; espancava, violentava; esteve presente na morte de Estêvão.

Hoje, em algumas regiões muçulmanas, ainda acontece algo parecido.

Mas, no caminho de Damasco, Jesus apareceu para ele.

Ali o chamou.

Naquele momento, ele ficou cego, passou três dias sem ver nada, em jejum, orando, conversando com Deus.

Deus apareceu também a Ananias, um profeta, um homem de Deus, e mandou Ananias ir até Saulo, impor as mãos sobre ele, para que recuperasse a vista e fosse cheio do Espírito Santo.

Quando Ananias ora, as escamas caem dos olhos de Saulo.

Isso mostra que a cegueira espiritual foi tirada; ele passa a enxergar.

Antes, achava que fazia a vontade de Deus perseguindo cristãos; agora, de acordo com a orientação do Espírito Santo, começa a entender que estava lutando contra Deus.

E o que acontece?

Não tem curso de batismo.

Imediatamente, depois que voltou a ver, levantou-se e foi batizado.

Ananias não ficou dizendo: “Espera, vamos marcar um curso, preparar um evento, juntar gente.”

Não.

Batismo é mandamento, é urgente.

Hoje tem igreja que quer fazer curso, livrinho, aula; quer esperar juntar gente para fazer evento de batismo.

Tudo errado.

“Vamos esperar reunir bastante pessoas, fazer uma festa de batismo, marcar data.”

Não.

A pessoa que quer ser batizada pode morrer a qualquer momento, por qualquer motivo.

Eu, como pastor, não posso ficar esperando juntar grupo para batizar; se alguém quer ser batizado, é agora.

Se eu negar ou adiar sem motivo, vou prestar contas da alma dessa pessoa.

Eu vou ser cobrado, porque impedi que ela entrasse pela porta.

Um servo de Deus tem que entender isso.

Muito bem.

9. Não adiar a obediência

Agora vamos a Atos 22, versículo 16.

Aqui é o próprio Paulo dando testemunho do que aconteceu com ele.

Atos 22:16 diz:

“E agora, por que te demoras? Levanta-te, recebe o batismo e lava os teus pecados, invocando o nome dele.”

Paulo está relatando o que Ananias lhe disse:

“Agora, o que estás esperando? Levanta-te, sê batizado e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor.”

Ou seja, não era para ficar enrolando.

Não era para ficar: “Vou esperar mais um pouco, vou ver se é isso mesmo.”

Ananias pergunta: “O que você está esperando?”

Levanta, batiza, lava os pecados, invocando o nome do Senhor.

Paulo entendia: antes ele era fariseu, perseguidor, tinha prazer em ver o sangue dos cristãos; depois que encontrou Jesus, se submeteu ao batismo e começou ali uma nova vida.

Não foi “aceitar Jesus” apenas; foi obedecer e batizar.

Ele conta que viu Jesus, que ouviu, que caiu por terra, que ficou cego, que foi conduzido pela mão; e, quando Ananias chegou, já veio com o recado pronto: “Deus dos nossos pais te escolheu, para conheceres a Sua vontade, veres o Justo, ouvires a voz de Sua boca, seres testemunha.”

E, portanto, precisava se levantar, ser batizado e lavar os pecados.

A ordem é clara, simples, direta.

Não há espaço para dizer: “Um dia eu batizo, quando estiver pronto, quando melhorar a minha vida.”

Não.

O batismo é justamente o início dessa mudança.

10. Cornélio e os gentios batizados

Agora vamos ver Atos 10, versículo 48.

Atos 10 fala de Cornélio, centurião romano, homem piedoso, temente a Deus, mas que ainda não conhecia o evangelho.

Um anjo aparece a Cornélio, manda chamar Pedro.

Pedro, enquanto isso, tem a visão do lençol com animais, Deus mandando matar e comer; ele resiste, e Deus diz: “Não chames impuro ao que eu purifiquei.”

Em seguida, chegam os homens de Cornélio, e o Espírito manda Pedro ir com eles.

Ele vai até a casa de Cornélio, que já está reunido com família e amigos, todos esperando ouvir a Palavra.

Pedro começa a pregar Jesus, morte, ressurreição, perdão de pecados.

Enquanto ele ainda falava, o Espírito Santo cai sobre todos ali, e eles começam a falar em línguas, engrandecendo a Deus.

Ou seja, o batismo no Espírito Santo acontece ali, antes mesmo do batismo nas águas.

Então, Atos 10:47–48 diz:

“Pode alguém, porventura, recusar a água, para que não sejam batizados estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo?”

E ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo.

Então lhe pediram que permanecesse com eles por alguns dias.

Ou seja, Pedro vê que eles receberam o mesmo Espírito que os discípulos haviam recebido em Pentecostes.

Ele pergunta: “Será possível alguém recusar água para batizar estes que receberam o Espírito Santo como nós?”

Claro que não.

Então ele ordena que sejam batizados nas águas em nome de Jesus Cristo.

Veja a ordem: ouviram o evangelho, creram, foram batizados no Espírito Santo, e imediatamente Pedro manda batizar nas águas.

Não teve curso, não teve tempo de prova.

Mais uma vez, vemos que não se deve negar batismo a quem crê.

Se a pessoa veio da macumba, do espiritismo, do catolicismo, do ateísmo, do que for, e diz: “Agora eu creio em Jesus, quero entregar minha vida a Ele, quero ser batizado”, não há por que esperar.

“Ah, mas é a primeira vez que veio na igreja.”

Se crê de todo o coração, se entendeu o evangelho, se quer sepultar o velho homem, batiza.

Não se pode negar água a quem Deus já deu o Espírito.

Acontece que, na época, havia muito preconceito; os judeus não aceitavam gentios.

Por isso Deus precisou mostrar tudo isso a Pedro, para ele entender que o evangelho é também para os gentios.

Por isso primeiro veio o Espírito, para depois eles não terem desculpa de negar o batismo.

Pedro depois teve que explicar isso aos demais apóstolos e irmãos em Jerusalém, que o interrogaram: “Por que você entrou em casa de incircuncisos, comeu com eles, batizou?”

Ele contou tudo; então eles glorificaram a Deus, entendendo que Deus concedeu arrependimento e vida também aos gentios.

Agora voltamos a Atos 8:36, que já lemos, mas vale para fechar o raciocínio.

Atos 8:36–38:

“Indo eles caminhando pela estrada, chegaram a um lugar onde havia água.

Então disse o eunuco: Eis aqui água; que impede que eu seja batizado?

Filipe disse: Se crês de todo o coração, é lícito.

E, respondendo ele, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus.

Mandou parar o carro, desceram ambos à água, tanto Filipe como o eunuco, e Filipe o batizou.”

Ou seja: repito, não teve espera, não teve burocracia.

Crer de todo o coração, entender quem é Jesus, decidir sepultar o passado: isso é o que basta para entrar nas águas.

Se a pessoa não aceita o batismo, é porque ainda não entendeu o evangelho.

E, se não entendeu e não obedece, não está salva.

Voltamos a Marcos 16:15–16 para reforçar.

“E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura.

Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado.”

É claro: quem crer e for batizado será salvo; quem não crer está condenado.

Não fala que “quem não for batizado será salvo mesmo assim”; fala que, se não crê, já está condenado.

Mas a ordem completa é crer e ser batizado.

Não adianta crer e rejeitar o batismo.

Quem diz “eu creio, mas não quero batizar” está desobedecendo diretamente a Jesus.

Se desobedece em algo tão básico, como pode dizer que está salvo?

Batismo é parte da obediência inicial.

Não é “obra para conquistar salvação”; é resposta de obediência de quem crê.

Então, não é só falar “eu aceito Jesus”.

É sepultar o velho homem, matar a velha mulher, e nascer uma nova criação em Cristo.

É necessário que nós, que nos dizemos cristãos, sejamos seguidores de Cristo de fato.

Se Ele mandou, temos que obedecer.

Hoje encerramos esta parte sobre batismo nas águas.

Amanhã vamos falar sobre o batismo com o Espírito Santo, porque existe também muita dúvida.

É rápido, mas vamos tratar disso com a mesma seriedade, à luz da Bíblia.

Por isso, eu digo em todo tempo: leia e pratique a Bíblia.

Que Deus abençoe, tenha um bom dia.

Conclusão pastoral

O batismo nas águas é mandamento do Senhor para quem crê. Não é evento social, não é tradição denominacional e não deve ser adiado por desculpas humanas. Quem crê em Cristo deve morrer para o velho homem, descer às águas e assumir publicamente uma nova vida. Batismo não salva como obra humana, mas rejeitar o batismo revela resistência à obediência.

Leia e pratique a Bíblia.

Capítulo 27 – Batismo no Espírito Santo

O batismo no Espírito Santo precisa ser compreendido pela Bíblia, não por exageros pentecostais, pressão emocional ou busca por espetáculo. Ele não existe para produzir confusão, mas para revestir o crente de poder, santidade, testemunho e vida cheia do Espírito.

Nós estamos falando sobre o batismo, e vamos concluir hoje, também falando sobre o batismo com o Espírito Santo.

Existem algumas dúvidas sobre o batismo com o Espírito Santo.

Nós temos que entender que o Espírito Santo é um selo, é uma prerrogativa do Senhor.

Ele batiza a hora que Ele quer, onde Ele quiser, no momento que Ele quiser.

1. Batismo no Espírito Santo não é rito humano

Não é o homem que determina.

Eu posso pedir a Deus, mas eu não posso determinar.

Não é “achismo”, não é “eu tenho que ter” ou “vou fazer um rito para receber”.

Alguns se sentem inferiores, ficam loucos porque não foram batizados com o Espírito Santo.

Ficam chorando porque “não têm o Espírito, têm que ter, se não tiver estou em erro, vou para fora”.

2. Falar em línguas não é sinal obrigatório

Também muitos entendem que ser batizado com o Espírito Santo obrigatoriamente é falar em línguas.

Mas não é.

No início da igreja de Cristo, o que acontecia?

O batismo com o Espírito Santo tinha que ter uma demonstração real de que a pessoa foi batizada.

E essa demonstração se dava pela fala em línguas, para que ficasse comprovado que as pessoas tinham sido batizadas.

Então o Senhor fez assim com a igreja naquela época: quando recebiam o batismo, manifestava-se o falar em línguas, mostrando que tinha acontecido o batismo e que aquilo que Jesus tinha prometido estava consumado.

Então foi por isso que alguns dizem que, se você é batizado com o Espírito Santo, a pessoa tem que perder o controle, falar em línguas, pular, rodopiar, virar, acontecer uma série de coisas.

Não.

Nós temos que entender uma coisa: falar em línguas, segundo a Bíblia nos mostra – e isso podemos ver claramente em 1 Coríntios 12 e 14 – é um dom.

Pode ser dom de falar em línguas conhecidas ou não, ou então falar a língua dos anjos, uma língua que só o Senhor entende.

Ou então você pode ter o dom de discernir línguas, de interpretar.

Eu não quero aqui falar profundamente sobre dons, mas sobre o batismo com o Espírito Santo.

Quanto a falar em línguas, Paulo diz que, se não houver intérprete, a pessoa deve ficar calada na igreja e falar consigo e com Deus.

No mundo cristão, as pessoas tomaram conhecimento do batismo com o Espírito Santo principalmente ali em Atos 2.

Vamos ver.

3. Pentecostes e o propósito das línguas

Atos, capítulo 2, versículo 4 em diante, diz que os discípulos estavam reunidos, e todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem.

Por quê?

Havia em Jerusalém judeus, homens piedosos de todas as nações debaixo do céu.

Ao ouvir aquele som, ajuntou-se uma multidão, e ficaram confusos, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua.

Todos ficaram atônitos e maravilhados e diziam:

“Não são galileus todos esses que estão falando?”

Como os ouvimos, cada um de nós, em nossa própria língua materna?

Partos, medos, elamitas, os que habitam na Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto, Ásia, Frígia, Panfília, Egito, regiões da Líbia próximas a Cirene, romanos que aqui residem, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes; todos os ouvimos em nossas próprias línguas, falando das grandezas de Deus.”

Então, naquele dia de Pentecostes, quando foram batizados, unção, unção mesmo do Espírito Santo de Deus, eles receberam a capacitação de falar em línguas conhecidas, para que todas aquelas pessoas, de tantos povos, ouvissem o evangelho na própria língua e soubessem que era poder de Deus.

Eles sabiam que aqueles homens eram pescadores, cobradores de impostos, pessoas sem cultura, sem estudo de línguas.

Então, naquele momento, Deus fez existir o dom de línguas para que pudessem falar em idiomas diferentes, e o evangelho fosse pregado.

Ali houve pregação do evangelho na unção do Espírito.

Portanto, naquele dia, eles receberam o batismo com o Espírito Santo e foram capacitados.

A partir daí, muitos passaram a entender, de forma errada, que ser batizado com o Espírito Santo é, obrigatoriamente, falar em línguas.

Mas não é essa a verdade.

Você pode, sim, receber o batismo com o Espírito Santo e não receber o dom de falar em línguas.

Pode receber outros dons, pode receber revestimento de poder, ousadia, sabedoria, discernimento, mas não necessariamente o dom de línguas.

Mesmo porque o dom de falar em línguas não é o maior dom.

Paulo fala claramente que há dons maiores, e que o maior de todos é o amor.

Em 1 Coríntios 13, ele diz que, ainda que falasse a língua dos homens e dos anjos, se não tiver amor, nada seria.

Ou seja, o amor é sobremodo excelente, mais importante que falar em línguas.

Logo, não faz sentido tratar o dom de línguas como “prova obrigatória” de batismo.

4. O que é ser cheio do Espírito

Então, o que é ser batizado com o Espírito Santo?

É receber revestimento de poder.

É o Senhor nos enchendo, nos capacitando, dando condições para executar o evangelho, para evangelizar, para nos aproximar mais dEle, para ter mais intimidade.

O Espírito Santo de Deus é o Espírito de Deus nos Seus filhos.

Nós somos espírito, alma e corpo.

O principal em nós é o espírito.

Se fosse possível, de alguma maneira, dividirmos o nosso espírito com alguém, essa pessoa teria pleno conhecimento sobre nós: nossos pensamentos, desejos, intenções.

Isso em nós não é possível, mas com Deus é o contrário: Ele compartilha o Espírito dEle conosco, o Espírito Santo.

Ou seja, quem tem o Espírito Santo, se não negligenciar, tem conhecimento da mente de Deus, do que Deus deseja.

Como a Bíblia diz em 1 Coríntios 2: o Espírito de Deus perscruta todas as coisas, até as profundezas de Deus.

Da mesma forma que o espírito do homem conhece o que está no homem, o Espírito de Deus conhece o que está em Deus.

Quem é batizado com o Espírito Santo passa a ter convicção da vontade de Deus, passa a entender melhor como deve proceder, o que Deus espera.

Então, batismo com o Espírito Santo não é “pular, gritar, rolar no chão, falar um monte de sílabas repetidas” como muitos fazem.

Infelizmente, hoje existe uma quantidade enorme de pessoas, inclusive pastores e pregadores, que inventaram línguas.

É um “decoreba”, todo mundo fala igual, repete a mesma sequência, como se fosse língua.

Dizem que é batismo no Espírito Santo, mas não é.

Isso é fingimento, é mentira.

Estão brincando com algo muito sério.

Estão enganando e se enganando.

E os mentirosos não herdarão o Reino de Deus.

5. A promessa cumprida também entre os gentios

Vamos ver Atos 11.

Atos 11, versículo 16, diz:

“Então me lembrei do que o Senhor dissera: João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo.”

Pedro está relatando o que aconteceu com Cornélio e sua casa.

Ele diz:

“Pois, se Deus lhes deu o mesmo dom que a nós, que cremos no Senhor Jesus Cristo, quem era eu para que pudesse resistir a Deus?”

O que aconteceu lá?

Cornélio era centurião, homem piedoso, temente a Deus, que orava e ajudava os pobres.

Um anjo do Senhor apareceu a Cornélio em visão, mandando chamar Pedro.

Ao mesmo tempo, Deus mostrou a Pedro o lençol com animais, dizendo para matar e comer, para mostrar que não havia mais separação entre judeus e gentios no plano de salvação.

Pedro relutou, mas Deus insistiu: “Não chames impuro ao que eu purifiquei.”

Depois disso, chegaram os homens de Cornélio, e o Espírito mandou Pedro ir com eles.

Ele foi, levou alguns irmãos.

Chegando lá, Cornélio já tinha reunido toda a família e amigos, esperando ouvir a Palavra.

Pedro começa a pregar o evangelho de Jesus.

Enquanto ainda falava, o Espírito Santo veio sobre todos os que ouviam a mensagem, e começaram a falar em línguas e a glorificar a Deus.

Os judeus crentes que vieram com Pedro ficaram admirados de que o dom do Espírito Santo se derramasse também sobre gentios.

Ali foi o primeiro caso em que gentios foram claramente batizados com o Espírito Santo.

Depois disso, Pedro pergunta: “Por acaso alguém pode recusar a água, impedindo que sejam batizados esses que receberam o Espírito Santo como nós?”

E mandou que fossem batizados nas águas.

Tudo isso aconteceu para mostrar que não há separação entre judeus e gentios, que Deus dá o Espírito a todos que creem.

Nessa ocasião, Deus permitiu que eles falassem em línguas para que todos se convencessem de que era o mesmo Espírito.

Não foi para criar uma regra de que, sempre, batismo no Espírito Santo tem que vir com línguas.

Foi um sinal específico, em um momento específico.

Voltando a Atos 10, versículos 44 em diante:

“Enquanto Pedro ainda falava estas palavras, o Espírito Santo caiu sobre todos os que ouviam a mensagem.”

Os fiéis que eram da circuncisão, que tinham vindo com Pedro, admiraram-se, porque também sobre os gentios foi derramado o dom do Espírito Santo; pois os ouviam falando em línguas e engrandecendo a Deus.

Então perguntou Pedro: Pode, porventura, alguém recusar a água, para que não sejam batizados estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo?

E ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo.”

Ou seja, ali houve manifestação em línguas para prova.

Mas hoje podemos ser batizados com o Espírito Santo sem falar em línguas.

6. Discípulos em Éfeso e imposição de mãos

Vamos ver Atos 19.

Atos 19, versículos 3 a 7:

Paulo chega a Éfeso e encontra alguns discípulos.

Pergunta: “Recebestes vós o Espírito Santo quando crestes?”

Eles respondem: “Nem sequer ouvimos que haja Espírito Santo.”

Então ele pergunta: “Em que, então, fostes batizados?”

Eles dizem: “No batismo de João.”

Paulo explica: “João batizou com o batismo de arrependimento, dizendo ao povo que cresse naquele que depois dele viria, isto é, em Jesus.”

Compreendendo isso, foram batizados em nome do Senhor Jesus.

E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo, e começaram a falar em línguas e a profetizar.

Eram ao todo uns doze homens.

Aqui, novamente, eles não conheciam sequer o Espírito Santo.

Paulo corrige o batismo, batiza-os em nome de Jesus, impõe as mãos, e Deus, para comprovar, permite que falem em línguas e profetizem.

Mais uma vez: era uma situação de começo de igreja, de pouca informação.

Hoje nós temos o evangelho completo, temos ensino nas cartas, sabemos o que é batismo nas águas, batismo no Espírito.

7. O fruto do Espírito como evidência de vida

Não precisamos de “sinal obrigatório” em forma de línguas para saber se alguém recebeu o Espírito.

Hoje sabemos que o sinal maior é o fruto do Espírito.

Gálatas 5:22 e 23 dizem:

“Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio; contra estas coisas não há lei.”

Não são “frutos” no plural, como se fossem coisas separadas; é um fruto composto, é um conjunto de características.

É essa manifestação que mostra o Espírito Santo na vida de alguém.

É contraditório ver gente que diz “sou batizado com o Espírito Santo”, mas não tem domínio próprio, não tem mansidão, não tem amor, vive em contenda, fofoca, mentira, desobediência.

Vemos alguns cultos pentecostais em que a pessoa pula, fala em “língua”, cai, grita, mas, olhando a vida, não vemos fruto do Espírito.

Aí sabemos que tem coisa errada.

Se a pessoa diz que “não consegue controlar” as línguas, que “vem de qualquer jeito”, que “não dá para segurar”, não está obedecendo o que a Bíblia diz.

Paulo afirma que o espírito do profeta está sujeito ao próprio profeta; não é transe incontrolável.

Quando falamos em línguas, falamos se quisermos, não somos “possuídos” de forma descontrolada.

8. Resumo pastoral sobre o batismo no Espírito Santo

Então, resumindo:

- Batismo com o Espírito Santo é o Senhor enchendo, selando, revestindo para serviço e vida em santidade.
 - Não é obrigatório falar em línguas para ser batizado.
 - Falar em línguas é dom; pode acompanhar, ou não, o batismo.
 - Sinal mais claro da presença do Espírito é o fruto: amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio.
 - Muitos hoje estão confundindo emoção, costume de igreja, decoreba, com batismo e dons.

Por isso sempre digo: não busque apenas experiências; busque conhecer os sinais e as características dos que são batizados com o Espírito Santo.

E tudo está na Bíblia.

Por isso, em todo tempo, digo: leia e pratique a Bíblia.

Que Deus abençoe, tenha um bom dia.

Conclusão pastoral

O batismo no Espírito Santo não é espetáculo, perda de controle ou obrigação de falar em línguas. É obra de Deus, não rito fabricado por homens. O Espírito Santo reveste, capacita, santifica e produz fruto. Quem busca apenas experiência pode ser enganado; quem busca Cristo e permanece na Palavra reconhece a verdadeira ação do Espírito pela vida transformada.

Leia e pratique a Bíblia.

Capítulo 28 – Cair no Espírito

A prática chamada “cair no Espírito” se espalhou como se fosse sinal obrigatório de unção e poder. Mas a Bíblia precisa ser examinada com honestidade: cair para trás em cultos, campanhas e imposições de mãos não é prova de presença de Deus.

1. O problema do chamado “cair no Espírito”

Eu nem sei se o correto é dizer “cair no espírito” ou “cair do espírito”, porque, quando a pessoa cai, eu não vejo relação com o Senhor; tudo indica que é o contrário.

2. O espetáculo da queda e a exaltação de homens

O que nós mais vemos hoje é pessoas que se dizem crentes, evangélicos, reféns de homens, principalmente de pastores, de líderes, que querem a todo custo divulgar o “poder de Deus” que eles supostamente têm.

Então, em todo culto tem gente “caindo no espírito”, nas campanhas, e isso é visto como manifestação de poder, de unção.

Os líderes, pastores, missionários, pregadores, na hora da oração, empurram a testa das pessoas, colocam a mão na cabeça, e a pessoa cai para trás.

E, para garantir que caíam, colocam obreiros atrás, segurando, para evitar que alguém se machuque.

Outras vezes, nem precisam empurrar; a própria pessoa, condicionada, por costume, por emoção, cai sozinha.

Tem gente que já vai para a frente “sabendo” que vai cair; se não cair, acha que não recebeu nada de Deus.

Sinceramente, isso é uma aberração, uma distorção do evangelho.

5. Ausência de base para a prática moderna

Biblicamente, nós não encontramos base para essa prática como sinal de poder de Deus.

Nós vamos ver, sim, casos de pessoas que caíram, mas não como esse espetáculo que vemos hoje.

3. Quem caiu diante de Jesus em João 18

Vamos começar em João 18.

João 18, versículo 1, diz assim:

“Tendo Jesus dito estas palavras, saiu com os seus discípulos para além do ribeiro de Cedrom, onde havia um jardim, no qual ele entrou com seus discípulos.”

Judas, o traidor, também conhecia aquele lugar, porque Jesus muitas vezes se reunira ali com os discípulos.

Tendo, pois, Judas recebido a coorte e oficiais dos principais sacerdotes e fariseus, veio para ali com lanternas, tochas e armas.

Jesus, sabendo tudo o que lhe havia de acontecer, adiantou-se e perguntou-lhes: A quem buscais?

Responderam-lhe: A Jesus, o nazareno.

Disse-lhes Jesus: Sou eu.

Ora, Judas, que o traía, estava também com eles.

Quando, pois, lhes disse: Sou eu, recuaram e caíram por terra.”

Veja: vieram soldados, guardas, gente armada para prender Jesus.

Ele pergunta: “A quem vocês procuram?”

Eles respondem: “A Jesus, o nazareno.”

Jesus diz: “Sou eu.”

Quando Ele diz “Sou eu”, a Palavra fala que recuaram e caíram por terra.

4. Cair por terra não é sinal de bênção

Quem caiu?

Os que vieram prendê-lo, os inimigos, os soldados.

Não eram discípulos buscando unção, não era gente em culto, era gente vindo com lanterna, tocha e arma para prender o Senhor.

Ao ouvirem “Sou eu”, recuam e caem.

É uma manifestação do poder de Deus, mostrando quem é que manda.

Jesus poderia, com uma palavra, destruir todos, mas Ele se entregou voluntariamente.

Aqui, essa queda foi dos inimigos, não dos servos.

Não era “cair no espírito” para receber bênção; era manifestação de autoridade do próprio Cristo, e eles caem.

Mesmo assim, levantam, e Ele se entrega.

Então, quando alguém quer usar essa passagem para justificar “todo mundo cair” em culto como sinal de poder, está forçando o texto.

Nós não vemos Jesus impondo mãos sobre os discípulos, empurrando, e eles caindo.

Nós não vemos os apóstolos fazendo fila, colocando gente para trás, caindo, para mostrar que “a unção está forte”.

Isso não existe no evangelho.

Vamos ver um outro texto, Marcos 9.

Marcos 9, versículo 20, diz:

“E trouxeram-lhe o menino; quando este viu Jesus, o espírito imediatamente o agitou com violência, e, caindo ele por terra, revolia-se espumando.”

Aqui, um pai trouxe o filho que estava possesso por um espírito mudo e surdo.

O demônio, ao ver Jesus, agita o menino violentamente; o menino cai no chão, se debate, espuma.

Isso é manifestação demoníaca, não é obra do Espírito Santo.

É o diabo derrubando a pessoa, jogando-a ao chão, destruindo.

Então nós vemos que, tanto em João 18 quanto aqui, quem cai não é alguém recebendo unção do Espírito Santo; é gente sob ação de juízo ou de demônio.

Em João 18, caem os que vêm para prender Jesus, pela autoridade da Palavra dEle.

Em Marcos 9, cai o menino possesso, porque o demônio o joga.

Não vemos, em nenhum momento, o Espírito Santo jogando alguém no chão para fazer espetáculo.

Quando o Espírito Santo vem, Ele traz ordem, controle, equilíbrio, convencimento, não confusão.

Paulo diz, em 1 Coríntios 14:33, que Deus não é Deus de confusão, mas de paz.

Então, o que é que estamos vendo hoje?

Um monte de gente caindo, rolando, se debatendo, rindo escandalosamente, assobiando, latindo, pulando, e chamando isso de “mover”.

Isso não é mover do Espírito Santo; é emocionalismo, é carne, e, em muitos casos, demoníaco.

Quando comparamos com o que a Bíblia mostra, percebemos que é outra coisa.

Vamos ver em Daniel.

Daniel 8, versículo 16 em diante, diz:

“E ouvi uma voz de homem entre as margens do Ulai, a qual gritou e disse: Gabriel, dá a este a entender a visão.

Veio, pois, perto de onde eu estava; ao aproximar-se ele, fiquei espantado e caí sobre o meu rosto, mas ele me disse: Entende, filho do homem, pois esta visão se refere ao tempo do fim.

Enquanto ele falava comigo, caí com o rosto em terra, adormecido; mas ele me tocou e me fez estar em pé.”

Daniel teve uma visão; ouviu uma voz que mandou o anjo Gabriel explicar a visão para ele.

Quando o anjo se aproxima, Daniel fica espantado e cai de bruços, cai com o rosto em terra, como morto.

Mas note: ele não caiu para trás; caiu de rosto em terra, atitude de reverência, temor.

E o anjo o toca e o põe em pé.

Quando Deus manifesta, quando um anjo do Senhor vem, o padrão é reverência.

O homem cai, sim, mas cai em atitude de adoração, de temor, de reconhecimento da santidade.

Em Daniel 10 também vemos algo semelhante.

Daniel 10, versículo 7 em diante, diz:

“Só eu, Daniel, tive aquela visão; os homens que estavam comigo não a viram, mas caiu sobre eles grande temor, e fugiram e se esconderam.

Assim, fiquei eu só, vendo aquela grande visão; e não restou força em mim; o meu rosto mudou de cor e se desfigurou, e não retive força alguma.

Contudo, ouvi a voz das suas palavras; e, ouvindo eu a voz das suas palavras, caí sem sentidos, com o rosto em terra.”

De novo: ele cai com o rosto em terra, sem força, sem sentido, diante da presença gloriosa.

Mas depois o anjo o levanta, o fortalece, o anima.

Não é um show.

Não tem obreiro segurando, não tem “manto caindo”, não tem música de fundo “para ajudar a cair”.

É Deus tratando diretamente com o profeta.

E isso é raro, pontual, não é uma prática cotidiana em culto.

Então, quando olhamos para o padrão bíblico, vemos:

- Quem cai para trás ao ouvir “Sou eu” são os inimigos de Jesus.
 - Quem cai, se debatedo, espumando, é possesso por demônio.
 - Quem cai diante de anjo ou da glória de Deus cai de rosto em terra, em temor, e logo é levantado.

Não há, na Bíblia, base para essa prática moderna de “ministério de cair no espírito”, onde a pessoa encosta a mão na sua cabeça, fala “recebe”, “toma”, e você cai.

Isso é invenção humana, e, muitas vezes, tem dedo do diabo, porque gera confusão, engano, mentira.

Tem muito pregador que empurra a cabeça da pessoa.

Se a pessoa não cai, ele força, empurra mais.

E, se a pessoa continua em pé, passa vergonha, porque parece que não “recebeu”.

Então, por costume, por pressão psicológica, as pessoas aprendem a cair para agradar o pregador, para dizer “Deus está agindo aqui”.

Já vi muito isso.

Já vi obreiro combinar antes:

“Olha, quando eu colocar a mão na sua cabeça, você cai, para o povo ver o poder.”

Isso é mentira, teatro, encenação.

Isso não é evangelho.

As pessoas confundem emoção com mover de Deus.

Lágrimas, arrepios, gente caindo, gente girando, e chamam isso de “unção”.

Mas, se formos olhar o fruto, a vida das pessoas, não vemos mudança.

Terminou o culto, continuam mentindo, enganando, traindo, comerciando fé.

Que “poder” é esse que não muda caráter?

O poder do Espírito Santo muda caráter, produz santidade, obediência, domínio próprio.

Não é show.

Lembra de Gálatas 5: o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio.

Não diz “cair no chão”.

Infelizmente, muitos querem experiência sensorial e não querem cruz, não querem morrer para o pecado.

Preferem sentir um “negócio diferente” no culto e sair igual.

O diabo fica muito à vontade em ambientes assim.

Enquanto a atenção está nas quedas, nas manifestações, não está na Palavra, não está no arrependimento.

Então, essa história de cair no espírito, como vemos hoje, não é bíblica.

Não há base para essa prática como sinal de poder de Deus.

Se alguém cai, de forma espontânea, tomada por temor, reverência, não é isso que vemos nesses shows.

E, se cair, levanta, e a vida muda.

Não é algo que se repete toda vez, como “obrigação” em culto.

Nós temos que voltar ao evangelho simples.

Voltar a olhar para Jesus, para a Palavra, e não para homem, não para “homem de Deus” que faz espetáculo.

Não se impressione com quem faz cair.

6. Discernimento: fruto, santidade e Palavra

Veja se a pregação é bíblica, se há santidade, se há obediência, se há fruto.

E, quando alguém vier com essa conversa de “vem aqui receber, porque aqui o negócio é forte, todo mundo cai”, desconfie.

O poder de Deus se manifesta na mudança de vida, na libertação real, na cura, sim, mas principalmente na regeneração, na santidade.

Tudo que gera confusão, que exalta o homem, que faz do culto um show, é suspeito.

Examine tudo à luz da Palavra.

Por isso, como sempre digo: leia e pratique a Bíblia.

Conclusão pastoral

Cair no chão não prova unção, poder ou presença de Deus. A prática moderna de empurrar pessoas, criar expectativa emocional e transformar queda em sinal espiritual não encontra base no evangelho. O poder de Deus não precisa de teatro. Examine a Palavra, observe o fruto, a santidade e a obediência; é nisso que se reconhece a obra verdadeira do Senhor.

Leia e pratique a Bíblia.

Capítulo 29 – Natal

O Natal, para muitos, tornou-se uma mistura de comércio, fantasia, comida, presentes e mentira contada às crianças. Para o cristão, porém, qualquer celebração precisa ser examinada à luz da verdade: Cristo deve ser o centro, não Papai Noel, consumo ou tradição vazia.

Em janeiro não é possível, você vai ouvir a partir do dia 11.

1. O Natal entre comércio, fantasia e religiosidade

Mas, agora, todos estão se preparando para comemorar as festas de fim de ano.

Hoje à noite, onde a maioria se reúne, faz ali uma ceia.

O mundo, em geral, faz uma oração; na maioria das vezes, é o Pai-Nosso.

Outros fazem alguma reza, muitos envolvidos em bebidas, dados, brincadeiras.

As pessoas se abraçam, alguns falam mesmo aquilo que não sentem; é uma falsidade predominante.

Mas, enfim, a maioria, claro, as crianças se regalam.

E os adultos, dentro daquilo que podem, dão algum presente, algum carinho, algum agrado.

2. Papai Noel e a mentira ensinada às crianças

É mentira contada, jogada, fortalecida.

Estão fazendo com que todos acreditem em um bom velhinho, os alimentos, ninguém sabe a origem, mas ensinam para as criancinhas o tal do Noel.

O problema é que se fala de Natal muito mais nesses termos de Noel, Papai Noel, do que em Jesus.

As comemorações, as lojas, as vitrines, fazem questão de destacar a figura do Papai Noel.

É uma questão comercial, muito mais essa fisionomia, essa figura do Papai Noel, do que realmente o aniversariante, Jesus.

Por isso, as pessoas, de maneira geral, não compreendem que esta não é a data de um velho barrigudo que vem trazer presentes, fictício.

O que o mundo está celebrando?

Um velhinho que entra pelas chaminés, que vem de trenó, que traz presentes para todos os filhos?

Não existe isso.

Deveria ser ensinado, não adorado.

Deveríamos ensinar a verdade, não levar as crianças só para loja, dizendo que elas estão esperando o “Papai Noel”, enquanto, na verdade, deveríamos falar de Cristo.

O problema é que muitos pais têm medo de falar a verdade para as crianças, com medo de deixá-las tristes.

Mas a Palavra diz que conhecer a verdade nos libertará.

Nós precisamos ensinar a verdade.

3. A data não é o centro; Cristo é

Essa data foi escolhida para se comemorar o nascimento de Jesus.

Nós não sabemos exatamente quando foi o seu nascimento; não sabemos se foi em dezembro.

Não podemos afirmar com certeza nem mesmo o mês, mas, olhando o contexto, é pouco provável que tenha sido em dezembro.

Há quem defenda que tenha sido entre setembro e fevereiro, mas não há certeza.

De qualquer forma, foi escolhido um dia para comemorarmos o seu nascimento.

Então, que pelo menos, neste dia, estejamos pensando nele, falando dele, louvando a Deus pela vida dele, pelo sangue que derramou para nos dar vida, por cada um de nós.

É momento de pararmos para refletir.

Refletir sobre o ano que passou, e principalmente agora, este ano que foi muito difícil.

Difícil para todos, de uma forma ou de outra.

Uma geração que não conhecia exatamente o que era pandemia, agora viu.

Quando vimos tantas mortes...

Eu pessoalmente conheço pessoas que morreram, que foram sepultadas às pressas.

Velórios com restrições, pessoas que não puderam sequer velar seus mortos.

Foi um ano de dificuldade, muita dificuldade financeira, comercial.

Empresários, pequenos comerciantes faliram, tiveram de fechar os seus negócios.

Se não fossem as ajudas, muitos teriam passado fome.

O governo deu um auxílio, mas foi uma ajuda rápida, não resolveu tudo.

Mas, apesar de tudo isso, nós estamos vivos.

Se você está vivo, é porque Deus te sustentou até aqui.

Não importa se você tem dívida, se está com dificuldade, se perdeu algo; o fato é que você está vivo.

Isso já é motivo de louvar a Deus.

Então, hoje, que é essa data que se convencionou como Natal, pense nisso.

Pense em Jesus, agradeça a Ele, clame para que Ele venha reinar de fato na sua vida.

Cada pessoa, no mundo todo, em países diferentes, culturas diferentes, comemora de um jeito.

Israel, Japão, Brasil, cada país com seu modo, seu costume.

Agora, semana que vem, será a virada do ano.

Vamos começar o novo ano de forma diferente?

Com mais experiência, porque este ano foi uma experiência difícil, mas nos ensinou muito.

Que comecemos o novo ano olhando firme para Jesus, conhecendo a verdade, sabendo da nossa origem.

O nosso DNA está em Deus.

Nosso olhar tem que estar fixo em Jesus.

Não em Noel, não em Papai Noel.

Quem nasceu foi Jesus.

E vale lembrar uma história que todo mundo conhece, a do nascimento, que está em Lucas 2.

Vamos ler para lembrar.

Diz assim, em Lucas 2:

“Naqueles dias, César Augusto publicou um decreto ordenando o recenseamento de todo o império romano.

Esse foi o primeiro recenseamento feito quando Quirino era governador da Síria.

E todos iam para sua cidade natal, a fim de alistar-se.

Assim, José também partiu da cidade de Nazaré, na Galileia, para a Judeia, para Belém, cidade de Davi, porque pertencia à casa e à linhagem de Davi.

Foi a fim de alistar-se com Maria, que lhe estava prometida em casamento e esperava um filho.

Estando eles ali, aconteceu que completaram-se os dias para o parto, e ela deu à luz o seu filho primogênito.

Envolveu-o em panos e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.”

Nas proximidades havia pastores que estavam nos campos e guardavam, durante as vigílias da noite, o seu rebanho.

Um anjo do Senhor apareceu a eles, e a glória do Senhor brilhou ao redor deles, e ficaram tomados de grande temor.

Mas o anjo lhes disse:

“Não temais; eis que vos trago boa nova de grande alegria, que será para todo o povo.

Hoje, na cidade de Davi, vos nasceu o Salvador, que é Cristo, o Senhor.

Isto vos servirá de sinal: encontrareis um recém-nascido envolto em panos e deitado numa manjedoura.”

De repente, apareceu com o anjo uma multidão do exército celestial, louvando a Deus e dizendo:

“Glória a Deus nas alturas, e paz na terra entre os homens a quem Ele quer bem.”

Quando os anjos se afastaram deles para o céu, diz o texto que os pastores disseram uns aos outros:

“Vamos, pois, até Belém e vejamos isso que aconteceu e que o Senhor nos deu a conhecer.”

Foram apressadamente e acharam Maria, José e o menino deitado na manjedoura.

Depois de o verem, divulgaram a mensagem que lhes fora dita a respeito deste menino.

Todos os que ouviram se admiraram do que os pastores diziam.

Maria, porém, guardava todas essas coisas, meditando-as no coração.

Os pastores voltaram, glorificando e louvando a Deus por tudo que tinham ouvido e visto, como lhes fora dito.

Então veja: Jesus não nasceu numa mansão, nem num castelo, nem num condomínio de luxo.

Ele nasceu numa manjedoura, lugar onde se coloca comida para animais.

Não havia lugar para eles na hospedaria, porque Belém estava cheia, por causa do recenseamento.

As pousadas estavam lotadas.

Não havia espaço.

Não foi nenhum homem que deu a notícia do nascimento dele; foi um anjo do Senhor.

O anjo do Senhor foi até pastores – homens simples, que estavam cuidando de ovelhas – e disse:

“Hoje vos nasceu o Salvador, que é Cristo, o Senhor.”

Depois, uma multidão de anjos louvando a Deus.

Esse é o verdadeiro Natal.

Aquele que nasceu numa manjedoura, em humildade, é o mesmo que, no final da vida terrena, foi crucificado numa cruz de madeira, humilhado, rejeitado, e morreu por cada um de nós.

As pessoas se esquecem disso.

Banalizam a vida, o sofrimento e a morte de Cristo, e preferem exaltar um tal de Papai Noel.

Hoje, o símbolo de Natal, pelo mundo afora, é um boneco vermelho, um velho de roupa vermelha, que nada tem a ver com Jesus.

Isso não é Natal.

Nosso Natal não tem esse velho de roupa vermelha, não tem esse personagem inventado.

Natal não é um velho barrigudo descendo por chaminé com saco de presentes.

Não existe isso.

Existe alguém que veio ocupar o nosso lugar, o meu lugar, o seu lugar, ali na cruz.

Não foi Papai Noel; foi Jesus.

Ele tomou sobre si nossos pecados, nossas dores.

Quando as pessoas fazem festa, desejam “feliz Natal”, trocam presentes, brindam, mas se esquecem de Jesus, estão vivendo uma mentira.

Natal assim é coisa do diabo, porque afasta de Cristo, desvia o foco.

Não estou dizendo que não se deve desejar coisas boas aos outros, não.

Podemos, sim, desejar paz, saúde, boas novas, boas coisas.

Mas não com palavras vazias, sem a presença de Cristo.

É uma época em que muitos deveriam estar alegres, comemorando o nascimento de Jesus, mas, na verdade, o verdadeiro cristão às vezes fica triste vendo tanta mentira, tanta hipocrisia, tanta gente virando as costas para o Senhor.

Falam o nome do Senhor da boca para fora, mas não vivem a Palavra.

Não é questão de “não gostar do Natal”.

É questão de não aceitar a mentira.

Nós temos que sair da superficialidade.

Não é questão de árvore, guirlanda, luzinha, enfeite.

O que precisa é viver o evangelho.

É fazer de Jesus o centro, não a decoração.

Falam que Natal é festa da família:

“Ah, é época de reunir família.”

Não importa se passaram o ano todo brigando, longe, distantes, sem se falar; aí chega o Natal e parece que tudo “tem que” se resolver numa noite, e no resto do ano continua igual.

Fazem uma ceia, rezam um Pai-Nosso, fazem uma oração qualquer, e depois segue bebedeira, discussões, xingamentos.

Isso não é comemorar o nascimento do Salvador.

Natal, se for para ser “comercial”, “social”, vazio, não tem sentido.

O verdadeiro Natal é reconhecer que nasceu o Salvador, se humilhar, se arrepender, entregar a vida a Ele, e viver para Ele.

Talvez, para muitos, seja necessário que Jesus ainda nasça no coração.

Porque só conhecem de ouvir falar, de ver enfeite, ver culto especial, mas Ele não nasceu dentro.

E é preciso que Ele nasça no coração, que faça morada.

É preciso viver uma vida em Cristo.

Não adianta fazer festa para Jesus e não convidar Jesus.

Não adianta comemorar “aniversário” de alguém e não falar com esse alguém.

Em muitas casas, fazem ceia, têm até imagem de “menino Jesus” em presépio, mas Ele não é Senhor da vida; é apenas decoração.

O vermelho que deveria estar em destaque é o sangue dEle, não a roupa de Papai Noel.

Que tal banirmos essa figura do velho de roupa vermelha, e voltarmos a olhar para Cristo, que derramou seu sangue na cruz?

O sangue de Jesus é que nos salva, não a fantasia de Natal.

Que Ele nasça em nossos corações, que reine em nossa casa, na nossa família, em nossos filhos.

Que o próximo ano nós comecemos com Jesus à frente, e que Ele seja conosco, ainda que venham lutas, perdas, batalhas.

Ele nos sustenta.

Talvez muitos tenham perdido empresa, negócio, emprego, mas, se estamos em Cristo, Ele nos fortalece.

Podemos recomeçar com Ele.

Que possamos ter compreensão exata do que foi e é o nosso Natal.

Que Jesus não seja apenas lembrado em 24 e 25 de dezembro, mas todos os dias da nossa vida.

Que todos os dias sejam dias de lembrarmos o nascimento, a vida, a morte e a ressurreição do nosso Senhor.

Ele é o nosso Salvador.

6. Um Natal em Cristo, não no sistema do mundo

Por isso, eu desejo a todos um feliz Natal, não esse natal comercial, vazio, mas um Natal em Cristo.

Que você tenha conhecimento do nascimento do nosso Senhor Jesus Cristo, entenda o verdadeiro sentido.

E que tenha também um ano novo cheio, repleto de Jesus, confiando nEle.

Que Ele governe a nossa vida, o nosso coração.

Ele é quem faz diferença.

Como sempre digo: leia e pratique a Bíblia.

Que Deus abençoe, tenha um bom dia.

Conclusão pastoral

O Natal só faz sentido se Cristo for o centro. Se a celebração se torna mentira, comércio, idolatria, fantasia e esquecimento de Jesus, ela perde completamente o valor. Não sabemos a data exata do nascimento do Senhor, mas sabemos que Ele nasceu, veio ao mundo, habitou entre nós e trouxe salvação. Celebre com verdade, gratidão e reverência, sem contaminar a fé com engano.

Leia e pratique a Bíblia.